

Primeiro lugar na lista dos mais vendidos do *New York Times*!

QUEM É
VOCÊ,
Alasca?

O PRIMEIRO AMIGO
A PRIMEIRA GAROTA
AS ÚLTIMAS PALAVRAS



JOHN GREEN

Autor de *A CULPA É DAS ESTRELAS.*

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

**quem é
você,
alasca ?**

um romance de
john green

Tradução
RODRIGO NEVES



*wmf***martinsfontes**

SÃO PAULO 2013

Para minha família: Sydney Green, Mike Green e Hank Green
"Esforcei-me tanto para fazer o certo!"
(Últimas palavras do presidente norte-americano
Grover Cleveland.)

agradecimentos

USANDO LETRA MINÚSCULA, o que não reflete o tamanho da minha dívida, cumpre esclarecer algumas coisas:

Primeiro, que este livro teria sido absolutamente impossível não fosse a extraordinária gentileza da minha amiga, editora, meio agente e mentora, Illene Cooper. Illene é como uma fada madrinha, só que real e mais bem-vestida.

Segundo, que tenho a imensa felicidade de ter Julie Strauss-Gabel como minha editora na Dutton e a sorte de tê-la como amiga. Julie é a editora dos sonhos de qualquer escritor: atenciosa, apaixonada e indiscutivelmente brilhante. Isto aqui, meu agradecimento, é a única coisa em todo o livro que ela não pôde corrigir, e acho que concordamos que o texto pagou caro por isso.

Terceiro, que Donna Brooks acreditou na história desde o princípio e contribuiu imensamente para lhe dar forma. Também estou em dívida com Margaret Woollatt, da Dutton, cujo nome possui um número excessivo de consoantes, mas que é uma pessoa de primeira linha. Agradeço igualmente a Sarah Shumway, cujos comentários perspicazes e leitura atenciosa foram uma bênção.

Quarto, que sou muito grato a minha agente, Rosemary Sandberg, uma defensora incansável dos seus autores. Além disso, é inglesa. Fala "Cheers!" quando quer dizer "Later!". Não é demais?

Quinto, que os comentários dos meus dois melhores amigos em todo o mundo, Dean Simakis e Will Hickman, foram imprescindíveis para que eu pudesse escrever e revisar esta história, e que eu... bem, sabe, eu os amo.

Sexto, que estou em dívida com Shannon James (colega de quarto), Katie Else (prometi), Hassan Arawas (amigo), Braxton Goodrich (primo), Mike Goodrich (advogado e primo), Daniel Bliss (matemático profissional), Giordana Segneri (amiga), Jenny Lawton (longa história), David Rojas e Molly Hammond (amigos), Bill Ott

(modelo de inspiração), Amy Krouse Rosenthal (colocou-me no rádio), Stephanie Zvirin (quem me deu meu primeiro emprego de verdade), P. F. Kluge (professor), Diane Martin (professora), Perry Lentz (professor), Don Rogan (professor), Paul MacAdam (professor – sou um grande admirador dos professores), Ben Segedin (patrão e amigo) e a adorável Sarah Urist, entre outros.

Sétimo, que fiz o ensino médio com um monte de gente bacana. Gostaria de agradecer em especial ao indomável Todd Cartee e também a Olga Charny, Sean Titone, Emmett Cloud, Daniel Alarcon, Jennifer Jenkins, Chip Dunkin e MLS.

quem é você, alasca ?

a n t e s

cento e trinta e seis dias antes

UMA SEMANA ANTES de eu deixar minha família, a Flórida e o resto da minha vidinha medíocre para ir para o internato no Alabama, minha mãe insistiu em me dar uma festa de despedida. Dizer que eu não estava esperando muita coisa seria subestimar o fato. Embora estivesse sendo mais ou menos forçado a convidar todos os meus "colegas", ou seja, aquela gatinha da aula de teatro e os *geeks* de Inglês com quem eu me sentava no cavernoso refeitório da escola por necessidade social, eu sabia que eles não iriam aparecer. Mesmo assim, minha mãe insistiu, mergulhada na ilusão de que eu tinha mantido minha popularidade escondida dela durante todos aqueles anos. Fez uma pequena montanha de molho de alcachofra para acompanhar os salgadinhos. Enfeitou a sala de estar com serpentinas verdes e amarelas, as cores da minha nova escola. Comprou duas dúzias de lança-confetes em garrafa e os colocou ao redor da mesa de centro.

E, naquela sexta-feira decisiva, quando minhas malas já estavam quase prontas, ela se sentou com meu pai e comigo no sofá da sala às 16h56 e esperou pacientemente pela chegada da Cavalaria do Adeus ao Miles. A cavalaria consistia de apenas duas pessoas: Marie Lawson, uma loira baixinha com óculos retangulares, e Will, seu namorado atarracado (e estou sendo caridoso no adjetivo).

"Oi, Miles", disse Marie ao se sentar.

"Oi", eu disse.

"Como foi seu verão?", perguntou Will.

"Mais ou menos. E o seu?"

"Foi bom. Montamos *Jesus Cristo Supestar*. Dei uma ajuda com os cenários. A Marie fez as luzes", disse Will.

"Legal." Balancei a cabeça compreensivamente, e isso como que liquidou a conversa. Eu poderia ter perguntado a respeito de *Jesus*

Cristo Superstar, mas acontece que (1) eu não sabia do que se tratava, (2) não queria saber e (3) conversa-fiada nunca foi meu forte. Por outro lado, minha mãe podia conversar fiado durante horas e prolongou a situação embaraçosa perguntando como tinham sido os ensaios e se a peça fora um sucesso.

"Acho que foi", Marie disse. "Apareceu um monte de gente, eu acho." Marie era do tipo que achava muito.

Então Will disse, "Bem, só viemos nos despedir. Marie precisa estar em casa às seis. Divirta-se no colégio interno, Miles."

"Obrigado", respondi, aliviado. Pior do que uma festa onde não aparece ninguém é uma festa à qual só vão duas pessoas imensamente, profundamente desinteressantes.

Eles saíram, e eu fiquei sentado com meus pais, encarando a tevê desligada, querendo ligá-la, mas sabendo que não deveria. Sentia o olhar deles fixo em mim, esperando que eu começasse a chorar ou algo do tipo, como se eu já não soubesse desde o início que aquilo iria acontecer. Mas eu *sabia*. Podia sentir a pena que os dois sentiam de mim enquanto mergulhavam os salgadinhos no molho de alcachofra feito para meus amigos imaginários, mas eles é que eram dignos de pena: eu não estava desapontado. Minhas expectativas tinham se confirmado.

"É por isso que você quer ir embora, Miles?", minha mãe perguntou.

Pensei um pouco, tomando o cuidado de não olhar para ela. "Não", eu disse.

"Então é por quê?", ela perguntou. Não era a primeira vez que ela me perguntava isso. Minha mãe não estava lá muito entusiasmada com a ideia de eu ir para o colégio interno e não fazia questão de esconder o que estava pensando.

"É por minha causa?", meu pai perguntou. Ele tinha estudado em Culver Creek, a escola para a qual eu estava indo, assim como seus dois irmãos e todos os meus primos. Acho que ele gostava da ideia de eu estar seguindo seus passos. Meus tios tinham me contado histórias sobre como meu pai tinha sido famoso no *campus* por aprontar as maiores confusões e, ao mesmo tempo, tirar as maiores

notas. Parecia uma vida melhor do que a que eu levava na Flórida. Mas, não, não era por causa do meu pai. Não era bem isso.

“Esperem”, eu disse. Fui até o escritório do papai e achei a biografia de François Rabelais. Eu gostava de ler biografias de escritores, mesmo que (como era o caso com o Monsieur Rabelais) não tivesse lido nenhum de seus livros. Folheei as últimas páginas e encontrei uma citação destacada com marca-texto. (“NÃO USE MARCA-TEXTO NOS MEUS LIVROS”, meu pai dissera milhares de vezes. Mas de que outra forma eu iria encontrar o que estava procurando?)

“Então, esse cara”, eu disse, parado à porta da sala. “François Rabelais. Era poeta. Suas últimas palavras foram: ‘Saio em busca de um Grande Talvez.’ É por isso que estou indo embora. Para não ter de esperar a morte para procurar o Grande Talvez.”

Isso os tranquilizou. Eu estava à procura de um Grande Talvez, e eles sabiam tão bem quanto eu que eu não iria encontrá-lo na companhia de gente como Will e Marie. Sentei-me novamente no sofá entre minha mãe e meu pai. Ele passou o braço ao redor dos meus ombros e ficamos assim por muito tempo, em silêncio, juntinhos no sofá, até parecer apropriado ligar a tevê. Depois, comemos molho de alcachofra no jantar, assistimos ao History Channel e, no que se refere a festas de despedida, a coisa certamente poderia ter sido muito pior.

cento e vinte e oito dias antes

A FLÓRIDA ERA MUITO QUENTE, sem dúvida, e úmida também. Tão quente que as roupas grudavam no corpo como fita adesiva, e o suor escorria como uma lágrima, descendo pela testa e entrando nos olhos. Mas só era quente ao ar livre e, em geral, eu só saía para ir de um lugar com ar-condicionado para outro.

Mas nada disso tinha me preparado para o calor singular que encontraríamos vinte e cinco quilômetros ao sul de Birmingham, no

Alabama, na Escola Preparatória de Culver Creek. O utilitário esportivo do meu pai estava estacionado no gramado a poucos metros do meu quarto, o Quarto 43. Mas cada vez que eu percorria a pequena distância entre o carro e o edifício para descarregar o que agora parecia ser coisa demais, o sol me queimava, atravessando minhas roupas e entrando pela minha pele com uma violência que me fez temer genuinamente as chamas do inferno.

Mamãe, papai e eu levamos apenas alguns minutos para descarregar o carro, mas meu quarto não tinha ar-condicionado e, embora graças a Deus não batesse sol nele, era apenas pouca coisa mais fresco que lá fora. O quarto me surpreendeu: eu estava esperando um carpete felpudo, painéis de madeira, mobília vitoriana. Mas, salvo um único luxo – o banheiro privativo –, o que encontrei foi um cubículo. Com paredes de bloco de concreto pintadas com grossas camadas de tinta branca e um piso de linóleo xadrez verde e branco, o lugar mais parecia um hospital do que o quarto dos meus sonhos. Uma cama-beliche de madeira crua com colchões de vinil tinha sido empurrada de encontro à janela do fundo do quarto. As mesas, as cômodas e as estantes tinham sido presas à parede para impedir qualquer decoração mais criativa. *E nada de ar-condicionado.*

Sentei-me no beliche de baixo enquanto minha mãe abria o baú, pegava uma pilha de biografias das quais meu pai concordara em se separar e as colocava na estante.

“Sei fazer isso, mãe”, eu disse. Meu pai se levantou. Estava pronto para ir embora.

“Deixe-me ao menos fazer a cama”, minha mãe disse.

“Não precisa. Eu mesmo faço. Numa boa.” Porque não podemos prolongar para sempre esse tipo de coisa. Chega uma hora em que é preciso arrancar o Band-Aid. Dói, mas pelo menos acaba de uma vez e ficamos aliviados.

“Santo Deus! Vamos sentir saudade”, minha mãe disse de repente, atravessando o labirinto de malas para chegar até a cama. Eu me levantei e a abracei. Meu pai também se aproximou, e demos uma espécie de abraço coletivo. Estava quente demais,

estávamos suados demais para o abraço demorar muito tempo. Eu sabia que devia chorar, mas tinha vivido com meus pais durante dezesseis anos e já estava mais do que na hora de uma separação experimental.

“Não se preocupem.” Eu sorri. “Vou aprender a falar com sotaque sulista. *Yeehaw!*” Mamãe riu.

“Não faça nenhuma bobagem”, meu pai disse.

“Pode deixar.”

“Nada de drogas. Nada de bebidas. Nada de cigarros.” Como ex-aluno de Culver Creek, meu pai tinha passado por experiências sobre as quais eu apenas ouvira falar: festas secretas, corridas sem roupa pelos campos de feno (ele sempre se lamentava pelo fato de naquela época a escola não ser mista), drogas, bebidas e cigarros. Ele tinha levado bastante tempo para parar de fumar, mas seus dias de farra já iam longe.

“Nós te amamos”, os dois disseram ao mesmo tempo. Precisava ser dito, mas as palavras fizeram tudo ficar desagradavelmente desconfortável, como ver seus avôs se beijando.

“Eu também amo vocês. Vou telefonar todo domingo.” Os quartos não tinham telefone, mas meu pai tinha solicitado um quarto perto de um dos cinco telefones públicos de Culver Creek.

Eles me abraçaram de novo – primeiro minha mãe, depois meu pai – e tudo acabou. Pela janela dos fundos, vi o carro serpentear pela estrada, deixando o *campus*. Acho que eu deveria ter sentido uma saudade sentimental e pegajosa. Porém, o que eu mais queria naquele momento era me refrescar. Peguei uma das cadeiras da escrivaninha e me sentei do lado de fora do quarto, à sombra do beiral, esperando por uma brisa que não apareceu. O ar lá fora estava tão estagnado e opressivo quanto no interior do quarto. Examinei minhas novas acomodações. Havia seis edifícios de um só andar, cada qual com dezesseis quartos de dormir, dispostos num hexágono em torno de um vasto gramado circular. Parecia um hotel de beira de estrada velho e extremamente grande. Por toda parte, os rapazes e as moças se abraçavam, sorriam e caminhavam juntos.

Desejei vagamente que alguém viesse falar comigo. Imaginei que a conversa seria assim:

“Oi! É seu primeiro ano aqui?”

“É, sim. Sou da Flórida.”

“Legal. Então está acostumado com o calor.”

“Não estaria acostumado com esse calor nem mesmo se morasse no inferno”, eu diria, brincando. Causaria uma boa primeira impressão. *Ele é engraçado. O Miles é uma figura.*

É claro que isso não aconteceu. Nada acontecia como eu imaginava.

Entediado, tornei a entrar, tirei a camisa, deitei sobre o vinil quente do beliche de baixo e fechei os olhos. Não tinha renascido com o batismo, a choradeira e tudo o mais, porém nada seria mais agradável do que renascer como alguém sem passado. Pensei nas pessoas sobre as quais eu tinha lido – John F. Kennedy, James Joyce, Humphrey Bogart –, todos alunos de colégio interno, e me lembrei de suas aventuras – Kennedy, por exemplo, adorava os trotes. Pensei no Grande Talvez, nas coisas que poderiam acontecer, nas pessoas que eu poderia encontrar e em quem seria meu colega de quarto (eu tinha recebido uma carta semanas antes com seu nome, Chip Martin, mas só dizia isso). Fosse lá quem fosse esse tal Chip Martin, eu esperava desesperadamente que ele trouxesse um arsenal de ventiladores de alta potência, porque eu não tinha trazido nenhum e já podia sentir o suor empoçando no colchão de vinil, o que me enojou de tal maneira que parei de pensar e me levantei à procura de uma toalha para enxugar a cama. Pensei: *Bem, antes da aventura é preciso desfazer as malas.*

Tinha conseguido prender o mapa-múndi na parede e guardar a maior parte das minhas roupas na gaveta, quando percebi que o ar quente e úmido fazia até as paredes transpirarem e decidi que aquele não era o melhor momento para trabalhos braçais. Estava na hora de tomar um magnífico banho de água fria.

Havia um espelho enorme de corpo inteiro atrás da porta do pequeno banheiro, então não pude fugir ao reflexo da minha nudez quando me curvei para abrir a água. Minha magreza sempre me

espantava: meus braços finos pareciam ter a mesma grossura desde o pulso até os ombros; meu tronco não tinha vestígio nem de gordura nem de músculo; senti-me constrangido e me perguntei se não poderia fazer alguma coisa quanto àquele espelho. Abri a cortina branca do chuveiro e me curvei para entrar no boxe.

Infelizmente, o chuveiro parecia ter sido feito para pessoas com um metro e dez de altura, pois a água fria batia na base das minhas costelas – com toda a força de uma bica gotejante. Para molhar meu rosto banhado de suor, precisei abrir as pernas e me agachar consideravelmente. Com toda certeza, John F. Kennedy (que, segundo sua biografia, tinha um metro e oitenta – exatamente minha altura) não tivera de se *agachar* em seu colégio interno. Não, aquilo era diferente. E, enquanto o chuveiro gotejava e lentamente molhava meu corpo, imaginei se encontraria ali o Grande Talvez ou se tinha cometido um grande erro.

Depois da ducha, abri a porta do banheiro, com uma toalha enrolada na cintura, e vi um rapaz baixinho e musculoso com um emaranhado de cabelos castanhos. Estava arrastando pela porta do quarto um gigantesco saco de lona verde, como os do exército. Tinha um metro e cinquenta e nada, mas era bem-feito de corpo, como um Adônis em escala reduzida, e com ele chegou o fedor de sarro de cigarro. *Bonito, pensei, vou conhecer meu companheiro de quarto, pelado.* Ele atirou o saco para dentro do quarto, fechou a porta e caminhou em minha direção.

“Meu nome é Chip Martin”, anunciou numa voz grave, a voz de um DJ de rádio. Antes que eu pudesse responder, ele acrescentou: “Eu o cumprimentaria, mas acho melhor você continuar segurando essa toalha até terminar de se vestir.”

Eu ri, assenti com a cabeça (é legal, não é, o gesto com a cabeça?) e disse, “Miles Halter. Prazer.”

“Miles, como em ‘Miles to go before I sleep?’”, ele perguntou.

“Como?”

“É um verso de Robert Frost. ‘Milhas a percorrer até dormir’. Nunca leu?”

Fiz que não com a cabeça.

“Considere-se feliz.” Ele sorriu.

Peguei uma cueca limpa, um calção de futebol azul da Adidas, uma camiseta branca, murmurei que voltaria num segundo e me curvei novamente para entrar no banheiro. Lá se ia a minha boa primeira impressão.

“Onde estão seus pais?” perguntei, ainda no banheiro.

“Meus pais? Meu pai está na Califórnia. Deve estar descansando numa cadeira reclinável. Ou então está dirigindo um caminhão. Seja como for, está bebendo. Minha mãe provavelmente está saindo do *campus*.”

“Certo...”, eu disse, já vestido, sem saber como reagir diante de algo tão pessoal. Acho que não deveria ter perguntado se não queria saber.

Chip pegou um lençol e o estendeu sobre o beliche de cima. “Sou homem de ficar no beliche de cima. Espero que não se incomode.”

“Não, não. Qualquer um serve.”

“Estou vendo que você decorou o lugar”, ele falou, apontando para o mapa. “Gostei.”

Então começou a nomear os países. Falava num tom monótono, como se o tivesse feito milhares de vezes antes.

Afeganistão.

Albânia.

Argélia.

Samoa Americana.

Andorra.

E assim por diante. Disse todos com a letra “A” antes de erguer os olhos e ver minha expressão de incredulidade.

“Eu poderia continuar, mas acho que aborreceria você. Foi algo que aprendi durante o verão. Santo Deus! Não imagina como New Hope, Alabama, é chato durante o verão. É como ver a soja crescer. Você é de onde?”

“Da Flórida.”

“Não conheço.”

“Foi incrível. O negócio dos países”, eu disse.

“Pois é, cada qual tem seu talento. Eu consigo memorizar coisas. E você...?”

“Bem, eu sei as últimas palavras de um monte de gente.” Era meu prazer secreto, colecionar últimas palavras. Havia quem comesse chocolate; eu lia esse tipo de coisa.

“Por exemplo?”

“Eu gosto das de Henrik Ibsen. Ele foi um dramaturgo.” Eu sabia muita coisa sobre Ibsen, mas não tinha lido nenhuma de suas peças. Não gostava de ler peças. Gostava de ler biografias.

“É, eu sei quem ele foi”, Chip disse.

“Certo, então, ele tinha andado doente por uns tempos e a enfermeira lhe disse: ‘O senhor parece melhor esta manhã.’ Ibsen olhou para ela e falou: ‘Muito pelo contrário’, e morreu.”

Chip riu. “Mórbido, mas eu gosto.”

Ele me contou que aquele era seu terceiro ano em Culver Creek. Tinha começado no nono ano, o primeiro ano oferecido pela escola, e agora estava no penúltimo, como eu. Um bolsista, ele disse. Do começo ao fim. Tinha ouvido dizer que aquela era a melhor instituição de ensino do Alabama, então escreveu na carta de admissão que gostaria de frequentar uma escola onde pudesse ler livros longos. O problema, ele contou no ensaio, é que seu pai batia nele com os livros da casa, de modo que, para sua segurança, Chip só podia ter livros pequenos e de capa mole. Seus pais se divorciaram quando ele estava no segundo ano. Ele gostava “da Creek”, como chamava a escola, mas “Você precisa ter cuidado com os alunos e com os professores. E eu odeio ser cuidadoso.” Ele abriu um sorriso forçado. Eu também odiava ser cauteloso – ou, pelo menos, queria odiar.

Ele me contou essas coisas enquanto vasculhava o saco de lona, jogando as roupas nas gavetas com um desleixo irresponsável. Chip não acreditava em ter uma gaveta só para as meias e outra só para as camisetas. Acreditava que todas as gavetas tinham sido criadas iguais e as enchia com o que coubesse. Minha mãe teria morrido.

Quando terminou de “desfazer” as malas, Chip me deu um soco forte no ombro, disse: “Espero que seja mais forte do que parece” e

saiu pela porta, deixando-a aberta. Segundos mais tarde, deu uma espiadela para dentro do quarto e me viu parado. “Vamos logo, Miles-Halter-Dormir. Temos muito o que fazer.”

Fomos para a sala de tevê, que, segundo Chip, era o único lugar no *campus* com tevê a cabo. No verão, servia de depósito. Entupida até o teto com sofás, geladeiras e tapetes enrolados, a sala de tevê ondulava com jovens tentando encontrar e arrastar consigo seus pertences. Chip cumprimentou algumas pessoas, mas não me apresentou. Enquanto ele caminhava pelo labirinto de sofás, eu permaneci de pé junto à porta, tentando não atrapalhar os pares de colegas que manobravam seus móveis pela passagem estreita.

Chip levou dez minutos para encontrar suas coisas, e levamos mais uma hora indo e vindo, passando pelo gramado entre a sala de tevê e o Quarto 43. Quando acabou, eu só queria entrar de gatinhas na minigeladeira do Chip e dormir por mil anos, mas Chip parecia imune tanto ao cansaço quanto à insolação. Eu me sentei em seu sofá.

“Encontrei isso aí largado numa calçada perto de casa faz uns dois anos”, disse, referindo-se ao sofá, enquanto colocava o meu Playstation 2 em cima do baú ao pé da cama. “Está meio rasgado, eu sei, mas, convenhamos, é um sofá bem confortável.” O sofá não estava só “meio rasgado” – era 30% couro sintético azul-clarinho e 70% espuma –, mas eu o achava bastante confortável.

“Pronto”, ele disse. “Estamos quase lá.” Foi até sua escrivaninha, abriu a gaveta e pegou um rolo de fita adesiva. “Só precisamos do seu baú.”

Eu me levantei e puxei o baú que estava debaixo da cama. Chip o colocou entre o sofá e o Playstation 2, depois cortou tiras bem fininhas de fita adesiva e as grudou no baú de modo que se formassem as palavras MESA DE CENTRO.

“Agora sim”, ele disse. Sentou-se no sofá e botou os pés em cima da... bem... mesa de centro. “Pronto.”

Sentei-me ao seu lado. Ele se virou para mim de repente e disse: “Olha só, eu não vou ser seu passaporte de entrada para a vida social de Culver Creek, entendeu?”

“Tudo bem”, eu disse, mas podia ouvir as palavras entalando em minha garganta. Tinha acabado de carregar o sofá daquele cara debaixo de um sol escaldante, e agora ele não gostava de mim?

“Temos basicamente dois grupos aqui na escola”, ele explicou, com crescente urgência. “Os pensionistas normais, como eu, e os Guerreiros de Dia de Semana. Garotos riquinhos de Birmingham. Eles também moram aqui, mas passam o fim de semana com os pais em suas mansões com ar-condicionado. São os garotos descolados. Não gosto deles, e eles não gostam de mim. Então, se você veio para cá achando que, porque era grande merda na escola pública, ia continuar sendo grande merda aqui, é melhor não ser visto comigo. Você estudou em escola pública, não estudou?”

“Hmm...” eu disse. Distraído, comecei a escarafunchar os rasgões no couro do sofá, enterrando os dedos na espuma branca.

“Certo, deve ter estudado. Do contrário, esse maldito calção não estaria tão largo.” E riu.

Eu usava as calças abaixo da linha da cintura, pois achava legal. Por fim, eu disse: “Vim da escola pública, sim. Mas não era grande merda, Chip, era só um merda.”

“Ótimo! E não me chame de Chip. É Coronel.”

Eu segurei uma risada. “*Corone!*” ?

“É. Coronel. E seu apelido vai ser... hmm... Gordo.”

“Como?”

“Gordo”, o Coronel disse. “Porque você é magricela. Isso se chama ironia, Gordo. Já ouviu falar? Agora vamos arranjar uns cigarros para começar o ano com o pé direito.”

Ele saiu do quarto, novamente supondo que eu o seguiria, e dessa vez eu o segui. Felizmente, o sol estava baixando no horizonte. Passamos por cinco portas até chegarmos ao Quarto 48. Um quadro-branco tinha sido grudado na porta com fita adesiva. Nele se liam as seguintes palavras em tinta azul: *Alasca tem quarto só para ela!*

O Coronel me explicou que (1) aquele era o quarto da Alasca, que (2) a garota que dividia o quarto com ela tinha sido expulsa no final do semestre anterior e que (3) Alasca tinha cigarros, embora o

Coronel não tivesse se dado ao trabalho de perguntar se (4) eu fumava, o que (5) não era o caso.

Ele bateu uma vez, com força. Do outro lado da porta, uma voz gritou: “Entra logo, baixinho, porque tenho uma história das boas para contar.”

Entramos. Eu me virei para fechar a porta, mas o Coronel balançou a cabeça e disse: “Depois das sete temos de deixar a porta aberta se estivermos no quarto de uma garota”, mas eu quase não o ouvi, pois diante de mim estava a garota mais linda da história da humanidade, com *jeans* cortados à altura das coxas e uma camiseta regata cor de pêssego. Ela atropelou o Coronel, falando alto e depressa.

“Certo. Primeiro dia de férias, eu estou lá na boa e velha cidade de Vine Station, na companhia de um garoto chamado Justin. Estamos sentados no sofá da casa dele, vendo tevê – e olha que eu namoro o Jake –, ou melhor, *ainda* namoro, milagrosamente, mas o Justin é meu amigo desde criança. Estávamos vendo tevê e conversando sobre o vestibular ou algo assim, e senti que ele estava passando o braço por cima dos meus ombros. Pensei: *Ah, não tem importância, somos amigos há tanto tempo. Isso é absolutamente aceitável.* Continuamos conversando. Eu estava no meio de uma frase sobre analogias, eu acho, e ele baixou a mão como uma águia e deu uma buzinada no meu peito. FON-FON. Uma buzinada forte que durou bem uns dois ou três segundos. FON-FON. Na hora, pensei: *Certo, como faço para tirar essas garras de cima do meu peito antes que me deixem hematomas?* Depois: *Santo Deus! Mal posso esperar para contar para o Takumi e o Coronel.*”

O Coronel riu. Eu estava sem ação, em parte devido à potência vocal daquela garota pequenina (mas, meu Deus, tão cheia de curvas) e em parte devido à enorme quantidade de livros perfilados nas paredes. A biblioteca enchia as estantes e transbordava em montes de livros que chegavam à cintura, empilhados desordenadamente. Se um deles tombasse, pensei, o efeito dominó poderia engolir nós três numa massa asfixiante de literatura.

“Quem é esse cara que não está rindo da minha história engraçada?”, ela perguntou.

“Ah, certo. Alasca, esse é o Gordo. Ele coleciona últimas palavras. Gordo, essa é a Alasca. Buzinaram o peito dela nas férias.” Ela veio até mim com a mão estendida, fez um movimento rápido no último instante e baixou meu calção.

“Esse é o maior calção do estado do Alabama!”

“Gosto de andar assim, folgado”, eu disse, morrendo de vergonha, e o puxei para cima. Na Flórida, eu estava na moda.

“Desde que nos conhecemos, Gordo, já vi suas pernas de galinha muito mais vezes do que gostaria”, disse o Coronel, sério. “Alasca, não quer nos vender uns cigarros?” Então, não sei como, o Coronel me convenceu a pagar cinco dólares por um maço de Marlboro Lights que eu não tinha a menor intenção de fumar. Ele convidou Alasca para se juntar a nós, mas ela disse: “Preciso achar o Takumi para contar sobre a Buzinada.” Voltou-se para mim e perguntou: “Viu o Takumi por aí?” Eu não sabia se tinha visto o Takumi, nem mesmo sabia quem ele era. Só balancei a cabeça.

“Certo. Então nos encontramos no lago daqui a pouco.” O Coronel fez que sim.

Nós nos sentamos num balanço na beira do lago, próximo à praia de areia (que, segundo o Coronel, era falsa), e eu fiz a piada obrigatória. “Não agarre meu peito.” O Coronel deu a risada obrigatória e perguntou: “Quer fumar?” Eu nunca tinha fumado, mas, quando em Roma...

“É seguro?”

“Não muito”, ele disse, depois acendeu um cigarro e o passou para mim. Eu traguei. Tossi. Fiquei sem ar. Resfoleguei. Tossi de novo. Quase vomitei. Segurei-me no balanço, sentindo a cabeça girar. Joguei o cigarro no chão e pisei em cima, convencido de que meu Grande Talvez não incluía cigarros.

“Grande fumante!” Ele riu, depois apontou para uma mancha branca do outro lado do lago e perguntou: “Está vendo aquilo?”

“Estou”, eu disse. “O que é? Um pássaro?”

“É um cisne”, ele disse.

“Uau! A escola tem um cisne.”

“Aquele cisne é filho do capeta. Fique longe dele.”

“Por quê?”

“Ele não gosta das pessoas. Sofreu abuso ou coisa parecida. Vai retalhar você todinho. O Águia o colocou ali para nos impedir de fumar ao redor do lago.”

“Águia?”

“O Sr. Starnes. Codinome: o Águia. O reitor. A maioria dos professores mora no *campus*. Todos ficam de olho em nós. Mas só o Águia mora no círculo dos dormitórios e vê tudo. Ele sente cheiro de cigarro a uma distância de uns oito quilômetros.”

“A casa dele não é aquela ali?”, perguntei apontando com o dedo. Podia ver sua casa com bastante clareza, apesar da escuridão, de onde se conclui que ele também podia nos ver.

“É, mas ele só começa a *blitzkrieg* quando as aulas começam”, Chip disse, sério.

“Santo Deus, se eu me meter em confusão, meus pais me matam.”

“Acho que está exagerando. Mas, olha só, você vai se meter em encrenca. Só que, noventa e nove por cento das vezes, seus pais não vão ficar sabendo. A escola não quer que seus pais pensem que você virou um marginal – não mais do que *você*.” Ele soprou vigorosamente um longo fio de fumaça na direção do lago. Eu tinha de admitir: ele parecia bem legal fazendo aquilo. Mais alto, de alguma forma. “Então, quando se meter em encrenca, não vá dedurar ninguém. Eu odeio esses riquinhos nojentos com todas as minhas forças, tanto quanto odeio o dentista ou o meu pai. Nem por isso seria capaz de dedurá-los. A coisa mais importante aqui é jamais, jamais, jamais, jamais dedurar alguém.”

“Certo”, eu disse, embora estivesse pensando: *Então, se eu levar um soco na cara, esperam que eu insista que dei com o nariz na porta?* Parecia-me estupidez. Como lidar com os valentões e os babacas sem metê-los em encrenca? Mas não perguntei nada ao Chip.

“Isso aí, Gordo. Mas agora está na hora de eu procurar minha namorada. Então me dê alguns desses cigarros que você não vai fumar mesmo, e até logo.”

Decidi ficar mais um tempo no balanço, em parte porque a temperatura tinha baixado para cerca de agradáveis, porém úmidos, trinta graus, e em parte porque achava que Alasca poderia aparecer. Mas, logo depois que o Coronel foi embora, os insetos atacaram. A quantidade de maruins (cuja picada, com efeito, é bem ruim) e de mosquitos que flutuavam ao meu redor era tanta que o pequeno ruído das suas asinhas batendo produzia um som dissonante. Foi então que decidi fumar.

Na hora, pensei: *A fumaça vai afugentar os mosquitos*. E, até certo ponto, afugentou mesmo. Mas eu estaria mentindo se dissesse que comecei a fumar para afugentar os mosquitos. Comecei a fumar porque (1) estava sozinho naquele balanço, (2) tinha cigarros comigo e (3) imaginei que, se todo o mundo conseguia fumar sem tossir, eu também seria capaz de fazer a mesma coisa. Em suma, não tinha uma razão muito boa. Tudo bem, então, vamos dizer que (4) foi por causa dos mosquitos.

Consegui tragar três vezes antes de ficar enjoado, tonto e entorpecido, mas de maneira apenas ligeiramente agradável. Levantei-me para ir embora. Mas, quando fiquei de pé, uma voz atrás de mim disse:

“É verdade que você coleciona últimas palavras?”

Ela correu para o meu lado, agarrou meu ombro e me fez sentar novamente.

“É, sim”, eu disse. E, um pouco hesitante, acrescentei: “Quer fazer um teste?”

“JFK”, ela disse.

“Mas isso é óbvio”, eu respondi.

“É?”

“Não. Essas foram suas últimas palavras. Alguém disse: ‘Sr. Presidente, Dallas ama o senhor’, e ele: ‘Mas isso é óbvio’, e tomou um tiro.”

Ela riu. “Credo, que horror! Eu não devia estar rindo. Mas vou rir, mesmo assim”, e tornou a rir. “Então está bem, Sr. Garoto-das-Últimas-Palavras, tenho uma para você.” Ela pegou a mochila abarrotada de coisas e tirou um livro. “Gabriel García Márquez. *O general no seu labirinto*. É um dos meus prediletos. É sobre Simón Bolívar.” Eu não conhecia Simón Bolívar, mas ela não me deu tempo de perguntar. “É um romance histórico, então não sei se é verdade, mas, no livro, sabe quais foram as últimas palavras dele? Não, não sabe. Pois, então, vou lhe dizer, Señor Últimas-Palabras.”

Ela acendeu um cigarro e deu uma tragada tão longa e profunda que pensei que a coisa toda ia se queimar de uma só vez. Ela soltou a fumaça e leu para mim.

“‘Ele’ – ou seja, Simón Bolívar – ‘estremeceu diante da revelação de que a corrida arrojada entre seus males e seus sonhos estava chegando ao fim. O resto eram trevas. ‘Droga’, ele suspirou. ‘Como sairei deste labirinto?’”

Eu sabia reconhecer grandes últimas palavras quando as ouvia, então tomei nota mentalmente de que precisava encontrar uma biografia desse Simón Bolívar. Belas últimas palavras, mas eu não tinha entendido. “O que é o labirinto?”, perguntei.

Agora cumpre dizer que a garota era linda. Ao meu lado, no escuro, ela cheirava a suor, sol e baunilha, e, naquela noite de fina lua crescente, eu não enxergava muito mais do que sua silhueta, exceto quando ela fumava, então a ponta chamejante do cigarro banhava seu rosto com uma pálida luz avermelhada. Mesmo no escuro, eu podia ver seus olhos – ferozes esmeraldas. Ela tinha olhos do tipo que nos levam a apoiar todas as suas decisões. Não era apenas linda, era gostosa, com os seios comprimidos pela camiseta regata, as pernas dobradas movendo-se para a frente e para trás embaixo do balanço, os chinelos pendurados nos dedos dos pés com unhas pintadas de azul-claro. Foi exatamente nessa hora, quando lhe perguntei sobre o labirinto e ela me respondeu, que me dei conta da *importância* das curvas, dos milhares de pontos onde o corpo das mulheres se angulam suavemente de uma parte a outra, do peito do pé ao calcanhar, do calcanhar à panturrilha, dali

aos quadris, à cintura, aos seios, ao pescoço, ao nariz arrebitado como rampa de esqui, à testa, ao ombro, à reentrância das costas, ao bumbum etc. Eu já tinha *reparado* nas curvas, é claro, mas só então me dei conta de sua importância.

Com a boca tão próxima de mim que eu sentia seu hálito mais quente do que o ar, ela disse: “Esse é o mistério, não é? O labirinto é a vida ou a morte? Do que ele está tentando escapar – do mundo ou do fim do mundo?” Esperei que ela terminasse de falar, mas, depois de um tempo, ficou claro que ela queria uma resposta.

“Hmm, não sei”, eu disse. “Você realmente leu todos aqueles livros em seu quarto?”

Ela riu. “Não, claro que não! Talvez tenha lido um terço daquilo. Mas *vou* ler todos. Eu os chamo de a Biblioteca da Minha Vida. Desde pequena, percorro as vendas de garagem em busca de livros que pareçam interessantes. Então sempre estou lendo algum livro. Mas há tanta coisa para fazer: tantos cigarros para fumar, tanto sexo para fazer, tantos balanços para balançar. Terei mais tempo para os livros quando ficar velha e chata.”

Ela me disse que eu lhe lembrava o Coronel em seu primeiro ano em Culver Creek. Eles tinham entrado na mesma turma de calouros, ela contou; ambos bolsistas “com um interesse comum pela bebida e pela farra”. As palavras *bebida e farra* me deixaram receoso de que eu tivesse me envolvido com o que a minha mãe chamava de “as pessoas erradas”, mas eles pareciam inteligentes demais para serem as pessoas erradas. Enquanto acendia outro cigarro usando o toco do anterior, ela me disse que o Coronel era inteligente, mas não tinha vivido muito antes de chegar à Creek.

“Mas resolvi esse problema rapidinho.” Ela sorriu. “Em novembro, eu já tinha arranjado uma namorada para ele, sua primeira namorada, uma garota bem legal que não tinha nada a ver com os Guerreiros de Dia de Semana. Chamava-se Janice. Um mês depois, ele terminou o namoro porque ela era rica demais para sua origem pobre. Que seja. Naquele ano, fizemos nosso primeiro trote – cobrimos o chão da Sala 4 com uma camada bem fina de bolas de gude. Mas, desde então, evoluímos, é claro.” E riu. Chip tinha se

transformado no Coronel – o arquiteto dos trotes no melhor estilo militar, e Alasca era Alasca, a impressionante força criativa por trás deles.

“Você é inteligente como o Coronel”, ela disse. “Só que mais calado. E mais bonitinho, mas não me ouviu dizer isso, porque gosto do meu namorado.”

“É, você também não é feia”, respondi, sentindo-me desarmado por causa do elogio. “Mas não me ouviu dizer isso, porque gosto da minha namorada. Ah, não. Espere. Não tenho namorada.”

Ela riu. “Certo. Não se preocupe, Gordo. Se tem uma coisa que posso arranjar para você é namorada. Vamos fazer um acordo: você descobre o que é o labirinto e como fazer para sair dele, e eu lhe arranjo uma transa.”

“Fechado!” Demos as mãos, selando o acordo.

Depois acompanhei Alasca até o círculo dos dormitórios. As cigarras cantavam sua canção de uma só nota exatamente como faziam lá em casa, na Flórida. Ela se virou para mim enquanto atravessávamos a escuridão e disse: “Quando você está caminhando assim, de noite, às vezes não bate um medo e uma vontade de voltar correndo para casa por mais bobo e embaraçoso que isso seja?”

Aquilo parecia íntimo e pessoal demais para confessar a uma pessoa estranha, mas eu disse: “Bate, sim.”

Por um instante, ela ficou calada. Depois pegou minha mão, sussurrou, “Corre, corre, corre, corre, corre”, e disparou, puxando-me atrás dela.

cento e vinte e sete dias antes

NO COMEÇO DA TARDE SEGUINTE, enquanto eu prendia um cartaz do Van Gogh atrás da porta, o suor que escorria pela minha testa entrava em meus olhos e me fazia piscar. O Coronel estava sentado no sofá, avaliando se o cartaz estava torto, respondendo ao meu interminável questionário sobre Alasca. *Qual é a história dela?* “Ela é de Vine Station. Um lugarzinho pobre – e, pelo que ouvi dizer, até um pouco perigoso. O namorado dela é bolsista em Vanderbilt. Toca baixo numa banda. Sei pouco sobre a família dela.” *Ela realmente gosta dele?* “Acho que sim. Nunca o traiu, o que já é um começo.” E assim por diante. Durante a manhã, eu não conseguia pensar em outra coisa, nem no cartaz do Van Gogh, nem nos jogos de *videogame*, nem no cronograma escolar que o Águia tinha trazido. Ele se apresentou:

“Bem-vindo a Culver Creek, Sr. Halter. O senhor terá muita liberdade aqui. Mas, se abusar, vai se arrepender. O senhor me parece um rapaz às direitas. Eu odiaria ter de me despedir do senhor.”

Então me encarou de maneira séria ou seriamente maldosa. “Alasca diz que é o Olhar do Juízo Final”, o Coronel explicou depois que o Águia saiu. “Da próxima vez que vir esse olhar, significa que você foi pego.”

“Chega, Gordo”, disse o Coronel quando me afastei do cartaz. Não estava completamente nivelado, mas estava bom. “Chega de falar na Alasca. Pelas minhas contas, há noventa e duas garotas na escola, e todas são menos malucas do que a Alasca. Além disso, ela tem *namorado*. Vou almoçar. É dia de bufrito.” Ele saiu, deixando a porta aberta. Eu me levantei para fechá-la, sentindo-me um idiota exageradamente apaixonado. O Coronel, que já estava a meio caminho do gramado, deu meia-volta. “Santo Deus! Você vem ou não vem?”

Podemos fazer muitas críticas ao Alabama, mas uma coisa é certa: as pessoas de lá não morrem de medo de fritura. Em minha primeira semana na Creek, o refeitório serviu galinha frita, filé de galinha frito e quiabo frito – o que marcou minha primeira incursão no delicioso mundo dos legumes fritos. Não me surpreenderia se

também tivessem fritado folhas de alface. Mas nada se igualava ao bufrito, um prato criado pela Maureen, a cozinheira espantosamente (e compreensivelmente) obesa de Culver Creek. O bufrito, um *burrito* de feijão frito, era a prova definitiva de que a fritura sempre melhorava a comida. Naquela tarde, sentado com o Coronel e mais cinco rapazes desconhecidos numa mesa redonda do refeitório, enterrei os dentes no invólucro tostadinho do meu primeiro bufrito e tive um orgasmo gastronômico. Minha mãe cozinhava bem, mas pensei imediatamente em levar Maureen para o feriado de Ação de Graças.

O Coronel me apresentou (como "Gordo") para os rapazes da mesa de madeira oscilante, mas só guardei o nome do Takumi, que Alasca tinha mencionado na véspera. Um japonês magricela, poucos centímetros mais alto do que o Coronel. Falava com a boca cheia, enquanto eu saboreava lentamente meu feijão tostadinho.

"Meu Deus!", disse Takumi. "Nada como ver um cara comer seu primeiro bufrito."

Não falei muito – em parte porque não me fizeram nenhuma pergunta e em parte porque eu queria comer tanto quanto pudesse. Mas Takumi não era tão vaidoso – e conseguia comer, mastigar e engolir enquanto falava.

A conversa durante o almoço centrou-se na ex-colega de quarto da Alasca, Marya, e em seu namorado, Paul, que fora um Guerreiro de Dia de Semana. Eles tinham sido expulsos no finzinho do semestre anterior, eu fiquei sabendo, devido ao que o Coronel chamou de "A Trifeta" – foram pegos cometendo, ao mesmo tempo, três das ofensas que, em Culver Creek, eram puníveis com expulsão. Estavam deitados, nus, na cama ("contato genital", pecado número 1), embriagados (número 2) e fumando um baseado (número 3) quando foram surpreendidos pelo Águia. Corria o boato de que alguém os tinha dedurado, e Takumi parecia decidido a descobrir quem fora – decidido o bastante para gritar sobre o assunto com a boca cheia de bufrito.

"O Paul era um idiota", o Coronel disse. "Eu não seria capaz de dedurar ninguém, mas uma garota que se mete com um Guerreiro

de Dia de Semana feito o Paul, que tem um Jaguar, merece ser expulsa.”

“Cara”, respondeu Takumi, “a shua namorada”, e engoliu um bolo de comida, “é uma Guerreira de Dia de Semana”.

“Verdade.” O Coronel riu. “Embora isso seja humilhante, é um fato irrefutável. Mas ela não é tão idiota quanto o Paul.”

“Não chega a tanto.” Takumi abriu um sorriso malicioso. O Coronel riu novamente, e eu me perguntei por que ele não defendia a namorada. Não me importaria se minha namorada fosse um ciclope barbudo com um Jaguar – ficaria agradecido só por ter alguém para beijar.

Naquela noite, quando o Coronel passou pelo Quarto 43 para pegar uns cigarros (ele parecia ter se esquecido de que os cigarros, tecnicamente, eram *meus*), não dei importância quando ele não me convidou para sair. Na escola pública, eu tinha conhecido uma porção de gente que odiava este ou aquele tipo de pessoa – os *geeks* odiavam os populares etc. –, mas isso, para mim, sempre fora uma tremenda perda de tempo.

O Coronel não me contou onde tinha passado a tarde, nem onde ia passar a noite. Simplesmente fechou a porta ao sair, e deduzi que não seria bem-vindo.

Tudo bem. Passei a noite na internet (nada de pornografia, juro), depois li *Os últimos dias*, um livro sobre Richard Nixon e o escândalo de Watergate. Para o jantar, esquentei no micro-ondas um bufrito congelado que o Coronel tinha furtado do refeitório. Fez-me lembrar as noites na Flórida – exceto pela comida mais gostosa e pela falta de ar-condicionado. Ficar lendo na cama era agradavelmente familiar.

Decidi seguir o que certamente teria sido o conselho da minha mãe e procurei dormir cedo antes do primeiro dia de aula. Francês II começava às 8h10. Avaliando que eu não levaria mais de oito minutos para vestir alguma coisa e caminhar até a sala de aula, programei o relógio para despertar às 8h02. Tomei uma ducha e deitei na cama, esperando que o sono me salvasse do calor. Por

volta das 23h, concluí que o pequeno ventilador acoplado à cama poderia fazer mais diferença se eu tirasse a camisa e acabei adormecendo apenas de cueca samba-canção em cima dos lençóis.

Lamentei essa decisão horas mais tarde, quando acordei com duas mãos suarentas e carnudas me sacudindo violentamente. Despertei de imediato e me sentei na cama, apavorado. Por algum motivo, não conseguia entender as vozes, não conseguia entender o porquê das vozes, afinal, que horas eram? Então minha cabeça clareou bastante para que eu pudesse ouvir: "Vamos, cara. Levanta. Não nos obrigue a bater em você!", então, vindo do beliche de cima, ouvi: "Pelo amor de Deus, Gordo, levanta logo!" Eu me levantei e vi três vultos sombrios. Dois deles me agarraram, pegando-me pelos braços, e me conduziram para fora do quarto. Na saída, o Coronel resmungou: "Divirtam-se. Pega leve com ele, Kevin."

Eles me arrastaram às carreiras para os fundos do dormitório, e nós atravessamos o campo de futebol. O chão era feito de grama, mas também tinha um pouco de cascalho, e eu me perguntei por que ninguém tinha me avisado para calçar um tênis e por que eu estava lá fora de cueca com meus gambitos de galinha expostos para o mundo? Milhares de humilhações me passaram pela cabeça. *Olha só o novo calouro, Miles Halter, algemado à baliza da trave, de cueca.* Pensei que me levariam para o bosque e me dariam uma surra daquelas para me deixar bonito logo no primeiro dia de aula. E, o tempo todo, só olhei para os meus pés, porque não queria olhar para eles e não queria cair, então prestei atenção aos meus passos, procurando evitar as pedras maiores. Senti o instinto de sobrevivência crescer dentro de mim repetidas vezes, pedindo-me para lutar ou fugir, mas eu sabia que nem uma coisa nem outra tinham funcionado antes, no meu caso. Eles deram uma volta e me levaram para a falsa praia, e eu adivinhei o que iria acontecer – um bom e velho caldo no lago. Fiquei mais tranquilo. Saberia lidar com a situação.

Quando chegamos à praia, eles me mandaram colocar os braços junto ao corpo, e o mais fortinho pegou dois rolos de fita adesiva na areia. Com os braços esticados, como um soldado em posição de

sentido, eles me mumificaram dos ombros aos punhos. Depois me atiraram no chão; a areia da falsa praia amorteceu a queda, mesmo assim bati com a cabeça. Dois deles juntaram minhas pernas, e o outro – Kevin, eu deduzi – colocou seu rosto anguloso, de maxilar forte, tão perto do meu que as pontas de seus cabelos duros de gel me espetaram, e disse, “Isso é pelo Coronel. Você não devia andar com esse babaca.” Amarraram minhas pernas dos calcanhares às coxas. Fiquei parecendo uma múmia prateada. Só tive tempo de dizer: “Não, por favor, não...”, antes de taparem minha boca com fita adesiva. Depois me levantaram e me atiraram com força na água.

Afundi. Afundi, mas, em vez de entrar em pânico, imaginei que “Não, por favor, não...” seriam péssimas últimas palavras. Então testemunhei o grande milagre da espécie humana – nossa capacidade de boiar –, e, enquanto eu flutuava em direção à superfície, procurei me retorcer e me revirar o máximo possível para que o nariz fosse o primeiro a atingir a noite quente. E inspirei. Não estava morto, não iria morrer.

Bem, pensei, não foi tão mau assim.

Mas ainda havia o pequeno problema de chegar à terra firme antes de o sol aparecer. Primeiro, era necessário determinar minha posição em relação à praia. Quando eu inclinava demais a cabeça, sentia o corpo começar a girar, e, na longa lista das piores maneiras de morrer, “com o rosto para baixo e as cuecas brancas ensopadas”, estava no topo. Então, em vez disso, olhei bem para o alto, estiquei o pescoço para trás, com os olhos quase debaixo d’água, e vi que a praia – a menos de três metros de distância – estava bem atrás da minha cabeça. Comecei a nadar como uma sereia prateada sem braços, usando apenas os quadris para me locomover, até que, por fim, meu traseiro raspou no fundo lamacento do lago. Então me virei e usei os quadris e a cintura para rolar três vezes até chegar à praia, onde havia uma toalha verde maltrapilha. Eles tinham me deixado uma toalha. Quanta consideração!

A água tinha se infiltrado sob a fita adesiva, fazendo-a desgrudar da pele, mas, em alguns lugares, a fita tinha sido enrolada em três voltas, o que me obrigou a me sacudir como um peixe fora d’água.

Acabei conseguindo afrouxá-la o suficiente para libertar minha mão esquerda e puxá-la em direção ao peito, esgarçando a atadura.

Enrolei-me na toalha arenosa. Não queria voltar para o quarto e ver o Chip, porque não fazia ideia do que Kevin tinha querido dizer – talvez, se eu voltasse para o quarto, eles estivessem me esperando para me pegar de jeito; talvez eu precisasse mostrar para eles, “Tudo bem. Entendi o recado. Ele é só meu colega de quarto, não é meu amigo.” Além do mais, eu não me sentia lá muito amistoso com o Coronel. *Divirtam-se*, ele dissera. *Claro*, pensei. *Foi superdivertido*.

Então fui para o quarto da Alasca. Não sabia que horas eram, mas vi uma luz fraca embaixo da porta. Bati de leve.

“Pois não”, ela disse. Entrei, molhado e sujo de areia, com apenas uma toalha e uma cueca ensopada. É claro que não é assim que você quer ser visto pela garota mais linda do mundo, mas imaginei que ela poderia me explicar o que tinha acontecido.

Ela pousou o livro e saltou da cama, enrolada num lençol. Por um instante, pareceu preocupada. Pareceu a garota que eu tinha conhecido na véspera, a garota que tinha me chamado de bonitinho, cheia de energia, infantilidade e inteligência. Então riu.

“Foi nadar, foi?” E ela disse isso com tanta malícia e tanto desprezo que tive a impressão de que todo o mundo já sabia e me perguntei como aquela maldita escola podia ter concordado com antecedência em afogar Miles Halter. Mas Alasca *gostava* do Coronel e, na confusão do momento, eu simplesmente olhei para ela, sem expressão, sem saber o que perguntar.

“Ah, me poupe!” ela disse. “Quer saber? Tem gente com problemas de verdade. Eu tenho problemas de verdade. A mamãe não está aqui, então deixe de ser chorão.”

Saí sem lhe dizer nada e voltei para o meu quarto, batendo a porta com força, acordando o Coronel e me dirigindo ao banheiro estrepitosamente. Entrei debaixo d’água para lavar o corpo coberto de algas e de sujeira do lago, mas a porcaria da ducha era inútil, além do mais, como é que Alasca, Kevin e os outros rapazes podiam já não gostar de mim assim tão cedo? Depois do banho, enxuguei-me e voltei para o quarto para pegar uma roupa.

“E aí?”, ele perguntou. “Por que demorou? Não sabia voltar?”

“Eles disseram que foi por sua causa”, eu disse, minha voz traíndo certa irritação. “Disseram que eu não devia andar com você.”

“Como? Não, isso acontece com todo o mundo”, o Coronel disse. “Aconteceu comigo. Eles jogam a pessoa no lago. Ela nada até a praia. E volta para casa.”

“Eu não consegui nadar”, eu disse, sereno, vestindo uma bermuda *jeans* por baixo da toalha. “Eles me prenderam com fita adesiva. Mal consegui me mexer.”

“Calma, calma”, ele disse, saltando do beliche e me encarando através da escuridão. “Eles *prenderam* você? Como?” E eu lhe mostrei: fiquei como uma múmia, com os pés juntos, os braços ao longo do corpo, e mostrei como tinham feito. Depois me joguei no sofá, produzindo um som de chape.

“Meu Deus, você podia ter se afogado! Eles só tinham de ter jogado você de cueca no lago e fugido!”, ele gritou. “Mas que diabos estavam pensando! Quem estava lá? Kevin Richman e quem mais? Lembra da fisionomia deles?”

“Acho que sim.”

“Mas por que fariam uma coisa dessas?”, ele se perguntou.

“Fez alguma coisa para eles?”

“Não, mas agora vou fazer, pode ter certeza disso. Eles me pagam.”

“Não foi nada de mais. Eu consegui sair.”

“Você podia ter *morrido*, cara!” E acho que podia ter morrido mesmo. Mas estava vivo.

“Bem, talvez seja melhor eu contar para o Águia o que aconteceu.”

“De jeito nenhum”, ele disse. Caminhou até a bermuda amassada que estava no chão e pegou o maço de cigarros. Acendeu dois deles e deu um para mim. Eu fumei aquela porcaria inteirinha. “Não”, ele continuou, “porque não é assim que fazemos as coisas por aqui. Além do mais, você não vai querer ser conhecido como dedo-duro.”

Vamos dar um jeito nesses safados, Gordo. Prometo. Eles vão se arrepender de terem feito isso com o meu amigo.”

Se o Coronel pensava que me chamar de amigo ia me fazer ficar do lado dele, bem, ele estava certo. “Alasca me tratou meio mal hoje”, eu disse. Inclinei o tronco, abri uma das gavetas vazias e a usei como cinzeiro.

“É o que eu digo, ela é de lua.”

Fui para cama de camiseta, bermuda e meias. Por mais calor que estivesse fazendo, decidi nunca mais dormir sem roupa na Creek, sentindo – provavelmente pela primeira vez na vida – o medo e a empolgação de viver num lugar onde nunca se sabe o que vai acontecer ou quando.

cento e vinte e seis dias antes

“**BEM, AGORA É GUERRA**”, o Coronel gritou na manhã do dia seguinte. Eu me virei na cama e olhei para o relógio: 7h52. Minha primeira aula em Culver Creek, Francês II, começava em dezoito minutos. Pestanejei e olhei para o Coronel, que estava de pé entre o sofá e a MESA DE CENTRO, segurando o tênis velho e encardido pelo cadarço. Por um longo tempo, ele olhou para mim, e eu olhei para ele. Então, quase em câmera lenta, um sorriso forçado se abriu em seu semblante.

“Tenho de admitir”, o Coronel disse, por fim. “Essa foi boa.”

“Essa o quê?”, perguntei.

“Ontem à noite – antes de te acordarem, eu imagino –, eles mijaram no meu tênis.”

“Tem certeza?”, perguntei tentando não rir.

“Quer cheirar?”, ele perguntou segurando o tênis na minha direção. “Porque eu já cheirei e tenho certeza. Se tem uma coisa que eu sei é quando acabei de pisar no mijo de outro homem. É como minha mãe sempre diz: ‘Fulano acha que está andando sobre a água, mas está com mijo nos sapatos.’ Se você vir esses caras

hoje, não se esqueça de me avisar.” E acrescentou: “Quero descobrir por que estão se mijando de raiva de mim. Além do mais, precisamos começar a pensar numa maneira de arruinar suas vidinhas patéticas.”

Quando recebi o Regulamento de Culver Creek no verão e notei, feliz da vida, que a seção de “Vestuário” só continha três palavras, *informal e modesto*, não me ocorreu que as garotas pudessem aparecer na aula ainda sonolentas, usando *short* de pijamas, camiseta e chinelo. Modestas, eu acho, e informais.

O fato de as garotas estarem usando pijamas (se bem que discretos) poderia ter tornado a aula de Francês às 8h10 minimamente suportável se eu fizesse a mais vaga ideia do que Madame O’Malley estava falando. *Comment dis-tu*: “Ai, meu Deus, não sei falar francês suficientemente bem para passar em Francês II”, *en français*? Minha aula de Francês I na Flórida não tinha me preparado para Madame O’Malley, que passou por cima da lenga-lenga de “Como foi seu verão?” e mergulhou de cabeça numa coisa chamada *passé composé*, que, aparentemente, era um tempo verbal. Alasca sentou-se de frente para mim no círculo de carteiras, mas não me olhou uma única vez durante toda a aula, ao passo que eu só tinha olhos para ela. Talvez ela fosse uma menina cruel... mas o jeito como falara sobre sair do labirinto naquela primeira noite – tinha sido tão inteligente! E o jeito como seus lábios estavam sempre se encrespando no canto direito, como se estivessem prestes a se abrir num sorriso afetado, como se ela tivesse dominado o lado direito do inimitável sorriso da *Mona Lisa*...

Do meu quarto, a população estudantil parecera contornável, mas me desarmou quando cheguei às salas de aula, que ficavam num longo prédio para além do círculo dos dormitórios. O prédio era dividido em catorze salas que se abriam para o lago. A garotada lotava as calçadas estreitas em frente às salas de aula, e, ainda que não fosse difícil me localizar (mesmo com meu péssimo senso de direção consegui ir do Francês na Sala 3 para Pré-Cálculo na Sala

12), fiquei apreensivo o dia inteiro. Não conhecia ninguém nem tinha como avaliar quem eu deveria tentar conhecer. Além disso, as aulas foram *difíceis* mesmo sendo o primeiro dia. Meu pai tinha me dito que eu precisaria estudar, e agora eu acreditava nele. Os professores eram sérios e inteligentes, e muitos deles tinham feito doutorado. Assim, quando chegou a hora da minha última aula antes do almoço, Religiões do Mundo, senti um enorme alívio. Vestígio dos tempos em que Culver Creek fora uma escola cristã só para meninos, a aula de Religião, obrigatória tanto para os calouros quanto para os veteranos, pareceu-me um "A" garantido.

Foi a única aula do dia em que não encontrei as cadeiras dispostas num quadrado ou num círculo. Não querendo parecer ansioso, sentei-me na terceira fila às 11h03. Cheguei sete minutos mais cedo, em parte porque gostava de ser pontual e em parte porque não tinha ninguém com quem conversar nos corredores. Logo depois, o Coronel chegou acompanhado por Takumi, e eles se sentaram ao meu lado, deixando-me no meio.

"Fiquei sabendo do incidente de ontem à noite", Takumi disse. "Alasca ficou uma fera."

"Estranho, porque ela foi cruel", eu deixei escapar.

Takumi simplesmente balançou cabeça. "Mas é que ela não tinha ouvido a história inteira. Todos nós temos nossos dias de acordar com o pé esquerdo, cara. Você tem de aprender a conviver com as pessoas. Podia ter amigos piores do que..."

O Coronel o interrompeu. "Chega de psicologia barata, MC Dr. Phil. Vamos falar sobre nosso contra-ataque." As pessoas estavam começando a fazer fila para entrar na sala de aula, então o Coronel se inclinou para mim e sussurrou: "Me avise se algum deles estiver nesta turma, OK? Coloque um 'X' onde estiverem sentados." Arrancou uma folha do caderno e desenhcou um quadrado para cada carteira. Enquanto as pessoas chegavam, vi um deles – o mais alto, com os cabelos imaculadamente espetados –, Kevin. Ele passou pelo Coronel e o encarou, mas, distraído, esqueceu-se de olhar por onde andava e bateu com a coxa na carteira. O Coronel riu. Um dos outros rapazes, o que era mais forte ou mais gordinho, entrou

depois de Kevin, usando calças cáqui frisadas e uma camisa polo preta de mangas curtas. Quando se sentaram, marquei com um "X" os respectivos quadrados no desenho do Coronel e lhei a folha. Foi nessa hora que o Velho entrou, arrastando os pés.

Ele respirava devagar e com grande esforço pela boca aberta. Caminhou a passos miúdos até a estante, o calcanhar de um pé não se distanciando muito dos dedos do outro. O Coronel me cutucou e apontou displicentemente para o caderno, onde se lia: *O Velho só tem um pulmão*, e não duvidei disso. Sua respiração audível, quase desesperada, me fez lembrar o meu avô quando estava morrendo de câncer no pulmão. Idoso e de peito largo, tive a impressão de que o Velho morreria antes mesmo de chegar ao púlpito.

"Meu nome", ele disse, "é Sr. Hyde. Tenho um prenome, é claro. Mas, para vocês, é 'Senhor'. Seus pais pagam muito caro para que estudem aqui, e espero que retribuam esse investimento lendo o que eu mandar ler, quando eu mandar ler, e comparecendo regularmente às minhas aulas. Enquanto estiverem em sala, terão de me ouvir." Estava claro que não seria um "A" garantido.

"Este ano, vamos estudar três religiões: o islamismo, o cristianismo e o budismo. E, ano que vem, mais três. Nas minhas aulas, vou falar a maior parte do tempo e vocês vão me ouvir. Vocês podem ser espertos, mas eu sou esperto há mais tempo. Estou certo de que muitos não gostam de aulas conferenciais, mas, como vocês provavelmente já devem ter percebido, não sou mais tão jovem. Adoraria gastar o que me resta de fôlego conversando com vocês sobre os aspectos mais interessantes da história do islã, mas nosso tempo é curto. Preciso falar e vocês precisam ouvir, porque estamos lidando com a coisa mais importante de todas: a procura de um sentido. O que significa ser uma pessoa? Qual é a melhor maneira de ser uma pessoa? Como passamos a existir e o que será de nós quando deixarmos de existir? Em suma: quais são as regras deste jogo e qual é a melhor maneira de jogá-lo?"

A natureza do labirinto, eu anotei em meu caderno de espiral, e *como escapar dele*. Esse professor era o máximo. Eu odiava aulas com debate. Odiava falar e odiava ouvir os outros tropeçarem em

suas próprias palavras, tentando frasear as coisas da maneira mais vaga possível para não parecerem estúpidos. Odiava como tudo acabava sendo um jogo, no qual tentávamos descobrir o que o professor queria ouvir e o dizíamos. Estou *aqui*, então *me ensine*. E ele ensinou: naqueles cinquenta minutos, o Velho me fez levar a sério a questão religiosa. Nunca fora religioso, mas ele nos disse que a religião era importante quer acreditássemos nela, quer não, da mesma maneira como os acontecimentos históricos são importantes quer tenhamos participado deles, quer não. Então nos mandou ler cinquenta páginas para o dia seguinte – de um livro chamado *A ciência da religião*.

Naquela tarde, tive duas aulas e dois períodos livres. Tínhamos nove aulas de cinquenta minutos todos os dias, o que significava que o máximo que podíamos ter eram três “períodos de estudo” (com exceção do Coronel, que tinha uma aula a mais de Matemática sozinho, pois era um Gênio Superespecial). O Coronel e eu tivemos aula de Biologia juntos, e eu lhe aponteie o outro rapaz que tinha me prendido com fita adesiva na noite anterior. No alto do caderno, o Coronel escreveu, *Longwell Chase, veterano Guerreiro-de-D-de-S. Amigo da Sara. Esquisito*. Precisei de um tempo para lembrar quem era Sara: a namorada do Coronel.

Passei meus períodos livres no quarto, tentando ler sobre religião. Aprendi que *mito* não é uma mentira; é uma história tradicional que nos diz algo sobre um povo, sua visão de mundo e o que ele considera sagrado. Interessante. Aprendi também que, depois dos acontecimentos da noite anterior, eu estava cansado demais para me preocupar com mitos ou qualquer outra coisa, então dormi em cima dos lençóis por um bom tempo até ser acordado ao som da Alasca cantando: “ACORDA, MEU GORDIIIIIIIIIIINHO!” dentro do meu ouvido esquerdo. Apertei o livro de religião contra o peito como se fosse um cobertor de estimação feito de papel.

“Isso foi horrível”, eu disse. “O que preciso fazer para garantir que isso não se repita?”

“Não há nada que possa fazer!”, ela disse, animada. “Sou imprevisível. Credo, você não odeia o Sr. Hyde? Ele é tão arrogante.”

Eu me sentei na cama e disse: “Acho que ele é um gênio”, em parte porque o achava um gênio e em parte porque queria discordar dela.

Ela se sentou na cama. “Sempre dorme de roupa?”

“Durmo.”

“Engraçado”, ela disse. “Ontem à noite você estava com menos roupa.” Olhei para ela com raiva.

“Sai dessa, Gordo! É brincadeira. Você precisa ser durão aqui. Eu não sabia que tinha sido tão difícil – sinto muito, eles ainda vão se arrepender –, mas você tem de ser durão.” E saiu. Era tudo o que tinha a dizer sobre o assunto. *Ela é engraçadinha, pensei, mas você não precisa gostar de uma garota que o trata como se tivesse 10 anos de idade: você já tem uma mãe.*

cento e vinte e dois dias antes

DEPOIS DA ÚLTIMA AULA da minha primeira semana em Culver Creek, entrei no Quarto 43 e deparei com uma cena improvável: o Coronel, miúdo e sem camisa, debruçado sobre uma tábua de passar roupa, atacando uma camisa social cor-de-rosa. O suor lhe escorria pela testa e pelo tronco devido ao esforço, o braço direito empurrando o ferro ao longo da camisa com tamanha violência que sua respiração quase se igualava à do Sr. Hyde.

“Tenho um encontro”, ele explicou. “É uma emergência.” Ele fez uma pausa para recuperar o fôlego. “Você sabe” – respirou – “passar roupa?”

Fui até a camisa cor-de-rosa. Estava enrugada como uma velha que passou a juventude tomando banho de sol. Se ao menos o Coronel não embolasse seus pertences e os enfiasse numa gaveta qualquer da cômoda. “Acho que basta ligar o ferro e passá-lo por cima da roupa, não é?”, eu disse. “Eu nem sabia que *tínhamos* um ferro!”

“Não temos. É do Takumi, mas ele também não sabe usar. E, quando pedi para a Alasca, ela começou a gritar: ‘Você não vai querer impor o paradigma patriarcal para cima de *mim!*’ Santo Deus, preciso fumar, preciso fumar, mas não quero estar com cheiro de cigarro quando encontrar os pais da Sara. Dane-se. Vamos fumar no banheiro com o chuveiro ligado. O chuveiro produz vapor. E o vapor tira o amassado, não tira?”

“Por falar nisso”, ele disse enquanto eu o seguia até o banheiro, “se quiser fumar no quarto, basta ligar o chuveiro. A fumaça sai pelo respiradouro junto com o vapor.”

Embora não fizesse o menor sentido do ponto de vista científico, isso pareceu funcionar. A fraca pressão da água e o chuveiro baixo eram inúteis para o banho, mas serviam de barreira para a fumaça.

Infelizmente, não serviam de ferro. O Coronel tentou passar a camisa de novo (“Vou fazer bastante força para ver se ajuda”) e, por fim, acabou vestindo a camisa amassada. Para combinar, colocou uma gravata azul decorada com filas horizontais de flamingos cor-de-rosa.

“Dar nó em gravata é a única coisa que aquele sem-vergonha do meu pai me ensinou”, disse o Coronel, enquanto suas mãos hábeis davam um nó perfeito na gravata. “O que é estranho, pois não consigo imaginá-lo de gravata.”

Foi então que Sara bateu na porta. Eu a tinha visto uma ou duas vezes, mas o Coronel não nos tinha apresentado e não teve chance de nos apresentar naquela noite.

“Santo Deus! Não pode ao menos passar a camisa?”, ela perguntou, embora o Coronel estivesse de pé em frente à tábua de passar. “Vamos sair com os meus *pais.*” Ela estava bonita em seu vestidinho azul. Seus longos cabelos loiros claros tinham sido puxados para trás num coque, e uma mecha lhe caía de cada lado do rosto. Parecia uma estrela de cinema – uma estrela de cinema mal-humorada.

“Olha só, eu fiz o que podia. Nem todos têm empregada para passar roupa.”

“Chip, chispando de raiva, assim, você fica mais baixo do que já é.”

“Meu Deus! Será que não podemos sair sem brigar?”

“Só estou dizendo... É a *ópera!* Meus pais levam isso a sério. Que seja. Vamos embora.” Tive vontade de sair do quarto, mas me pareceu ridículo querer me esconder no banheiro, e Sara estava na passagem da porta, com uma mão na cintura e a outra agitando as chaves do carro, como quem diz *Vamos embora*.

“Mesmo que eu fosse de *smoking*, seus pais me odiariam!”, ele gritou.

“A culpa não é minha. Você provoca!” Ela ergueu as chaves do carro na frente dele. “Olha só, ou saímos agora ou não saímos.”

“Que se dane. Não vou a lugar nenhum com você”, o Coronel disse.

“Ótimo. Tenha uma boa noite.” Sara bateu a porta com tanta força que uma pesada biografia de Tolstói (últimas palavras: “A verdade é... que me importo... com o que eles...”) saltou da estante e caiu no chão quadriculado com um baque surdo, ecoando a batida da porta.

“AHHHHH!!!!!!!!!!!!!!!”, ele gritou.

“Então essa é a Sara”, eu disse.

“É.”

“Parece simpática.”

O Coronel riu, depois se ajoelhou e pegou um galão de leite na minigeladeira. Girou a tampa, tomou um gole, virou o rosto, tossiu um pouco e se sentou no sofá com a garrafa entre as pernas.

“Está estragado?”

“Ah! Eu devia ter avisado. Não é leite. São cinco partes de leite para uma de vodca. Eu chamo de ambrosia. A bebida dos deuses. Quase não se sente o cheiro da vodca no leite, então o Águia não tem como saber, a não ser que experimente. O único problema é que fica com gosto de leite azedo e álcool etílico. Mas é sexta-feira à noite, Gordo, minha namorada é uma chata. Quer um pouco?”

“Acho que vou passar.” À exceção de alguns goles de champanhe no Ano Novo sob o olhar vigilante dos meus pais, eu jamais tinha ingerido bebida alcoólica, e a “ambrosia” não me parecia a bebida certa para começar. Ouvi o telefone tocando do lado de fora. Como havia 190 pensionistas para apenas cinco telefones públicos, achava espantoso que eles tocassem tão pouco. Os celulares eram proibidos, mas eu tinha reparado que alguns Guerreiros de Dia de Semana usavam os seus clandestinamente. E a maioria dos não Guerreiros telefonava para os pais com certa regularidade, como eu, de modo que eles só ligavam quando os filhos se esqueciam.

“Não vai atender?”, o Coronel perguntou. Eu não queria receber ordens dele, mas também não queria brigar.

Sob um crepúsculo infestado de insetos, caminhei até o telefone público preso na parede entre os Quartos 44 e 45. Havia dezenas de números de telefone e de recados misteriosos escritos em torno do aparelho com caneta e pincel atômico, (205.555.1584, *Tommy para o aeroporto* 4:20; 773.573.6521; JG – *Kuffs?*). Ligar para o telefone público exigia um bocado de paciência. Eu atendi quando tocou lá pela nona vez.

“Pode chamar o Chip?”, Sara perguntou. Ela parecia estar ligando de um celular.

“Claro. Só um minuto.”

Eu me virei, e ele já estava atrás de mim, como se soubesse que era ela. Entreguei-lhe o aparelho e voltei para o quarto.

Um minuto depois, duas palavras entraram pela porta, atravessando o ar pesado e estagnado daquela quase-noite no Alabama. “VAI VOCÊ!”, gritou o Coronel.

De volta ao quarto, ele se sentou com a garrafa de ambrosia na mão e disse: “Ela falou que eu dedurei o Paul e a Marya. É isso o que os Guerreiros estão dizendo. Que eu os dedurei. *Eu!* Por isso mijaram no meu tênis. Por isso quase mataram você. Porque você mora comigo, e eles acham que eu sou dedo-duro.”

Tentei me lembrar de Paul e Marya. Os nomes pareciam familiares, mas eu tinha ouvido tantos nomes naquela última semana que não podia dar rostos a “Paul” e “Marya”. Então me

lembrei do motivo: eu não os conhecia. Eles tinham sido expulsos no ano anterior por terem cometido a Trifeta.

“Há quanto tempo está saindo com ela?”

“Nove meses. Nunca chegamos a nos entender. A verdade é que nunca gostei dela. Sabe, minha mãe e meu pai – ele ficava irritado e descia o braço nela. Depois ficava bonzinho, e eles entravam numa fase de segunda lua de mel. Mas com a Sara não tem segunda lua de mel. Santo Deus! Como ela pôde pensar que eu sou dedo-duro? Eu sei, eu sei. Por que não terminamos de uma vez?” Ele passou a mão pelos cabelos, agarrou um chumaço no alto da cabeça e disse: “Acho que fico com ela porque ela fica comigo. E isso não é nada fácil. Sou péssimo namorado. Ela é péssima namorada. Nós nos merecemos.”

“Mas...”

“Não acredito que pensem isso de mim”, ele disse, indo até a estante e pegando o almanaque. Tomou um longo gole de ambrosia, “Malditos Guerreiros de Dia de Semana! Um deles deve ter dedurado o Paul e a Marya e, agora, está colocando a culpa em mim para encobrir seus próprios rastros. Que saber, é uma boa noite para ficar em casa. Para ficar em casa com o Gordo e a ambrosia.”

“Eu ainda...”, comecei, querendo dizer que não entendia como ele podia beijar alguém que o considerava um dedo-duro, uma vez que ser dedo-duro era a pior coisa do mundo, mas o Coronel me interrompeu.

“Chega desse assunto. Sabe qual é a capital da Serra Leoa?”

“Não.”

“Eu também não”, ele disse, “mas pretendo descobrir.” E, com essas palavras, mergulhou o nariz no almanaque, e a conversa terminou.

cento e dez dias antes

ACOMPANHAR AS AULAS acabou sendo mais fácil do que eu esperava. Minha tendência natural a passar a maior parte do tempo no quarto, lendo, me deu uma grande vantagem sobre a média dos alunos de Culver Creek. Na terceira semana de aula, muitos já tinham ficado queimados de sol, morenos e trigueiros como um bufrito, devido às longas conversas no gramado descoberto durante os períodos livres. Eu nem mesmo estava rosado: eu estudava.

E também prestava atenção às aulas, mas, naquela manhã de quarta-feira, quando o Sr. Hyde começou a dizer que, para os budistas, todas as coisas estavam interligadas, eu me peguei olhando pela janela. Estava observando o morro arborizado e em suave declive para além do lago. E, vistas dali, da sala do Sr. Hyde, as coisas realmente pareciam interligadas: as árvores pareciam vestir o morro, e, assim como eu jamais pensaria em reparar num determinado fio de algodão da camiseta regata cor de laranja e esplendorosamente apertada que Alasca estava usando, também não seria capaz de discernir as árvores da floresta – tudo fora tecido de maneira tão intrincada que não fazia sentido pensar nas árvores sem pensar no morro. Então ouvi meu nome e soube que estava encrencado.

“Sr. Halter”, disse o Velho. “Estou aqui forçando meus pulmões em benefício da sua instrução. E, no entanto, algo lá fora parece ter chamado sua atenção de uma maneira que não fui capaz de fazer. Por favor, me diga: o que descobriu de tão interessante lá fora?”

Agora eu é que me sentia sem fôlego, a classe inteira olhando para mim, dando graças a Deus por não estarem em meu lugar. O Sr. Hyde já o tinha feito três vezes, expulsar de sala quem não prestava atenção ou passava bilhetinhos.

“Bem, é que eu estava olhando pela janela, sabe, olhando para o morro e estava pensando que, bem, as árvores e a floresta, como o senhor estava dizendo antes...”

O Velho, que obviamente não tolerava digressões em voz alta, me interrompeu. “Vou pedir ao senhor que se retire da sala, Sr. Halter, para que possa ir até lá e descobrir a relação entre as bem-

árvores e a sabe-floresta. E, amanhã, quando estiver pronto para levar esta aula a sério, será bem-vindo.”

Continuei sentado, a caneta parada na mão, o caderno aberto, o rosto afogueado, o maxilar projetado para a frente, um velho truque para quando eu não queria parecer triste ou amedrontado. Duas fileiras atrás de mim, ouvi uma cadeira se arrastar, olhei para trás e vi Alasca de pé, atirando a mochila por cima do ombro.

“Desculpa, mas isso é ridículo. Não pode simplesmente expulsá-lo de sala. O senhor fica aí falando nesse tom monótono durante uma hora todos os dias, e não temos o direito de dar uma espiada *pela janela?*”

O Velho olhou para Alasca como se fosse um touro diante de um toureiro, depois levou a mão ao rosto murcho e coçou lentamente a barba por fazer. “Durante cinquenta minutos por dia, cinco dias por semana, vocês seguirão as minhas regras. Ou serão reprovados. A escolha é de vocês. Saiam os dois.”

Enfiei o caderno na mochila e saí, humilhado. Quando a porta se fechou atrás de mim, senti uma batidinha no ombro esquerdo. Virei para olhar, mas não encontrei ninguém. Então virei para o outro lado, e Alasca estava sorrindo para mim, a pele entre os olhos e as têmporas encrespada como os raios de uma estrela. “É o truque mais velho do universo”, ela disse, “mas todos caem.”

Tentei sorrir, mas não conseguia parar de pensar no Sr. Hyde. Aquilo era pior do que o Episódio da Fita Adesiva, porque eu já sabia que os Kevin Richman desse mundo não gostavam de mim. Mas meus professores sempre foram membros de carteirinha do Fã-Clube de Miles Halter.

“Falei que ele era um babaca”, ela disse.

“Ainda acho que ele é um gênio. Ele estava certo. Eu não estava prestando atenção.”

“Tudo bem, mas ele não precisava ter sido tão estúpido. Como se tivesse de humilhar os outros para mostrar poder?! Além do mais, os verdadeiros gênios são os artistas: Yeats, Picasso, García Márquez – *gênios*. Sr. Hyde – velho amargo.”

Ela disse que íamos procurar trevos de quatro folhas até a aula acabar e que, então, fumaríamos com o Coronel e o Takumi, “que eram ambos”, acrescentou, “tremendos idiotas por não terem marchado para fora da sala junto conosco”.

Quando Alasca Young está sentada com as pernas cruzadas num frágil canteiro de trevos verdes, inclinando-se para pegar os de quatro folhas e deixando ver claramente a pele branca de seu volumoso decote, é um fato inegável da fisiologia humana que se torna impossível ajudá-la. Eu já tinha arranjado problemas demais por olhar para onde não devia, mesmo assim...

Depois de passar quase dois minutos vasculhando o canteiro com as unhas longas e sujas, Alasca encontrou um trevo com três folhas normais e uma quarta minúscula e se voltou para mim, mal me dando tempo de desviar os olhos.

“Você obviamente não se esforçou para encontrar o trevo, seu tarado”, ela disse, ironicamente. “Mesmo assim, eu lhe daria este aqui. Só que sorte é coisa de otário.” Ela apertou o folíolo subdesenvolvido entre as unhas do polegar e do indicador e o arrancou. “Pronto”, ela disse para o trevo depois de jogá-lo no chão. “Agora você não é mais uma anomalia genética.”

“Hmm, obrigado”, eu disse. O sino tocou. Takumi e Coronel foram os primeiros a sair da sala. Alasca olhou com raiva para eles.

“Que foi?”, perguntou o Coronel. Mas ela simplesmente revirou os olhos e começou a andar. Nós a seguimos em silêncio, cruzando o gramado, depois o campo de futebol. Entramos no bosque disfarçadamente, seguindo a trilha quase invisível ao redor do lago até chegarmos a uma estrada de terra. O Coronel correu para alcançar a Alasca, e eles começaram a discutir tão baixinho que eu não pude discernir suas palavras, apenas um tom mútuo de irritação, então perguntei para o Takumi aonde estávamos indo.

“A estrada acaba num celeiro”, ele disse. “Talvez estejamos indo para lá. Ou para o Buraco do Fumo, é mais provável. Vamos ver.”

Ali de perto, o bosque tornava-se algo inteiramente diferente do que se via da sala do Sr. Hyde. O chão estava coberto por uma grossa camada de galhos quebrados, folhas de pinheiro em

decomposição e arbustos verdes espinhosos. O caminho serpeava entre pinheiros altos e esguios, as folhas hirsutas fornecendo uma malha de sombras que protegia do forte calor do sol. E os carvalhos e os bordos mais baixos, que vistos da sala do Sr. Hyde se ocultavam sob os majestosos pinheiros, mostravam sinais do outono-que-ainda-não-se-fizera-sentir-na-temperatura: as folhas verdes começavam a murchar.

Topamos com uma pontezinha deplorável – tábuas grossas de madeira compensada sobre uma base de concreto – que atravessava o Culver Creek, o regato que serpeava pelas cercanias do *campus*. Do outro lado da ponte, havia uma pequena trilha que descia bruscamente. Não chegava a ser uma trilha, era mais como uma série de indícios – um galho quebrado, um pedaço de relva pisada – de que alguém tinha passado por ali. Seguindo em fila indiana, Alasca, o Coronel e Takumi, cada um por sua vez, seguraram um pesado galho de bordo, de modo a abrir passagem para o que vinha atrás, até que eu, o último da fila, o larguei e o vi retornar para seu lugar de origem num movimento brusco. E lá, embaixo da ponte, um oásis. Uma laje de concreto, de um metro de largura por três de comprimento, com cadeiras azuis de plástico, roubadas de alguma sala de aula havia muito tempo. Refrescado pelo regato e pela sombra da ponte, aquela era a primeira vez em semanas que eu não sentia calor.

O Coronel distribuiu os cigarros. Takumi não quis. Acendemos os nossos.

“Só acho que ele não tem o direito de nos tratar com tanta arrogância”, Alasca disse, continuando a conversa com o Coronel. “O Gordo não vai mais olhar pela janela, e eu não vou mais me exaltar por causa disso, mas ele é um péssimo professor, e vocês não vão me convencer do contrário.”

“Está bem”, disse o Coronel. “Só não faça outra cena. Santo Deus! Você quase matou o velho!”

“É verdade, você só tem a perder deixando o Hyde zangado”, disse Takumi. “Ele vai comer sua cabeça, depois vai cagar e mijar

em cima. O que, por sinal, é o que devemos fazer com quem dedurou a Marya. Ouviram alguma novidade?”

“Deve ter sido um dos Guerreiros de Dia de Semana”, Alasca disse. “Mas, pelo visto, estão pensando que foi o Coronel. Vai saber. Talvez o Águia tenha dado sorte. Ela foi burra; foi pega; foi expulsa; fim da linha. É isso o que acontece com quem é burro e se deixa apanhar.” Alasca fez um “O” com os lábios, mexendo a boca como um peixinho dourado, tentando soprar anéis de fumaça, sem sucesso.

“Poxa!”, disse Takumi, “se algum dia eu for expulso, me lembre de ir à forra sozinho, já que não posso contar com você.”

“Não seja ridículo”, ela respondeu, sem se zangar, apenas afastando a ideia. “Só não entendo por que você fica tão obcecado, querendo desvendar tudo o que acontece por aqui, como se tivéssemos de solucionar todos os mistérios. Deus do céu! Já passou. Takumi, você precisa parar de roubar os problemas dos outros e arranjar seus próprios problemas.” Takumi recomeçou, mas Alasca fez um gesto como se quisesse encerrar o assunto.

Eu não disse nada – não conhecia Marya e, além do mais, “ouvir em silêncio” era meu modo de conviver em sociedade.

“Que seja”, Alasca me disse. “Não gostei do jeito como ele tratou você. Deu vontade de chorar. Quase dei um beijinho para ver se passava.”

“Pena que não deu”, eu disse, sério, e todos riram.

“Você é uma gracinha”, ela disse. Senti a intensidade de seus olhos em mim e desviei o olhar nervosamente. “Pena que gosto do meu namorado.” Fiquei olhando para o emaranhado de raízes na margem do regato, tentando fazer cara de quem não tinha acabado de ser chamado de gracinha.

Takumi também não acreditou. Veio até mim, bagunçou meu cabelo e começou a fazer um *rap* para a Alasca: “Yeah! O Gordo é uma graça./Mas é boa-praça./Não faz arruaça./E o Jake... Droga. Droga! Quase consegui quatro rimas com ‘aça’! Pensei em *carpaça*, mas isso não é palavra.”

Alasca riu. “Só por isso já não estou mais zangada com você. *Rap* é tão *sexy*! Gordo, sabia que estamos na presença do melhor MC do Alabama?”

“Hmm, não.”

“Faz uma batida, Coronel-Catástrofe”, Takumi disse, e eu ri da ideia de que um cara tão baixinho e esquisito como o Coronel pudesse ter um apelido de *rap*. O Coronel colocou as mãos em concha sobre a boca e começou a fazer ruídos estranhíssimos, tentando fazer uma batida, imaginei. *Puh-chi. Puh-PuhPuh-Chi*. Takumi riu.

“Aqui, perto do rio, pediram para eu arrasar. / Se fumaça fosse doce, eu comia até enjoar. / Sou bom, rapaz, se liga. / Meu *rap* é clássico, à moda antiga. / A batida está mais morta que o caixeiro-viajante. / Às vezes me acusam de ser meio arrogante / Porque eu falo devagar, EuFaloBemDepressa. / Não gostou, por quê? Sai dessa!”

Ele parou, respirou fundo e concluiu:

“Na rima imperfeita, da Emmy DickinSON / O *rap* acabou, se liga, meu irmão.”

Eu não entendia de rimas, perfeitas ou imperfeitas, mas fiquei impressionado. Takumi recebeu uma salva de palmas. Alasca terminou o cigarro e o atirou no rio.

“Por que você fuma tão depressa?”, perguntei.

Ela me olhou e abriu um sorriso largo, e um sorriso assim tão largo em seu rosto estreito talvez lhe desse um ar meio tolo não fosse a inquestionável elegância de seus olhos verdes. Ela sorriu com todo o encantamento de uma criança na noite de Natal e disse: “Vocês fumam para saborear. Eu fumo para morrer”.

cento e nove dias antes

NO JANTAR DO DIA SEGUINTE, o restaurante serviu bolo de carne, um dos raros pratos que não eram fritos e, talvez justamente por isso, o

maior fracasso de Maureen – uma coisa fibrosa, boiando em molho, que não tinha aparência de bolo e muito menos gosto de carne. Embora eu não o conhecesse, Alasca aparentemente tinha um carro e se ofereceu para levar o Coronel e eu ao McDonald's, mas o Coronel estava sem grana, e eu também, pois sustentava sua extravagante obsessão por cigarros.

Então, em vez disso, o Coronel e eu esquentamos bufritos de dois dias – ao contrário das batatas fritas, por exemplo, um bufrito aquecido no micro-ondas não perdia nada de seu sabor e de sua deliciosa superfície crocante. Depois o Coronel insistiu em assistir ao primeiro jogo da Creek na temporada de basquete.

“Basquete no outono?”, perguntei ao Coronel. “Não sou especialista no assunto, mas não é futebol americano que se joga nessa época?”

“As escolas da liga são pequenas demais para terem times de futebol americano, por isso jogamos basquete no outono. Se bem que, cara, o time de futebol da Culver Creek ia ser uma beleza. Você, com seu corpo franzino, poderia até começar como atacante. De todo modo, os jogos de basquete são o máximo.”

Eu detestava jogos esportivos. Detestava jogos esportivos e todos os que praticavam jogos esportivos, detestava as pessoas que assistiam e detestava as pessoas que não detestavam quem assistia ou praticava jogos esportivos. Na terceira série – o último ano em que se podia jogar T-Ball –, minha mãe queria que eu fizesse amigos e me forçou a entrar para o time dos Piratas de Orlando. Fiz amizades, sim, mas foi com um bando de garotos do jardim de infância – o que não me tornou muito popular junto aos meus pares. Como eu pairava acima do resto dos jogadores, quase entrei para o time dos astros daquele ano. O garoto que me venceu, Clay Wurtzel, só tinha um braço. Eu era um terceiranista estranhamente alto com dois braços, e fui derrotado por Clay Wurtzel, do jardim de infância. E não foi porque tive pena do garoto. Clay Wurtzel realmente sabia rebater, ao passo que eu, às vezes, errava a bola mesmo quando a colocavam em cima de um apoio. Uma das coisas que mais me

atraíram para Culver Creek foi o fato de meu pai ter dito que as aulas de educação física não eram obrigatórias.

“Só deixei de lado meu ódio pelos Guerreiros de Dia de Semana e seus tacos de golfe uma única vez”, o Coronel me disse. “Foi quando eles restauraram o ar-condicionado do ginásio para que pudéssemos jogar o bom e velho basquete em Culver Creek. Você não pode perder o primeiro jogo do ano.”

Caminhando para o hangar de avião que era nosso ginásio, que eu já tinha visto, mas do qual não quisera me aproximar, o Coronel me explicou a coisa mais importante sobre nosso time de basquete: ele não era lá muito bom. O “astro” do time, disse o Coronel, era um veterano chamado Hank Walsten, que jogava como pivô apesar de só ter um metro e setenta. Ele era famoso no *campus* por ter maconha, e o Coronel me disse que nos últimos quatro anos Hank não jogara nem sequer uma partida sóbrio.

“Ele gosta de maconha tanto quanto Alasca gosta de sexo”, disse o Coronel. “Estamos falando do cara que uma vez construiu um narguilé usando apenas o cano de uma espingarda de ar comprimido, uma pera madura e um pôster de vinte por vinte e cinco da Anna Kournikova. Ele não é nenhum gênio, mas temos de admirar sua devoção às drogas.”

Depois de Hank, o Coronel disse, a coisa só piorava até chegar a Wilson Carbod, o segundo pivô, que tinha quase um metro e oitenta. “Somos tão ruins”, disse o Coronel, “que nem mesmo temos uma mascote. Eu chamo o time de os Nada de Culver Creek.”

“Então eles jogam mal? É isso?”, perguntei. Não entendia por que alguém iria querer ver seu time perdendo de lavada para o adversário, embora o ar-condicionado já fosse um excelente motivo para mim.

“Jogam mal, sim”, o Coronel respondeu. “Mas sempre trucidamos o time de basquete da escola para cegos e surdos.” Pelo visto, o basquete não era uma das prioridades da escola para cegos e surdos do Alabama, por isso sempre terminávamos a temporada com uma vitória.

Quando chegamos, o ginásio estava apinhado de alunos da Culver Creek – reparei, por exemplo, nas três góticas da escola, sentadas na última fileira da arquibancada, retocando a pintura dos olhos. Eu nunca tinha assistido a uma partida de basquete em minha outra escola, mas duvidava que a multidão fosse tão variada. Mesmo assim, fiquei surpreso quando ninguém menos que Kevin Richman se sentou na minha frente, enquanto as animadoras de torcida do time adversário (as cores da escola eram lamentáveis, marrom-lama e amarelo-mijo-desidratado) tentavam levantar o pequeno grupo de torcedores visitantes. Kevin se virou e encarou o Coronel.

Como a maioria dos Guerreiros, Kevin só usava roupa de mauricinho, como se estivesse esperando virar um desses advogados que gostam de jogar golfe. E seus cabelos loiros e bagunçados, curtos dos lados, espetados no alto, estavam sempre tão encharcados de gel que pareciam eternamente molhados. Eu não o odiava como o Coronel, claro, porque o Coronel o odiava por princípio, e esse tipo de ódio é muito mais forte do que um simples: “Cara, não gostei de você ter me mumificado e me atirado no lago”. Mesmo assim, tentei encará-lo ameaçadoramente enquanto ele olhava para o Coronel, mas era difícil esquecer que ele tinha visto meu corpo magricela só de cueca samba-canção fazia algumas semanas.

“Você dedurou o Paul e a Marya. Nós retribuímos. Trégua?”, Kevin perguntou.

“Eu não dedurei ninguém. O Gordo aqui *certamente* não dedurou ninguém, mas vocês quiseram descontar nele, não foi? Trégua? Vejamos... Vou fazer uma rápida pesquisa.” As animadoras de torcida se sentaram com os pompons grudados no peito, como se estivessem rezando. “Escuta, Gordo”, disse o Coronel. “O que você acha de uma trégua?”

“Isso me lembra de quando os alemães exigiram que os Estados Unidos se rendessem na Batalha de Bastogne”, eu disse. “Acho que diria para eles o mesmo que o General McAuliffe disse para os alemães: Tolice.”

“Por que você quis matar esse cara, Kevin? Ele é um gênio. Sua trégua é uma tolice.”

“Vamos lá, cara. Eu sei que você dedurou os dois. Nós tivemos que defender nosso amigo, mas agora acabou. Vamos botar um fim nesta história.” Ele parecia bastante sincero, talvez devido à reputação do Coronel como pregador de peças.

“Vamos fazer um acordo. Você escolhe um presidente norte-americano que já morreu. Se o Gordo não souber as últimas palavras dele, teremos uma trégua. Mas, se ele souber, você vai passar o resto da sua vida lamentando o dia em que mijou no meu tênis.”

“Isso é ridículo.”

“Tudo bem. Nada de trégua”, o Coronel retorquiu.

“Tudo bem. Millard Fillmore”, Kevin disse. O Coronel olhou de pressa para mim, os olhos perguntando: *Esse cara foi presidente?* Eu apenas sorri.

“Quando estava morrendo, Fillmore sentiu muita fome. Mas o médico não queria alimentar sua febre ou algo assim. Fillmore não parava de falar que queria comer, então o médico deu para ele uma colherzinha de sopa. Sarcástico, Fillmore disse: ‘A refeição estava deliciosa’, e morreu. Nada de trégua.”

Kevin revirou os olhos e se afastou, e me ocorreu que eu poderia ter inventado quaisquer últimas palavras para Millard Fillmore, e Kevin teria acreditado, contanto que eu usasse aquele tom de voz, a confiança do Coronel passando para mim.

“Essa é a primeira vez que você banca o malvado!” O Coronel riu. “É verdade que eu dei um alvo fácil para você. Mesmo assim, parabéns!”

Infelizmente para os Nada de Culver Creek, nós não estávamos jogando contra a escola dos cegos e surdos. Estávamos jogando contra uma escola católica do centro de Birmingham, um time reforçado com enormes, gigantescos homens-macacos com barbas cerradas e uma profunda aversão a oferecer a outra face.

No fim do primeiro quarto: 20 a 4.

E foi então que começou a ficar divertido. O Coronel liderava a torcida.

"Pão de milho!", ele gritava.

"GALINHA!", o coro respondia.

"Arroz!"

"PURÊ!"

Então todos juntos: "NO VESTIBULAR, VOCÊS VÃO VER!"

"Sim! Sim! Sim!", o Coronel gritava.

"VÃO TRABALHAR PARA MIM!"

As animadoras do time oposto tentavam responder aos nossos gritos com "O teto, o teto, o teto está ruindo! Cedendo aos seus desejos, para o inferno estarão indo!" Mas sempre rebatíamos com algo melhor.

"Compras!"

"LOJAS!"

"Descontos!"

"GERENTES!"

"VOCÊS SÃO GRANDES, E NÓS INTELIGENTES!"

Quando os visitantes vão arremessar um lance livre em qualquer quadra do país, os fãs fazem barulho, gritando e batendo os pés. Não funciona, porque os jogadores aprendem a ignorar o ruído branco. Em Culver Creek tínhamos uma estratégia bem melhor. No começo, todo o mundo gritava e berrava como numa partida normal. Então fazíamos "Shhh!", e ficávamos em absoluto silêncio. Quando nossos detestados oponentes paravam de quicar a bola e se preparavam para o arremesso, o Coronel se levantava e gritava algo como:

"Pelo amor de Deus, depile as suas costas!" Ou: "Preciso ser salvo. Não podem me oficiar um culto depois do arremesso?"

Perto do final do terceiro quarto, o treinador da escola cristã pediu tempo e reclamou do Coronel com o juiz, apontando para ele, furioso. Estávamos perdendo de 56 a 13. O Coronel ficou de pé. "O quê? Algum problema comigo?"

O treinador gritou: "Você está incomodando os meus jogadores."
"ERA MINHA INTENÇÃO, SHERLOCK!", o Coronel gritou de volta.
O juiz veio e o expulsou do ginásio. Eu o segui.

"Fui expulso de trinta e sete jogos consecutivos", ele disse.

"Caramba."

"É. Já precisei fazer coisas bem malucas. Uma vez, corri para a quadra quando faltavam apenas onze segundos para o fim do jogo e roubei a bola do outro time. Não foi nada bonito. Mas não posso quebrar a sequência."

O Coronel disparou na minha frente, feliz com a expulsão, e eu corri em seu encalço. Eu queria ser uma dessas pessoas que têm uma sequência a manter, que chamuscam o chão com sua intensidade. Mas agora, pelo menos, eu conhecia pessoas desse tipo, e elas precisavam de mim como um cometa precisa de uma cauda.

cento e oito dias antes

NO DIA SEGUINTE, o Sr. Hyde me pediu para esperar depois da aula. De pé diante dele, eu me dei conta, pela primeira vez, de quanto seus ombros eram encurvados, e ele me pareceu, de repente, triste e meio velho. "Você gosta desta aula, não gosta?", perguntou.

"Sim, senhor."

"Você tem a vida inteira para meditar sobre o conceito budista da interligação." Ele falava como se tivesse escrito e memorizado cada frase e, agora, estivesse lendo. "Mas enquanto olhava pela janela, perdi a oportunidade de explorar o preceito budista igualmente interessante que diz que devemos prestar atenção em todos os aspectos da vida cotidiana, que devemos realmente prestar atenção. Preste atenção na aula. E, depois, quando ela acabar, preste atenção lá fora", ele disse, meneando a cabeça na direção do lago e além.

"Sim, senhor."

cento e um dias antes

NA PRIMEIRA MANHÃ DE OUTUBRO, vi que alguma coisa estava errada no momento em que me levantei para desligar o despertador. A cama tinha um cheiro estranho. Eu me sentia estranho. Levei quase um minuto, ainda desorientado, para perceber que estava com frio. Bem, agora, pelo menos, o ventiladorzinho preso na cama parecia desnecessário. “Está frio!”, gritei.

“Deus do céu, que horas são?”, ouvi no beliche de cima.

“Oito e... Quatro”, eu disse.

O Coronel, que não tinha despertador, mas quase sempre acordava antes de mim para tomar uma ducha, se levantou, colocou as pernas curtas para fora da cama, pulou para o chão e correu para a cômoda. “Acho que perdi a chance de tomar banho”, ele disse enquanto vestia uma bermuda e uma camiseta verde, em que se lia **BASQUETE DE CULVER CREEK**. “Fazer o quê? Amanhã é outro dia. E não está frio. Deve estar fazendo uns vinte e seis graus.”

Grato por ter dormido de roupa, só tive o trabalho de calçar o tênis, e o Coronel e eu fomos correndo para a sala de aula. Sentei-me na carteira vinte segundos antes de a professora chegar. Lá pela metade da aula, quando Madame O’Malley se virou de costas para escrever alguma coisa em francês na lousa, Alasca aproveitou para me passar um bilhete.

Bela cara de sono. Quer estudar no McDonald’s durante o almoço?

Faltavam apenas dois dias para o nosso primeiro teste importante de Pré-Cálculo, então, Alasca reuniu seis alunos de Pré-Cálculo que ela não considerava Guerreiros de Dia de Semana e nos colocou em seu pequeno carro azul de duas portas. Por feliz coincidência, uma segundanista bonitinha chamada Lara acabou sentando no meu colo. Lara tinha nascido na Rússia ou algo assim e falava com um ligeiro sotaque. Já que estávamos praticamente transando, separados apenas por quatro camadas de roupas, aproveitei a oportunidade para me apresentar.

“Da, eu sei quem você é.” Ela sorriu. “Você é o amigo que veio da Flórida.”

“Isso mesmo. Prepare-se para um monte de perguntas idiotas, porque sou péssimo em Pré-Cálculo”, eu disse.

Ela ia responder, mas foi jogada para trás quando Alasca disparou pelo estacionamento.

“Pessoal, esse é o meu Azul-Metálico. Metálico porque é uma lata velha”, disse Alasca. “Azul-Metálico, esse é o pessoal. Sugiro que vocês ponham o cinto de segurança, se conseguirem encontrá-lo. Gordo, é melhor você fazer as vezes de cinto para a Lara.” O que faltava ao carro em termos de potência Alasca compensava recusando-se a tirar o pé do acelerador, não importava as consequências. Antes mesmo de sairmos do estacionamento, Lara começou a balançar de um lado para o outro quando Alasca fazia uma curva mais fechada, por isso segui seu conselho e passei os braços ao redor da cintura da garota.

“Obrigada”, ela disse, tão baixinho que quase não ouvi.

Depois de rápidos e imprudentes cinco quilômetros até o McDonald’s, pedimos sete porções grandes de batata frita para dividir e fomos nos sentar do lado de fora. Nós nos posicionamos em torno das batatas, e Alasca começou a dar aula, comendo e fumando ao mesmo tempo.

Como toda boa professora, ela tolerava pouca distração. Fumou, falou e comeu por uma hora sem parar, e, enquanto eu escrevia no caderno, as águas turvas das tangentes e dos cossenos começaram a clarear. Mas nem todos tiveram a mesma felicidade.

Quando Alasca tocou num aspecto bastante óbvio das equações lineares, o maconheiro/jogador Hank Walsten disse: “Calma, calma, não entendi.”

“Isso é porque você só tem oito neurônios funcionando.”

“Estudos mostram que a maconha é melhor para a saúde do que esses seus cigarros”, Hank disse.

Alasca engoliu um bocado de batatas fritas, deu uma tragada no cigarro e soprou a fumaça na direção de Hank, que estava do outro

lado da mesa. “Posso morrer jovem”, ela disse, “mas pelo menos morro inteligente. Agora, voltando às tangentes.”

cem dias antes

“SEI QUE TODOS FAZEM A MESMA PERGUNTA, mas de onde saiu esse nome? *Alasca?*”, perguntei. Tinha acabado de receber o resultado do primeiro teste de Pré-Cálculo e estava transbordando de admiração por Alasca, uma vez que suas aulas tinham me rendido um B+. Estávamos sozinhos na sala de tevê assistindo à MTV num sábado sombrio e encoberto. Mobiliada com sofás deixados por gerações anteriores de alunos de Culver Creek, a sala de tevê tinha um cheiro rançoso de poeira e mofo – e talvez por isso ficasse quase sempre vazia. Alasca tomou um gole de Mountain Dew e pegou em minha mão.

“No fim, todos acabam perguntando. Então, vamos lá... Minha mãe era meio *hippie*, sabe, usava suéteres enormes que ela mesma tricotava, fumava muita maconha e esse tipo de coisa. E meu pai era um verdadeiro republicano. Quando nasci, minha mãe queria que eu me chamasse Harmony Springs Young, e meu pai, Mary Frances Young.”

Enquanto falava, ela balançava a cabeça ao ritmo da música da MTV, embora o videoclipe fosse de uma baladinha *pop* do tipo que ela dizia odiar.

“Então, em vez de me chamarem de Harmony *ou* de Mary, eles me deixaram escolher. Quando eu era pequena, meu nome era Mary. Eles me chamavam de queridinha ou algo assim, mas, no formulário da escola, por exemplo, escreviam *Mary Young*. Então, quando fiz sete anos, meu presente foi escolher meu nome. Legal, né? Passei o dia inteiro olhando o globo terrestre do meu pai à procura de um nome bem legal. Minha primeira escolha foi Chade, como o país da África. Mas meu pai disse que era nome de menino, então escolhi Alasca.”

Quem dera meus pais tivessem me deixado escolher *meu* nome. Mas eles se adiantaram e escolheram o único nome que os primogênitos dos Halter recebiam fazia um século. “Mas por que Alasca?”, perguntei.

Ela sorriu com o canto direito da boca. “Bem, depois eu descobri o que significava. É uma palavra de origem aleúte, *Alyeska*. Significa ‘aquilo em que o mar bate’, e eu adorei. Mas, naquela época, só conhecia o Alasca do norte. Era grande, como eu queria ser. E estava bem longe de Vine Station, Alabama, como eu queria estar.”

Eu ri. “E agora você cresceu e está razoavelmente longe de casa”, eu disse, sorrindo. “Parabéns.” Ela parou de balançar a cabeça e soltou minha mão (infelizmente suada).

“Sair de casa não é tão simples assim”, disse, séria, os olhos postos nos meus como se eu conhecesse a saída e não quisesse lhe dizer. Depois mudou o rumo da conversa. “Sabe o que eu quero fazer depois da faculdade? Dar aula para crianças deficientes. Sou boa professora, não sou? Droga, se eu consigo ensinar Pré-Cálculo para vocês, posso ensinar para qualquer um. Talvez possa trabalhar com crianças autistas.”

Ela continuou falando, suave e pensativa, como se estivesse me contando um segredo, e eu me inclinei para ela, subitamente dominado pela sensação de que precisávamos, de que deveríamos nos beijar naquele instante, ali mesmo no sofá laranja com marcas de cigarro e décadas de poeira acumulada. E eu a teria beijado. Teria continuado a me debruçar na direção dela até que fosse necessário inclinar o rosto para me desviar de seu nariz arrebitado, e teria sentido o choque de seus lábios macios. Teria feito isso. Mas, então, ela despertou.

“Não!”, exclamou. E, de início, eu não sabia dizer se ela estava lendo meus pensamentos, adivinhando minha vontade de beijá-la, ou se estava respondendo a si mesma em voz alta. Afastou-se de mim e disse suavemente, talvez para si mesma, “Cruzes! Não posso ser uma dessas pessoas que ficam sentadas falando que pretendem fazer isso e aquilo. Eu vou fazer e pronto. Imaginar o futuro é uma espécie de nostalgia.”

“Como assim?”, perguntei.

“Passamos a vida inteira no labirinto, perdidos, pensando em como um dia conseguiremos escapar e em quanto será legal. Imaginar esse futuro é o que nos impulsiona para a frente, mas nunca fazemos nada. Simplesmente usamos o futuro para escapar do presente.”

Acho que fazia sentido. Eu tinha imaginado que a vida na Creek seria mais empolgante do que era de fato – na verdade, havia mais dever de casa do que aventura –, mas, se eu não tivesse imaginado, nem mesmo teria vindo para a Creek.

Ela se virou para a tevê, um comercial de automóveis, e brincou sobre o fato de o Azul-Metálico estar precisando de seu próprio comercial. E, imitando a voz grave e apaixonada dos locutores de tevê, disse: “É pequeno, é lento, é uma droga, mas funciona. Às vezes. Azul-Metálico: Consulte seu Fornecedor de Carros Usados.” Mas eu queria saber mais sobre ela, Vine Station e o futuro.

“Às vezes, não entendo você”, eu disse.

Ela nem mesmo olhou para mim. Apenas sorriu para a tevê e disse: “Você nunca me entende. Essa é a graça.”

noventa e nove dias antes

PASSEI A MAIOR PARTE DO DIA SEGUINTE na cama, imerso no mundo fictício e terrivelmente enfadonho de *Ethan Frome*, enquanto o Coronel, sentado à sua mesa, desvendava os mistérios das equações diferenciais ou algo assim. Por mais que tentássemos racionar as pausas para fumar no vapor do chuveiro, ficamos sem cigarros antes do anoitecer e tivemos de dar uma passada no quarto da Alasca. Ela estava deitada no chão, de barriga para cima, lendo um livro.

“Vamos sair para fumar”, ele disse.

“Estão sem cigarros, não é?”, ela perguntou, sem olhar para cima.

“Bem. Estamos.”

“Tem cinco paus?”, ela perguntou.

“Não.”

“E você, Gordo?”, ela perguntou.

“Tenho, tenho.” Pesquei uma nota de cinco dólares no bolso, e Alasca me deu um maço de Marlboro Lights com vinte cigarros. Eu sabia que só ia fumar uns cinco, mas, enquanto estivesse sustentando o vício do Coronel, ele não poderia me acusar de ser mais um garoto riquinho, um Guerreiro de Dia de Semana que só não ia para casa porque não morava em Birmingham.

Pegamos Takumi e fomos para o lago, nos escondendo atrás das árvores, rindo. O Coronel soprava anéis de fumaça, e Takumi os chamava de “pretensiosos”, enquanto Alasca seguia os anéis e os espetava com os dedos como uma criança furando bolhas de sabão.

Então ouvimos um galho se partindo. Poderia ter sido um cervo, mas o Coronel saiu correndo mesmo assim. Uma voz disse, bem atrás de nós: “Não corra, Chipper.” O Coronel parou, deu meia-volta e retornou, envergonhado.

O Águia veio caminhando lentamente em nossa direção, os lábios franzidos de nojo. Estava de camisa branca e gravata preta, como sempre. Encarou-nos, um a um, com seu Olhar do Juízo Final.

“Estão fedendo mais que incêndio em plantação de tabaco”, ele disse.

Ficamos calados. Eu estava me sentindo exageradamente mal, como se tivesse sido pego fugindo da cena de um homicídio. Será que ele ia ligar para os meus pais?

“Vejo vocês no Júri, amanhã às cinco”, ele disse e foi embora. Alasca se agachou, pegou o cigarro que tinha jogado no chão e começou a fumar de novo. O Águia deu meia-volta, o sexto sentido detectando Desobediência à Figura de Autoridade. Alasca largou o cigarro e o amassou com o sapato. O Águia balançou a cabeça e, embora provavelmente estivesse morrendo de raiva, juro por Deus que sorriu.

“Ele me ama”, Alasca me disse enquanto voltávamos para o círculo dos dormitórios. “Também ama vocês. Só que ama mais a escola. Esse é o problema. Ele acha que esses flagrantes são bons para

a escola e para nós. É a eterna luta, Gordo. Do Bom contra o Rebelde.”

“Você está filosofando demais para uma garota que acabou de ser pega”, eu disse.

“Às vezes, perdemos a batalha. Mas a farra sempre ganha a guerra.”

noventa e oito dias antes

O JÚRI ERA UMA DAS PECULIARIDADES de Culver Creek. Todo semestre, o corpo docente selecionava doze alunos, três de cada ano, para servirem de jurados. Eles deliberavam o castigo para os delitos menores, não puníveis com expulsão, desde sair depois do toque de recolher até fumar. Os mais comuns eram fumar e ser pego no quarto de uma menina depois das sete horas. A pessoa se apresentava diante dos jurados, fazia sua defesa e eles davam a sentença. O Águia servia de juiz e tinha o direito de invalidar as decisões do júri (exatamente como nos tribunais norte-americanos), mas quase nunca o fazia.

Fui para a Sala 4 logo depois da última aula – quarenta minutos adiantado, só para garantir. Sentei-me no corredor com as costas grudadas na parede e fiquei lendo o livro de história norte-americana (uma espécie de leitura terapêutica para mim, para ser sincero) até que Alasca apareceu e se sentou ao meu lado. Ela estava mordiscando o lábio inferior, então lhe perguntei se estava nervosa.

“Bem, estou. Mas aguenta firme e não diga nada, está bem?” advertiu. “Você não precisa ficar nervoso. Mas esta é a sétima vez que sou pega fumando. Não quero – que seja. Não quero chatear meu pai.”

“Por quê? Sua mãe fuma?”, perguntei.

“Parou de fumar”, disse Alasca. “Está tudo bem. Você vai ficar bem.”

Só comecei a me preocupar quando deram 16h50 e não havia sinal nem do Coronel nem do Takumi. Os membros do Júri fizeram fila para entrar na sala, passando por nós sem fazer contato visual – o que me fez sentir pior ainda. Lá pelas 16h56, todos os doze já tinham chegado, inclusive o Águia.

Às 16h58, o Coronel e o Takumi dobraram a esquina a caminho das salas de aula.

Eu nunca tinha visto nada parecido. Takumi usava uma camisa branca engomada e uma gravata vermelha com estampa preta; e o Coronel estava com sua camisa cor-de-rosa amassada e a gravata com desenhos de flamingos. Ambos caminhavam no mesmo passo, queixo para cima, ombros para trás, como se fossem heróis de algum filme de ação.

Ouvi Alasca suspirar: “O Coronel está fazendo sua Caminhada de Napoleão.”

“Está tudo bem”, o Coronel me disse. “Só não diga nada.”

Entramos – dois de nós usando gravatas e os outros dois usando camisetas velhas –, e o Águia deu uma firmíssima martelada no atril. Os jurados estavam sentados atrás de uma mesa retangular. Na frente da sala, perto da lousa, havia quatro cadeiras. Nós nos sentamos, e o Coronel explicou exatamente o que havia acontecido.

“Alasca e eu estávamos fumando perto do lago. Geralmente saímos do *campus* para fumar, mas dessa vez esquecemos. Sentimos muito. Não vai se repetir.”

Eu não sabia o que estava acontecendo. Mas sabia o que devia fazer: aguentar firme e não dizer nada. Um dos garotos se virou para o Takumi e perguntou: “E quanto a você e o Halter?”

“Estávamos apenas fazendo companhia”, Takumi disse, calmamente.

O garoto se virou para o Águia e perguntou: “O senhor viu alguém fumando?”

“Só Alasca, mas Chip saiu correndo, o que me pareceu uma covardia, assim como esse arzinho de espanto do Miles e do Takumi”, disse o Águia, lançando-me o Olhar do Juízo Final. Eu não

queria parecer culpado, mas não conseguia sustentar seu olhar, então baixei a cabeça e fitei minhas mãos.

O Coronel trincou os dentes, como se lhe custasse mentir. “É a verdade, senhor.”

O Águia nos perguntou se queríamos dizer mais alguma coisa, perguntou ao Júri se eles tinham mais perguntas e nos mandou sair.

“Que diabos aconteceu lá dentro?”, perguntei ao Takumi quando saímos.

“Aguenta firme, Gordo.”

Por que Alasca tivera de confessar? Logo ela que fora pega tantas vezes! Por que o Coronel, que, literalmente, não podia se dar ao luxo de se meter em encrenca? Por que não eu? Eu nunca tinha sido pego por nada. Eu tinha menos a perder. Passados alguns minutos, o Águia apareceu e fez sinal para que entrássemos.

“Alasca e Chip”, disse um dos membros do Júri, “vocês serão punidos com dez horas de trabalho forçado – lavando pratos no restaurante da escola –, e, se acontecer mais alguma coisa, seus pais serão notificados. Takumi e Miles, não há nada no regulamento que os proíba de ficar vendo alguém fumar, mas o Júri vai se lembrar dessa história se vocês violarem mais alguma regra. Entendidos?”

“Entendidos”, disse Alasca depressa, visivelmente aliviada. Quando eu estava saindo, o Águia me puxou pelo ombro. “Não abuse dos seus privilégios nesta escola, rapazinho, ou vai se arrepender.” Eu assenti com a cabeça.

oitenta e nove dias antes

“**ARRANJAMOS UMA NAMORADA PARA VOCÊ**”, Alasca me disse. No entanto, ninguém tinha me explicado o que acontecera no Júri na semana anterior. Não que o castigo tivesse afetado Alasca, que estava (1) no nosso quarto, de porta fechada, depois de escurecer, e (2) fumando um cigarro no sofá quase todo de espuma. Ela enfiou

uma toalha debaixo da porta e teimou que era seguro, mas eu estava preocupado – com o cigarro e com a “namorada”.

“Tudo o que eu tenho a fazer agora”, ela disse, “é convencer você a gostar da menina e convencer a menina a gostar de você.”

“Tarefas monumentais”, o Coronel salientou. Estava deitado no beliche de cima, lendo *Moby Dick* para a aula de Inglês.

“Como consegue ler e conversar ao mesmo tempo?”, perguntei.

“Bem, em geral, não consigo, mas nem o romance nem a conversa são intelectualmente desafiadores.”

“Eu gosto desse livro”, Alasca disse.

“Claro.” O Coronel sorriu e se debruçou para encarar Alasca do alto do beliche. “É claro que gosta. A grande baleia branca é uma metáfora para tudo. E você adora metáforas pretensiosas.”

Alasca não se perturbou. “Então, Gordo, o que você acha da ex-União Soviética?”

“Hmm... Sou a favor?”

Ela bateu as cinzas do cigarro dentro do meu porta-lápis. Eu quase protestei, mas do que ia adiantar? “Sabe aquela menina da aula de Pré-Cálculo”, Alasca perguntou, “que tem uma voz suave e diz ‘quéem’ em vez de ‘quem’? Sabe quem é?”

“Sei. A Lara. Ela sentou no meu colo a caminho do McDonald’s.”

“Isso. Eu lembro. Ela gostou. Você pensou que ela estivesse conversando discretamente sobre Pré-Cálculo, quando, na verdade, estava falando sobre fazer sexo com você. É por isso que precisa de mim.”

“Ela tem peitos lindos”, o Coronel disse, sem tirar os olhos da baleia.

“NÃO OBJETIFIQUE O CORPO DA MULHER!”, Alasca gritou.

Então ele olhou por sobre o livro. “Desculpa. Peitos firmes.”

“Dá no mesmo!”

“Claro que não!”, ele disse. “*Lindo* é uma opinião sobre o corpo de uma mulher. *Firme* é apenas uma observação. Eles *são* firmes. Meu Deus!”

“Você não toma jeito”, ela disse. “Mas, então, ela achou você bonitinho, Gordo.”

“Legal.”

“Não quer dizer nada. O problema é que, se você for falar com ela, vai começar com seus ‘hmm..., é..., hmm...’, e vai ser um desastre.”

“Não seja tão dura com ele”, o Coronel a interrompeu, como se fosse minha mãe. “Santo Deus, eu já entendi a anatomia das baleias. Podemos mudar de assunto, Sr. Melville?”

“O Jake vem para Birmingham neste fim de semana, e nós vamos sair num encontro triplo. Bem, triplo e meio, porque o Takumi também vai. Não haverá pressão. E você não terá como estragar tudo, porque estarei lá o tempo todo.”

“Tudo bem.”

“Eu vou com quem?”, o Coronel perguntou.

“Com sua namorada.”

“Certo”, ele disse, depois acrescentou, sério, “mas nós não nos damos muito bem.”

“Sexta-feira está bom? Ou vocês têm algum programa?” E eu ri, porque o Coronel e eu não tínhamos programa nem para aquela sexta-feira nem para nenhuma outra sexta-feira pelo resto de nossas vidas.

“Foi o que eu pensei.” Ela sorriu. “Agora temos de lavar louça no refeitório, Chipper. Santo Deus, os sacrifícios que eu faço!”

oitenta e sete dias antes

NOSSO ENCONTRO TRIPLO E MEIO começou bastante bem. Eu estava no quarto da Alasca – ela tinha concordado em passar minha camisa social verde para me arranjar uma namorada –, quando o Jake apareceu. Com cabelos loiros que lhe caíam até os ombros, a barba escura por fazer e o tipo de crueza fabricada que abria portas para uma carreira de modelo, Jake era tão bonito quanto um namorado

da Alasca deveria ser. Ela pulou em cima dele e o enlaçou com as pernas (*Deus me livre, eu pensei, se fazem isso comigo, eu caio*). Já tinha ouvido Alasca *falar* sobre beijos, mas até então nunca a tinha visto beijar ninguém. Enquanto ele a segurava pela cintura, ela se inclinou para a frente, os lábios fartos entreabertos, a cabeça ligeiramente inclinada, e envolveu a boca dele com tamanha paixão que tive a impressão de que deveria desviar os olhos, mas não consegui. Algum tempo depois, ela se soltou de Jake e nos apresentou.

“Esse aqui é o Gordo”, ela disse. Jake e eu nos cumprimentamos.

“Alasca me falou muito sobre você”, ele disse, com um leve sotaque sulista, um dos poucos que eu tinha ouvido fora do McDonald’s. “Espero que o encontro dê certo hoje à noite, não quero saber de ninguém roubando minha Alasca de mim.”

“Deus, como você é fofo!”, Alasca exclamou antes que eu pudesse responder e tornou a beijá-lo. “Desculpa.” Ela riu. “É que não consigo parar de beijar meu namorado.”

Vesti minha camisa verde recém-passada e nós três fomos buscar o Coronel, Sara, Lara e o Takumi, depois caminhamos até o ginásio para ver os Nada de Culver Creek enfrentar a Academia Harsden, uma escola particular situada em Mountain Brook, o subúrbio mais rico de Birmingham. O ódio que o Coronel sentia por Harsden queimava como que acendido por mil sóis. “Se tem uma coisa que eu odeio mais do que gente rica”, ele me disse enquanto caminhávamos para o ginásio, “é gente burra. E os alunos de Harsden são todos ricos, mas são burros demais para entrar na Creek.”

Como aquilo era para ser um encontro, fiz menção de me sentar ao lado de Lara, mas, no meio do caminho, quando ia passando por Alasca, que estava sentada, ela me olhou enfezada e deu uma batidinha no assento ao seu lado.

“Não posso me sentar com a minha namorada?”, perguntei.

“Gordo, um de nós tem sido mulher a vida inteira. O outro nem sequer pegou num peito. Se eu fosse você, eu me sentava, tentava parecer bonitinho e agir daquele seu jeito distraído, mas simpático.”

“Tudo bem. Você é que manda.”

Jake disse: “É mais ou menos isso que eu faço para agradar a Alasca.”

“Uau,” ela disse, “que fofo! Gordo, já falei que o Jake vai gravar um CD com a banda dele? Eles são ótimos. Uma mistura de Radiohead com Flamingo Lips. Já falei que fui eu que inventei o nome da banda, Hickman Territory?” Então, vendo que estava sendo boba: “Já falei que o Jake é bem-dotado? Parece um cavalo e é ótimo amante, muito atencioso.”

“Santo Deus!” Jake sorriu. “Não na frente das crianças!”

Eu queria odiar o Jake, é claro, mas, vendo os dois juntos, sorrindo e se agarrando, não consegui odiá-lo. Eu queria *ser* ele, mas tentei lembrar que aparentemente eu estava saindo com outra pessoa.

A estrela do time da Academia Harsden era um gigante de dois metros de altura chamado Travis Eastman, conhecido por todos – acho que até mesmo por sua mãe – como o Animal. Quando o Animal foi bater seu primeiro lance livre, o Coronel não conseguiu refrear os palavrões enquanto o provocava:

“O papai dá tudo para você, seu caipira burro, filho de uma égua!”

O Animal se virou para a arquibancada com um olhar feroz, e o Coronel quase foi expulso depois do primeiro lance livre, mas sorriu para o juiz e disse: “Desculpa!”

“Pretendo ficar mais tempo hoje”, ele me disse.

No começo do segundo quarto, nosso time estava perdendo por uma margem surpreendentemente pequena de apenas vinte e quatro pontos, e o Animal estava na linha do lance livre, quando o Coronel olhou para o Takumi e disse: “É agora!”. Takumi e o Coronel se levantaram quando a multidão fez “*Shhh...*”

“Não sei se é a melhor hora para falar isso”, o Coronel gritou para o Animal, “mas meu amigo Takumi deu uns beijos na sua garota antes de a partida começar.”

Todo o mundo riu – exceto o Animal, que se afastou da linha do lance livre e caminhou lentamente em nossa direção, com a bola.

“Acho melhor fugirmos”, Takumi disse.

“Ainda não fui expulso”, o Coronel replicou.

“Até mais!”, Takumi disse.

Não sei se estava nervoso com o encontro (embora houvesse cinco pessoas entre mim e minha garota em potencial) ou se fiquei com medo da encarada do Animal, mas, por alguma razão, saí correndo atrás do Takumi. Pensei que estivéssemos a salvo quando começamos a contornar a arquibancada, então, com o canto do olho, reparei num objeto laranja cilíndrico que ficava cada vez maior, como um sol se aproximando rapidamente.

Pensei: *Acho que isso vai bater em mim.*

Pensei: *Deveria me abaixar.*

E, no meio-tempo entre o pensar e o agir, a bola me atingiu em cheio na lateral do rosto. Desabei, batendo com a nuca no piso do ginásio. Depois me levantei como se não estivesse machucado e saí.

O orgulho me pusera de pé no ginásio, mas, do lado de fora, precisei me sentar.

“Sofri uma concussão”, anunciei, absolutamente convicto do diagnóstico.

“Não foi nada”, disse Takumi, correndo de volta até mim. “Vamos dar o fora daqui antes que nos matem.”

“Sinto muito”, eu disse, “mas não consigo me levantar. Sofri uma leve concussão.”

Lara veio correndo e se sentou ao meu lado.

“Você está béém?”

“Sofri uma concussão”, eu disse.

Takumi se sentou ao meu lado e me olhou bem nos olhos. “Você se lembra do que aconteceu?”

“O Animal me acertou.”

“Você sabe onde está?”

“Num encontro triplo e meio.”

“Não foi nada”, Takumi disse. “Vamos embora.”

Então me inclinei para a frente e vomitei na calça da Lara. Não sei dizer por que não me inclinei para trás ou para os lados. Inclinei-

me para a frente e virei a boca na direção de sua calça *jeans* – que dava um belo contorno à sua bunda, o tipo de calça que as garotas usam quando querem ficar bonitas sem mostrar que estão querendo ficar bonitas –, e vomitei bem em cima dela.

A maior parte era pasta de amendoim, mas também havia um pouco de milho.

“Ai!”, ela disse, surpresa e ligeiramente horrorizada.

“Ai, meu Deus!”, eu disse. “Desculpa.”

“Acho que você pode ter sofrido uma concussão”, Takumi disse, como se ninguém tivesse sugerido essa possibilidade.

“Estou com náusea e tontura, sintomas geralmente associados a uma concussão leve”, eu declamei. Enquanto Takumi procurava o Águia, e Lara trocava de calça, eu fiquei estirado na calçada de concreto. O Águia voltou com a enfermeira da escola, que me diagnosticou – olha só – com uma concussão. Takumi me levou de carro para o hospital, com a Lara no assento do carona, e, pelo que me disseram, eu fiquei deitado no banco de trás, repetindo lentamente as palavras “Os Sintomas. Geralmente. Associados. A. Uma. Concussão.”

Então passei meu encontro no hospital, com a Lara e o Takumi. O médico me disse para ir para casa e dormir bastante, mas com a garantia de ter alguém me acordando a cada quatro horas.

Eu me lembro vagamente de Lara no vão da porta, o quarto escuro e o corredor lá fora escuro, e tudo bastante suave e confortável, mas girando, o mundo pulsando como se levado pela cadência pesada de um baixo. Lembro-me vagamente de vê-la sorrindo para mim do vão da porta, um sorriso de garota, cintilante e ambíguo, que parecia insinuar uma resposta para a pergunta, mas não dizia nada. *A pergunta*, aquela que todos nós fazemos desde que as garotas deixaram de ser nojentas, a pergunta que é simples demais para não ser complicada: ela gosta de mim ou *gosta* de mim? Então caí no sono, profunda e eternamente, e dormi até as três da manhã, quando o Coronel me acordou.

“Ela me dispensou”, ele disse.

“Eu sofri uma concussão”, repliquei.

“Eu sei. É por isso que estou acordando você. *Videogame?*”

“Tudo bem. Mas tira o som. Minha cabeça está doendo.”

“Pois é. Fiquei sabendo que você vomitou na Lara. Muito delicado da sua parte.”

“Dispensou?”, perguntei enquanto me levantava.

“Dispensou. A Sara foi dizer para o Jake que eu tinha tesão pela Alasca. Com essas mesmas palavras. Nessa mesma ordem. Então respondi: ‘Nada aqui me dá tesão. Se quiser, eu mostro.’ A Sara não deve ter acreditado, porque depois veio dizer que sabia que eu tinha ficado com a Alasca. O que, diga-se de passagem, é ridículo. Eu. Não. Sou. Infiel”, ele disse, então o jogo finalmente terminou de carregar, e eu o ouvi com a atenção dividida enquanto dirigia um *stockcar* em círculos numa pista silenciosa de Talladega. As curvas me deixaram enjoado, mas continuei firme.

“Então Alasca ficou furiosa.” Ele tentou imitar a voz dela, deixando-a mais estridente e dolorosa do que realmente era. “As mulheres não devem falar mal umas das outras! Você violou o acordo sagrado entre nós, mulheres! Como é que vamos conseguir vencer a opressão paternalista se ficarmos nos apunhalando pelas costas?!’, e assim por diante. Então o Jake tentou defender a namorada, dizendo que ela jamais faria uma coisa dessas, porque o amava. E eu falei, ‘Não liguem para a Sara. Ela gosta de provocar as pessoas.’ Então ela me perguntou por que eu não a defendia, e, entre uma coisa e outra, acabei dizendo que ela era uma vadia maluca, o que não pegou muito bem. A garçonete nos expulsou e, no estacionamento, ela disse: ‘Já estou cheia.’ Eu a encarei, e ela disse: ‘Nosso namoro terminou.’”

Ele parou de falar. “Nosso namoro terminou?”, repeti. Eu ainda estava um pouco tonto e achei melhor repetir suas últimas frases para que ele não parasse de falar.

“Terminou, terminou. Sabe o que é pior, Gordo? Eu realmente gosto dela. Bem, não nos entendemos. Não combinamos. Mesmo assim. Eu disse que a amava. E perdi a virgindade com ela.”

“Perdeu a virgindade com ela?”

“Perdi, perdi. Não sabia? Ela é a única garota com quem eu transei. Sei lá. Mesmo brigando, tipo, noventa e quatro por cento do tempo, eu fiquei bastante triste.”

“Ficou triste?”

“Mais do que eu imaginava. Mas era inevitável, eu sabia. Não tivemos um só momento agradável durante todo o ano. Desde que chegamos aqui, não fizemos outra coisa senão nos agredir. Eu deveria ter sido mais carinhoso com ela. Sei lá. É triste.”

“É triste”, repeti.

“Bem, é ridículo sentir falta de uma pessoa com quem você não se dá muito bem. Mas, sei lá, era bom, sabe, ter alguém com quem brigar.”

“Brigar”, eu disse, depois, confuso e mal conseguindo dirigir, acrescentei, “é divertido.”

“É. Não sei o que vou fazer agora. Eu gostava dela. Sou doido, Gordo. O que eu faço?”

“Você pode brigar comigo”, eu disse. Pousei o controle, estiquei-me no sofá de espuma e caí no sono. Enquanto adormecia, ouvi o Coronel dizer: “Não consigo me zangar com você, seu magricela filho da mãe.”

oitenta e quatro dias antes

TRÊS DIAS DEPOIS, começou a chover. Minha cabeça ainda doía, e o galo enorme em minha têmpora esquerda parecia, segundo o Coronel, um pequeno mapa topográfico da Macedônia, que eu nem mesmo sabia que era um lugar, quanto mais um país. E, naquela segunda-feira, quando o Coronel e eu passamos pela grama crestada e meio morta, eu disse: “Acho que uma chuvinha agora até cairia bem.” O Coronel olhou para as nuvens baixas que se aproximavam rápida e ameaçadoramente e disse: “Caia bem ou caia mal, o fato é que vai cair.”

E caiu mesmo. Vinte minutos depois de a aula de Francês ter começado, Madame O'Malley estava conjugando o verbo *acreditar* no presente do subjuntivo. *Que je croie. Que tu croies. Qu'il ou qu'elle croie.* Repetia aquilo como se não fosse um verbo, mas um mantra budista. *Que je croie; que tu croies; qu'il ou qu'elle croie.* Que coisa mais engraçada para se ficar repetindo: que eu acredite, que tu acredites, que ele ou ela acredite. *Acredite no quê?* eu pensei, e foi então que a chuva desabou.

Caiu tudo de uma vez, numa torrente furiosa, como se Deus estivesse zangado e quisesse nos afogar. Choveu dia após dia, noite após noite. Chovia tanto que eu não conseguia ver o outro lado do círculo dos dormitórios, tanto que o lago transbordou e as ondas alcançaram o balanço, engolindo metade da praia falsa. No terceiro dia, abandonei o guarda-chuva e passei a andar permanentemente molhado. No refeitório, tudo tinha um gostinho ácido de chuva, tudo fedia a mofo. E os banhos, ironicamente, saíram de moda, porque, em toda parte, caía água com maior pressão do que nos chuveiros.

A chuva nos transformou em ermitãos. O Coronel passava seus períodos livres no sofá, lendo o almanaque e jogando *videogame*, e eu não sabia se ele queria conversar ou se queria ficar sentado na espuma branca, bebendo sua ambrosia em paz.

Depois do desastre que foi nosso "encontro", achei melhor não falar com Lara em hipótese alguma, com medo de ter outra concussão e/ou crise de vômito, embora, no dia seguinte, na aula de Pré-Cálculo, ela tivesse dito: "Nu, não foi nada."

Eu só via Alasca nas salas de aula, mas não conseguia falar com ela, porque ela sempre chegava atrasada e saía logo ao primeiro sinal, antes mesmo que eu tivesse tempo de tampar a caneta e fechar o caderno. Na quinta noite de chuva, entrei no refeitório disposto a voltar para o quarto e comer um bufrito requentado se Alasca e/ou o Takumi não estivessem jantando (eu sabia perfeitamente bem que o Coronel estaria no Quarto 43, bebendo leite com vodca). Mas fiquei, porque vi Alasca sentada sozinha, de costas para uma janela riscada pela chuva. Peguei um prato imenso de quiabo frito e me sentei ao seu lado.

“Meu Deus, parece que isso não tem fim”, comentei, referindo-me à chuva.

“Verdade”, ela disse. Seus cabelos molhados pendiam da cabeça, cobrindo a maior parte de seu rosto. Eu comi um pouco. Ela comeu um pouco.

“Como tem passado?”, perguntei por fim.

“Não estou a fim de responder a perguntas que comecem com ‘por que’, ‘o que’, ‘como’, ‘onde’, ‘quando’.”

“Por quê?”

“Isso se encaixa na categoria dos ‘por quês’. No momento, não estou respondendo aos ‘por quês’. Acho melhor eu me mandar.” Ela franziu os lábios e expirou lentamente, como o Coronel fazia para soprar fumaça.

“O que...” Parei e reformulei a pergunta. “Eu fiz alguma coisa?”, perguntei.

Ela pegou a bandeja e se levantou antes de responder. “Claro que não, queridinho.”

Aquele seu “queridinho” não soou romântico, soou condescendente, como se um garoto em meio à sua primeira tempestade bíblica não fosse capaz de compreender seus problemas – fossem eles quais fossem. Tive de me conter para não revirar os olhos, se bem que ela não teria visto, pois já estava saindo do refeitório, com os cabelos pingando sobre a face.

setenta e seis dias antes

“**ESTOU ME SENTINDO MELHOR**”, o Coronel me disse no nono dia de dilúvio quando se sentou ao meu lado na aula de Religião. “Tive uma epifania. Você se lembra da noite em que ela apareceu no nosso quarto agindo como uma megera?”

“Sei. A ópera. A gravata dos flamingos.”

“Isso.”

“O que é que tem?”, perguntei.

O Coronel pegou um caderno de espiral, cuja parte de cima estava ensopada, e o folheou até encontrar o que queria. “Foi essa a epifania. Ela é uma megera.”

Hyde entrou mancando, apoiando-se pesadamente numa bengala preta. Enquanto se dirigia para a cadeira, observou com rispidez: “Meu joelho ruim está me dizendo que poderemos ter chuva. Então, estejam avisados.” Parou de costas para a cadeira, inclinou-se cuidadosamente para trás, agarrou-a com as duas mãos e desabou em cima dela com uma série de respirações rápidas e curtas – como uma mulher em trabalho de parto.

“Hoje, vocês receberão o tema do trabalho deste semestre, embora falte mais de dois meses para sua entrega. Bem, estou certo de que todos leram a ementa do curso tantas vezes e com tamanha seriedade que já a sabem de cor.” Ele deu um sorriso afetado. “Mas um aviso: o trabalho vale metade da nota final. Sugiro que o levem a sério. Agora, voltando para o tal Jesus...”

Hyde falou sobre o Evangelho de São Marcos, que eu só fui ler na véspera, embora fosse cristão. Eu acho. Tinha ido à igreja bem umas quatro vezes. O que era mais do que eu tinha ido a uma mesquita ou a uma sinagoga.

Ele nos disse que, no século primeiro, por volta dos tempos de Jesus, algumas moedas traziam a efígie do Imperador Otávio Augusto com a legenda *Filius Dei*. Filho de Deus.

“Estamos falando”, ele disse, “de um tempo em que os deuses tinham filhos. Não era tão estranho ser filho de Deus. O milagre, pelo menos naquela época e naquele lugar, foi que Jesus – um camponês, um judeu, um ninguém, num império governado exclusivamente por alguéns – era filho *daquele* Deus, o deus todo-poderoso de Abraão e Moisés. O filho daquele Deus não era imperador. Nem mesmo rabino. Era um camponês judeu. Um ninguém, como nós. Enquanto Buda era especial porque tinha rejeitado a riqueza e o berço nobre para buscar a iluminação, Jesus era especial porque não tinha nem uma coisa nem outra. No entanto, recebeu o título supremo de Rei dos Reis. Acabou a aula. Peguem uma cópia do trabalho final antes de saírem. Não apanhem

chuva.” Quando me levantei para sair, reparei que Alasca não tinha ido à aula – como ela podia faltar à única aula que prestava? Peguei uma cópia do trabalho final para ela.

O trabalho final: *Qual é a pergunta mais importante que os seres humanos devem responder? Escolha a pergunta com sabedoria e analise como o islamismo, o budismo e o cristianismo tentam respondê-la.*

“Espero que o pobre-diabo viva até o fim do ano”, o Coronel disse enquanto corríamos na chuva a caminho do dormitório, “porque estou começando a gostar da aula dele. Para você, qual é a pergunta mais importante?”

Depois de correr por trinta segundos, eu já estava sem fôlego. “O que... acontece... depois... da morte?”

“Credo, Gordo, é melhor você parar de correr, senão vai acabar descobrindo.” Ele diminuiu o passo, e começamos a caminhar. “Minha pergunta é: por que as pessoas boas se dão mal na vida? Puta que pariu, aquela é a Alasca?”

Ela estava correndo a toda velocidade em nossa direção, e estava gritando, mas, por causa da chuva pesada, só consegui ouvi-la quando ela chegou perto o bastante para vermos as gotas de saliva saltando de sua boca.

“Aqueles desgraçados inundaram meu quarto. Estragaram bem uns cem livros! Foram aqueles malditos Guerreiros de Dia de Semana. Coronel, eles fizeram um buraco na calha, conectaram um tubo de plástico ao buraco e puxaram o tubo até o meu quarto, passando pela janela dos fundos! Molhou tudo! Meu exemplar de *O general no seu labirinto* está completamente *estragado*.”

“Bem pensado”, o Coronel disse, como um artista admirando o trabalho do outro.

“Ei!”, ela gritou.

“Desculpa. Não se preocupe”, ele disse. “Deus punirá os perversos. E, antes que Ele os puna, nós os puniremos.”

sessenta e sete dias antes

ENTÃO FOI ASSIM QUE NOÉ SE SENTIU. Você acorda certa manhã, descobre que Deus o perdoou e anda por aí o dia inteiro com os olhos semicerrados porque se esqueceu de como a luz do sol parece quente e áspera contra sua pele, como quando seu pai lhe dá um beijo na bochecha, e o mundo está mais limpo e mais claro do que nunca, como se o estado do Alabama tivesse sido posto na máquina de lavar por duas semanas com sabão extraforte para realçar as cores, e agora a grama está mais verde e os bufritos mais crocantes.

Fiquei junto às salas de aula naquela tarde, deitado de bruços no gramado que acabara de secar, lendo um livro de história norte-americana – a Guerra Civil, ou, como era conhecida nestas partes, a Guerra da Secessão. Para mim, era a guerra que havia gerado milhares de boas últimas palavras. Como o General Albert Sidney Johnston, que, quando perguntado se estava ferido, respondeu: “Estou, e temo muitíssimo.” Ou Robert E. Lee, que, anos depois da guerra, num último delírio, ordenou: “Ataquem a tenda!”

Estava tentando descobrir por que os generais confederados tinham últimas palavras melhores do que os da união (as últimas palavras de Ulysses S. Grant: “Água!”, eram tolas), quando reparei que uma sombra bloqueava meu sol. Fazia tempo que eu não via uma sombra, então fui pego de surpresa. Olhei para cima.

“Trouxe um lanchinho para você”, Takumi disse, largando uma bolacha com recheio de aveia em cima do livro.

“Muito nutritivo.” Eu sorri.

“Tem aveia. Tem bolacha. Tem recheio. É uma verdadeira pirâmide alimentar.”

“Com certeza.”

Então ficamos sem assunto. Takumi entendia de *hip-hop*; eu entendia de últimas palavras e de *videogame*. Por fim, eu disse: “Não acredito que eles inundaram o quarto da Alasca.”

“Pois é”, Takumi disse, sem olhar para mim. “Bem, eles tiveram seus motivos. Você precisa entender que os trotes dela são famosos até mesmo entre os Guerreiros de Dia de Semana. Ano passado,

pusemos um fusquinha dentro da biblioteca. Então, se eles tiverem motivo, vão querer fazer melhor. E foi bastante engenhoso desviar água da calha para o quarto dela. Não *quero* admirar o trabalho deles, mas...”

Eu ri. “Pois é. Essa vai ser difícil de superar.” Desembrulhei a bolacha e dei uma mordida. Hmmm... Centenas de deliciosas calorias por mordida.

“Ela vai pensar em alguma coisa”, ele disse. “Gordo... hmm, Gordo, você precisa de um cigarro. Vamos dar uma volta.”

Fiquei apreensivo, como sempre ficava quando diziam meu nome duas vezes com um *hmm* no meio. Mas me levantei, deixando os livros para trás, e fui para o Buraco do Fumo. Porém, quando chegamos à orla da floresta, Takumi se desviou da estrada de terra. “Não sei se o Buraco é seguro”, ele disse. *Não é seguro?* pensei. *Não há lugar mais seguro em todo o planeta para se fumar um cigarro.* Então o segui pelo espesso matagal, serpeando entre os pinheiros e os arbustos ameaçadores e espinhosos que batiam na altura do peito. Depois de um tempo, ele se sentou. Coloquei a mão em concha sobre o isqueiro para proteger o fogo de uma leve brisa e acendi o cigarro.

“Alasca dedurou Marya”, ele disse. “Então é possível que o Águia também saiba sobre o Buraco do Fumo. Não tenho certeza. Nunca o vi por aquelas bandas, mas quem sabe o que ela andou dizendo?”

“Espera, como sabe disso?” perguntei, incrédulo.

“Bem, primeiro, porque eu deduzi. Segundo, porque a própria Alasca admitiu. Ela me contou pelo menos parte da verdade, que, ano passado, no final do semestre, ela tentou fugir do *campus* à noite, depois que as luzes se apagaram, para visitar o Jake, mas acabou sendo pega. Disse que foi cautelosa – desligando os faróis e esse tipo de coisa –, mas o Águia viu, e ela tinha uma garrafa de vinho no carro, então estava ferrada. Ele a levou para casa e lhe fez a proposta que faz a todos que são pegos com as calças na mão. ‘Ou você me conta tudo o que sabe ou vai para o quarto e começa a fazer as malas.’ Alasca não aguentou e contou para ele que a Marya e o Paul estavam em seu quarto, bêbados. Quem sabe o que mais ela

disse? O Águia a perdoou, pois precisa de delatores para fazer seu trabalho. Ela foi esperta, sabe, por ter dedurado a amiga, porque ninguém pensa em culpar os amigos. É por isso que o Coronel está tão certo de que foram Kevin e seus capangas. Eu também não acreditei que pudesse ser Alasca até me dar conta de que ela era a única no *campus* que sabia o que Marya estava fazendo. Eu suspeitei do colega de quarto de Paul, Longwell – um dos que fizeram o negócio da sereia sem-braços com você. Mas ele estava em casa naquela noite. A tia dele tinha morrido. Eu verifiquei o obituário no jornal. Hollis Burnis Chase – que nome para uma mulher.”

“Então o Coronel não sabe?”, perguntei, chocado. Apaguei o cigarro, mesmo não tendo terminado de fumar, porque estava nervoso. Nunca pensei que Alasca pudesse ser desleal. Temperamental, sim. Mas não uma delatora.

“Não, nem pode saber, senão vai ficar furioso e inventar um jeito de ela ser expulsa. Caso não tenha percebido, o Coronel leva muito a sério esse negócio de honra e lealdade.”

“Já percebi.”

Takumi balançou a cabeça, empurrou as folhas e começou a cavoucar a terra úmida. “Só não entendo por que ela teria tanto medo de ser expulsa. Eu odiaria ser expulso, mas temos de pagar por nossos pecados. Eu não entendo.”

“Bem, ela obviamente não gosta de casa.”

“É verdade. Ela só vai para casa no Natal e nas férias de verão, quando o Jake está lá. Que seja. Eu também não gosto de ir para casa. Mas jamais daria esse prazer ao Águia.” Takumi pegou um galho e o enfiou na terra vermelha e fofa. “Olha só, Gordo. Não sei que tipo de trote o Coronel e a Alasca vão inventar para acabar com essa história, mas tenho certeza de que nós dois seremos chamados. Só estou dizendo isso para você saber onde está se metendo, porque, se for pego, é melhor assumir a culpa.”

Pensei na Flórida, em meus “colegas de escola”, e percebi pela primeira vez quanto sentiria falta da Creek se fosse expulso. Olhei

para o galho do Takumi, aprumado na lama, e disse: “Juro por Deus que não vou dedurar ninguém.”

Então finalmente compreendi o que tinha acontecido no Júri naquele dia: Alasca quisera nos mostrar que podíamos confiar nela. A sobrevivência em Culver Creek dependia da lealdade, e ela tinha ignorado isso. Mas, depois, ela me mostrara o caminho. Ela e o Coronel levaram a culpa por mim para me mostrar como se fazia, para que eu soubesse o que fazer quando chegasse a hora.

cinquenta e oito dias antes

CERCA DE UMA SEMANA DEPOIS, acordei às 6h30 – às 6h30 de um sábado! – ao doce som da Decapitação: uma rajada de metralhadora erguendo-se acima da música de fundo grave e violenta do jogo de *videogame*. Rolei na cama e vi Alasca puxando o controle para cima e para a direita, como se aquilo fosse ajudá-la a escapar de uma morte certa. Eu tinha o mesmo mau hábito.

“Não pode ao menos tirar o som?”

“*Gordo*”, ela disse, num tom de falsa condescendência, “o som é parte integral da experiência estética desse jogo. Tirar o som de Decapitação seria como ler apenas algumas palavras de *Jane Eyre*. O Coronel acordou faz quase meia hora. Parecia um pouco irritado, então o mandei dormir no meu quarto.”

“Acho que vou me juntar a ele”, eu disse, um pouco grogue.

Em vez de responder à minha pergunta, ela disse: “Fiquei sabendo que o Takumi contou para você. É verdade, eu dedurei a Marya. Sinto muito. Nunca mais farei isso. Agora, mudando de assunto, você vai ficar aqui para o feriado de Ação de Graças? Eu vou.”

Eu me virei para o outro lado e puxei o edredom sobre a cabeça. Não sabia se podia confiar nela e já estava cansado de sua imprevisibilidade – fria num dia, meiga no outro; irresistivelmente sedutora num momento e insuportavelmente chata no outro. Eu

preferia o Coronel: pelo menos, quando ele ficava mal-humorado, ele tinha um *motivo*.

Como que para atestar o poder do cansaço, consegui cair no sono rapidamente, convencido de que os grunhidos que os monstros soltavam ao morrer e os guinchos felizes que Alasca dava quando os matava faziam parte de uma música de fundo com a qual sonhar. Acordei meia hora depois, quando ela se sentou em minha cama, encostando a bunda em meus quadris. *Sua calcinha, seu jeans, o edredom, minha calça canelada, minha cueca samba-canção entre nós*, pensei. Cinco camadas, e, no entanto, eu sentia o apreensivo calor do toque – um pálido reflexo do que seria um beijo na boca, mas um reflexo mesmo assim. E, no “quase” do momento, eu me importei pelo menos bastante. Não sabia se gostava dela, tampouco confiava nela, mas me importava o bastante para tentar descobrir. Ela em minha cama, os olhos verdes arregalados, olhando para mim. O eterno mistério de seu sorriso malicioso, quase matreiro. Cinco camadas entre nós.

Ela continuou falando como se eu não tivesse cochilado. “O Jake precisa estudar. Por isso não me quer em Nashville. Diz que não consegue se concentrar na musicologia comigo por perto. Eu disse que vestiria uma *burka*, mas ele não se convenceu, por isso vou ficar aqui.”

“Sinto muito.”

“Ah, não sinta. Tenho muito o que fazer. Tenho um trote para planejar. Mas acho que você também deveria ficar aqui. Aliás, escrevi uma lista.”

“Uma lista?”

Ela enfiou a mão no bolso e tirou uma folha de caderno dobrada muitas vezes e começou a lê-la.

“Por que o Gordo deve ficar na Creek para o feriado de Ação de Graças: Uma lista, por Alasca Young.”

“Um. Como o Gordo é um aluno muito dedicado, ele se privou de várias experiências maravilhosas em Culver Creek, entre elas, (a) beber vinho comigo na floresta, (b) acordar cedo no sábado para tomar café da manhã no McIncomível, depois passear de carro pelo

centro de Birmingham, fumando e conversando sobre como o centro de Birmingham é patético e sem-graça e (c) sair tarde da noite e deitar no campo de futebol coberto de orvalho para ler o livro de Kurt Vonnegut à luz da lua.”

“*Dois*. Embora ela não se sobressaia em atividades como ensinar o idioma francês, Madame O’Malley faz um peru recheado delicioso e convida todos os alunos que ficam no *campus* para uma ceia de Ação de Graças. Geralmente somos eu e o aluno coreano de intercâmbio, mas, que seja. O Gordo seria bem-vindo.”

“*Três*. Eu não pensei no *três*, mas acho que o *um* e o *dois* já estão de bom tamanho.”

O *um* e o *dois* pareciam interessantes, mas, acima de tudo, eu gostava da ideia de ficarmos só eu e ela no *campus*. “Vou falar com meus pais assim que eles acordarem”, eu disse. Ela insistiu para que eu me sentasse no sofá, e jogamos Decapitação até que, de repente, ela largou o controle no chão.

“Não estou dando mole, só estou cansada”, ela disse, chutando os chinelos para ficar descalça. Colocou os pés em cima do sofá de espuma, metendo-os atrás de uma almofada, e chegou para o lado para deitar a cabeça em meu colo. Minha calça canelada. Minha cueca samba-canção. Duas camadas. Eu sentia o calor de sua face em minha coxa.

Às vezes é aceitável, e até conveniente, ter uma ereção quando o rosto de alguém está próximo do seu pênis.

Mas não era o caso.

Então parei de pensar nas camadas e no calor, desliguei o som da tevê e me concentrei na Decapitação.

Às 8h30, desliguei o *videogame* e saí de debaixo da Alasca. Ela se deitou de barriga para cima, ainda dormindo, as estrias da minha calça canelada impressas em suas bochechas.

Geralmente eu só ligava para os meus pais nas tardes de domingo, por isso, quando minha mãe reconheceu minha voz, ficou instantaneamente sobressaltada. “O que houve, Miles? Você está bem?”

“Estou bem, mãe. Se não houver problema, acho que gostaria de passar o feriado aqui. Vários amigos vão ficar” – mentira – “e tenho um monte de dever de casa para fazer” – dupla mentira. “Eu não sabia que o ensino aqui era tão puxado, mãe” – verdade.

“Ah, querido. Estamos morrendo de saudades. E tem um peru de Ação de Graças enorme esperando por você. Com bastante molho doce.”

Eu odiava molho doce, mas, por algum motivo, minha mãe continuava achando que molho doce era minha comida predileta, embora todo ano eu lhe pedisse educadamente para não colocar no meu prato.

“Eu sei, mãe. Também estou com saudades. Mas quero tirar boas notas” – verdade – “além do mais, é muito bom ter... *amigos*” – verdade.

Eu sabia que o truque do amigo ia funcionar com ela, e funcionou mesmo. Então recebi sua autorização para ficar no *campus* depois de ter prometido que passaria o Natal inteirinho com eles (como se eu tivesse outros planos).

Passei a manhã no computador, dividido entre os trabalhos de Religião e de Inglês. Só teríamos duas semanas de aula antes das provas – a seguinte e a semana depois do feriado –, e, até o momento, a melhor resposta que eu tinha para “O que acontece depois da morte?” era “Bem, alguma coisa. Talvez”.

O Coronel chegou ao meio-dia, o livro grosso de matemática hiperavançada aninhado em seus braços.

“Acabei de falar com a Sara”, ele disse.

“Como foi?”

“Horrível. Ela disse que ainda me amava. Santo Deus, ‘eu te amo’ é o que leva as pessoas a se separarem. Se você diz ‘Eu te amo’ quando está atravessando o círculo dos dormitórios, vai acabar dizendo ‘Eu te amo’ quando estiver transando. Eu saí correndo.” Eu ri. Ele puxou o caderno e se sentou em sua escrivaninha.

“Pois é. Ah! Ah! Alasca disse que você vai ficar aqui.”

“Pois é. Mas estou me sentindo um pouco culpado por ter dispensado meus pais.”

“Pois é. Olha só, se vai ficar aqui porque está querendo dar uns beijos na Alasca, acho melhor mudar de ideia. Se ela se desprender do porto seguro que é o Jake, Deus tenha piedade de nós. Vai ser um tremendo drama. E eu procuro evitar o drama.”

“Não quero dar uns beijos nela.”

“Espera.” Ele pegou um lápis e começou a rabiscar com entusiasmo numa folha de papel, como se tivesse feito uma importante descoberta matemática, depois se voltou para mim. “Pelos meus cálculos, você é um mentiroso.”

Ele estava certo. Como eu podia abandonar meus pais, que eram bons para mim e pagavam por minha educação em Culver Creek, meus pais que sempre me amaram, só porque eu poderia estar gostando de uma garota comprometida? Como podia deixá-los sozinhos com um peru gigante e um monte de molho doce intragável? Então, no terceiro período livre, decidi ligar para minha mãe no trabalho. Queria que ela me dissesse que não haveria problema, eu acho, em passar o feriado no colégio interno, mas certamente não esperava que ela me dissesse, numa voz empolgada, que ela e o papai tinham comprado passagens para a Inglaterra logo depois de eu ter ligado e que planejavam passar o feriado num castelo numa segunda lua de mel.

“Ah, isso... isso é ótimo”, eu disse, depois me apressei em desligar, pois não queria que ela ouvisse meu choro. Acho que, de seu quarto, Alasca me ouviu bater o telefone com força, pois abriu a porta quando eu me virei para sair, mas não disse nada. Atravessei o círculo dos dormitórios, passei pelo campo de futebol e abri caminho pela mata até chegar à margem do regato de Culver Creek, descendo pela ponte. Sentei a bunda numa pedra, meti os pés na terra escura do leito do rio e fiquei jogando pedrinhas nas águas claras e rasas. Elas caíam com um *plop* surdo que se perdia no murmúrio da corrente enquanto o regato dançava para o sul. As folhas e as agulhas dos pinheiros filtravam a luz do sol como num rendado, sarapintando o chão de sombras.

Pensei na única coisa da qual eu tinha saudades em casa: o escritório do meu pai com suas prateleiras embutidas que iam do chão ao teto, arqueando-se sob o peso de grossas biografias, e a poltrona de couro preto que era suficientemente desconfortável para evitar que eu me sentisse sonolento durante a leitura. Era ridículo ficar irritado daquele jeito. *Eu* tinha dispensado *meus pais*, mas parecia o contrário. Mesmo assim, sentia saudades de casa, não restavam dúvidas.

Olhei para cima, na direção da ponte, e vi Alasca sentada numa das cadeiras azuis do Buraco do Fumo, e, embora tivesse achado que queria ficar sozinho, peguei-me dizendo: "Ei!" Depois, como ela não ouviu, gritei: "Alasca!" Ela veio até mim.

"Estava procurando por você", ela disse e se sentou ao meu lado.

"Oi."

"Sinto muito, Gordo", ela disse e me abraçou, descansando a cabeça em meu ombro. Ocorreu-me que ela nem mesmo sabia o que tinha acontecido, mas soava sincera.

"O que vou fazer?"

"Vai passar o feriado de Ação de Graças comigo, seu bobinho. Aqui."

"Por que você não vai para casa nos feriados?", perguntei.

"Tenho medo de fantasmas, Gordo. E minha casa está cheia deles."

cinquenta e dois dias antes

DEPOIS QUE TODOS FORAM EMBORA; depois que a mãe do Coronel apareceu num carrinho velho, e ele atirou o gigantesco saco de lona no banco de trás; depois que ele disse: "Não gosto de despedidas. Então nos vemos semana que vem. Não façam nada que eu não faria"; depois que uma limusine verde chegou para buscar a Lara, que era filha do único médico de uma pequena cidade no sul do Alabama; depois que eu me juntei à Alasca numa viagem de carro

do tipo não-preciso-de-freio-porcaria-nenhuma para deixar o Takumi no aeroporto; depois que o *campus* se acalmou e ficou estranhamente silencioso, sem portas batendo, sem música, sem risos, sem gritos; depois de tudo isso:

Fomos para o campo de futebol, e ela me conduziu até a orla da floresta, o mesmo caminho que eu tinha percorrido antes de ser jogado no lago. Sob a lua cheia, ela projetava uma sombra, e era possível ver na sombra a curva que lhe descia da cintura aos quadris. Depois de um tempo, ela parou e disse: "Cave."

Eu disse: "Cavar?", e ela: "Cave", e nós ficamos nisso por um tempo, até que eu me ajoelhei e comecei a cavar a terra fofa e escura da orla da floresta. Não tinha cavado muito fundo, quando meus dedos arranharam uma superfície de vidro. Cavei em torno do vidro até desenterrar uma garrafa de vinho tinto – acho que se chamava Strawberry Hill, porque, tirando o gosto de vinagre e xarope, talvez tivesse gosto de morango.

"Tenho uma identidade falsa", ela disse, "mas não presta. Sempre que vou à loja de bebidas, tento comprar dez garrafas desse negócio e um pouco de vodca para o Coronel. Quando dá certo, fico abastecida por um semestre. Dou a vodca para o Coronel, e ele a guarda em seu esconderijo, e eu pego as minhas garrafas e enterro."

"Porque você é uma pirata", eu disse.

"Argh! Sim, capitão. Mas o consumo de vinho aumentou um pouco neste semestre, então vamos ter de sair amanhã. Esta é a última garrafa." Ela girou a tampa – não era de rolha –, tomou um gole e me passou. "Não se preocupe com o Águia hoje", ela disse. "Ele está feliz porque todo o mundo foi embora. Provavelmente está se masturbando pela primeira vez no mês."

Hesitei por um instante, preocupado, segurando a garrafa pelo gargalo, mas queria confiar nela, e confiei. Tomei um gole pequeno. Assim que engoli, senti meu corpo rejeitar o gosto pungente de xarope. O líquido voltou pelo esôfago, eu engoli com força e, bem, consegui. Estava bebendo no *campus*.

Ficamos deitados na relva alta entre o campo de futebol e a floresta, passando a garrafa de um para o outro, inclinando a cabeça para beber aquele vinho que voltava pelo esôfago. Como prometido na lista, ela trouxe um livro de Kurt Vonnegut, *Cat's Cradle* [O berço do gato], e o leu em voz alta para mim, sua voz suave misturando-se ao coaxar das rãs e aos gafanhotos que pousavam suavemente ao redor de nós. Eu não ouvia suas palavras, apenas a cadência de sua voz. Ela obviamente tinha lido o livro muitas vezes, por isso lia sem tropeços e com confiança. Eu conseguia escutar seu sorriso durante a leitura, e o som daquele sorriso me fez pensar que eu poderia gostar mais dos romances se Alasca Young os lesse para mim. Depois de um tempo, ela pousou o livro. Eu me sentia aquecido, mas não bêbado, com a garrafa entre nós dois – meu peito tocando a garrafa e o peito dela tocando a garrafa, mas sem tocarmos um no outro. Então ela colocou a mão na minha perna.

Com a mão logo acima do meu joelho, espalmada e macia no meu *jeans*, o dedo indicador descrevendo círculos lentos e preguiçosos que se dirigiam para a parte interna da minha coxa e apenas uma camada entre nós, meu Deus, como eu a desejei. Deitado ali, entre as folhas de grama, altas e plácidas, debaixo de um céu bêbado de estrelas, ouvindo o som quase inaudível da sua respiração compassada e o silêncio ruidoso das rãs, dos gafanhotos, dos carros distantes que atravessavam eternamente a I-65, pensei pela primeira vez em como seria maravilhoso dizer as Três Palavrinhas. Eu tomava coragem para dizê-las enquanto fitava a noite estrelada, tentando me convencer de que ela sentia o mesmo, que sua mão, tão viva e real em minha coxa, era mais do que um simples joguinho. Dane-se a Lara, dane-se o Jake. É verdade, Alasca Young. Eu te amo, e o que mais importa? Meus lábios se abriram para falar e, antes mesmo que eu pudesse exalar as palavras, ela disse: "Não é nem a vida nem a morte, o labirinto."

"Hmm..., certo. É o quê?"

"O sofrimento", ela disse. "São as coisas erradas que fazemos e as coisas erradas que fazem conosco. Essa é a questão. Bolívar

estava falando sobre a dor, não sobre a vida e a morte. Como saímos deste labirinto de sofrimento?"

"O que aconteceu?", perguntei. E senti a ausência de sua mão em minha coxa.

"Não aconteceu nada. Mas o sofrimento está sempre presente, Gordo. Dever de casa, malária, o namorado que mora longe quando você tem um garoto bonito deitado ao seu lado. O sofrimento é universal. É a única coisa que preocupa tanto os budistas quanto os cristãos e os muçulmanos."

Eu me virei para ela. "Ah! Então talvez a aula do Sr. Hyde não seja uma completa idiotice."

Nós dois estávamos deitados de lado. Ela sorriu, nossos narizes quase se encostando, meus olhos fitos nos dela, sem piscar, suas faces coradas por causa do vinho. Abri a boca novamente, mas dessa vez não foi para falar. Ela ergueu a mão e colocou o dedo em meus lábios, dizendo: "Shh. Shh. Não estrague tudo."

cinquenta e um dias antes

NA MANHÃ SEGUINTE, não ouvi a batida na porta, se é que houve alguma batida.

Ouvi apenas: "Levanta! Sabe que horas são?!"

Olhei para o relógio e resmunguei, um pouco sonolento: "Sete e trinta e seis."

"Não, Gordo. É hora de farrear! Temos apenas sete dias antes de todo o mundo voltar. Meu Deus, não sabe como é bom ter você aqui. Passei o último feriado fazendo uma vela gigante com a cera das outras velas. Foi muito chato. Contei os quadrados do teto. Oitenta e quatro de pé e sessenta e sete deitados. Isso é que é sofrimento! Foi uma verdadeira tortura."

"Estou cansado. Eu..." eu disse, então ela me interrompeu.

"Pobrezinho do Gordo. Pobrezinho. Quer que eu me deite na cama para dormir abraçadinha com você?"

“Não é má ideia...”

“NÃO! LEVANTA! AGORA!”

Ela me levou para os fundos de uma ala de quartos dos Guerreiros de Dia de Semana – do 50 ao 59 – e parou em frente a uma das janelas, colocou as mãos espalmadas contra o vidro e o empurrou para cima até a janela se abrir pela metade, depois entrou. Eu fui atrás.

“O que você está vendo, Gordo?”

Eu estava vendo um quarto – as mesmas paredes de bloco de concreto, as mesmas dimensões e até o mesmo *layout* do meu. O sofá deles era melhor, e eles tinham uma mesa de centro de verdade em vez de uma MESA DE CENTRO. Havia dois pôsteres na parede. Um deles continha um monte de notas de cem dólares com a legenda O PRIMEIRO MILHÃO É O MAIS DIFÍCIL. Na parede oposta, um pôster de uma Ferrari vermelha. “Bom..., estou vendo um quarto.”

“Você não está prestando atenção, Gordo. Quando entro no seu quarto, vejo dois garotos que adoram *videogame*. Quando entro no meu quarto, vejo uma garota que gosta de ler.” Ela caminhou até o sofá e pegou uma garrafa plástica de refrigerante. “Olha só”, ela disse, e eu vi que a garrafa estava cheia pela metade de um líquido marrom nojento. Fumo. “Eles mascam fumo. E obviamente não são muito higiênicos. Então será que vão se importar se mijarmos nas suas escovas de dente? Não vão se importar tanto assim. Preste atenção. Do que é que eles gostam?”

“Eles gostam de dinheiro”, eu disse, apontando para o pôster. Ela jogou as mãos para o alto, irritada.

“*Todos eles* gostam de dinheiro, Gordo. Tudo bem. Entre no banheiro e me diga o que você está vendo.”

Aquele joguinho estava me deixando um pouco irritado, mas eu entrei no banheiro enquanto ela se sentava no sofá convidativo. No chuveiro havia mais de dez garrafas de xampu e de condicionador. No armário de remédios, encontrei um frasco cilíndrico de algo chamado Rewind. Tirei a tampa – o gel azulado tinha cheiro de flores e de álcool etílico, como um salão de cabeleireiros para gente

rica. (Debaixo da pia, encontrei um tubo de vaselina tão grande que só poderia ter uma serventia, mas não quis pensar naquilo.) Voltei para o quarto e disse, empolgado, "Eles gostam do cabelo."

"*Isso!*", ela gritou. "Dê uma olhada no beliche de cima."

Perigosamente equilibrado na estreita cabeceira de madeira, um tubo de gel STAYWET. "O Kevin não *acorda* simplesmente com o cabelo espetado e uma cara de sono, Gordo. Ele se *esforça* para ficar assim. Ele ama o cabelo. E eles deixam os produtos *aqui*, Gordo, porque têm mais em casa. Todos esses garotos são iguais. Sabe por quê?"

"Porque querem compensar o pinto pequeno?", perguntei.

"Ah! Ah! Não. Isso eles fazem agindo como machões e babacas. Eles gostam do cabelo porque não têm inteligência suficiente para gostar de algo mais interessante. Então vamos atingi-los onde dói: no couro cabeludo."

"Hum... OK", eu disse, não sabendo ao certo como pregar uma peça no couro cabeludo de alguém.

Ela se levantou, foi até a janela e se inclinou sobre o parapeito, rebolando para sair. "Não olha para minha bunda!", ela disse, então olhei para a bunda dela, alargando-se sinuosamente da cintura fina até as coxas. Ela deu uma cambalhota com certa facilidade e saiu pela janela semiaberta. Eu preferi adotar o método do "pé primeiro", passando os pés para o outro lado, inclinando o corpo para trás e escorregando pela abertura estreita.

"Certo", ela disse. "Isso foi estranho. Vamos para o Buraco do Fumo."

Ela arrastou os pés pela estrada de saibro até a ponte, querendo levantar poeira, como se estivesse andando de esqui. Enquanto descíamos a quase trilha da ponte até o Buraco, ela se virou para trás, olhou para mim e parou. "Onde será que se compra tinta azul industrial?", disse, então segurou o galho para eu passar.

quarenta e nove dias antes

DOIS DIAS DEPOIS, numa segunda-feira – na realidade, o primeiro dia de feriado –, passei a manhã fazendo o trabalho final de Religião e, à tarde, fui até o quarto da Alasca. Ela estava lendo na cama.

“Auden”, ela anunciou. “Quais foram as últimas palavras dele?”

“Não sei. Não conheço.”

“Não *conhece*? Pobre menino sem instrução. Olha só esse verso.” Caminhei até ela e olhei para seu dedo indicador. “Amai teu vizinho pervertido / Com vosso pervertido coração”, li em voz alta.

“Legalzinho”, eu disse.

“Legalzinho? Claro, bufritos são gostosinhos. Sexo é divertidinho. O sol é quentinho. Santo Deus, esse verso diz tanto sobre o amor e a tristeza – é perfeito.”

“É.” Eu assenti com a cabeça, pouco entusiasmado.

“Você não tem jeito. Quer procurar uns filmes pornô?”

“Quê?”

“Não podemos amar nossos vizinhos se não soubermos quão pervertidos são seus corações. Não gosta de pornografia?”, ela perguntou, sorrindo.

“Hmm”, eu respondi. A verdade era que eu não tinha visto muitos filmes pornô, mas a perspectiva de ver filmes pornô com a Alasca parecia interessante.

Começamos pela ala dos quartos 50 e tantos e fomos caminhando em sentido anti-horário em torno do hexágono – ela abria as janelas dos fundos enquanto eu ficava de olho para ver se alguém estava passando.

Eu nunca tinha entrado em tantos quartos diferentes. Depois de três meses, eu conhecia a maioria das pessoas, mas não falava com todo o mundo – apenas com o Coronel, a Alasca e o Takumi, para ser sincero. Mas, em poucas horas, passei a conhecer meus colegas muitíssimo bem.

Wilson Carbod, o segundo pivô dos Nada de Culver Creek, tinha hemorroidas ou, pelo menos, escondia pomada para hemorroidas na última gaveta da escrivaninha. Chandra Kilers, uma garota bonitinha

que amava Matemática de maneira um tanto excessiva e que Alasca acreditava ser a futura namorada do Coronel, colecionava bonecas. Não estou dizendo que ela colecionava bonecas quando tinha, tipo, cinco anos. Ela colecionava agora – dezenas delas –, negras, brancas, latinas e asiáticas, meninos e meninas, bebês vestidos como fazendeiros e futuros empresários. Holly Moser, uma Guerreira de Dia de Semana do último ano, gostava de se desenhar nua com carvão, representando suas formas rotundas em toda sua largura.

Fiquei impressionado com a quantidade de pessoas que tinham bebida. Até mesmo os Guerreiros de Dia de Semana, que podiam ir para casa todo fim de semana, escondiam cerveja e outras bebidas nos lugares mais diversos, desde assentos de banheiro até cestos de roupa suja.

“Meu Deus, eu podia ter dedurado qualquer um”, Alasca disse suavemente enquanto desenterrava uma garrafa de um litro de cerveja Magnum do *closet* de Longwell Chase. E eu me perguntei por que ela tinha escolhido o Paul e a Marya.

Alasca descobria os segredos dos outros tão depressa que fui levado a pensar que ela já tinha feito isso antes, mas ela não poderia ter sabido os segredos de Ruth e Margot Blowker, as gêmeas do nono ano que eram novas na escola e que pareciam se socializar ainda menos do que eu. Depois de entrar pela estreita abertura da janela, Alasca fez uma busca rápida e foi até a estante de livros. Olhou para o móvel, desconfiada, puxou a Bíblia do Rei Jaime e ali atrás – uma garrafa roxa de Maui Wowie.

“Bem pensado”, ela disse, girando a tampa. Bebeu tudo em dois longos tragos, depois anunciou: “Maui WOWIE!”

“Vão saber que você entrou no quarto!”, eu gritei.

Seus olhos se arregalaram. “Ah! Você está certo, Gordo!”, ela disse. “Elas vão reclamar com o Águia que alguém roubou o vinho delas!” Depois riu e se inclinou para sair pela janela, atirando a garrafa vazia no gramado.

Encontramos muitas revistas pornográficas enfiadas desleixadamente entre a armação das camas e os colchões. Hank Walsten, por sinal, gostava de algo mais do que basquete e

maconha: gostava da revista *Peitões*. Mas só fomos achar um filme no Quarto 32, ocupado por dois garotos do Mississippi chamados Joe e Marcus. Eles estavam em nossa aula de Religião e, às vezes, almoçavam comigo e com o Coronel, mas eu não os conhecia muito bem.

Alasca leu a etiqueta na fita. “*As putas de Madison*. Que maravilha.”

Fomos correndo para a sala de tevê, fechamos as persianas, trancamos a porta e colocamos o filme. Começava com uma mulher de pé numa ponte, as pernas abertas enquanto um cara lhe fazia sexo oral. Acho que não havia tempo para diálogos. Quando eles começaram a transar, Alasca mostrou toda a sua justificada indignação. “Eles simplesmente não conseguem fazer com que o sexo pareça divertido para a mulher. A garota é só um objeto. Olha! Olha!”

Eu já estava olhando, é claro. Uma mulher ficou de quatro, apoiando-se nas mãos e nos joelhos, enquanto um cara se ajoelhava atrás dela. Ela dizia “Isso! Isso!” e gemia, e, embora seus olhos, castanhos e vazios, traíssem sua falta de interesse, eu não pude deixar de tomar algumas notas mentais. *Colocar as mãos nos ombros dela*, observei. *Rápido, mas não rápido demais para não acabar rápido demais. Procurar gemer pouco.*

Como se estivesse lendo meus pensamentos, ela disse, “Credo, Gordo. Nunca seja tão violento. Isso *machuca*. Parece uma tortura. E ela não faz nada? Fica ali parada, só levando? Isso não é um *homem* e uma *mulher*. É um pênis e uma vagina. Onde está o erotismo? Onde estão os beijos?”

“Dada a posição deles, acho que não vão conseguir se beijar”, observei.

“É o que estou tentando dizer. Essa posição em si já é uma objetificação. Ele nem consegue olhar para o rosto dela! É isso o que acontece com algumas mulheres, Gordo. Essa mulher é filha de alguém. É isso o que vocês nos obrigam a fazer por dinheiro.”

“Bem, *eu não*”, disse defensivamente. “Tecnicamente, não. Eu não faço filmes pornográficos.”

“Olhe nos meus olhos e diga que isso não deixa você excitado, Gordo.”

Não consegui. Ela riu. Era normal, ela disse. Saudável. Então se levantou, parou a fita, deitou de bruços no sofá e resmungou alguma coisa.

“O que disse?”, perguntei caminhando até ela e colocando a mão nas suas costas, na região da cintura.

“Shhhh”, ela disse. “Estou dormindo.”

Simples assim. De centenas de quilômetros por hora ao repouso em um nanossegundo. Eu queria tanto me deitar ao lado dela, envolvê-la em meus braços e adormecer. Não queria transar, como nos filmes. Nem mesmo fazer amor. Só queria dormir com ela, no sentido mais inocente da palavra. Mas eu não tinha coragem. Ela tinha namorado. Eu era um palerma. Ela era apaixonante. Eu era irremediavelmente sem graça. Ela era infinitamente fascinante. Então voltei para o meu quarto e desabei no beliche de baixo, pensando que, se as pessoas fossem chuva, eu era garoa e ela, um furacão.

quarenta e sete dias antes

NA MANHÃ DE QUARTA-FEIRA, acordei de nariz entupido num Alabama inteiramente novo, frio e glacial. Caminhando para o quarto da Alasca naquela manhã, ouvi o som dos meus passos sobre a relva congelada. Não se via muita geada na Flórida – e eu fiquei pulando para lá e para cá como se estivesse pisando em plástico-bolha. *Crunch. Crunch. Crunch.*

Alasca estava segurando uma vela verde de cabeça para baixo, deixando a cera pingar num grande vulcão artesanal que me fez lembrar um pouco os vulcões coloridos das feiras de ciência do primário.

“Não se queime”, eu disse, quando a chama avançou em seus dedos.

“Veloz, a noite cai. E o hoje já se esvai”, ela disse sem olhar para cima.

“Calma, já li isso em algum lugar. É o quê?”, perguntei.

Com uma das mãos, ela pegou um livro e o jogou em minha direção. Ele caiu aos meus pés. “Um poema”, ela disse. “Edna St. Vincent Millay. Já leu? Não acredito.”

“É, eu li a biografia dela! Mas não achei as últimas palavras. Fiquei um pouco chateado. Só lembro que ela transava bastante.”

“Eu sei. Ela é minha heroína”, Alasca disse, sem o menor indício de ironia. Eu ri, mas ela não percebeu. “Não acha estranho você gostar mais das biografias de grandes autores do que de suas obras?”

“Não!”, eu disse. “Só porque eram pessoas interessantes não significa que vou querer ouvir suas digressões sobre a noite.”

“É sobre a depressão, idiota”

“Juuuuura? Uau, então é *brilhante*”, eu respondi.

Ela suspirou. “Tudo bem. A neve pode estar caindo sobre o inverno da minha desesperança, mas pelo menos não me faltará sarcasmo. Sente-se logo.”

Eu me sentei ao seu lado, com as pernas dobradas, nossos joelhos se tocando. Ela procurou debaixo da cama e puxou um caixote de plástico com dezenas de velas. Olhou para elas por um tempo, depois me deu uma branca e um isqueiro.

Passamos a manhã inteira queimando velas – vez ou outra usando o fogo para acender um cigarro depois de termos enfiado uma toalha embaixo da porta. No decorrer de duas horas, conseguimos acrescentar mais 30 cm ao topo do seu vulcão multicolorido.

“Monte St. Helens em ácido”, ela disse.

Às 12h30, depois de eu ter implorado a Alasca por duas horas que me levasse ao McDonald’s, ela decidiu que estava na hora de almoçarmos. Enquanto caminhávamos para o estacionamento dos alunos, vi um carro estranho. Um carrinho verde. Compacto. *Já vi esse carro antes*, eu pensei. *Onde foi que o vi?* Então o Coronel abriu a porta e veio correndo em nossa direção.

Em vez de dizer, sei lá, um “oi” ou algo assim, o Coronel começou: “Fui instruído a convidá-los para a ceia de Ação de Graças na Mansão dos Martin.”

Alasca sussurrou alguma coisa no meu ouvido, eu ri e disse: “Fui instruído a aceitar o convite.” Então fomos até a casa do Águia, avisamos que iríamos comer peru à moda do *trailer* e nos mandamos no carrinho compacto.

O Coronel nos explicou o que estava acontecendo durante a viagem de duas horas para o sul do estado. Eu estava apertado no banco de trás, porque Alasca tinha pedido para ir na frente. Ela costumava dirigir, mas, quando ia de carona, se transformava na rainha do vou na frente. A mãe do Coronel ficou sabendo que estávamos no *campus* e não quis nos deixar sem família no Dia de Ação de Graças. O Coronel parecia não gostar muito da ideia: “Vou ser obrigado a dormir numa tenda”, ele disse, e eu ri.

Acontece que ele realmente foi obrigado a dormir numa tenda, uma tenda verde e oval com capacidade para quatro pessoas, mas uma tenda. A mãe do Coronel morava num *trailer* daqueles que vemos acoplado a uma caminhonete grande, só que esse *trailer* em especial era velho e estava caindo aos pedaços sobre blocos de cimento e provavelmente se desintegraria se fosse enganchado numa caminhonete. Nem mesmo era grande. Eu mal podia ficar de pé sem bater a cabeça no teto. Agora entendia por que o Coronel era baixinho – ele não podia se dar ao luxo de ser mais alto. O lugar, na verdade, era um quarto comprido com uma cama de casal na frente, uma quitinete e uma sala nos fundos com tevê e um banheiro pequeno – tão pequeno que, para tomar banho, você praticamente tinha de se sentar no assento da privada.

“É humilde”, disse a mãe do Coronel (“Senhora Martin, não. Dolores!”). “Mas vamos comer um peru do tamanho dessa cozinha.” Ela riu. O Coronel nos conduziu para fora do *trailer* logo depois do

pequeno *tour*, e fomos dar uma volta pela vizinhança, uma série de *trailers* e casas ambulantes em ruazinhas de terra.

“Bem, agora vocês entendem por que odeio gente rica.” E eu realmente entendia. Não conseguia imaginar como o Coronel tinha crescido num lugar tão apertado. O *trailer* era menor do que nosso quarto no *campus*. Eu não sabia o que dizer para fazê-lo se sentir menos envergonhado.

“Sinto muito se isso deixa vocês constrangidos”, ele disse. “Sei que deve ser estranho.”

“Não para mim”, Alasca disse.

“Bem, você não mora num *trailer*”, ele replicou.

“Pobre é pobre.”

“Acho que você tem razão”, admitiu o Coronel.

Alasca resolveu ajudar Dolores com a ceia. Disse que era sexista deixar todo o trabalho a cargo das mulheres, mas preferia comer uma boa comida sexista a ver os garotos prepararem uma gororoba qualquer. Então o Coronel e eu ficamos sentados no sofá dobrável da sala, jogando *videogame* e conversando sobre a escola.

“Terminei o trabalho de Religião. Mas quero passá-lo para o seu computador quando eu voltar. Acho que estou pronto para as provas finais, o que é ótimo, porque temos um pê-tro-pê-te pê-pra pê-pre-pê-gar.”

“Sua mãe não entende a língua do ‘pê’?” Abri um sorriso afetado.

“Se eu falar rápido, não. Cala a boca.”

A comida – quiabo frito, espiga de milho cozida no vapor e peru assado, tão macio que escorregava pelo garfo de plástico – me fez acreditar que Dolores cozinhava melhor do que a própria Maureen. O quiabo de Culver Creek era menos gorduroso e mais crocante. Dolores também era a mãe mais divertida que eu tinha conhecido. Quando Alasca lhe perguntou qual era sua profissão, ela sorriu e disse: “Sou engenheira culinária. Ou seja, sou cozinheira na Casa do Waffle.”

“A melhor Casa do Waffle no Alabama.” O Coronel sorriu, então me dei conta de que ele não tinha vergonha da mãe coisíssima nenhuma. Só estava com medo de que fôssemos agir como garotos esnobes e arrogantes de colégio interno. Eu tinha achado aquela sua história de odeio-os-ricos um tanto exagerada até vê-lo com a mãe. Era o mesmo Coronel, só que num contexto diferente. Aquilo me fez querer conhecer a família da Alasca também.

Dolores insistiu para que Alasca e eu dividíssemos a cama, e foi dormir no sofá dobrável, enquanto o Coronel passava a noite na tenda. Tive medo de que ele passasse frio, mas, francamente, não estava disposto a abrir mão da minha cama com Alasca. Usamos cobertores separados, e havia sempre, pelo menos, três camadas entre nós, mas as possibilidades me deixaram acordado a noite inteira.

quarenta e seis dias antes

FOI A MELHOR CEIA DE AÇÃO DE GRAÇAS que eu tive. Nada daquela porcaria de molho doce. Apenas fatias enormes de carne branca e úmida, milho, vagem com gordura de *bacon* suficiente para deixar aquele gostinho de “faz mal”, biscoitos com molho, torta de abóbora para sobremesa e um copo de vinho tinto para cada um. “Acho”, disse Dolores, “que o certo é comer peru com vinho branco. Bem, não sei o que vocês pensam disso, mas estou me lixando.”

Nós rimos e bebemos nosso vinho, e, depois da refeição, cada um listou suas graças ao Senhor. Minha família costumava agradecer antes da ceia, rezávamos com pressa para poder comer logo. Então, nós quatro, sentados à mesa, compartilhamos nossas bênçãos. Eu agradei por ter boa comida, boa companhia e um lugar onde passar o Dia de Ação de Graças. “Um *trailer*, pelo menos”, brincou Dolores.

“Certo, minha vez”, Alasca disse. “Agradeço por ter tido o melhor Dia de Ação de Graças dos últimos dez anos.”

Então o Coronel disse: "Agradeço unicamente por você, mãe." Dolores riu e disse: "O barato sai caro, filho."

Eu não tinha certeza do que aquilo queria dizer, mas acho que era algo como: "Isso não é adequado", porque logo depois o Coronel expandiu sua lista e agradeceu por ser "o ser humano mais inteligente daquele *camping*". Dolores riu e disse: "Melhorou."

E quanto a Dolores? Ela agradeceu pelo fato de a linha telefônica estar funcionando novamente, por seu filho estar em casa, por Alasca tê-la ajudado a cozinhar, por eu ter mantido o Coronel fora da cozinha, por ter segurança e bons colegas em seu emprego, por ter um lugar para dormir e um filho que a amava.

Na viagem de volta, sentei-me no banco traseiro do carro compacto – e foi assim que me veio aquele pensamento: de casa – e adormeci com o acalanto monótono da rodovia.

quarenta e quatro dias antes

"A '**COOSA LIQUORS**' SOBREVIVE de vender cigarros para os adolescentes e bebida para os adultos." Alasca olhava para mim com uma frequência desconcertante enquanto dirigia, ainda mais porque estávamos serpeando por uma estrada estreita e montanhosa ao sul da escola, a caminho da mencionada "Coosa Liquors". Era um sábado, nosso último dia de feriado, tirando o domingo, quando já não fazíamos nada. "E isso é ótimo para quem quer comprar cigarros. Mas nós queremos bebida. E eles pedem carteira de identidade. A minha não presta. Mas vou dar um jeito, vou jogar um charme." Ela dobrou à esquerda de repente, sem fazer sinal, e entrou numa ruazinha que descia precipitosamente uma montanha ladeada por campos. Segurou firme no volante enquanto ganhávamos velocidade e esperou até o último momento para pisar no freio, pouco antes de chegarmos ao pé da montanha. Havia um posto de gasolina desativado, todo feito de madeira, com um letreiro no telhado onde se lia: **COOSA LIQUORS: SUPRIMOS SUAS NECESSIDADES ESPIRITUAIS.**

Alasca entrou sozinha e saiu cinco minutos depois, carregando dois pesados sacos de papel cheios de contrabando: três pacotes de cigarro, cinco garrafas de vinho e uma de vodca para o Coronel. Voltando para casa, ela disse: "Gosta daquelas piadas de toc toc?"

"Piadas de 'toc toc'?", perguntei. "Está falando daquelas, tipo, 'toc toc'?"

"Quem é?", Alasca respondeu.

"É o Eto."

"Que Eto?"

"Está bem, não falo mais", eu disse por fim. Muito bobo.

"Genial", disse Alasca. "Eu tenho uma. Você começa."

"Certo. Toc toc."

"Entra", disse Alasca.

Olhei para ela, confuso. Depois de um tempo, entendi a brincadeira. Acabei rindo.

"Minha mãe me contava essa quando eu tinha 6 anos. Ainda é engraçada."

Então tomei um susto quando ela entrou aos prantos em meu quarto. Eu estava terminando o trabalho final de Inglês. Ela se sentou no sofá, cada respiração uma mistura de gemido e grito.

"Desculpa", disse, soluçando. Um fio de meleca lhe escorria pelo queixo.

"O que aconteceu?", perguntei. Ela pegou um lenço de papel na MESA DE CENTRO e enxugou o rosto.

"Não...", ela começou, então lhe veio um soluço grande como um *tsunami*, um choro tão estridente e infantil que me assustava. Eu me levantei e me sentei ao seu lado, passando o braço por cima de seus ombros. Ela se afastou, enfiando o rosto na espuma do sofá. "Não entendo por que sempre estrago tudo", ela disse.

"Está falando da Marya? Acho que você ficou com medo, só isso."

"O medo não é uma boa desculpa!", ela gritou para o sofá. "O medo é a desculpa que todo o mundo sempre dá!" Eu não sabia quem era "todo o mundo", nem quanto tempo era "sempre", e, por

mais que quisesse entender suas ambiguidades, aquela vagueza estava me deixando irritado.

“Por que ficou chateada com isso *agora*?”

“Não é só isso. É tudo. Eu contei para o Coronel no carro.” Ela deu uma fungada, mas os soluços pareciam ter acabado. “Enquanto você estava dormindo no banco de trás. E ele disse que ia ficar de olho em mim durante os trotes. Que não podia confiar em mim. Eu não o culpo. Nem mesmo eu confio em mim.”

“Você foi corajosa de contar para ele”, eu disse.

“Eu sou corajosa, mas não quando interessa. Você vai... hmm.” Ela se aprumou no sofá e chegou perto de mim. Eu levantei o braço quando ela desabou em meu peito magricela e recomeçou a chorar. Eu me sentia mal por ela, mas era sua culpa. Ela não *precisava* ter dedurado.

“Não quero te deixar chateada, mas acho que você deveria nos contar por que dedurou a Marya. Estava com medo de voltar para casa ou algo assim?”

Ela se afastou de mim e me lançou um Olhar do Juízo Final que teria deixado o Águia orgulhoso. Tive a impressão de que ela me odiava ou que odiava minha pergunta, ou os dois, então ela desviou o olhar para o campo de futebol, do outro lado da janela, e disse: “Não tenho casa.”

“Bem, você *tem* uma família”, eu disse, recuando. Ela tinha me falado sobre a mãe naquela mesma manhã. Como é que a garota da piada tinha se tornado aquela coisa chorosa em apenas três horas?

Ainda me encarando ela disse: “Eu tento ser corajosa, sabe. Mesmo assim, continuo estragando tudo. Continuo fazendo merda.”

“Tudo bem”, eu lhe disse. “Está tudo bem”. Eu não fazia ideia do que ela estava falando. Uma noção vaga atrás da outra.

“Sabe quem você ama, Gordo? Você ama a garota que faz você rir, que vê filmes pornográficos e bebe com você. Mas não a garota tristonha, mal-humorada, maluca.”

E ela tinha razão.

natal

TODO O MUNDO FOI PARA CASA no Natal – até mesmo Alasca, supostamente sem-teto.

Ganhei um relógio bacana e uma carteira nova – “presentes de adulto”, meu pai disse. Mas, naquelas duas semanas, passei a maior parte do tempo estudando. O feriado de Natal não era bem um feriado, visto que era nossa última oportunidade de estudar para as provas, que começavam logo no primeiro dia de volta às aulas. Eu me concentrei em Pré-Cálculo e Biologia, as duas aulas que mais ameaçavam meu objetivo de ficar com média 9,0. Queria poder dizer que estava estudando porque gostava de aprender, mas a verdade era que estava estudando para conseguir entrar numa boa faculdade.

Então passei a maior parte do tempo trancafiado em casa, estudando Pré-Cálculo e decorando o vocabulário de francês, exatamente como fazia antes de Culver Creek. As duas semanas em casa não foram muito diferentes do resto de minha vida antes do colégio interno, exceto que meus pais estavam mais emotivos. Falaram pouco sobre a viagem para Londres. Acho que se sentiam um pouco culpados. É um fato curioso a respeito dos pais. Embora eu tivesse querido passar o feriado de Ação de Graças em Culver Creek, eles se sentiam culpados. É bom ter pessoas que se sintam culpadas por sua causa, se bem que eu poderia ter sobrevivido sem a choradeira de minha mãe nos jantares de família. Ela dizia: “Sou uma péssima mãe”, e meu pai logo retrucava: “Não é, não.”

Até meu pai, que é afetuoso, mas não chega a ser *emotivo*, disse gratuitamente, enquanto assistíamos aos *Simpsons*, que sentia minha falta. Eu disse que também sentia falta dele, e era verdade. Mais ou menos. Eles são tão bonzinhos. Fomos ao cinema e jogamos baralho, e eu lhes contei as histórias que podia contar sem horrorizá-los, e eles ouviram. Meu pai, que era corretor de imóveis e lia mais livros do que qualquer pessoa que eu conhecia, conversou comigo sobre os livros da aula de Inglês, e minha mãe insistiu para que eu me sentasse na cozinha e aprendesse a fazer pratos simples – macarrão instantâneo e ovos mexidos – agora que eu estava

“morando sozinho”. Mesmo que eu não tivesse, ou quisesse, uma cozinha. Mesmo que não gostasse de ovos *nem* de macarrão instantâneo. Quando chegou o Ano Novo, eu já tinha aprendido a preparar tanto um quanto o outro.

Quando fui embora, os dois choraram, minha mãe explicando que era apenas a síndrome do ninho vazio, que estavam muito orgulhosos de mim e que me amavam muito. Aquilo me deu um nó na garganta, e eu esqueci o feriado de Ação de Graças. Eu tinha uma família.

oito dias antes

ALASCA ENTROU NO QUARTO logo no primeiro dia de aula e se sentou ao lado do Coronel no sofá. O Coronel estava ocupado, trabalhando, tentando bater um recorde de velocidade terrestre no Playstation.

Ela não disse que tinha sentido nossa falta, nem que estava feliz em nos ver. Simplesmente olhou para o sofá e disse: “Vocês estão mesmo precisando de um sofá novo.”

“Por favor, não fale comigo enquanto eu estiver dirigindo”, disse o Coronel. “Santo Deus! Será que o Jeff Gordon também precisa aturar esse tipo de coisa?”

“Tive uma ideia”, ela disse. “É ótima. Precisamos de um pré-trote que coincida com um ataque a Kevin e seus capangas.”

Eu estava sentado na cama, estudando para a prova de história norte-americana do dia seguinte.

“Pré-trote?”, perguntei.

“Um trote com o propósito de induzir a reitoria a uma falsa sensação de segurança”, o Coronel respondeu, irritado com a distração. “Depois do pré-trote, o Águia vai pensar que os calouros já fizeram seu trote e vai estar desprevenido quando a coisa realmente acontecer.” Todo ano, os calouros e os veteranos faziam alguma espécie de trote – geralmente, algo bobo, como soltar rojões no círculo dos dormitórios às cinco da manhã de um domingo.

“Todo ano fazem pré-trote?”, perguntei.

“Não, seu idiota”, disse o Coronel. “Se todo ano fizessem pré-trote, o Águia ia esperar *dois* trotes. A última vez que isso aconteceu foi em... hmm. Ah, sim: 1987. Na época, o pré-trote foi cortar a energia do *campus*, e o trote verdadeiro foi colocar quinhentos grilos vivos no sistema de aquecimento das salas de aula. As vezes, ainda é possível ouvir o canto deles.”

“Sua técnica de memorização mecânica é *muito* impressionante”, eu disse.

“Vocês dois parecem um casal de velhinhos.” Alasca abriu um sorriso. “É meio assustador.”

“Você não sabe nem a metade”, o Coronel disse. “Precisa ver o garoto à noite, querendo subir na minha cama.”

“Ei!”

“Vamos voltar para o assunto!”, disse Alasca. “Pré-trote. Este fim de semana, já que é lua nova. Vamos ficar no celeiro. Você, eu, o Coronel, Takumi e, como presente para o meu Gordinho, Lara Buterskaya.”

“A mesma Lara Buterskaya que eu cobri de vômito?”

“Ela só é um pouco tímida. Mas ainda gosta de você.” Alasca riu. “O vômito fez você parecer... Vulnerável.”

“Peitos bem firmes”, o Coronel disse. “Está levando o Takumi para mim?”

“Você precisa ficar solteiro por uns tempos.”

“Verdade”, o Coronel disse.

“Continue jogando *videogame* por mais alguns meses”, ela disse. “A coordenação motora vai ser uma mão na roda quando você chegar à terceira base.”

“Credo, faz tanto tempo que não ouço falar do sistema de bases que até esqueci o que é a terceira base”, respondeu o Coronel. “Eu reviraria os olhos para você, mas não posso me dar ao luxo de olhar para o lado.”

“Primeira base: beijo de língua. Segunda: buzinada. Terceira: bolinada. E quarta: biscoitada. Parece até que pulou a terceira

série!”, disse Alasca.

“Eu *pulei* a terceira série”, replicou o Coronel.

“Então”, eu disse, “como vai ser o pré-trote?”

“Eu e o Coronel pensaremos em alguma coisa. Você não precisa se meter em confusão – por enquanto.”

“Tudo bem, então. Vou sair para fumar um cigarro.”

Saí. Não era a primeira vez que Alasca me excluía, mas, depois de todo o tempo que passamos juntos no feriado de Ação de Graças, pareceu-me ridículo ela querer planejar o trote só com o Coronel, sem mim. De quem era a camiseta ensopada de lágrimas? Minha. Quem tinha aturado a leitura de Vonnegut? Eu. Quem tinha sido o alvo da pior piada de toc toc de todos os tempos? Eu. Caminhei até a loja de conveniência do outro lado da rua e fumei um cigarro. Isso jamais teria acontecido comigo na Flórida, essa insegurança tão-coisa-de-primário sobre quem gosta mais de quem, e eu me odiei por deixar isso acontecer comigo. *Você não precisa se importar com ela*, pensei. *Ela que se dane*.

quatro dias antes

O CORONEL NÃO ME DISSE NADA sobre o pré-trote, somente que seria chamado de Noite do Celeiro e que eu precisaria fazer as malas para passar dois dias fora.

Segunda, terça e quarta foram uma tortura. O Coronel e Alasca estavam sempre juntos, mas nunca me chamavam. Então passei mais tempo do que o normal estudando para as provas finais, o que foi ótimo para minha média geral. E aproveitei para terminar o trabalho de Religião.

Minha resposta para a pergunta foi bastante direta. A maioria dos cristãos e dos muçulmanos acredita no céu e no inferno, embora haja muita discordância entre as duas religiões sobre o que, exatamente, faz com que a pessoa vá para um ou outro lugar depois da morte. Os budistas eram mais complicados – por causa da

doutrina de Buda a respeito do *anatta*, que diz basicamente que as pessoas não possuem almas imortais. Em vez disso, têm um emaranhado de energia, e esse emaranhado de energia é transitório, passando de corpo a corpo, reencarnando eternamente até, por fim, atingir a iluminação.

Nunca gostei de escrever parágrafos conclusivos em meus trabalhos – nos quais você simplesmente repete o que já foi dito usando expressões como *Em suma* e *Concluindo*. Não fiz isso – simplesmente expliquei por que achava a pergunta importante. As pessoas, pensei, queriam segurança. Não suportavam a ideia de que a morte fosse um grande e escuro nada, não suportavam a ideia de que seus entes queridos pudessem deixar de existir e nem mesmo conseguiam imaginar essa não existência. Por fim, concluí que as pessoas acreditavam na vida após a morte porque não suportavam a alternativa.

três dias antes

NA SEXTA-FEIRA, depois de uma surpreendente prova de Pré-Cálculo que encerrou com chave de ouro minha primeira leva de notas em Culver Creek, coloquei na mochila o meu saco de dormir e algumas roupas (“Leve algo bem nova-iorquino”, aconselhara-me o Coronel. “Algo preto, sensato, confortável e quente.”), buscamos o Takumi em seu quarto e fomos até a casa do Águia. O Águia estava usando seu único modelito, e eu me perguntei se ele teria trinta camisas brancas idênticas e trinta gravatas pretas idênticas em seu *closet*. Imaginei-o acordando de manhã, olhando para o *closet* e pensando. *Hmmm... hmm... que tal uma camisa branca e uma gravata preta?* O cara estava precisando urgentemente de uma esposa.

“Vou levar o Miles e o Takumi para passar o fim de semana lá em casa em New Hope”, o Coronel lhe disse.

“O Miles gostou tanto assim de New Hope?”, o Águia me perguntou.

“*Yeehaw!* Vamos juntar os caipiras no *camping!*”, disse o Coronel. Ele sabia falar com sotaque quando queria, mas, como todos em Culver Creek, preferia não usá-lo.

“Um momento. Vou ligar para sua mãe”, o Águia disse para o Coronel.

Takumi olhou para mim tentando inutilmente disfarçar o pânico, e eu senti o almoço – galinha frita – revirar em meu estômago. Mas o Coronel apenas sorriu. “Claro.”

“O Chip, o Miles e o Takumi vão passar o fim de semana na casa da senhora?... Sim, senhora... Há!... Tudo bem. Tchau.” O Águia olhou para o Coronel. “Sua mãe é uma mulher incrível.” E sorriu.

“E eu não sei?” O Coronel abriu um sorriso forçado. “Então nos vemos no domingo.”

Enquanto caminhávamos para o estacionamento do ginásio, o Coronel disse: “Liguei para ela ontem e pedi para me acobertar. Ela nem mesmo quis saber o motivo. Disse apenas: ‘Confio em você, meu filho’, e confia mesmo.” Longe dos olhos do Águia, dobramos rapidamente para a direita e entramos na floresta.

Percorremos a estrada de terra, atravessamos a ponte, depois voltamos para o celeiro da escola, um armazém dilapidado, propenso a goteiras, que mais parecia uma cabana de madeira. Mesmo assim, estocavam feno ali dentro, não sei por quê. Não tínhamos aula de equitação nem nada parecido. O Coronel, Takumi e eu chegamos lá primeiro e estendemos nossos sacos de dormir sobre os fardos de feno mais macios. Eram 18h30.

Alasca chegou logo depois, tendo dito ao Águia que iria passar o fim de semana com Jake. O Águia não precisou verificar a história, porque Alasca costumava passar um fim de semana por mês com o namorado, e ele sabia que seus pais não se importavam. Lara apareceu meia hora depois. Tinha dito ao Águia que iria de carro

para Atlanta para visitar uma amiga da Romênia. O Águia ligou para seus pais para se certificar de que eles sabiam que a filha iria passar o fim de semana fora do *campus*, e eles não se importaram.

"Confiam em mim." Ela sorriu.

"Às vezes nem parece que você tem sotaque", eu disse, o que era uma tolice, mas bem melhor do que vomitar nela.

"São apenas alguns sóóins."

"É diferente em russo?", perguntei.

"Em romééno", ela me corrigiu. Aparentemente, o romeno era um idioma. Quem iria saber? Meu quociente de sensibilidade cultural teria de aumentar drasticamente se eu quisesse dividir o saco de dormir com ele em breve.

Estávamos sentados em nossos sacos de dormir. Alasca estava fumando com flagrante descaso pela indiscutível inflamabilidade do celeiro, quando o Coronel pegou uma folha impressa no computador e começou a ler em voz alta.

"O objetivo da festividade desta noite é provar, de uma vez por todas, que nós estamos para os trotes assim como os Guerreiros de Dia de Semana estão para a burrice. Mas também teremos a oportunidade de tornar a vida do Águia mais difícil, o que é sempre um prazer muito bem-vindo. Então", ele disse, pausando como se esperasse ouvir o rufar dos tambores, "vamos lutar uma batalha em três frentes esta noite":

"**Primeira frente** – o pré-trote. Vamos fazer fumaça debaixo do nariz do Águia.

"**Segunda frente** – operação careca. Na qual a Lara vai invadir o território inimigo, sozinha, numa missão retaliativa tão inteligente e cruel que só poderia ter sido concebida por uma mente genial como, bem, a minha."

"Ei!" Alasca interrompeu. "A ideia foi *minha*."

"Certo. A ideia foi da Alasca." Ele riu. "E, por fim, **terceira frente** – os relatórios de progresso. Vamos invadir a rede de computadores da escola e usar o sistema de dados para enviar cartas para os familiares do Kevin & Cia. dizendo que eles serão reprovados em algumas matérias."

“Com certeza, vamos ser expulsos”, eu disse.

“Espero que não tenham trazido o garoto asiático pensando que ele é um gênio da computação. Porque eu não sou”, Takumi disse.

“Não vamos ser expulsos, e *eu* sou o gênio da computação. Vocês são apenas os músculos e a distração. Não vamos ser expulsos nem mesmo se formos pegos, porque nada disso é punível com expulsão – bem, exceto, talvez, as cinco garrafas de Strawberry Hill na mochila da Alasca, mas isso ficará bem escondido. Só estamos fazendo uma devastaçõzinha.”

O plano foi explicado e não tinha margem de erro. O Coronel esperava uma sincronia tão perfeita que, se um de nós fizesse uma pequena besteira, todo o projeto viria abaixo.

Ele tinha imprimido cronogramas individuais para cada um de nós, com marcações de tempo precisas que levavam em conta os segundos. Com os relógios sincronizados, as roupas pretas, as mochilas nas costas, a respiração condensando na noite fria, os detalhes do plano na cabeça, o coração disparando, saímos do celeiro depois do anoitecer, por volta das sete. Nós cinco caminhávamos um ao lado do outro, confiantes, e eu nunca me senti tão legal. O Grande Talvez pairava sobre nós, mas éramos invencíveis. O plano podia ter falhas, nós não.

Cinco minutos depois, o grupo se dividiu, e cada um foi para onde tinha de ir. Eu fiquei com o Takumi. Nós éramos a distração.

“Porra! Somos fuzileiros”, ele disse.

“Primeiro a lutar, primeiro a morrer”, concordei, nervoso.

“É isso aí, porra!”

Ele parou e abriu a mochila.

“Aqui não, cara”, eu disse. “Tem de ser na casa do Águia.”

“Eu sei, eu sei. Calma.” Ele pegou uma touca grossa. Era marrom, com uma cabeça de raposa de pelúcia na frente. Colocou-a na cabeça.

Eu ri. “Mas que diabos é isso?”

“Meu chapéu de raposa.”

“Chapéu de raposa?”

"É, Gordo. Meu *chapéu de raposa*."

"Por que vestiu o chapéu de raposa?", perguntei.

"Porque ninguém pega a maldita raposa."

Dois minutos depois, estávamos agachados atrás das árvores a quinze metros da porta dos fundos da casa do Águia. Meu coração pulsava como uma batida de música eletrônica.

"Trinta segundos", Takumi sussurrou, e eu senti a mesma ansiedade incômoda que tinha sentido naquela primeira noite com a Alasca, quando ela pegou minha mão e sussurrou *corre, corre, corre, corre, corre*. Mas permaneci parado.

Pensei: *Não estamos perto o bastante.*

Pensei: *Ele não vai ouvir.*

Pensei: *Ele vai ouvir e vai sair de casa tão depressa que não teremos a menor chance.*

Pensei: *Vinte segundos.*

"Ei, Gordo", sussurrou Takumi, "você consegue, cara. É só correr."

"Certo". *É só correr. Meus joelhos são bons. Meus pulmões funcionam. É só correr.*

"Cinco", ele disse. "Quatro. Três. Dois. Um. Acende. Acende. Acende."

Acendi e ouvi um chiado que me fez lembrar os feriados de Quatro de Julho passados com a minha família. Ficamos parados por um nanossegundo, olhando para o rastilho para ter certeza de que continuava aceso. *E agora, pensei. Agora. Corre, corre, corre, corre, corre.* Mas meu corpo não se mexeu até eu ouvir o Takumi gritando aos sussurros: "Vai, vai, vai, vai, porra!"

E nós fomos.

Três segundos depois, uma enorme explosão de estampidos. Para mim, mais pareciam os tiros de metralhadora de Decapitação,

só que mais altos. Já estávamos a uns vinte passos de distância, e pensei que meus tímpanos fossem explodir.

Pensei: *Bem, ele certamente vai ouvir isso.*

Atravessamos o campo de futebol às carreiras, entramos na floresta e subimos um declive, com apenas um vago senso de direção. No escuro, os galhos partidos e as pedras cobertas de musgo surgiam no último segundo possível, e eu caí e escorreguei tantas vezes que tive medo de que o Águia pudesse nos alcançar, mas continuei me levantando e correndo ao lado do Takumi, para longe das salas de aula e do círculo de dormitórios. Corríamos como se tivéssemos sandálias de ouro. Eu corria como um guepardo – bem, como um guepardo que fumava demais. Então, depois de exatamente um minuto de corrida, Takumi parou e abriu a mochila.

Era minha vez de contar. Olhando para o relógio. Apavorado. Àquela altura, ele certamente já teria saído. Estaria correndo. Indaguei-me se ele seria veloz. Era velho, mas estaria furioso.

“Cinco, quatro, três, dois, um”, e o chiado. Não paramos dessa vez, simplesmente corremos, ainda para o oeste. Arfando. Eu me perguntei se conseguiria fazer aquilo por trinta minutos. As bombinhas explodiram.

Os estampidos cessaram, e uma voz gritou, “PAREM JÁ COM ISSO!” Mas não paramos. Parar não estava no plano.

“Eu sou a maldita raposa”, Takumi sussurrou, tanto para si mesmo quanto para mim. “Ninguém pega a raposa.”

Um minuto depois, eu estava ajoelhado. Takumi fez a contagem regressiva. O rastilho acendeu. E nós corremos.

Mas as bombinhas não explodiram. Tínhamos trazido um cordão de bombinhas sobressalentes para o caso de uma eventual falha. Outra, no entanto, custaria um minuto para o Coronel e a Alasca. Takumi se agachou, acendeu o rastilho e correu. Os estampidos começaram. As bombinhas fizeram *bangbangbang* em sincronia com meu coração.

Quando o barulho cessou, ouvi: “PAREM COM ISSO OU VOU CHAMAR A POLÍCIA!” E, embora a voz estivesse longe, eu sentia seu Olhar do Juízo Final sobre mim.

“Não pegam a raposa; vão ficar para trás”, Takumi disse para si mesmo. “Faço rima até correndo; sou demais.”

O Coronel tinha nos prevenido sobre a questão da polícia, disse que não precisaríamos nos preocupar. O Águia não gostava de trazer os tiras para o *campus*. Publicidade negativa. Então continuamos correndo. Passando por cima e por baixo de todo tipo de árvore, arbusto e galho. Caíamos. Levantávamos. Corríamos. Se ele não conseguisse nos seguir pelos estampidos, certamente poderia nos seguir pela sucessão de *merdas!* enquanto tropeçávamos em troncos mortos e caíamos em cima de arbustos espinhosos.

Um minuto. Eu me ajoelhei, acendi o rastilho, corri. *Bang.*

Dobramos para o norte, achando que tínhamos passado pelo lago. Era parte essencial do plano. Quanto mais nos afastássemos sem sair dos limites do *campus*, mais o Águia teria de se afastar para nos perseguir. Quanto mais ele nos perseguisse, mais longe ficaria das salas de aula, onde o Coronel e a Alasca estavam fazendo seu showzinho. Depois pretendíamos dar a volta perto das salas de aula e seguir para o leste, ao longo do regato, até chegarmos à ponte sobre o Buraco do Fumo, de onde pegaríamos a estrada novamente e voltaríamos para o celeiro, triunfantes.

Eis o problema: tínhamos cometido um pequeno erro de cálculo. Não tínhamos passado pelo lago; pelo contrário, estávamos correndo na direção de um campo aberto e, depois, do lago. Perto demais das salas de aula para tomar outro rumo, seguimos para o lago. Olhei para o Takumi, que corria ao meu lado passo a passo, e ele disse: “Acende.”

Então me ajoelhei, acendi o rastilho, e corremos. Estávamos correndo por uma clareira agora. Se o Águia estivesse atrás de nós, poderia nos ver. Chegamos à margem sul e começamos a contornar o lago. Não era assim tão grande – talvez uns quinhentos metros de extensão. Já estávamos quase no fim quando eu o vi.

O cisne.

Nadando em nossa direção como um cisne endiabrado, batendo as asas furiosamente. Depois chegou à praia e se colocou em nosso caminho, fazendo um barulho que não se parecia com nada deste

mundo, algo como as piores partes dos últimos gemidos de um coelho e as piores partes do choro de um bebê. Não tínhamos para onde ir, continuamos correndo. Atropelei o cisne a toda velocidade e senti uma mordida na bunda. Então comecei a mancar visivelmente, porque minha bunda estava pegando fogo, e pensei comigo: *Que diabos o cisne tem na saliva que arde tanto?*

O trigésimo terceiro cordão de bombinhas falhou, custando-nos um minuto. Àquela altura, eu queria um minuto. Estava morrendo. A sensação de ardência em minha nádega esquerda tinha diminuído e se transformado numa dor forte que aumentava cada vez que eu pisava com a perna esquerda, de modo que eu estava correndo como uma gazela ferida tentando fugir de um bando de leões. Diminuímos o passo consideravelmente, é claro. Tínhamos parado de ouvir a voz do Águia depois que atravessamos o lago, mas eu não achava que ele tivesse desistido. Só estava tentando nos enganar com sua complacência, mas não daria certo. Naquela noite, éramos invencíveis.

Exaustos, paramos para descansar ainda com três cordões de bombinha, esperando ter dado tempo suficiente para o Coronel. Depois corremos por mais alguns minutos até chegarmos à margem do regato. A noite estava tão escura e estagnada que o pequeno filete de água parecia rugir, e eu podia escutar nossa respiração ofegante enquanto desabávamos na margem enlameada e coberta de seixos. Quando paramos, olhei para o Takumi. Suas faces e seus braços estavam arranhados, a cabeça de raposa estava acima de sua orelha esquerda. Olhei para os meus braços e reparei no sangue que escorria dos cortes mais profundos. Tínhamos passado por arbustos espinhosos, lembrei, mas eu não sentia dor alguma.

Takumi estava tirando os espinhos da perna. "A raposa está muito cansada", ele disse e riu.

"O cisne mordeu minha bunda", eu lhe disse.

"Eu vi." Ele sorriu. "Está sangrando?" Enfiei a mão dentro da calça para verificar. Não havia sangue, então acendi um cigarro para comemorar.

"Missão cumprida", eu disse.

“Gordo, meu amigo, somos indestrutíveis.”

O regato serpava pelo *campus* tantas vezes que não tínhamos como saber onde estávamos, então seguimos o curso-d’água por cerca de dez minutos, levando em conta que teríamos nos movido duas vezes mais rápido enquanto corríamos, e dobramos à esquerda.

“O que você acha? Esquerda?”, perguntou Takumi.

“Estou completamente perdido”, eu disse.

“A raposa está apontando para a esquerda. Então, esquerda.” E a raposa nos levou de volta para o celeiro.

“Vocês estão béém?”, Lara disse, quando demos as caras. “Eu fiquei preocupada. Vi o Águia sair de casa. Estava de pijama. Parecia furioso.”

Eu disse: “Se ele já estava furioso, não quero nem ver como ficou agora.”

“Por que demoraram tanto?”, ela me perguntou.

“Voltamos pelo caminho mais longo”, Takumi disse. “Além disso, o Gordo está andando feito uma velhinha com hemorroidas porque o cisne mordeu a bunda dele. Cadê a Alasca e o Coronel?”

“Não sei”, disse Lara, então ouvimos passos a distância, sussurros e galhos se partindo. Rápido como um relâmpago, Takumi pegou os sacos de dormir e as mochilas e os escondeu atrás do feno. Nós três saímos pelos fundos do celeiro, entramos no capinzal alto, que batia à altura do peito, e nos deitamos. *Ele nos rastreou até o celeiro*, eu pensei. *Fizemos tudo errado*.

Então ouvi a voz do Coronel, distinta e bastante aborrecida: “Isso reduz em vinte e três nomes a lista de possíveis suspeitos! Por que não seguiu o plano? Santo Deus, cadê todo o mundo?”

Voltamos para o celeiro, um pouco envergonhados por termos reagido de maneira tão exagerada. O Coronel se sentou num fardo de feno, os cotovelos apoiados nos joelhos, a cabeça baixa, as mãos espalmadas na testa. Pensando.

“Bem, pelo menos, ainda não fomos pegos. Certo, primeiro”, ele disse sem olhar para cima, “me digam que todo o resto correu bem. Lara?”

Ela começou a falar. “*Da*. Tudo certo.”

“Pode me dar mais detalhes, por favor?”

“Fiz tudo o que dizia no papel. Eu me escondi atrás da casa do Águia e esperei até ele sair atrás do Miles e do Takumi. Depois corri para os fundos do dormitório. Entrei pela janela do quarto do Kevin. Coloquei o negócio no gel e no condicionador, depois fiz o mesmo no quarto do Jeff e do Longwell.”

“Que negócio?”, perguntei.

“Tinta industrial azul não diluída número cinco para cabelo”, Alasca disse. “Comprei com seu dinheiro dos cigarros. Basta aplicar no cabelo molhado, e a coisa não sai por meses e meses.”

“Nós tingimos o cabelo deles de azul?”

“Bem, tecnicamente”, o Coronel disse, ainda falando para baixo, “eles é que vão tingir o cabelo de azul. Mas nós ajudamos, é verdade. Sei que tudo correu bem com você e o Takumi, porque nós estamos aqui e vocês estão aqui, então significa que fizeram seu trabalho. A boa notícia é que os três palermas que tiveram a audácia de nos pregar um trote vão receber relatórios de progresso informando que eles repetiram em três matérias.”

“Uh-oh. Qual é a má notícia?”, perguntou Lara.

“Ah, sai dessa”, disse Alasca. “A *outra* boa notícia é que, enquanto o Coronel se escondia no mato, pensando ter ouvido alguma coisa, eu me lembrei de mandar relatórios para outros vinte Guerreiros de Dia de Semana. Imprimi boletins para todos eles, coloquei em envelopes timbrados da escola e deixei na caixa de correio.” Ela se virou para o Coronel. “Você demorou bastante”, disse. “O Coronelzinho... Tem medo de ser expulso.”

O Coronel ficou de pé, erguendo-se acima de todos nós, que estávamos sentados.

“Não é uma boa notícia! Não estava no plano! Agora o Águia pode riscar vinte e três nomes da lista de suspeitos. Vinte e três pessoas que podem descobrir que fomos nós e nos dedurar!”

“Se isso acontecer”, disse Alasca, muito séria, “eu assumo a culpa.”

“Claro.” O Coronel suspirou. “Como você fez com o Paul e a Marya. Vai dizer que estava passeando pela floresta, soltando bombinhas ao mesmo tempo que invadia a rede de computadores da escola e imprimia relatórios falsos em papel timbrado? Tenho certeza de que o Águia vai acreditar!”

“Calma, cara”, disse Takumi. “Primeiro, não vamos ser pegos. Segundo, se formos pegos, vou assumir a culpa com a Alasca. Você tem mais a perder do que nós.” O Coronel assentiu com a cabeça. Era um fato inegável: O Coronel não teria a menor chance de ganhar uma bolsa em outra escola se fosse expulso de Culver Creek.

Sabendo que nada o deixava mais animado do que ser reconhecido por seu brilhantismo, perguntei: “Como foi que você invadiu o sistema?”

“Entrei pela janela da sala do Sr. Hyde, liguei o computador e digitei a senha”, ele disse, sorrindo.

“Adivinhou a senha?”

“Não. Na terça-feira, fui até a sala dele para pedir uma cópia impressa da bibliografia do curso. Então fiquei de olho quando ele digitou a senha: J3ckylnhyd3.”

“Porra”, disse Takumi. “Eu podia ter feito isso.”

“É, mas não teria tido chance de usar esse seu chapéu engraçado”, o Coronel disse, rindo. Takumi tirou a touca e a colocou na mochila.

“O Kevin vai ficar furioso quando vir o cabelo”, eu disse.

“Bem, eu também fiquei furiosa quando vi minha biblioteca alagada. O Kevin é uma boneca inflável”, disse Alasca. “Se você nos espeta, nós sangramos. Se espeta o Kevin, ele estoura.”

“É verdade”, Takumi disse. “O cara é um idiota. Ele meio que tentou matar você, lembra?”

“É, acho que sim”, reconheci.

“Tem muita gente assim nesta escola”, continuou Alasca, ainda bufando. “Sabe? Esses malditos garotos-riquinhos-infláveis.”

Embora Kevin meio que tivesse tentado me matar e tudo o mais, ele não me parecia digno de raiva. Odiar os garotos legais exigia

muita energia, e eu tinha desistido disso fazia tempo. Para mim, o trote fora apenas uma resposta a um trote anterior, apenas uma oportunidade de ouro para fazer uma devastaçãozinha, como dissera o Coronel. Mas, para Alasca, parecia outra coisa, parecia algo mais.

Eu queria lhe perguntar sobre isso, mas ela se deitou atrás de um fardo de feno e tornou a ficar invisível. Alasca tinha terminado de falar, e, quando ela terminava de falar, era o fim da conversa. Só fomos chamá-la duas horas depois, quando o Coronel abriu a garrafa de vinho. Passamos a garrafa de mão em mão até que eu comecei a sentir a bebida no estômago, amarga e quente.

Eu queria gostar de beber mais do que de fato gostava (o que era exatamente o oposto do que eu sentia em relação à Alasca). Mas, naquela noite, a bebida produziu uma sensação muito boa enquanto o calor do vinho se espalhava do estômago para o resto do meu corpo. Não gostava de me sentir burro ou fora de controle, mas gostava do modo como o álcool deixava tudo (os risos, o choro, o xixi na frente dos amigos) mais fácil. Por que estávamos bebendo? Para mim, era apenas uma distração, até porque corríamos sério risco de sermos expulsos. O lado bom da constante ameaça de ser expulso de Culver Creek é que isso reveste cada prazer ilícito com uma aura de empolgação. O lado ruim é que sempre há a possibilidade de você ser expulso, é claro.

dois dias antes

ACORDEI CEDO NA MANHÃ do dia seguinte, a boca seca e a respiração visível no ar frio. Takumi tinha trazido um fogão portátil na mochila, e o Coronel estava debruçado sobre o aparelho, esquentando um pouco de água para fazer café instantâneo. O sol brilhava intensamente, mas não conseguia vencer o frio. Sentei-me com o Coronel e provei o café (“O problema do café instantâneo é que ele cheira bem, mas tem gosto de bile”, o Coronel disse), então, um a um, Takumi, Lara e Alasca acordaram, e nós passamos o resto do dia nos escondendo, porém ruidosamente. Um esconderijo barulhento.

Naquela tarde, no celeiro, Takumi decidiu fazer uma competição de improviso.

“Você começa, Gordo”, ele disse. “Coronel-Catástrofe, você faz a batida.”

“Eu não entendo de *rap*”, argumentei.

“Não tem problema. O Coronel também não entende de ritmo. Você só precisa fazer uma rimazinha qualquer, depois deixa comigo.”

Com as mãos em concha sobre a boca, o Coronel começou a fazer ruídos estranhos que mais pareciam uma série de puns do que uma levada de bateria. E eu, bem, fiz um *rap*.

“Hmm, estamos no celeiro, o sol já vai se pôr. / Outro dia, na tevê, passou um filme de terror. / Cara, não consigo, tenho que parar. / Deixo meu amigo, o Takumi, continuar.”

Takumi emendou. “Gordo, cara, mas que droga, a sua rima fede / mais que aquele filme com nosso amigo Freddy, / *A hora do pesadelo*, em que todo o mundo morre. / Ontem foi legal, bebi, fiquei de porre. / Adoro minha touca, / a mulherada fica louca. / Eu venho do Japão, ele fica logo ali. / Quando eu era pequeno, me

chamavam de *sushi*. / Mas acho que é normal, diferentes etnias, / Minha pele amarela é um ímã de vadias.”

Alasca entrou logo depois.

“Assim você me ofende, esqueceu que eu sou menina? / Vou picar o seu traseiro, vou jogá-lo na latrina. / Eu gosto, é verdade, de um som mais feminista, / Agora vou mostrar que também sou uma rapista. / Eu tenho boas rimas, agito a plateia. / Gosto daquele filme de fantasma com o Geleia. / Se você falar mal do sexo feminino, / vai cair feito o Império Bizantino.”

Takumi voltou.

“Se teu olho te escandaliza, eu posso arrancar fora. / Eu respeito as meninas, como o cavalo a espora. / Ai, mas que droga, agora empaquei. / Lara, continua de onde eu parei.”

Lara cantou em voz baixa e nervosa – e com um descaso pelo ritmo ainda maior do que o meu. “Meu nome é Lara, eu sou da Romênia, / *Da*, é difícil, eu conheço a Eslovênia. / O carro da Alasca téem muita elegância. / Eu faço chamadas de longa distância. / Minhas vogais são engraçadas, não? / Agora chega, Takumi, não sei rimar. / Segue você, que eu vou parar.”

“Eu sou um arraso, Hiroshima e Nagasaki, / Um sucesso com as meninas, melhor que *sukiyaki*. / Represento meu país, bebo meu saquê. / Tem gente que não gosta, não consigo entender. / Não sou muito alto, não sou corpulento. / Diferente do Gordo, não sou macilento. / Meu nome é raposa, ouviu, seu mané? / Cuidado, eu sou brabo, pior que chulé. Chega.”

O Coronel encerrou com uma improvisação de *beat-boxing*, e nós nos aplaudimos.

“Você foi ótima, Alasca”, Takumi disse, rindo.

“Faço o que posso para representar as meninas. Lara me ajudou.”

“*Da*, verdade.”

Então, Alasca decidiu que era hora de enchermos a cara, embora não estivesse nem perto do anoitecer.

“Duas noites seguidas é abusar da sorte”, Takumi disse quando Alasca abriu a garrafa de vinho.

“Sorte é coisa de otário.” Ela sorriu e levou a garrafa aos lábios. O Coronel tinha trazido *cream-crackers* e um naco de queijo *cheddar* para o jantar. Bebemos vinho tinto morno e comemos queijo com biscoito, e, quando o queijo acabou, bem, sobrou mais espaço para o Strawberry Hill.

“Precisamos ir com mais calma, senão vou vomitar”, eu disse quando terminamos a primeira garrafa.

“Desculpa, Gordo. Não percebi que estávamos abrindo sua boca à força e despejando vinho goela abaixo”, o Coronel retrucou, jogando-me uma latinha de Mountain Dew.

“É bondade sua chamar essa porcaria de vinho”, Takumi disse, brincando.

Então, do nada, Alasca anunciou: “Melhor Dia / Pior Dia!”

“Quê?”, perguntei.

“Se continuarmos bebendo assim, vamos todos vomitar. Então, para diminuir o ritmo, vamos fazer um jogo. Melhor Dia / Pior Dia.” “Não conheço”, o Coronel disse.

“Porque eu acabei de inventar.” Ela sorriu. Deitou-se de lado, ao longo de dois fardos de feno, a luz da tarde clareando o verde de seus olhos, a pele corada como um último vestígio do outono. Com a boca entreaberta e o olhar distante, ocorreu-me que ela já devia estar bêbada. *O olhar perdido da intoxicação*, pensei, e, enquanto a admirava, despreocupado, ocorreu-me que, bem, eu também estava um pouco bêbado.

“Legal! Como se joga?”, Lara perguntou.

“Cada um conta como foi seu melhor dia. Quem contar a melhor história não precisa beber. Depois todos contam sobre o pior dia. Quem contar a melhor história não precisa beber. E assim por diante, segundo melhor dia, segundo pior dia, até vocês desistirem.”

“Como sabe que vai ser um de nós?”, Takumi perguntou.

“É que eu tenho mais resistência à bebida e conto as melhores histórias”, ela respondeu. Difícil discordar dessa lógica. “Você começa, Gordo. O melhor dia da sua vida.”

“Hmm... posso pensar rapidinho?”

“Não deve ter sido tão bom se você precisa parar para pensar”, o Coronel disse.

“Vai à merda.”

“Sensível.”

“O melhor dia da minha vida foi hoje”, eu disse. “E a história é que eu acordei ao lado de uma menina húngara muito bonita. Estava frio, mas não muito frio. Eu tomei uma xícara morna de café instantâneo e comi sucrilhos sem leite, depois andei pela mata com a Alasca e o Takumi. Jogamos pedrinhas no lago, o que pode parecer tolice, mas não é. Sei lá. Sabe quando o sol fica desse jeito, com as sombras alongadas e esse tipo de luz clara e suave que antecede o pôr do sol? É a luz que deixa tudo melhor e mais bonito. E hoje tudo pareceu estar iluminado por essa luz. Bem, eu não fiz nada. Mas só de ficar aqui sentado, mesmo que seja para ver o Coronel talhando um galho ou sei lá o quê. Que seja. Foi um dia maravilhoso. Hoje. O melhor dia da minha vida.”

“Você me acha bonita?”, Lara disse, e riu, envergonhada. Pensei: *Agora seria uma boa hora para fazer contato visual com ela*, mas não tive coragem. “Eu sou *romééna!*”

“Essa história acabou sendo bem melhor do que eu esperava”, Alasca disse, “mas a minha ainda é melhor.”

“Quero só ver”, eu disse. Uma brisa começou a soprar, o capim alto se inclinando lá fora como se quisesse fugir do vento, e eu puxei o saco de dormir sobre os ombros para me aquecer.

“O melhor dia da minha vida foi 9 de janeiro de 1997. Eu tinha 8 anos. Minha mãe me levou para o zoológico num passeio escolar. Eu gostei dos ursos. Ela gostou dos macacos. O melhor dia de todos. Fim de história.”

“Só isso?!”, o Coronel disse. “Esse foi o melhor dia da sua vida??!”

“Foi.”

“Eu gostei”, Lara disse. “Também gosto dos macacos.”

“Fraco”, o Coronel disse. Não achei fraco, era apenas mais uma das histórias intencionalmente vagas que Alasca gostava de contar, mais uma camada em sua aura de mistério. Mesmo sabendo que era

intencional, não pude deixar de me indagar: *O que é que tem de tão legal no zoológico?* Mas, antes que pudesse perguntar, Lara se manifestou.

“*Da, minha vez*”, disse Lara. “É fácil. É o dia em que vim para cá. Eu sabia falar o idioma, mas meus pais não sabiam. Chegamos ao aeroporto e encontramos nossos paréentes, tias e tios que eu néem mesmo conhecia, no aeroporto. Meus pais ficaram tão felizes! Eu tinha 12 anos, séémpe fora o bebezinho. Mas, naquele dia, meus pais me trataram como gente grande pela primeira vez. Porque não sabiam falar o idioma, *da?* Precisavam de mim para pedir comida e traduzir os formulários de imposto e imigração etc. E foi nesse dia que eles pararam de me tratar como criancinha. Aléém do mais, na Roméénia, nós éramos pobres. E, aqui, somos meio ricos.” Ela riu.

“Certo.” Takumi sorriu enquanto pegava a garrafa de vinho. “Vocês ganharam. Porque o melhor dia da minha vida foi quando perdi a virgindade. E, se vocês acham que vou contar essa história, precisam me deixar bem mais bêbado do que já estou.”

“Nada mal”, o Coronel disse. “Nada mal. Querem saber qual foi o melhor dia da minha vida?”

“Essa é a brincadeira, Chip”, disse Alasca, visivelmente aborrecida.

“O melhor dia da minha vida ainda não aconteceu. Mas eu sei como vai ser. Eu o vejo todo dia. O melhor dia da minha vida vai ser o dia em que eu comprar uma casa enorme para minha mãe. E não vai ser apenas numa área arborizada, mas em Mountain Brook, onde moram os pais dos Guerreiros de Dia de Semana. Os pais deles todos. E não vou comprar com hipoteca, não. Vou comprar com dinheiro vivo. Vou levar minha mãe de carro até lá, vou abrir a porta do carona, e ela vai saltar e ver a casa – a casa tem uma cerca de madeira, sabe, dois andares e tudo o mais. Vou entregar as chaves para ela e vou dizer: ‘Obrigado.’ Cara, ela me ajudou a preencher a ficha de inscrição para esta escola. E me deixou vir para cá, o que não é tão simples para quem vem de onde eu venho, deixar o filho sair de casa para estudar. Então esse vai ser o melhor dia da minha vida.”

Takumi entornou a garrafa e tomou alguns goles, depois passou para mim. Eu bebi, depois Lara bebeu, e, por fim, Alasca inclinou a cabeça para trás e virou a garrafa de ponta-cabeça, engolindo rapidamente o último quarto de vinho.

Enquanto abria outra garrafa, Alasca sorriu para o Coronel. "Você ganhou esse *round*. Agora, nos fale sobre seu pior dia."

"Meu pior dia foi quando meu pai nos abandonou. Ele é velho – deve ter uns 70 anos agora –, já era velho quando se casou com minha mãe e, mesmo assim, ele a traía. Ela descobriu, ficou furiosa e acabou apanhando. Então ela o expulsou de casa, e ele foi embora. Eu estava aqui. Minha mãe ligou, mas na hora não me contou sobre a traição, a agressão e tudo o mais. Disse apenas que ele tinha ido embora e que não iria mais voltar. E nunca mais o vi. Naquele dia, fiquei esperando que ele me ligasse e que me desse uma explicação, mas ele não fez isso. Nunca mais me ligou. Pensei que pelo menos fosse se despedir ou algo assim. Foi meu pior dia."

"Droga, perdi de novo", eu disse. "Meu pior dia foi na sétima série, quando Tommy Hewitt mijou no meu uniforme de Educação Física e o professor disse que eu precisaria vestir o uniforme, senão seria reprovado. Educação Física da sétima série, certo? Não é a matéria mais importante do mundo. Mas, na época, eu achava muito importante. Comecei a chorar, tentei explicar para o professor o que tinha acontecido, mas era tão vergonhoso, e ele só gritava, gritava, gritava, até que eu decidi vestir o *short* e a camiseta mijados. Foi então que parei de me importar com o que as pessoas faziam. Simplesmente parei de me importar com o fato de eu ser um perdedor, de não ter amigos e tudo o mais. Então acho que foi bom para mim, de certa forma, mas, na hora, achei terrível. Imaginem a cena: eu jogando vôlei ou sei lá o quê com a roupa ensopada de mijo enquanto Tommy Hewitt contava para todo o mundo o que tinha feito. Foi meu pior dia."

Lara estava rindo. "Desculpa, Miles."

"Não tem problema", eu disse. "Só nos conte seu pior dia para que também possamos rir da *sua* desgraça." Eu sorri, e todos rimos juntos.

“Acho que meu melhor dia também foi meu pior. Porque eu não fiz nada. *Da*, parece tolice, mas eu era criança, e a maioria das crianças de 12 anos não consegue, sabe, preencher um formulário W-2.”

“O que é isso?”, perguntei.

“Viu só! É para imposto. Então. Foi o mesmo dia.”

Lara sempre tivera de falar em nome dos pais, pensei, então talvez não tivesse aprendido a falar por si mesma. Eu também não era lá muito bom em falar por mim mesmo. Tínhamos algo importante em comum, um traço de personalidade que eu não compartilhava nem com Alasca nem com mais ninguém, embora, quase que por definição, eu e Lara não pudéssemos expressar isso um para o outro. Talvez fosse o jeito como o sol-que-antecede-o-ocaso batia em seus preguiçosos cachos morenos, mas, naquele momento, quis beijá-la. Para nos beijarmos, não seria necessário falar, e o vômito no *jeans* e os meses que passamos nos evitando pareceram sumir aos poucos.

“Sua vez, Takumi.”

“Meu pior dia”, Takumi disse, “foi 9 de junho de 2000. Minha avó morreu no Japão. Morreu num acidente de carro. Eu ia visitá-la dali a dois dias. Ia passar as férias de verão com ela e com meu avô, mas, em vez disso, viajei para o seu funeral. A única vez que eu a vi de verdade, sem ser nas fotos, foi num funeral. Fizeram uma cerimônia budista, e ela foi cremada, mas, antes disso, foi colocada numa espécie de, bem – não é budista. A religião lá é mais complicada, então é meio budista meio xintoísta, mas isso não interessa para vocês –, o fato é que ela estava numa espécie de pira funerária. E foi a única vez que vi minha avó, pouco antes de ela ser cremada. Esse foi meu pior dia.”

O Coronel acendeu um cigarro e o jogou para mim, depois acendeu um de seu próprio maço. Era estranho, mas ele sabia exatamente quando eu queria um cigarro. Éramos de fato como um casal de velhinhos. Por um instante, pensei: *É muito imprudente sair jogando cigarros acesos num celeiro cheio de feno*, mas, então, o

momento de cautela passou, e apenas tomei o cuidado de não deixar as cinzas caírem no feno.

“Ainda não está claro quem é o vencedor”, o Coronel disse. “O campo está aberto. Sua vez, amiga.”

Alasca se deitou de barriga para cima, os dedos entrelaçados atrás da cabeça. Falou suavemente, porém depressa, mas o dia silencioso estava se tornando uma noite silenciosa – não havia mosquitos, era inverno –, e nós a ouvimos com clareza.

“O dia seguinte ao do passeio no zoológico em que ela gostou dos macacos e eu dos ursos foi uma sexta-feira. Cheguei em casa depois da aula. Ela me deu um abraço e me mandou fazer a lição no quarto para poder assistir televisão mais tarde. Entrei no quarto, e acho que ela se sentou na mesa da cozinha, então ouvi um grito. Saí correndo, e ela estava caída no chão, com as mãos na cabeça, o corpo se contorcendo. Entrei em pânico. Devia ter ligado para a emergência, mas comecei a gritar e a chorar até que, por fim, ela parou de se contorcer. Pensei que ela tivesse adormecido e que sua dor tivesse cessado. Então simplesmente me sentei no chão ao seu lado e esperei até meu pai chegar em casa uma hora depois. Ele começou a gritar: ‘Por que não ligou para a emergência?’, tentando fazer massagem cardíaca, mas, àquela altura, ela já estava morta. Aneurisma. Pior dia da minha vida. Ganhei. Podem beber.”

Foi o que fizemos.

Ninguém falou nada por um minuto, então Takumi perguntou: “Seu pai culpou você?”

“Bem, a princípio não. Mas depois culpou sim. Por que não culparia?”

“Você era só uma garotinha”, Takumi argumentou. Eu estava surpreso e me sentia desconfortável demais para falar, tentando encaixar aquilo no que eu já sabia sobre a família da Alasca. Sua mãe tinha lhe contado a piada de toc toc – quando Alasca tinha 6 anos. Sua mãe tinha parado de fumar – obviamente, não podia continuar fumando.

“É, eu era uma garotinha. Mas garotinhas sabem ligar para a emergência. Elas fazem isso o tempo todo. Passa o vinho para cá”,

ela disse, séria e impassiva. Bebeu sem levantar a cabeça do feno.

“Sinto muito”, Takumi disse.

“Por que você nunca me contou isso?”, o Coronel perguntou, com voz suave.

“A conversa nunca tomou esse rumo.” Então paramos de fazer perguntas. *O que poderíamos dizer?*

No longo silêncio que se seguiu, enquanto passávamos a garrafa de mão em mão e lentamente ficávamos mais bêbados, comecei a pensar no presidente William McKinley, o terceiro presidente norte-americano a ser assassinado. Ele levou alguns dias para morrer depois de ser baleado. E, já próximo do fim, sua esposa começou a chorar e a gritar: “Eu também quero ir! Eu também quero ir!”. Então, reunindo suas últimas forças, McKinley se virou para ela e disse suas últimas palavras: “Todos nós vamos.”

Foi o momento mais importante da vida da Alasca. Quando ela chorou e disse que tinha estragado tudo, agora eu entendia o que ela queria dizer. Quando ela falou que tinha decepcionado todo o mundo, eu sabia de quem ela estava falando. Era o *tudo* e o *todo o mundo* de sua vida, então não pude deixar de imaginar a cena: imaginei uma garotinha magricela de 8 anos com as mãos sujas de terra, olhando para a mãe que se contorcia no chão. Ela se sentou ao lado da mãe, que podia ou não estar morta, mas que provavelmente já não estava respirando, embora continuasse quente. E, no meio-tempo entre o morrer e a morte, a pequena Alasca esperou com a mãe em silêncio. Então, através do silêncio e da embriaguez, vislumbrei uma imagem do que ela teria sido. Ela deve ter se sentido tão impotente, pensei, que a única coisa que ela poderia ter feito – pegar o telefone e ligar para uma ambulância – nem mesmo lhe passou pela cabeça. Chega uma hora em que percebemos que nossos pais não podem salvar a si mesmos nem a nós, que todos os que atravessam as águas do tempo acabam sendo dragados pela ressaca – que, em suma, todos nós vamos.

Então ela se tornou impulsiva. O medo da inércia fez com que ela entrasse num estado perpétuo de movimento. Quando o Águia

ameaçou expulsá-la, talvez ela tenha dito o nome de Marya porque foi o primeiro nome que lhe veio à cabeça, porque naquele instante ela não queria ser expulsa e porque não conseguia pensar além do instante. Estava com medo, é claro. E talvez estivesse com medo de que o *medo* a paralisasse novamente.

“Todos nós vamos”, McKinley disse para a esposa, e é verdade. Lá está seu labirinto de sofrimento. Todos nós vamos. Encontrar uma saída para o seu labirinto.

Não disse isso em voz alta para ela. Nem naquele dia, nem nunca mais. Não voltamos a falar sobre o assunto. Pelo contrário, sua história tornou-se apenas mais um pior dia, embora fosse o pior dia do grupo. E enquanto, veloz, a noite caía, nós continuamos, bebendo e contando piadas.

Mais tarde naquela mesma noite, depois de Alasca ter enfiado o dedo na goela para vomitar na frente de todos nós, porque estava bêbada demais para caminhar até o mato, eu me deitei em meu saco de dormir. Lara estava deitada ao meu lado em seu próprio saco de dormir, quase encostada em mim. Empurrei a parede interna do saco para sobrepô-lo ao dela. Pressionei minha mão contra a sua. Podia senti-la, apesar das duas camadas de lona entre nós. Meu plano, que me parecia bastante engenhoso, era tirar o braço, enfiá-lo dentro de seu saco de dormir e segurar sua mão. Era um bom plano, mas, para tirar o braço daquele sarcófago, foi necessário me debater como um peixe fora-d'água, e quase desloquei o ombro. Ela estava rindo – e não era comigo, era de mim –, mas não dissemos nada. Como era tarde demais para recuar, enfiei o braço em seu saco de dormir, e ela tentou conter um risinho enquanto meus dedos traçavam uma linha que ia de seu cotovelo até o pulso.

“Faz cócegas”, ela sussurrou. Lá se ia minha tentativa de ser *sexy*.

“Desculpa”, sussurrei.

“Não, eu gosto”, ela disse e segurou minha mão. Entrelaçou os dedos nos meus e os apertou com força. Depois se virou de lado e me beijou. Estou certo de que ela estava com bafo de bebida, mas

não reparei. E estou certo de que eu estava com bafo de bebida e cigarro, mas ela não reparou. Nós estávamos nos beijando.

Pensei: *Isso é bom.*

Pensei: *Não sou ruim nesse negócio de beijar. Não mesmo.*

Pensei: *Decerto sou o maior beijador da história do universo.*

De repente, ela riu e se afastou. Sacudiu-se para colocar uma das mãos para fora e enxugou o rosto. "Você babou no meu nariz", ela disse e riu.

Eu também ri, tentando lhe passar a impressão de que minha técnica de beijo de nariz tinha o propósito de ser engraçada.

"Desculpa." Tomando emprestado o sistema de bases da Alasca, eu só tinha chegado próximo da primeira base cinco vezes em toda a minha vida, de modo que decidi culpar a falta de experiência. "Sou novo nesse negócio", eu disse.

"Foi uma babação gostosa", ela disse, depois riu e me deu outro beijo. Pouco tempo depois, estávamos completamente fora dos nossos sacos de dormir, nos beijando em silêncio. Ela se deitou em cima de mim, e eu pus as mãos em sua pequena cintura. Podia sentir seus seios pressionando meu peito. Ela escarranchou lentamente as pernas sobre mim. "Você é gostosinho", ela disse.

"Você é linda", eu disse e sorri para ela. No escuro, conseguia enxergar apenas a silhueta de seu rosto e seus grandes olhos redondos que piscavam para mim, as pestanas quase roçando em minha testa.

"Será que as duas pessoas que estão se beijando poderiam ficar quietas, por favor?", perguntou o Coronel, quase aos gritos, de seu saco de dormir. "As pessoas que não estão se beijando estão bêbadas e cansadas."

"Sobretudo. Bêbadas", Alasca disse lentamente, como se estivesse com dificuldade para enunciar as palavras.

Nós quase não tínhamos nos falado, Lara e eu, e agora não podíamos falar por causa do Coronel. Então continuamos nos beijando em silêncio, sorrindo suavemente com nossas bocas e nossos olhos. Depois de termos nos beijado a ponto de ficar quase chato, sussurrei: "Quer namorar comigo?". E ela disse: "Da, quero

sim.” Dormimos juntos em seu saco de dormir, que me pareceu um pouco apertado, para ser sincero, mas foi gostoso. Eu nunca tinha sentido o corpo de outra pessoa contra o meu enquanto dormia. Foi um ótimo desfecho para o melhor dia da minha vida.

um dia antes

NA MANHÃ DO DIA SEGUINTE, uma expressão que estou utilizando no sentido lato, pois não tinha amanhecido, o Coronel me acordou à base das sacudidelas. Lara estava aninhada em meus braços, aconchegada em meu corpo.

“Temos de ir, Gordo. Hora de fazer as malas.”

“Estou dormindo, cara.”

“Você pode continuar dormindo depois de marcarmos presença. TEMOS DE IR!”, ele gritou.

“Está bem. Está bem. Não grita. A cabeça está doendo.” Estava mesmo. Eu ainda sentia o vinho da noite anterior na garganta, e a cabeça latejava como no dia seguinte à concussão. Parecia que um gambá tinha entrado em minha boca e morrido lá dentro. Tentei não respirar em cima de Lara enquanto ela se soltava do saco de dormir, ainda sonolenta.

Fizemos as malas rapidamente, jogamos as garrafas vazias no matagal – era preciso fazer esse tipo de sujeira na Creek, porque ninguém queria colocar suas garrafas de bebida nas lixeiras do *campus* – e nos afastamos do celeiro. Lara pegou minha mão, depois a soltou timidamente. Alasca estava com uma cara horrível, mas fez questão de pingar as últimas gotas de Strawberry Hill em seu café instantâneo frio antes de jogar a garrafa por sobre os ombros.

“Remédio”, ela disse.

“Como você está?”, o Coronel lhe perguntou.

“Já tive manhãs melhores.”

“Está de ressaca?”

“Como um pastor alcoólatra numa manhã de domingo.”

“Acho que você não deveria beber tanto assim”, sugeri.

“Gordo.” Ela balançou a cabeça e bebericou um pouco do seu café gelado com vinho. “Gordo, você precisa entender que eu sou uma pessoa profundamente infeliz.”

Caminhamos lado a lado pela estrada de terra desbotada a caminho do *campus*. Pouco antes de chegarmos à ponte, Takumi parou e disse: “Essa não”, caiu de quatro e vomitou como um vulcão de lava amarela e rosa.

“Deixa sair”, Alasca disse. “Vai ficar tudo bem.”

Ele terminou, ficou de pé e disse: “Finalmente descobri a fraqueza da raposa. A raposa não pode com Strawberry Hill.”

Alasca e Lara foram cada uma para o seu quarto, pretendendo marcar presença com o diretor mais tarde, ao passo que Takumi e eu ficamos de pé atrás do Coronel enquanto ele batia à porta do Águia às 9h da manhã.

“Chegaram cedo. Foi divertido?”

“Sim, senhor”, o Coronel disse.

“Como está sua mãe, Chip?”

“Está bem, senhor. Está bem de saúde.”

“Alimentou vocês direitinho?”

“Alimentou, senhor”, eu disse. “Tentou me engordar.”

“Você está precisando. Tenham um bom dia.”

“Bem, acho que ele não suspeitou de nada”, o Coronel disse enquanto caminhávamos de volta para o Quarto 43. “É possível que tenhamos nos safado.” Pensei em visitar a Lara, mas estava muito cansado, então fui para a cama e dormi até passar a ressaca.

Foi um dia meio parado. Eu deveria ter feito coisas extraordinárias. Deveria ter chupado o tutano da vida. Mas, naquele dia, dormi dezoito das vinte quatro horas possíveis.

último dia

NA MANHÃ DO DIA SEGUINTE, a primeira segunda-feira do novo semestre, o Coronel saiu do chuveiro no exato instante em que meu despertador tocou.

Enquanto eu calçava o tênis, Kevin bateu uma vez, abriu a porta e entrou.

“Ficou bonito”, o Coronel disse casualmente. Kevin tinha raspado a cabeça, dois tufos de cabelo azul acima da orelha, rentes ao crânio. Ele projetou o maxilar para a frente – a primeira cuspida da manhã. Caminhou até a MESA DE CENTRO, pegou uma latinha de Coca-Cola e cuspiu.

“Por pouco vocês não me pegam. Vi a tinta no condicionador e enfiei a cabeça debaixo da água. Mas não reparei no gel. Não aconteceu nada com o cabelo do Jeff. Mas o Longwell e eu tivemos de adotar esse visual militar. Graças a Deus, tenho uma máquina de cortar cabelo.”

“Ficou bem em você”, eu disse, mas não tinha ficado. O cabelo à escovinha acentuava-lhe os traços do rosto, principalmente os olhos miúdos e juntos, que se ressentiam da maior exposição. O Coronel estava se esforçando para parecer corajoso – pronto para qualquer reação de Kevin –, mas é difícil parecer corajoso quando você está vestindo apenas uma toalha cor de laranja.

“Trégua?”

“Bem, sinto dizer que seus problemas ainda não acabaram”, o Coronel disse, referindo-se aos relatórios de progresso enviados-mas-ainda-não-recebidos.

“Tudo bem. Você é que sabe. Então nos falamos quando isso acabar, eu acho.”

“Acho que sim”, o Coronel disse. Quando Kevin ia saindo, o Coronel disse: “Leva essa latinha cuspida, seu porco nojento!” Kevin saiu e fechou a porta. O Coronel pegou a latinha, abriu a porta e a atirou em Kevin – errando-o por muito.

“Credo, pega leve com ele.”

“Ainda não temos uma trégua, Gordo.”

Passei a tarde com a Lara. Éramos um casal fofo, embora não soubéssemos nada um sobre o outro e conversássemos muito pouco. Mas nos beijávamos. Ela apertou minha bunda em dado momento, e eu meio que dei um pulo. Estava deitado, mas dei um pulo mesmo assim, tanto quanto era possível para uma pessoa deitada, e ela disse: "Desculpa", e eu: "Não, tudo bem. Só está um pouco dolorida por causa do cisne."

Fomos juntos para a sala de tevê, e eu tranquei a porta. Estávamos vendo a *Família-Sol-Lá-Si-Dó*, que ela nunca tinha visto. O episódio, no qual os Brady visitavam uma cidade fantasma com uma mina de ouro desativada e eram presos na única cela da cadeia por um velho minerador enlouquecido com uma barba branca desalinhada, era particularmente ruim e nos deu bastante motivo para rir. O que era bom, uma vez que não tínhamos muito sobre o que *falar*.

Quando os Brady foram trancafiados na cadeia, Lara me perguntou do nada: "Já fizeram um boquete éém você?"

"Hmm, isso foi meio aleatório", eu disse.

"Aleatório?"

"É, sabe, veio do nada."

"Do nada?"

"É, foi inesperado. Por que você disse isso?"

"É que eu nunca fiz um boquete", ela respondeu, a pequena voz transbordando de sensualidade. Era tão sem-vergonha. Pensei que ia explodir. Nunca pensei. Bem, ouvir aquilo da Alasca era uma coisa. Mas aquela voz, tão fininha e meiga, com sotaque romeno, de repente ficar *sexy* daquele jeito...

"Não", eu disse. "Nunca fizeram."

"Acha que seria divertido?"

SE EU ACHO!?!?!?!?! "Hmm. Acho que sim. Mas não precisa fazer."

"Acho que eu quero", ela disse, e nos beijamos um pouco. Então, comigo sentado no sofá assistindo à *Família-Sol-Lá-Si-Dó*, vendo Marcia Marcia Marcia fazer suas travessuras, Lara desabotoou minha

calça, arriou um pouco minha cueca samba-canção e puxou meu pênis para fora.

“Uau”, ela disse.

“O que foi?”

Ela olhou para mim, mas não se mexeu, seu rosto a milímetros do meu pênis. “É estranho.” “Como assim *estranho*?”

“Grande, eu acho.”

Eu podia viver com esse tipo de estranheza. Então ela o envolveu com a mão e o colocou na boca.

E esperou.

Nós dois ficamos parados. Ela não moveu um músculo sequer em seu corpo, e eu não movi um músculo no meu. Eu sabia que, àquela altura, algo mais deveria estar acontecendo, só não tinha certeza do quê.

Ela ficou parada. Eu podia sentir sua respiração nervosa. Por alguns minutos, tempo suficiente para os Brady roubarem a chave e saírem da cadeia da cidade-fantasma, ela ficou ali, absolutamente imóvel, com meu pênis na boca, e eu permaneci sentado, esperando.

Então ela o tirou da boca e olhou para mim curiosamente.

“Eu preciso fazer alguma coisa?”

“Hmm. Não sei”, eu disse. De repente, tudo o que eu tinha aprendido assistindo a filmes pornôis com a Alasca sumiu do meu cérebro. Pensei que, talvez, ela devesse movimentar a cabeça para cima e para baixo, mas isso não a sufocaria? Então não disse nada.

“Quer que eu morda?”

“Não! Quero dizer, sei lá, acho que não. Acho que, bem, isso foi legal. Foi gostoso. Não sei se tem que fazer mais alguma coisa”

“Mas, béém, você não...”

“Hmm. Talvez devêssemos perguntar para a Alasca.”

Então fomos ao quarto dela e perguntamos para a Alasca. Ela riu, riu e riu. Sentada na cama, ela riu até chorar. Foi até o banheiro, voltou com um tubo de pasta de dente e nos mostrou como se fazia. Em detalhes. Nunca desejei tanto ser a Crest Complete.

Lara e eu fomos agora para o quarto dela, e ela fez exatamente o que Alasca mandou fazer, e eu fiz exatamente o que Alasca disse que eu faria, ou seja, explodi em centenas de pequenas mortes de prazer, os punhos fechados, o corpo tremendo. Era meu primeiro orgasmo com uma garota. Depois fiquei envergonhado e nervoso. Lara obviamente também ficou, mas quebrou o silêncio, perguntando: "Quer fazer dever de casa?"

Havia pouca coisa para fazer no primeiro dia do semestre, mas ela leu um texto para a aula de Inglês. Eu peguei uma biografia do revolucionário Che Guevara – cujo rosto adornava um pôster na parede – na estante de livros da colega de Lara. Depois me deitei ao seu lado, no beliche de baixo. Comecei pelo fim, como costumava fazer com as biografias que não pretendia ler, e achei suas últimas palavras com certa facilidade. Capturado pelo exército boliviano, Guevara disse: "Atire, covarde. Vai matar somente um homem." Lembrei-me das palavras de Simón Bolívar no romance de García Márquez – "Como sairei deste labirinto?" Os revolucionários sul-americanos, pelo jeito, morriam com estilo. Li as últimas palavras para Lara. Ela se virou de lado, pousando a cabeça em meu peito.

"Por que gosta tanto de últimas palavras?"

Por mais estranho que possa parecer, eu nunca tinha pensado nisso. "Não sei", respondi, colocando a mão em suas costas, na altura da cintura. "Às vezes, porque é engraçado. Tipo, na Guerra de Secessão, um general chamado Sedgwick disse: 'Eles não conseguiriam acertar um elefante dessa dist..' e tomou um tiro." Ela riu. "Mas, na maioria das vezes, as pessoas morrem como viveram. Então suas últimas palavras me dizem muito sobre quem elas foram e o que fizeram em vida para merecer uma biografia. Faz sentido?"

"Faz", ela disse.

"Faz?" *Só isso?*

"Faz", ela disse e continuou lendo.

Eu não sabia como falar com ela. E estava cansado demais para continuar tentando, então, depois de um tempo, levantei-me e fui embora.

Dei-lhe um beijo de boa-noite. Isso, pelo menos, eu podia fazer.

Busquei Alasca e o Coronel em nosso quarto, e caminhamos até a ponte, onde lhes contei, em detalhes, o embaraçoso fiasco do sexo oral.

“Não acredito que ela fez dois boquetes em você no mesmo dia”, o Coronel disse.

“Na verdade, foi um só”, Alasca corrigiu.

“Que seja. Mas trocaram o óleo do Gordo.”

“Pobre Coronel”, Alasca disse com um sorriso pesaroso. “Eu até faria um boquete em você por pena, mas acontece que eu realmente gosto do Jake.”

“Isso foi estranho”, o Coronel disse. “Pensei que você só flertasse com o Gordo.”

“Mas o Gordo tem namoraaaaaaaaaaaaada.” Ela riu.

Naquela noite, o Coronel e eu fomos até o quarto da Alasca para comemorar o sucesso da Noite do Celeiro. Ela e o Coronel tinham comemorado bastante nos últimos dias. Eu não estava com vontade de beber Strawberry Hill, então simplesmente fiquei sentado e mordisquei um *pretzel* enquanto Alasca e o Coronel bebiam vinho em copos de papel floridos.

“Hoje não vamos beber do gargalo”, o Coronel disse. “Vamos dar um toque de classe!”

“É o modo como bebemos aqui no Alabama”, Alasca replicou. “Esta noite, vamos mostrar para o Gordo como é a vida no sul: vamos beber copo a copo até o pior bebedor cair.”

E foi o que fizeram, pausando apenas para apagar as luzes às 23h para o Águia não aparecer de repente. Conversaram um pouco, mas, na maior parte do tempo, apenas beberam. E eu me ausentei da conversa, semicerrando os olhos na escuridão para enxergar a lombada dos livros da Biblioteca da Vida da Alasca. Mesmo sem os livros perdidos na microenchente, eu poderia ficar ali a noite inteira lendo os títulos empilhados de maneira desorganizada. Um vaso de plástico com uma dúzia de tulipas brancas tinha sido colocado perigosamente em cima de uma pilha de livros, e, quando eu lhe perguntei o que era aquilo, ela disse apenas: “Aniversário de namoro

com o Jake.” Não quis continuar naquela linha de diálogo, então me voltei novamente para os títulos. Estava me indagando como é que eu poderia saber as últimas palavras de Edgard Allan Poe (por sinal: “Deus ajude minha pobre alma!”), quando ouvi Alasca dizer: “O Gordo não está prestando atenção.”

Eu disse: “Estou sim.”

“Estávamos falando sobre Verdade ou Consequência. O que você acha? É coisa de sétima série ou ainda é legal?”

“Nunca brinquei”, eu disse. “Não tinha amigos na sétima série.”

“Para mim chega!” ela gritou, um pouco alto demais, visto que estava tarde e que ela estava bebendo acintosamente no quarto. “Verdade ou Consequência!”

“Tudo bem”, eu concordei, “mas não vou beijar o Coronel.”

O Coronel estava sentado num canto, todo curvado. “Não dá. Estou bêbado demais.”

Alasca começou. “Verdade ou Consequência, Gordo?”

“Consequência.”

“Me beija.”

Então a beijei.

Foi rápido. Eu ri, parecendo nervoso. Ela se inclinou para a frente, entortou a cabeça para o lado, e nos beijamos. Nenhuma camada entre nós. Nossas línguas dançando para lá e para cá até nossas bocas desaparecerem individualmente e se fundirem num emaranhado único de bocas. Ela tinha gosto de cigarro, Mountain Dew, vinho e batom. Sua mão encontrou meu rosto, e senti seus dedos macios percorrerem meu queixo. Nós nos deitamos enquanto nos beijávamos, ela em cima de mim, e comecei a me mexer embaixo dela. Afastei-me rapidamente para dizer: “O que está acontecendo?” Ela colocou o dedo na frente da boca, e tornamos a nos beijar. Pegou minha mão e a colocou em sua barriga. Mexi o corpo lentamente em cima dela e senti que ela arqueava as costas fluidamente embaixo de mim.

Tornei a me afastar. “E quanto à Lara? O Jake?” Ela tornou a fazer *sshh*. “Menos língua e mais boca”, disse, então me esforcei ao

máximo. Pensei que a língua fosse o mais importante, mas ela era especialista no assunto.

“Santo Deus!”, o Coronel disse com voz bastante alta. “Maldito! O drama, eis que se aproxima!”

Mas não demos importância. Ela tirou minha mão de sua barriga e a colocou em seu seio. Eu o apertei, cauteloso, meus dedos movendo-se lentamente debaixo de sua camisa, porém sobre o sutiã, contornando seus seios e depois segurando um deles com a mão em concha, apertando suavemente. “Você é bom nisso”, ela sussurrou, sem tirar os lábios dos meus. Nós dois nos mexíamos em harmonia, meu corpo entre suas pernas.

“Isso é bem divertido”, ela sussurrou, “mas estou com sono. Continuamos depois?” Ela me deu outro beijo, minha boca tentando permanecer em contato com seus lábios, então saiu de debaixo de mim, colocou a cabeça em meu peito e dormiu no mesmo instante.

Não fizemos sexo. Não ficamos pelados. Não toquei em seus seios despidos, e suas mãos não se aventuraram abaixo de minha cintura. Não importava. Enquanto ela dormia, sussurrei: “Eu te amo, Alasca Young.”

Enquanto eu adormecia, o Coronel falou: “Cara, você e a Alasca se beijaram?”

“Uhum.”

“Isso vai acabar mal”, ele disse para si mesmo.

Então caí no sono. Um sono profundo do tipo ainda-sinto-o-gosto-dela-na-boca, um sono que não era lá muito revigorante, mas do qual era difícil despertar. Ouvi o telefone tocando. Eu acho. E acho que senti Alasca se levantando da cama, embora não possa ter certeza. Acho que a ouvi saindo. Eu acho. Era impossível precisar quanto tempo ela ficou fora.

Mas o Coronel e eu despertamos quando ela voltou, fossem lá que horas fossem, porque ela bateu a porta com força. Estava chorando, como naquela manhã pós-feriado, só que pior.

“Preciso sair daqui!”, ela gritou.

“O que houve?”, perguntei.

“Eu me esqueci! Meu Deus, quantas burradas posso fazer na vida?”, ela disse. Não tivera tempo de me indagar sobre o que ela estava falando, quando ouvi seu grito: “PRECISO SAIR DAQUI! SÓ ME AJUDEM A SAIR DAQUI!”

“Aonde você vai?”

Ela se sentou e colocou a cabeça entre as pernas, soluçando. “Só distraia o Águia para que eu possa sair. Por favor.”

O Coronel e eu, igualmente culpados, dissemos prontamente: “Está bem.”

“Só não ligue o farol”, o Coronel disse. “Dirija devagar e não ligue o farol. Tem certeza de que está bem?”

“Porra! Só se livra do Águia para mim”, ela disse, meio soluçando infantilmente, meio gritando. “Meu Deus! Meu Deus! Sinto muito.”

“Está bem”, o Coronel disse. “Ligue o carro quando ouvir a segunda explosão.”

E saímos.

Não dissemos: *Não dirija, você está bêbada.*

Não dissemos: *Não vamos deixá-la dirigir tão nervosa.*

Não dissemos: *Queremos ir com você.*

Não dissemos: *Isso pode esperar até amanhã. Qualquer coisa – tudo – pode esperar.*

Fomos até o banheiro, pegamos os últimos três cordões de bombinhas embaixo da pia e corremos para a casa do Águia. Não sabíamos se ia funcionar novamente.

Mas funcionou bastante bem. O Águia saiu correndo assim que ouviu a primeira explosão de bombinhas – estava nos esperando, eu acho. Fomos para a floresta e conseguimos levá-lo para bem longe, de modo que ele não ouviu quando Alasca saiu de carro. Então o Coronel e eu voltamos, pelo meio do regato para poupar tempo. Entramos pela janela dos fundos do Quarto 43 e dormimos como bebês.

d e p o i s

o dia seguinte

O CORONEL DORMIU O SONO INTRANQUILO dos bêbados, e eu fiquei deitado com a barriga para cima no beliche de baixo, a boca formigando e viva como se ainda estivesse beijando, e provavelmente teríamos dormido e perdido as aulas daquela manhã não fosse o fato de o Águia ter nos acordado às 8h, com três rápidas batidinhas na porta. Virei na cama quando ele entrou, e a luz da manhã se derramou pelo quarto.

“Preciso que vocês vão para o ginásio”, ele disse. Semicerrei os olhos em sua direção. O Águia estava invisível devido à luz clara que lhe batia às costas. “Agora”, acrescentou, e eu soube. Estávamos perdidos. Fôramos pegos. Muitos relatórios de progresso. Muita bebida num curto espaço de tempo. Por que eles tiveram de beber na noite anterior? Então senti novamente seu gosto: vinho, fumaça de cigarro, batom e Alasca, e me indaguei se ela tinha me beijado porque estava bêbada. *Não me expulse*, pensei. Por favor. *Só comecei a beijá-la agora*.

E, como para atender a minhas preces, o Águia disse: “Vocês não estão encrocados. Mas precisam ir para o ginásio agora.”

Ouvi o Coronel se revirar na cama de cima. “O que houve?”

“Aconteceu uma coisa terrível”, o Águia disse e fechou a porta.

Enquanto pegava o *jeans* no chão, o Coronel disse: “Isso aconteceu dois anos atrás. Quando a mulher do Hyde faleceu. Acho que agora foi o Velho. O pobre coitado já estava nas últimas.” Olhou para mim, os olhos semiabertos e injetados, e bocejou.

“Parece que você está com um pouco de ressaca”, observei.

Ele fechou os olhos. “Então estou com uma ótima aparência, Gordo, porque, na verdade, estou com muita ressaca.”

“Eu beijei a Alasca.”

“Pois é. Eu não estava tão bêbado assim. Vamos embora.”

Atravessamos o círculo dos dormitórios e caminhamos para o ginásio. Eu estava com calças *jeans* largas, uma camiseta regata e um caso grave de cara de sono. Todos os professores estavam no círculo dos dormitórios, batendo à porta dos alunos, mas não vi o Sr. Hyde. Imaginei-o morto em sua casa e me perguntei quem o teria descoberto e como teriam dado por sua falta antes mesmo de a aula ter começado.

“Não estou vendo o Sr. Hyde”, eu disse para o Coronel.

“Pobre-diabo.”

Quando chegamos, o ginásio estava cheio pela metade. Um púlpito tinha sido colocado no meio da quadra de basquete, próximo à arquibancada. Sentei-me na segunda fila, logo atrás do Coronel. Meus pensamentos oscilavam entre a tristeza pelo Sr. Hyde e a felicidade por Alasca, enquanto me lembrava de sua boca bem próxima sussurrando: “Continuamos depois?”

E não me ocorreu – nem mesmo quando o Sr. Hyde entrou no ginásio, arrastando os pés, dando passinhos miúdos na nossa direção.

Bati no ombro do Coronel e disse: “O Hyde está aqui”, e o Coronel: “Putá merda!” e eu: “O que foi?”, e ele: “Cadê a Alasca?”, e eu: “Não”, e ele: “Gordo, ela está ou não está aqui?”. Então nos levantamos e sondamos os rostos no ginásio.

O Águia caminhou até o púlpito e disse: “Estão todos presentes?”

“Não”, eu respondi. “A Alasca não está.”

O Águia olhou para baixo. “E quanto ao resto de vocês?”

“A Alasca não está presente!”

“Certo, Miles. Obrigado.”

“Não podemos começar sem a Alasca.”

O Águia olhou para mim. Estava chorando, mas sem fazer barulho. Lágrimas caíam dos seus olhos até o queixo, depois pingavam em sua calça canelada. Ele olhou para mim, mas não era o Olhar do Juízo Final. Pestanejando com o rosto coberto de lágrimas, o Águia parecia pedir desculpas.

“Por favor, senhor”, eu disse. “Não podemos esperar pela Alasca?” Senti que todos no ginásio estavam olhando para nós, tentando decifrar o que agora eu já sabia, mas não queria admitir.

O Águia olhou para baixo e mordeu o lábio superior. “Ontem à noite, Alasca Young sofreu um terrível acidente de carro.” Agora as lágrimas escorriam com maior rapidez. “E faleceu. Ela morreu.”

Por um momento, todos no ginásio se calaram. O lugar nunca estivera tão silencioso, nem mesmo quando o Coronel pedira silêncio e ridicularizara os adversários na linha do lance livre. Olhei para baixo, para a nuca do Coronel. Só fiquei olhando para seus cabelos espessos e volumosos. Por um instante, o silêncio foi tão grande que era possível ouvir o barulho da não respiração, o vácuo criado por 190 estudantes que tinham perdido o fôlego com o susto.

Pensei: *É tudo culpa minha.*

Pensei: *Não estou me sentindo muito bem.*

Pensei: *Vou vomitar.*

Levantei-me e corri para fora do ginásio. Consegui chegar até uma lata de lixo a um metro e meio das portas duplas do edifício e ameacei vomitar sobre algumas garrafas de Gatorade e um lanche meio comido do McDonald’s. Mas não saiu nada. Só ameacei vomitar, os músculos do estômago se contraindo e a garganta se abrindo para soltar um *bléé* ofegante e gutural, repetindo os movimentos do vômito. Entre um engasgo e uma tosse, eu inspirava profundamente. Sua boca. Sua boca morta e fria. Não continuaríamos depois. Eu sabia que ela estava bêbada. Nervosa. Era óbvio que não se podia deixar uma pessoa dirigir bêbada e nervosa. *Era óbvio.* Pelo amor de Deus, Miles, qual é seu problema? Então, finalmente, o vômito me subiu pela garganta e cascadeou na lata de lixo. Ali estava o que sobrara dela em minha boca, ali na lata de lixo. Então o vômito me subiu novamente, e – então está tudo bem, calma, sério, ela não está morta.

Não está morta, está viva. Está viva em algum lugar. Está na floresta. Alasca está se escondendo na floresta e não está morta, só está se escondendo. Só está pregando uma peça em todos nós. Mais uma Peça Extraordinária pregada por Alasca Young. Alasca só estava sendo Alasca, engraçada e brincalhona, sem saber quando e como pisar no freio.

Então me senti bem melhor, porque ela não tinha morrido coisíssima nenhuma.

Voltei para o ginásio, e todos pareciam estar em diferentes estágios de desintegração. Era como algo que se vê na tevê, um documentário da *National Geographic* sobre rituais fúnebres. Vi Takumi de pé ao lado de Lara, com a mão em seu ombro. Vi Kevin com o cabelo à escovinha, a cabeça metida entre os joelhos. Uma garota chamada Molly Tan, que tinha estudado Pré-Cálculo conosco, ululava tristemente, batendo com os punhos fechados nas próprias coxas. Eu conhecia e desconhecia aquela gente. Todo o mundo parecia estar se desintegrando. Então vi o Coronel, os joelhos dobrados contra o peito, deitado de lado na arquibancada. Madame O'Malley estava sentada ao seu lado, as mãos pairando sobre seus ombros sem tocá-los. O Coronel gritava. Inspirava depois gritava. Inspirava. Gritava. Inspirava. Gritava.

No começo, pensei que eram apenas gritos. Mas, depois de algumas tomadas de fôlego, notei um ritmo. E, depois de mais algumas, percebi que o Coronel estava falando. Estava gritando: "Desculpa."

Madame O'Malley pegou sua mão. "A culpa não é sua, Chip. Você não podia ter feito nada." Mas, se ao menos ela soubesse...

Eu só fiquei ali, olhando para aquela cena, pensando nela viva. Senti uma mão em meu ombro e me virei. Era o Águia. Eu lhe disse: "Acho que isso é apenas mais um de seus trotes idiotas", e ele respondeu: "Não, Miles, não. Sinto muito." Minhas bochechas se afoguearam, e eu disse: "Ela é muito boa nisso. Acho que seria capaz de fazer uma coisa dessas", e ele respondeu: "Eu vi o corpo. Sinto muito."

"O que aconteceu?"

“Alguém estava acendendo bombinhas na floresta”, ele disse. Fechei os olhos e os apertei com força, o fato inegável bem diante de mim: eu a tinha matado. “Fui atrás deles, e acho que ela aproveitou para sair com o carro. Estava tarde. Ela estava na I-65, ao sul do centro da cidade. Um caminhão tinha derrapado, bloqueando a pista. A polícia tinha acabado de chegar. E ela bateu de frente na viatura, nem chegou a desviar. Devia estar muito embriagada. A polícia detectou hálito etílico.”

“Como sabe disso?”, perguntei.

“Eu vi o corpo, Miles. Falei com a polícia. Foi instantâneo. Ela bateu com o peito no volante. Sinto muito.”

Perguntei: viu o corpo? Ele disse que sim. Perguntei como ela estava. Só um pouco de sangue escorrendo pelo nariz, ele disse. Então me sentei no chão do ginásio. Podia ouvir os gritos do Coronel e sentir os tapinhas em minhas costas, enquanto eu me inclinava para a frente, mas só conseguia ver seu corpo nu estendido numa mesa de metal, um pequeno fio de sangue escorrendo pelo nariz em meia-lua, os olhos verdes abertos, olhando para longe, a boca franzida sugerindo um sorriso. Ela parecera tão quente junto ao meu corpo, os lábios macios e quentes nos meus.

O Coronel e eu estamos voltando para o quarto em silêncio. Estou olhando para o chão. Não consigo parar de pensar que ela está morta. Não consigo parar de pensar que ela simplesmente não pode estar morta. As pessoas não morrem assim de repente. Estou sem fôlego. Estou com medo, como se alguém tivesse dito que ia me bater depois da aula e, agora, fosse o sexto período e eu soubesse o que me aguardava. Está tão frio – literalmente gelado –, e eu me imagino correndo até o regato e mergulhando de cabeça, o regato tão raso que minhas mãos tocam nas pedras do fundo e meu corpo desliza pela água fria, o choque térmico entorpecendo meu

corpo, e eu fico ali, boiando, seguindo a corrente até os rios Cahaba e Alabama e desaguando na baía de Mobile e no golfo do México.

Quero derreter e me fundir à grama marrom que range sob meus pés e os do Coronel enquanto voltamos para o quarto em silêncio. Seus pés são grandes, grandes demais para a sua altura, e o tênis genérico que ele passou a usar depois que mijaram em seu tênis antigo mais parece um sapato de palhaço. Eu me lembro das sandálias dela, pendendo dos dedos do pé com as unhas pintadas de azul, enquanto nos balançamos no balanço perto do lago. Será que o caixão ficará aberto? Será que o agente funerário conseguirá recriar seu sorriso? Ainda posso ouvir suas palavras: "Isso é divertido, mas estou com sono. Continuamos depois?"

As últimas palavras de Henry Ward Beecher, o pregador do século XIX, foram: "Agora vem o mistério." O poeta Dylan Thomas, que gostava de beber tanto quanto Alasca, disse: "Tomei dezoito doses de uísque. Creio que é um novo recorde", antes de morrer. As favoritas da Alasca eram do dramaturgo Eugene O'Neill: "Nasci num quarto de hotel e – maldição! – vou morrer num quarto de hotel." Até mesmo as vítimas de acidentes de carro, às vezes, tinham tempo para dizer suas últimas palavras. A princesa Diana disse: "Meu Deus, o que aconteceu?" James Dean, o astro do cinema, disse: "Eles precisam nos ver", antes de bater seu Porsche em outro carro. Conheço tantas últimas palavras. Mas jamais saberei quais foram as dela.

Estou vários passos à sua frente quando percebo que o Coronel desabou. Viro-me, e ele está deitado com o rosto no chão. "Precisamos nos levantar, Chip. Precisamos nos levantar. Precisamos chegar até o quarto."

O Coronel vira a cabeça para mim, olha em meus olhos e diz: "Não. Estou. Conseguindo. Respirar."

Mas ele *está* respirando. Sei disso porque o vejo ofegar, como se pretendesse encher os pulmões de um defunto. Eu o ajudo a se levantar, e ele se agarra em mim e chora, voltando a repetir: “Sinto muito.” Era a primeira vez que nos abraçávamos, eu e o Coronel, e não há muito o que dizer, porque ele tem mais é que sentir muito. Coloco a mão em sua nuca e digo a única verdade: “Também sinto muito.”

dois dias depois

NÃO DORMI NAQUELA NOITE. O dia custou a raiar, e, quando raiou, o sol brilhando intensamente através das persianas, o radiador velho não conseguiu nos manter aquecidos, então o Coronel e eu nos sentamos no sofá e ficamos em silêncio. Ele começou a ler o almanaque.

Na noite anterior, eu tinha me aventurado no frio para ligar para os meus pais, e, dessa vez, quando disse: “Oi, é o Miles”, e minha mãe respondeu: “O que houve? Está tudo bem?”, pude lhe dizer com convicção que não, não estava tudo bem. Meu pai pegou o telefone.

“O que houve?”, perguntou.

“Não grite”, minha mãe disse.

“Não estou gritando; é o telefone.”

“Bem, então fale mais baixo”, ela disse, de modo que custou um pouco até eu poder dizer alguma coisa. Quando chegou minha vez de falar, demorei para colocar as palavras em ordem – minha amiga, Alasca, morreu num acidente de carro. Olhei fixamente para os números de telefone e para os recados rabiscados na parede.

“Ah! Miles”, minha mãe disse. “Sinto muito, Miles. Quer voltar para casa?”

“Não”, eu disse. “Quero ficar aqui... Não consigo acreditar”, o que ainda era verdade em parte.

“Que coisa horrível”, meu pai disse. “Coitados dos pais da menina.” *Coitados*, disse comigo e pensei no pai dela. Não conseguia

nem imaginar o que meus pais fariam se eu morresse. Dirigindo bêbado. Santo Deus, se ele descobrisse, iria eviscerar o Coronel e eu.

"O que podemos fazer por você neste instante?", minha mãe perguntou.

"Só precisava que me atendessem e que falassem comigo. Isso vocês já fizeram." Ouvi uma fungada atrás de mim – de resfriado ou de tristeza, não sei – e disse para os meus pais: "Alguém está querendo usar o telefone. Preciso ir."

A noite inteira, eu me senti paralisado no silêncio, aterrorizado. Do que tinha tanto medo, afinal? A coisa já tinha acontecido. Ela estava morta. Estava quente e macia contra minha pele, minha língua em sua boca. Estava rindo, tentando me ensinar a beijar, prometendo continuar depois. E agora.

E agora ela ficava mais fria a cada instante, mais morta a cada respiração minha. Pensei: *Isso é o medo: Perdi uma coisa importante, não consigo achá-la, preciso dela. É o que a pessoa sentiria se perdesse os óculos, fosse até uma óptica e descobrisse que todos os óculos do mundo tinham se acabado e que, agora, ela teria de se virar sem eles.*

Pouco antes das oito da manhã, o Coronel anunciou sem especificar a quem: "Acho que teremos bufritos no almoço."

"É", eu disse. "Está com fome?"

"Não, não. Mas foi ela que deu esse nome, sabia? Quando chegamos aqui, os bufritos se chamavam '*burritos* fritos'. Então ela começou a dizer bufritos, e todos imitaram, até a própria Maureen." Fez uma pausa. "Não sei o que fazer, Miles."

"É, eu sei."

"Já decorei as capitais", ele disse.

"Dos estados?"

"Não, isso eu fiz na quinta série. Dos países. Diga um país."

"Canadá", eu disse.

"Mais difícil."

"Hmm. Uzbequistão?"

“Tashkent.” Ele nem mesmo parou para pensar. Estava ali, na ponta da língua, como se estivesse esperando eu dizer “Uzbequistão”. “Vamos fumar.”

Fomos para o banheiro e abrimos a ducha. O Coronel pegou um maço de cigarros no bolso do *jeans* e riscou um fósforo. Mas o fósforo não acendeu. Tentou outra vez. Não conseguiu. E mais outra, riscando com força, ficando mais e mais irritado, então jogou os fósforos no chão e gritou: “MAS QUE MERDA!”

“Está tudo bem”, eu disse, pegando um isqueiro no bolso da calça.

“Não, Gordo, não está”, ele disse, jogando o cigarro no chão e ficando de pé, subitamente irritado. “Que merda! Santo Deus, como isso foi acontecer? Como ela pôde ser tão idiota? Nunca parou para pensar em nada. Tão impulsiva. Meu Deus. Não está tudo bem. Não acredito que ela tenha sido tão idiota!”

“Deveríamos tê-la impedido”, eu disse.

Ele estendeu o braço na direção do boxe, desligou o chuveiro e bateu com a mão espalmada na parede de azulejo. “É, eu sei que deveríamos tê-la impedido. Porra! Sei muitíssimo bem que deveríamos tê-la impedido. Mas não deveríamos *precisar* fazer isso. Tínhamos de vigiá-la como uma garotinha de três anos. Uma pisada na bola, e ela morre. Meu Deus! Estou ficando maluco. Vou dar uma caminhada.”

“Tudo bem”, respondi, tentando soar calmo.

“Desculpa”, ele disse. “Estou me sentindo mal, como se estivesse morrendo.”

“E está”, eu disse.

“É. Todos nós estamos. Nunca se sabe. De repente. PUF. Pronto, acabou.”

Eu o segui até o quarto. Ele pegou o almanaque no beliche de cima, fechou o zíper do casaco, bateu a porta e PUF. Sumiu.

Quando amanheceu, chegaram as visitas. Uma hora depois de o Coronel ter saído, nosso colega maconheiro, Hank Walsten, veio me oferecer um baseado. Recusei educadamente. Ele me abraçou e disse: "Pelo menos foi instantâneo. Não houve dor."

Eu sabia que era sua maneira de ajudar, mas ele simplesmente não entendia. Havia dor, sim. Uma dorzinha interminável em meu estômago que não passava nem mesmo quando eu me ajoelhava nos azulejos frios do banheiro, vomitando em seco.

Além do mais, como a morte podia ser "instantânea"? Quanto tempo é um instante? Um segundo? Dez? A dor que ela sentiu nesses poucos segundos deve ter sido horrível. Seu coração foi esmagado, o pulmão parou de funcionar, e não havia nem ar nem sangue em sua cabeça, apenas desespero. Mas que diabos significa "instantâneo"? Nada é instantâneo. Arroz instantâneo leva cinco minutos, pudim instantâneo uma hora. Duvido que um instante de dor intensa pareça instantâneo.

Será que ela tivera tempo de ver a vida passar diante de seus olhos? Será que eu estava lá? Será que o Jake estava lá? Ela tinha prometido, eu lembrei, tinha prometido que continuaríamos depois, mas eu sabia que ela estava indo para o norte quando morreu, para Nashville, para Jake. Talvez aquilo não tivesse significado nada para ela. Talvez tivesse sido apenas mais um exemplo de sua enorme impulsividade. Enquanto Hank permanecia de pé no vão da porta, eu olhava através dele, olhava para o círculo dos dormitórios que estava quieto demais, imaginando se eu tivera alguma importância para ela, e só conseguia me dizer que sim, claro, ela tinha prometido. Continuaríamos depois.

Lara veio em seguida, os olhos pesados e inchados. "O que aconteceu?", ela perguntou enquanto eu a abraçava na ponta dos pés para colocar o queixo sobre sua cabeça.

"Não sei", eu disse.

"Viram a Alasca naquela noite?", ela perguntou, falando com a boca encostada em minha clavícula.

“Ela se embebedou”, eu disse. “O Coronel e eu fomos dormir. Acho que ela deve ter saído de carro.” E isso se tornou a mentira-padrão.

Senti os dedos de Lara, úmidos de lágrimas, pressionando minha palma e, sem pensar direito, tirei a mão. “Desculpa”, eu disse.

“Tudo béém”, ela disse. “Se quiser me visitar, estarei em meu quarto.” Não quis visitá-la. Não sabia o que dizer – fazíamos parte de um triângulo amoroso com um lado morto.

Naquela tarde, entramos novamente em fila no ginásio para participar de uma assembleia-geral. O Águia anunciou que, no domingo, a escola ia fretar um ônibus para o funeral em Vine Station. Quando nos levantamos para sair, reparei que Takumi e Lara estavam caminhando em nossa direção. Lara me viu e sorriu palidamente. Retribuí o sorriso e me virei depressa, escondendo-me no meio da multidão que saía em fila e em prantos pelo ginásio.

Estou dormindo. Alasca entra voando em meu quarto. Está nua e intacta. Os seios, que eu senti muito rapidamente e no escuro, pendem de seu corpo, reluzentes e volumosos. Ela paira a centímetros de mim, o hálito quente e doce em meu rosto, como uma brisa percorrendo o capim alto.

“Oi”, eu digo. “Senti sua falta.”

“Você está bonito, Gordo.”

“Você também.”

“Estou peladona”, ela diz, depois ri. “Como foi que fiquei *peladona?*”

“Só quero que fique comigo”, eu digo.

“Não”, ela diz, e seu corpo cai pesadamente em cima de mim, esmagando meu peito, roubando meu ar. Ela está fria e molhada, como gelo derretido. A cabeça está partida. Um líquido viscoso meio rosado e meio cinzento aflora em seu crânio fraturado e pinga em meu rosto. Ela fede a formol e carne estragada. Sobe-me uma ânsia de vômito, e eu a empurro para o lado, apavorado.

Acordei caindo e me espatifei no chão com um baque surdo. Ainda bem que eu era o homem do beliche de baixo. Tinha dormido catorze horas. Já era de manhã. Quarta-feira, pensei. O funeral seria no domingo. Indaguei-me se o Coronel conseguiria voltar a tempo, onde quer que estivesse. Ele *tinha* de ir ao funeral, porque eu não conseguiria ir sozinho, e ir com outra pessoa seria o mesmo que ir sozinho.

O vento frio fustigava a porta. As árvores para além da janela dos fundos balançavam com tamanha violência que eu as ouvia do meu quarto. Sentei-me na cama e pensei no Coronel em algum lugar lá fora, a cabeça baixa, os dentes trincados, caminhando contra o vento.

quatro dias depois

ERAM CINCO DA MANHÃ. Eu estava lendo uma biografia do explorador Meriwether Lewis (da famosa dupla Lewis & Clark), tentando permanecer acordado, quando a porta se abriu e o Coronel apareceu.

Suas mãos pálidas tremiam, e o almanaque que ele trazia consigo mais parecia uma marionete dançando sem cordas.

“Está com frio?”, perguntei.

Ele fez que sim com a cabeça, tirou o tênis e se deitou em minha cama, no beliche de baixo, puxando as cobertas sobre o corpo. Seus dentes batiam como um telégrafo.

“Santo Deus! Você está bem?”

“Melhor agora. Mais quente”, ele disse. Uma pequena mão branca de fantasma surgiu debaixo do edredom. “Segura minha mão, por favor?”

“Seguro, mas é só isso. Nada de beijos.” Ele riu, fazendo a colcha tremer.

“Onde você estava?”

“Fui andando até Montevallo.”

“Sessenta e cinco quilômetros?”

“Sessenta e oito”, ele me corrigiu. “Bem, sessenta e oito para ir. Sessenta e oito para voltar. Cento e vinte e seis ao todo. Não. Cento e trinta e seis. Isso. Cento e trinta e seis quilômetros em quarenta e cinco horas.”

“Mas que diabos tinha em Montevallo?”, perguntei.

“Nada de mais. Só andei até não aguentar o frio, depois dei meia-volta.”

“Não dormiu?”

“Não! Os pesadelos são horríveis. Nos meus sonhos, ela nem mesmo se parece com ela. Nem mesmo consigo me lembrar de como ela era.”

Larguei sua mão, peguei o anuário e mostrei o retrato dela. Na foto em preto e branco, ela está com sua tradicional camiseta regata cor de laranja e um *short jeans* cortado que lhe cobre metade das coxas finas, a boca escancarada numa eterna risada, enquanto o braço esquerdo segura Takumi numa gravata. O cabelo lhe cai pelo rosto, escondendo suas bochechas.

“Certo”, o Coronel disse. “Pois é. Eu estava cansado de vê-la aborrecida sem motivo. Ela ficava triste e falava sobre a porcaria do peso opressivo da tragédia ou qualquer coisa assim, mas nunca dizia o que estava errado, nunca dizia o motivo por que estava triste. Acho que a pessoa precisa de um *motivo*. Minha namorada me deu um fora, por isso estou triste. Fui pego fumando, por isso estou irritado. Minha cabeça está doendo, por isso estou mal-humorado. Ela nunca tinha *motivo*, Gordo. Eu já estava cansado de todo aquele drama. Então a deixei ir embora. Santo Deus.”

Às vezes o mau humor dela também me irritava, mas não naquela noite. Naquela noite, eu a deixei ir embora porque ela mandou. Era simples assim, idiota assim.

A mão do Coronel era tão pequenina. Apertei-a com força, o frio dele passando para o meu corpo e o meu calor passando para o dele. “Decorei os contingentes populacionais”, ele disse

“Uzbequistão.”

“Vinte e quatro milhões, setecentos e cinquenta e cinco mil, quinhentos e dezenove.”

“Camarões”, eu disse, tarde demais. Ele estava dormindo, a mão inerte na minha. Coloquei-a debaixo da colcha novamente e subi no beliche de cima. Teria de ser o homem do beliche de cima pelo menos naquela noite. Adormeci ouvindo sua respiração, lenta e cadenciada, sua rebeldia finalmente se desfazendo diante do cansaço invencível.

seis dias depois

NAQUELE DOMINGO, acordei depois de três horas de sono e fui tomar meu primeiro banho em alguns dias. Vesti meu único terno. Quase não o trouxera, mas minha mãe insistira em que nunca se sabe quando vamos precisar de um terno, e ela estava certa.

O Coronel não tinha terno e, por causa da baixa estatura, não podia pegar um emprestado com outro colega, então vestiu calças pretas largas e uma camisa social cinzenta.

“Será que posso usar a gravata dos flamingos?”, ele perguntou, calçando meias pretas.

“É um pouco alegre demais para a ocasião”, respondi.

“Não serve para a ópera”, disse o Coronel, quase sorrindo. “Não serve para o funeral. Não serve para eu me enforcar. É meio inútil como gravata.” Emprestei-lhe uma das minhas.

A escola tinha fretado alguns ônibus para levar os alunos para o norte do estado, para a cidade da Alasca, Vine Station, mas Lara, o Coronel, Takumi e eu viajamos no utilitário esportivo do Takumi, pegando as estradas secundárias para não termos de passar pelo local. Fiquei olhando pela janela do carro, observando enquanto o subúrbio de Birmingham se transformava aos poucos nas colinas suaves e nos campos do norte do Alabama.

No banco da frente, Takumi contou para Lara sobre o garoto que tinha buzinado o peito da Alasca no verão. Ela riu. Aquele tinha sido nosso primeiro encontro, e agora estávamos nos encaminhando para o último. Acima de tudo, eu sentia a injustiça daquilo, a inegável injustiça de amar alguém que talvez também me amasse, mas que agora não podia fazer nada porque estava morta. Inclinei-me para a frente, a testa nas costas do assento do motorista, e chorei, choraminguei. O que estava sentindo não era bem tristeza, era dor. Aquilo doía, e não é um eufemismo. Doía como uma surra.

As últimas palavras de Meriwether Lewis foram: "Não sou covarde, sou forte demais. É difícil morrer." Não duvido que seja, mas não pode ser muito pior do que ser deixado para trás. Eu pensava em Lewis enquanto seguia Lara para o interior da capela em formato de "A" anexada ao prédio de um só andar da funerária de Vine Station, Alabama, uma cidade tão deprimida e deprimente quanto Alasca nos fizera crer. O lugar cheirava a mofo e desinfetante, e o papel de parede amarelo do vestíbulo estava descascando nos cantos.

"Estão aqui por causa da Srta. Young?", alguém perguntou ao Coronel. Ele assentiu com a cabeça, e fomos conduzidos a um cômodo amplo com fileiras de cadeiras dobráveis ocupadas por um único homem. Ele estava ajoelhado diante do caixão, perto do altar. O caixão estava fechado. Fechado. Eu nunca mais a veria. Não poderia lhe beijar a testa. Não poderia vê-la uma última vez. Mas eu precisava, precisava *vê-la*, por isso perguntei alto demais, "Por que está fechado?", e o homem cuja pança se projetava do terno apertado se virou e caminhou em minha direção.

"A mãe dela", disse. "A mãe dela foi velada num caixão aberto, então Alasca me pediu: 'Não deixe que eles me vejam morta, papai', e foi isso. Além do mais, filho, ela não está mais ali dentro, está com o Senhor."

E colocou as mãos em meus ombros, aquele homem que tinha engordado desde a última vez que precisara vestir um terno. Eu não podia acreditar no que tinha feito com ele, seus olhos verdes e cintilantes como os da Alasca, porém afundados nas órbitas escuras

como um fantasma de olhos verdes que ainda respirava. Por favor, Alasca, não morra, por favor. Não morra. Desvencilhei-me dele, caminhei até o caixão, passando por Lara e Takumi, ajoelhei-me e coloquei as mãos sobre a madeira polida, o mogno escuro da cor de seus cabelos. Senti as mãos pequenas do Coronel em meu ombro. Uma lágrima pingou em minha cabeça, e, por um breve instante, éramos apenas nós três – os ônibus com nossos colegas ainda não tinham chegado, Takumi e Lara tinham desaparecido no plano de fundo, e ficamos apenas nós três –, três corpos, duas pessoas – os três que sabiam o que havia acontecido, separados por uma quantidade excessiva de camadas e de coisas que nos afastavam um do outro. O Coronel disse: “Queria tanto poder salvá-la”, e eu: “Chip, ela se foi”, e ele: “Pensei que ia sentir a presença dela aqui, olhando por nós, mas você está certo. Ela se foi”, e eu: “Ai, meu Deus! Alasca, eu te amo, eu te amo”, então o Coronel sussurrou: “Sinto muito, Gordo. Sei que você a amava”, e eu: “Não. Não no pretérito.” Ela já não era uma pessoa, era um monte de carne em decomposição, mas eu a amava no presente. O Coronel se ajoelhou ao meu lado, levou os lábios ao caixão e sussurrou: “Sinto muito, Alasca. Você merecia um amigo melhor.”

Será que é tão difícil morrer, Sr. Lewis? Será que esse labirinto é tão pior do que este daqui?

sete dias depois

PASSEI O DIA SEGUINTE NO QUARTO, jogando futebol americano com o som da tevê desligado, ao mesmo tempo incapaz de não fazer nada e incapaz de fazer qualquer coisa por muito tempo. Era o dia de Martin Luther King, nosso último dia de férias antes de as aulas recomeçarem, e a única coisa em que eu conseguia pensar era que eu a tinha matado. O Coronel me fez companhia pela manhã, mas depois resolveu ir para o refeitório comer bolo de carne.

“Vamos”, ele disse.

“Estou sem fome.”

“Você precisa se alimentar.”

“Quer apostar?”, perguntei sem tirar os olhos do jogo.

“Santo Deus! Está bem, então.” Ele soltou um suspiro e saiu batendo a porta. *Continua bastante zangado*, pensei, sentindo um pouco de pena. Não havia motivo para ficar zangado. A raiva só nos distraía da tristeza onipresente e do fato inegável de que nós a tínhamos matado e privado de um futuro e de uma vida. Ficar zangado não consertaria as coisas, porra.

“Como estava o bolo de carne?”, perguntei para o Coronel quando ele voltou.

“Do jeito que você se lembra. Não parece nem bolo nem carne.” O Coronel se sentou ao meu lado. “O Águia almoçou comigo. Quis saber se tínhamos disparado as bombinhas.” Pausei o jogo e me virei para ele. Com uma das mãos, ele arrancou um dos últimos pedaços de couro sintético azul do sofá de espuma.

“E o que foi que você disse?”, perguntei.

“Não dedurei ninguém. Ele falou que a tia da Alasca, eu acho, vinha esvaziar o quarto amanhã. Então, se houver algo que seja nosso ou que a tia não gostaria de ver...”

Voltei-me para o jogo e disse: “Não quero fazer isso hoje.”

“Então faço sozinho”, ele respondeu. Virou-se e saiu do quarto, deixando a porta aberta, e o frio amargo do inverno rapidamente venceu o radiador. Pausei o jogo e me levantei para fechar a porta. Quando espiei para fora, querendo ver se o Coronel tinha entrado no quarto da Alasca, dei com ele parado na frente do quarto. Puxou-me pelo moletom, sorriu e disse: “Eu *sabia* que você não ia me deixar fazer isso sozinho. *Sabia*.” Balancei a cabeça e revirei os olhos, mas fui atrás dele, caminhando pela calçada, passando pelo telefone público e entrando no quarto dela.

Eu não tinha pensado em seu cheiro depois que ela morreu. Mas, quando o Coronel abriu a porta, peguei um resquício de seu odor: terra e grama molhadas, fumaça de cigarro e, por trás disso, um

vestígio de creme para pele com aroma de baunilha. Ela se derramou sobre meu presente, e só o bom-senso me impediu de enfiar o rosto no cesto cheio de roupas sujas perto da cômoda. Tudo estava como em minhas lembranças: centenas de livros empilhados contra as paredes, o edredom cor de alfazema amarrotado ao pé da cama, uma pilha de livros erguendo-se perigosamente na mesa de cabeceira, a vela vulcânica aparecendo debaixo da cama. Tudo estava como eu imaginava, mas o cheiro, inequivocamente seu, pegou-me desprevenido. Fiquei de pé, no centro do quarto, com os olhos fechados, inspirando lentamente pelo nariz, o aroma de baunilha e a grama virgem de outono, mas, cada vez que eu inspirava, o cheiro enfraquecia à medida que eu me acostumava com ele, até que, por fim, ela sumiu novamente.

“Isso é insuportável”, eu disse, desanimado, pois era verdade. “Santo Deus! Todos estes livros que ela nunca vai ler. A Biblioteca da Vida dela.”

“Comprados em vendas de garagem e, agora, provavelmente, destinados a vendas de garagem.”

“Das cinzas às cinzas. Das vendas de garagem às vendas de garagem”, eu disse.

“Certo. Vamos lá. Mãos à obra. Pegue tudo o que a tia dela não gostaria de ver”, o Coronel disse, e eu o vi se ajoelhar perto da escrivaninha, a gaveta debaixo do computador aberta, seus pequenos dedos manuseando os montes de folhas grampeadas. “Meu Deus, ela guardava todos os trabalhos. *Moby Dick*. *Ethan Frome*.”

Procurei debaixo do colchão pelos preservativos que eu sabia que ela guardava para as visitas do Jake. Coloquei-os no bolso, depois fui até a cômoda e revirei sua roupa íntima à procura de garrafas de bebida, brinquedos eróticos ou sei lá o quê. Não encontrei nada. Então me virei para os livros, empilhados de lado, a lombada para fora, o amontoado de literatura que era a Alasca. Havia um livro em especial que eu queria levar, mas não conseguia encontrá-lo.

O Coronel estava sentado no chão, inclinando a cabeça para olhar debaixo da cama. “Ela não deixou nenhuma garrafa de bebida,

não é verdade?”, perguntou.

Eu quase disse: *Ela enterrava as garrafas na floresta, perto do campo de futebol*, então me dei conta de que o Coronel não sabia. Ela não o tinha levado até a orla da floresta para cavar um tesouro escondido. Só eu e ela conhecíamos esse segredo. Guardei isso comigo como um souvenir, como se a lembrança pudesse se dissipar se eu a compartilhasse com mais alguém.

“Está vendo *O general no seu labirinto?*”, perguntei enquanto corria os olhos pelos títulos na lombada dos livros. “A capa é meio verde, eu acho. O livro é em brochura e foi molhado, então as páginas devem estar inchadas, mas não acho que ela...” Então ele me interrompeu: “Certo, está aqui”. Voltei-me para ele e vi o livro em sua mão, as páginas abertas como uma sanfona azul, da cor dos cabelos de Longwell, Jeff e Kevin. Caminhei em sua direção, peguei o livro e me sentei na cama. Os trechos sublinhados e as anotações feitas por ela estavam borrados por causa da inundação, mas boa parte do livro continuava legível. Estava pensando em levá-lo para o quarto para ler, embora não fosse uma biografia, quando deparei com aquela página já no final:

Estremeceu diante da revelação de que a corrida arrojada entre seus males e seus sonhos estava chegando ao fim. O resto eram trevas. “Droga”, ele suspirou. “Como sairei deste labirinto?”

Toda a passagem tinha sido sublinhada em tinta preta ensopada que, agora, parecia se esvaír em sangue. Mas havia outra tinta, uma tinta azul mais nítida, pós-inundação, e uma seta que ligava “Como sairei deste labirinto?” a uma nota de rodapé com sua letra cursiva: *Rápida e diretamente*.

“Olha só, ela escreveu uma coisinha depois da inundação”, eu disse. “Mas é estranho. Olha. Página cento e noventa e dois.”

Joguei o livro para o Coronel. Ele o folheou até encontrar a página, depois olhou para mim. “Rápida e diretamente”, ele disse.

“Estranho, não? Acho que é a saída do labirinto.”

“Calma, como foi que aconteceu? O que aconteceu?”

E, como só tinha acontecido uma coisa, eu sabia do que ele estava falando. “Já lhe disse o que o Águia me contou. Um caminhão derrapou e bloqueou a pista. A polícia apareceu para organizar o trânsito, e ela bateu na viatura. Estava tão bêbada que nem ao menos desviou.”

“Tão *bêbada*? Tão *bêbada*? O carro da polícia devia estar com o pisca-alerta ligado. Gordo, ela bateu numa viatura com o pisca-alerta ligado”, ele disse depressa. “Rápida e diretamente. Rápida e diretamente. Para fora do labirinto.”

“Não”, eu disse, mas, enquanto dizia, imaginei a cena em minha cabeça. Imaginei-a bastante bêbada e nervosa. (Por quê? Por ter traído o Jake? Por ter me magoado? Por gostar mais de mim do que dele? Ou por ter dedurado a Marya?) Imaginei-a olhando para o carro da polícia e acelerando, sem se importar com mais ninguém, nem com a promessa que me fez, nem com seu pai, nem com ninguém. Aquela vagabunda, aquela vagabunda se matou. Mas não. Isso não era de seu feitio. Não. Ela disse que *Continuaríamos depois*. Não, claro que: “Não.”

“É, acho que você tem razão”, o Coronel disse. Largou o livro, sentou-se na cama ao meu lado e mergulhou a testa nas mãos espalmadas. “Quem é que sai do *campus* e dirige por dez quilômetros para depois se matar? Não faz sentido. Mas ‘Rápida e diretamente’. É uma premonição meio esquisita, não acha? Além disso, ainda não sabemos ao certo o que aconteceu, se você parar para pensar. Aonde ela estava indo, por quê. Quem ligou. Alguém *ligou*, não foi? Ou será que inventei...”

O Coronel continuou falando, tentando desvendar o mistério, enquanto eu me abaixava para pegar o livro e procurava a página onde a corrida do general tinha chegado ao fim. Estávamos imersos em nossos próprios pensamentos, a distância entre nós intransponível, e não ouvi o que o Coronel disse, porque estava ocupado demais tentando absorver o último vestígio do cheiro dela, tentando me convencer de que ela não tinha se matado. Eu era o culpado – eu tinha feito aquilo, e o Coronel também. Ele podia

tentar escapar com seus mistérios, mas eu sabia, sabia que éramos completa e imperdoavelmente culpados.

oito dias depois

TERÇA-FEIRA – tivemos nosso primeiro dia de aula. Madame O'Malley pediu um minuto de silêncio no começo da aula de Francês, sempre marcada por longos minutos de silêncio, depois nos perguntou como estávamos nos sentindo.

"Horrível", uma garota disse.

"*En français*", Madame O'Malley respondeu. "*En français*."

Tudo parecia o mesmo, só que mais quieto: os Guerreiros de Dia de Semana continuavam sentados nos bancos do lado de fora da biblioteca, mas sua fofoca era mais silenciosa e afável. O refeitório se encheu com o barulho das bandejas de plástico chocando-se contra as mesas de madeira e dos garfos raspando nos pratos, mas ninguém conversava. Mais do que o silêncio de todo o mundo, era o silêncio onde ela deveria estar: nossa Alasca contadora de histórias, sempre tão animada e buliçosa. Era como se ela estivesse introspectiva novamente, como se estivesse se recusando a responder aos "comos" e aos "por quês", só que desta vez para sempre.

O Coronel se sentou ao meu lado na aula de Religião, suspirou e disse: "Está fedendo a cigarro, Gordo."

"Pergunta se eu ligo."

O Sr. Hyde entrou na sala, arrastando os pés, com nossos trabalhos finais amontoados debaixo do braço. Sentou-se, respirando com dificuldade, e começou a falar. "Há uma lei que diz que os pais não deveriam ter de enterrar seus próprios filhos", ele disse. "Alguém deveria colocá-la em vigor. Neste semestre, continuaremos a estudar as tradições religiosas às quais vocês foram apresentados no outono. Mas estou certo de que as questões sugeridas terão mais urgência agora do que tinham alguns dias atrás. O que acontece

quando morremos, por exemplo, não é mais apenas uma questão abstrata de interesse filosófico. É algo que devemos nos perguntar sobre nossa colega. E como viver à sombra do sofrimento deixou de ser um mistério que somente os budistas, os cristãos e os muçulmanos precisam explorar. As questões do pensamento religioso tornaram-se pessoais, eu acho.”

Ele folheou rapidamente os trabalhos, empilhados à sua frente, e puxou um deles. “Tenho aqui o trabalho final da Alasca. Vocês se lembram de que eu tinha pedido que me dissessem qual era a pergunta mais importante para nós, seres humanos, e como as três religiões estudadas respondiam a essa pergunta. Alasca escreveu o seguinte.”

Com um gemido, ele se apoiou na cadeira e ficou de pé, depois escreveu na lousa: *Como sairemos deste labirinto de sofrimento?* – A.Y.

“Vou deixar isto aqui na lousa pelo resto do semestre”, ele disse. “Pois todos os que já perderam o rumo na vida se sentiram perturbados com a insistência dessa pergunta. Em algum momento, todos nós olhamos em volta e percebemos que estamos perdidos num labirinto. Não quero que se esqueçam da Alasca. Não quero que se esqueçam de que, mesmo que a matéria pareça chata, estamos procurando entender como as pessoas responderam a essa pergunta e às perguntas que vocês fizeram no trabalho – como as diferentes religiões encaram o que Chip, em seu trabalho, chamou de ‘se dar mal na vida’.”

Hyde sentou-se. “Como vocês estão?”

O Coronel e eu não dissemos nada, enquanto um monte de gente que não conhecia a Alasca enaltecia suas virtudes e se professava triste com a perda. E, no começo, aquilo me incomodou. Eu não queria que as pessoas que ela não conhecia – e as pessoas das quais ela não gostava – ficassem tristes. Não tinham se importado com ela e, agora, faziam parecer que ela era sua irmãzinha. Mas acho que eu também não a conheci por completo. Se tivesse conhecido, teria sabido o que ela quisera dizer com “Continuamos depois?”. E, se eu tivesse me importado tanto quanto

deveria, tanto quanto achava que me importava, não a teria deixado ir embora.

Então eles não me incomodaram, sabe. Mas, ao meu lado, o Coronel respirava lenta e profundamente pelo nariz como um touro prestes a atacar.

Chegou até a revirar os olhos quando a Guerreira de Dia de Semana Brooke Blakely, cujos pais tinham recebido um relatório de progresso com os cumprimentos da Alasca, disse: "Só estou triste porque nunca lhe falei que eu a amava. Não entendo *por que* isso foi acontecer."

"Mentira!", o Coronel disse enquanto caminhávamos para o refeitório na hora do almoço. "Como se Brooke Blakely se importasse com a Alasca!"

"Se Brooke Blakely morresse, você não ficaria triste?", perguntei.

"Acho que sim, mas não ia lamentar o fato de nunca ter falado para ela que eu a *amava*. Não amo. Ela é uma idiota."

Achei que todos tinham desculpas melhores do que as nossas para ficarem tristes – afinal, não tinham sido responsáveis por sua morte –, mas eu sabia que não adiantava conversar com o Coronel quando ele ficava zangado.

nove dias depois

"**TENHO UMA TEORIA**", o Coronel disse quando entrei no quarto depois de um terrível dia de aula. O frio tinha começado a diminuir, mas a notícia não chegara aos ouvidos de quem comandava a fornalha, pois as salas de aula continuavam abafadas e quentes demais, e eu só queria engatinhar até a cama e dormir até a hora de começar tudo de novo.

"Senti sua falta na aula de hoje", comentei, sentando-me na cama. O Coronel estava em sua escrivaninha, debruçado sobre um

caderno. Eu me deitei de barriga para cima e puxei as cobertas por sobre a cabeça, mas o Coronel insistiu.

“Pois é. Eu estava ocupado criando essa teoria. Ela não me parece muito provável, mas é plausível. Escuta só. Ela beija você. Depois alguém telefona. Jake, imagino. Eles brigam – porque ela foi infiel ou outra coisa, não sei. Ela fica chateada e quer ver o namorado. Volta para o quarto chorando e nos pede ajuda para sair do *campus*. Está desesperada, porque, sei lá, digamos que o Jake vai terminar o namoro se ela não for visitá-lo. É um motivo hipotético. Ela sai do *campus*, bêbada e chateada. Está furiosa consigo mesma por algum motivo. Está dirigindo, vê o carro da polícia, e, num lampejo, tudo se encaixa. Ela percebe que a saída para seu mistério labiríntico é encará-lo de frente. É o que ela faz, rápida e diretamente, indo de encontro à viatura, sem se desviar, não porque estivesse bêbada, mas porque queria se matar.”

“Isso é ridículo. Ela não estava pensando no Jake, não estava brigando com ele. *Estava me beijando*. Tentei falar sobre o Jake, mas ela fez *ssh* para mim.”

“Então quem foi que ligou?”

Desvencilhei-me do edredom aos chutes e, com os punhos cerrados, soquei a parede enquanto dizia cada sílaba: “EU! NÃO! SEI! E quer saber? Não importa. Porque ela está morta. Será que o brilhante Coronel vai pensar em algo que a deixe menos morta?” Mas é claro que importava, e foi por isso que continuei socando a parede de concreto, foi por isso que as perguntas vieram à tona durante a semana. Quem ligou? O que aconteceu? Por que ela saiu? Jake não comparecera ao funeral. Não ligara para nos dizer que sentia muito ou para perguntar o que havia acontecido. Simplesmente desaparecera, e eu tinha me perguntado, é claro. Tinha me perguntado se ela tivera intenção de manter a promessa de continuarmos depois. Tinha me perguntado sobre quem teria ligado, e por quê, e o que a tinha deixado tão chateada. Mas preferia me indagar a encontrar respostas com as quais não seria capaz de conviver.

“Talvez ela tenha saído para terminar com o Jake e depois”, o Coronel disse, com a voz subitamente embotada, e se sentou na beira da minha cama.

“Não sei. E, para ser sincero, também não quero saber.”

“É, mas eu quero”, ele disse. “Porque, se ela sabia o que estava fazendo, Gordo, então ela nos fez seus cúmplices. E eu a odeio por isso. Santo Deus! Olha só para nós. Nem mesmo conseguimos falar com as outras pessoas. Então, escuta, escrevi o que devemos fazer: *Primeiro*. Falar com as testemunhas oculares. *Segundo*. Descobrir quão bêbada ela estava. *Terceiro*. Descobrir aonde ela estava indo e por quê.”

“Não quero falar com o Jake”, eu disse, sem entusiasmo, já conformado com os intermináveis planos do Coronel. “Se ele souber, certamente não vou querer falar com ele. E, se não souber, não vou querer fingir que nada aconteceu.”

O Coronel ficou de pé e soltou um suspiro. “Quer saber, Gordo? Eu me sinto mal por você. Juro. Sei que vocês se beijaram e sei que você está de coração partido. Mas, sério, cala a boca. Se o Jake souber, você não vai tornar as coisas piores. E, se ele não souber, não vai descobrir. Então pare de se preocupar consigo mesmo por um minuto e pense em nossa amiga que morreu. Desculpa, foi um longo dia.”

“Não tem problema”, eu disse, puxando as cobertas por sobre a cabeça. “Não tem problema”, repeti. Que seja. Realmente não tinha problema. Teria de ser. Não podia me dar ao luxo de perder o Coronel.

treze dias depois

COMO NOSSA PRINCIPAL FONTE de transporte automotivo estava enterrada em Vine Station, Alabama, o Coronel e eu fomos forçados a caminhar até a Delegacia de Pelham à procura de testemunhas oculares. Saímos depois de termos jantado no refeitório, a noite

caindo rápida e prematuramente, e caminhamos pela Rodovia 119 por cerca de dois quilômetros até chegarmos a um edifício de estuque de um só andar localizado entre uma Casa do Waffle e um posto de gasolina.

Lá dentro, uma longa bancada que batia à altura do plexo solar do Coronel nos separava da delegacia propriamente dita, que parecia consistir em três policiais uniformizados falando ao telefone, cada qual em sua escrivaninha.

"Sou o irmão de Alasca Young", o Coronel anunciou corajosamente. "Quero falar com o policial que a viu morrer."

Um homem magro e pálido com uma barba louro-avermelhada falou apressadamente ao telefone e desligou. "Eu vi a garota", ele disse. "Ela bateu na minha viatura."

"Podemos falar lá fora?", o Coronel perguntou.

"Claro."

O policial pegou um casaco e caminhou em nossa direção, e, quando ele chegou mais perto, reparei nas veias azuis sob a pele transparente de seu rosto. Para um policial, ele não parecia sair muito. Do lado de fora, o Coronel acendeu um cigarro.

"Você não tem dezenove anos, tem?", o policial perguntou. No Alabama, você pode se casar aos dezoito (ou aos catorze, com a permissão da mãe e do pai), mas precisa ter dezenove anos para poder fumar.

"Então me prenda. Só quero saber o que você viu."

"Eu costumo trabalhar das seis à meia-noite, mas, naquele dia, eu estava cobrindo o turno da madrugada. Recebi uma chamada a respeito de um caminhão que tinha derrapado na pista. Eu estava a um quilômetro e meio dali, então me encaminhei para o local e encostei a viatura. Ainda estava dentro do carro, quando vi pelo canto do olho um farol aceso. Eu estava com as luzes acesas e a sirene ligada, mas o farol continuou vindo na minha direção, filho. Então saltei depressa e saí correndo, e ela simplesmente engavetou atrás de mim. Já vi muita coisa nesta vida, mas nunca tinha visto nada parecido. Ela não desviou. Não pisou no freio. Simplesmente

bateu. Eu não estava a mais de três metros do carro quando ela bateu. Pensei que tivesse morrido, mas estou aqui.”

Pela primeira vez, a teoria do Coronel me pareceu plausível. Ela não ouviu *a sirene*? Não viu *as luzes*? Estava sóbria o bastante para beijar, pensei. Então devia estar sóbria o bastante para desviar o carro.

“Viu o rosto dela antes da batida? Ela estava dormindo?”, o Coronel perguntou.

“Isso eu não sei dizer. Não deu pra vê-la. Não deu tempo.”

“Entendo. Ela já estava morta quando você chegou?”, ele perguntou.

“Eu... Eu fiz tudo o que podia. Corri para ajudá-la, mas o volante... Bem, cheguei lá e tentei afrouxar o volante, mas não havia como tirá-la do carro viva. O peito dela ficou praticamente esmagado, entende?”

Estremeci diante da cena. “Ela disse alguma coisa?”, perguntei.

“Estava desmaiada, filho”, ele disse, balançando a cabeça, e minha última esperança de descobrir suas últimas palavras se esvaíram.

“Acha que foi um acidente?”, o Coronel perguntou. Eu estava atrás dele, os ombros curvados, querendo fumar, mas com medo de ser tão audacioso quanto ele.

“Trabalho nesta delegacia há vinte e seis anos eu já vi mais gente bêbada do que vocês podem imaginar, mas nunca vi ninguém tão bêbado que não conseguisse nem sequer tentar desviar o carro. Mas não sei. O médico legista disse que foi um acidente. Pode ter sido. Não é a minha área, sabe? Acho que agora isso é entre ela e Deus.”

“Ela estava muito bêbada?”, perguntei. “Tipo, fizeram algum teste?”

“Fizeram. O nível de álcool em seu sangue era de 0,24%. Ela estava bêbada, sim. Bastante bêbada.”

“Viu alguma coisa no carro?”, o Coronel perguntou. “Tipo, algo estranho?”

“Vi panfletos de universidades – em lugares como Maine, Ohio e Texas. Na hora, pensei, essa garota deve ser de Culver Creek. Que coisa triste, uma garota que queria ir para a faculdade morrer assim. É uma pena. Também vi flores. No banco de trás do carro. Coisa de florista, sabe? Tulipas.”

Tulipas? Pensei imediatamente nas tulipas que o Jake tinha mandado para ela. “Brancas?”, perguntei.

“Isso mesmo”, o policial respondeu. Por que ela levaria as tulipas? Mas o policial não saberia responder a essa pergunta.

“Espero que vocês tenham encontrado o que estavam procurando. Eu também andei pensando nisso, porque nunca vi nada parecido. Pensei bastante, fiquei imaginando se ela teria sobrevivido se eu tivesse ligado o carro rapidamente e pisado no acelerador. Talvez tivesse dado tempo. Agora não vou saber. Mas acho que não importa, se foi acidente ou não. De qualquer modo, é uma pena.”

“Você não podia ter feito nada”, o Coronel disse suavemente. “Você fez seu trabalho, e nós agradecemos.”

“Certo. Obrigado. Podem ir agora. Cuidem-se. E me avisem se tiverem mais alguma pergunta. Levem o meu cartãozinho caso precisem de alguma coisa.”

O Coronel guardou o cartãozinho em sua carteira de couro sintético, e voltamos para casa a pé.

“Tulipas brancas”, eu disse. “As tulipas do Jake. Por quê?”

“Ano passado, estávamos com o Takumi no Buraco do Fumo, e havia uma pequena margarida branca na margem do regato. Alasca pulou na água de repente, imersa até a cintura, e vadeou o rio só para pegar a florzinha e colocá-la atrás da orelha. Quando perguntei por que tinha feito aquilo, ela me disse que seus pais costumavam colocar flores brancas atrás de sua orelha quando ela era pequena. Talvez quisesse morrer com flores brancas.”

“Talvez quisesse devolvê-las para o Jake”, eu disse.

“Talvez. Mas aquele policial me convenceu de que pode ter sido suicídio.”

“Talvez devêssemos deixá-la morrer em paz”, eu disse, frustrado. Parecia-me que nada que pudéssemos descobrir seria capaz de melhorar as coisas. E eu não conseguia parar de pensar na imagem do volante carenando em seu peito, “praticamente esmagado”, enquanto ela arfava em busca de uma última respiração que jamais viria. Não, aquilo não melhorava as coisas. “E se ela *realmente* tiver se matado?”, perguntei para o Coronel. “Isso não nos torna menos culpados. Só faz com que ela pareça uma megera malvada e egoísta.”

“Credo, Gordo. Ainda se lembra de como ela *era*? De como, às vezes, podia ser uma megera egoísta? Era parte dela. Você sabia disso. Mas, agora, parece que você só se importa com a Alasca que inventou.”

Apressei o passo e me adiantei ao Coronel, sem dizer nada. Ele jamais entenderia, porque não tinha sido a última pessoa que ela beijara, porque não fora deixado com uma promessa impossível, porque não era eu. *Que se dane*, pensei, e, pela primeira vez, cogitei voltar para casa e trocar o Grande Talvez pelo conforto familiar dos amigos da escola. Pelo menos, meus amigos da Flórida não morriam.

Quando abri uma distância considerável, o Coronel correu até mim e disse: “Só quero que as coisas voltem ao normal. Entre nós dois. Normal. Divertida. Simplesmente normal. E acho que se descobriremos...”

“Está bem”, eu o interrompi. “Está bem. Vamos continuar procurando.”

O Coronel balançou a cabeça, depois sorriu. “Sempre apreciei seu entusiasmo, Gordo. E vou continuar fingindo que ainda o vejo, até ele voltar. Agora, vamos para casa descobrir por que as pessoas se matam.”

catorze dias depois

SINAIS DE RISCO DE SUICÍDIO, o Coronel e eu achamos na internet:

- Ter histórico de tentativas de suicídio
- Ameaçar se matar verbalmente
- Desfazer-se de objetos estimados
- Buscar e discutir formas de se matar
- Expressar desesperança a respeito de si mesmo ou do mundo
- Escrever, falar, ler e desenhar coisas que tenham por tema a morte e a depressão
- Sugerir que não sentiriam sua falta em caso de morte
- Machucar o próprio corpo
- Ter perdido recentemente um amigo ou um ente familiar por doença ou suicídio
- Piorar o desempenho acadêmico súbita e drasticamente
- Ter distúrbios alimentares, insônia, excesso de sono, dores de cabeça crônicas
- Usar (ou abusar) de substâncias que alteram a percepção
- Não demonstrar interesse por *sexo*, *hobbies* e outras atividades apreciadas anteriormente

Alasca apresentava dois desses sinais de risco. Tinha perdido a mãe, embora não muito recentemente. E seus porres, sempre constantes, decerto tinham se agravado em seu último mês de vida. Ela falava em morrer, mas sempre parecia estar brincando, pelo menos em parte.

“Eu faço piada sobre isso o tempo todo”, o Coronel disse.

“Semana passada, falei que ia me enforcar com a gravata. Mas não vou me matar. Então essa não conta. Ela não se desfez de nada e, com certeza, não perdeu o interesse pelo sexo. A pessoa tem de gostar muito de sexo para querer beijar um magricela como você.”

“Que engraçado”, eu disse.

“Eu sei. Meu Deus, sou um gênio. As notas dela eram boas. E também não me lembro de ela falar em suicídio.”

“Teve uma vez, lembra? Sobre os cigarros? ‘Vocês fumam para saborear. Eu fumo para morrer.’”

“Isso foi uma *piada*.”

Mas, incitado pelo Coronel, talvez querendo lhe mostrar que eu me lembrava da Alasca tal como ela realmente era e não apenas como eu queria que fosse, mencionei as vezes em que ela fora cruel e mal-humorada, quando não quisera responder às perguntas com *como, quando, por que, quem e o quê*. “Às vezes ela ficava tão zangada!”, pensei em voz alta.

“O quê? E eu não fico?”, o Coronel retorquiu. “Eu fico zangado o tempo todo, Gordo. E você também não tem sido um poço de serenidade, mas isso não significa que você vai se matar. Ou vai?”

“Não”, eu disse. E talvez fosse apenas porque a Alasca não conseguia pisar no freio e eu no acelerador. Talvez ela possuísse um tipo estranho de coragem que me faltava, mas não.

“Fico feliz em ouvir isso. Mas é. Ela tinha seus altos e baixos – do fogo e do enxofre à fumaça e às cinzas. Mas, pelo menos este ano, isso foi em parte por causa da Marya. Olha só, Gordo, ela obviamente não estava pensando em se matar quando beijou você. Depois disso, ela dormiu até o telefone tocar. Então deve ter resolvido se matar em algum momento entre o telefonema e a batida. Ou foi um acidente.”

“Mas por que se afastar dez quilômetros do *campus* para se matar?”, perguntei.

Ele suspirou e balançou a cabeça. “Ela gostava de um mistério. Talvez quisesse que fosse assim.” Eu ri, e o Coronel disse: “O que foi?”

“Estava pensando: *Por que alguém se choca de frente contra um carro de polícia com a sirene ligada?*, então pensei: *Bem, ela odiava as figuras de autoridade.*”

O Coronel riu. “Olha só. O Gordo fez uma piadinha!”

Foi quase natural. A distância entre mim e o ocorrido pareceu evaporar, e eu me vi novamente no ginásio, ouvindo a notícia pela primeira vez, as lágrimas do Águia pingando em sua calça. Olhei para o Coronel e pensei em todo o tempo que tínhamos perdido

naquele sofá de espuma nas últimas duas semanas – e em tudo o que ela tinha estragado. Irritado demais para chorar, eu disse: “Isso só está me fazendo odiá-la. Não quero odiá-la. Para que continuar com isso, se vou me sentir assim?” Ela ainda se negava a responder aos “comos” e aos “por quês”. Ainda teimava em se envolver numa aura de mistério.

Inclinei-me para a frente, a cabeça entre os joelhos, e o Coronel colocou a mão em minhas costas, logo abaixo da nuca. “Sempre há uma resposta, Gordo.” Soprou o ar com força por entre os lábios encrespados, e pude ouvir o tremor de raiva em sua voz enquanto ele repetia: “*Sempre* há uma resposta. Só precisamos ser espertos. Vimos na internet que o suicídio geralmente envolve planos bem-elaborados. Então, obviamente, ela não se suicidou.” Senti-me envergonhado por ainda estar em frangalhos depois de duas semanas enquanto o Coronel tomava seu remédio estoicamente. Aprumei as costas.

“Tudo bem”, respondi. “Então não foi suicídio.”

“Mas, por outro lado, também não faz sentido ter sido acidente”, o Coronel disse.

Eu ri. “Estamos fazendo grande progresso.”

Fomos interrompidos por Holly Moser, a veterana que eu conhecia principalmente por tê-la visto nua em seus autorretratos durante o feriado de Ação de Graças com a Alasca. Holly ficava com os Guerreiros de Dia de Semana, o que explicava o fato de eu ter trocado apenas duas palavras com ela em toda a minha vida. Mesmo assim, ela entrou sem bater e disse que tivera um sinal místico da presença da Alasca.

“Eu estava na Casa do Waffle e, de repente, todas as luzes se apagaram, exceto a lâmpada acima da minha mesa, que começou a piscar. A lâmpada ficou acesa por um tempo, depois se apagou, depois se acendeu, tipo, por uns dois segundos, depois se apagou. Foi então que eu percebi que era a Alasca. Acho que ela estava tentando se comunicar comigo em código Morse. Mas, tipo, eu não conheço o código Morse. Ela provavelmente não sabia disso. Que seja. Achei que vocês gostariam de saber.”

“Obrigado”, eu disse, curto e grosso. Ela ficou ali parada por um tempo, olhando para nós, a boca aberta como se fosse falar mais alguma coisa, e o Coronel a encarou com os olhos semicerrados, o maxilar projetado para fora, mal conseguindo conter sua raiva. Eu sabia o que ele estava sentindo: eu também não acreditava em fantasmas que se comunicavam em código Morse com pessoas de quem eles não gostavam. E eu odiava pensar que Alasca tranquilizaria outra pessoa além de mim.

“Meu Deus, pessoas assim deveriam ser proibidas de viver”, ele disse depois que ela saiu.

“Isso foi bem idiota.”

“Não é só idiota, Gordo. Como se a Alasca fosse falar com a Holly Moser! Santo Deus! Odeio essa gente que finge estar triste. Vaca idiota.”

Quase lhe disse que Alasca não teria gostado de ouvir uma *mulher* sendo chamada de vaca, mas era inútil discutir com o Coronel.

vinte dias depois

ERA DOMINGO. O Coronel e eu tínhamos decidido não jantar no refeitório. Em vez disso, saímos do *campus* a pé e atravessamos a Rodovia 119 até a loja de conveniência, onde nos regalamos com uma refeição bem balanceada, composta de duas bolachas com recheio de aveia para cada um. Setecentas calorias. Energia suficiente para alimentar um homem por um dia. Nós nos sentamos na calçada da loja, e terminei meu jantar em quatro mordidas.

“Vou ligar para o Jake amanhã, só estou avisando. Peguei o número dele com o Takumi.”

“Tudo bem”, eu disse.

Ouvi um sininho irritante atrás de mim e me virei para a porta da loja.

“Estão de vagabundagem aí”, disse a mulher que tinha nos vendido o jantar.

“Estamos comendo”, o Coronel respondeu.

A mulher balançou a cabeça e nos expulsou como se fôssemos cães. “Xô.”

Contornamos a loja e fomos nos sentar perto da lata de lixo fedorenta dos fundos.

“Corta essa de ‘Tudo bem’, Gordo. Está ficando ridículo. Vou ligar para o Jake amanhã e anotar tudo o que ele disser. Depois vamos nos sentar e tentar descobrir o que aconteceu.”

“Não. Você está sozinho nessa. Não quero saber o que aconteceu entre ela e o Jake.”

O Coronel bufou e pegou um maço de cigarros-pagos-pelo-Gordo no bolso do *jeans*. “Por que não?”

“Porque não! Será que preciso fazer um relatório completo sobre todas as minhas decisões?”

O Coronel acendeu um cigarro com o isqueiro que eu lhe comprei e tragou. “Que seja. O caso precisa ser solucionado. E eu preciso de você, porque nós dois a conhecíamos muito bem. Então está decidido.”

Eu me levantei e o encarei, sentado no chão presunçosamente. Ele soprou um fiozinho de fumaça na minha cara, e eu me descontrolei. “Já estou cansado de seguir suas ordens, seu babaca! Não vou me sentar com você para discutir os detalhes do relacionamento dela com o Jake. Porra! Não dá para ser mais claro: *Não quero saber* sobre eles. Já *sei* o que ela me disse, e é tudo o que preciso saber. Você pode bancar o babaca arrogante quanto quiser, mas não vou me sentar com você para discutir quanto ela amava o Jake! Agora me dá os meus cigarros!” O Coronel jogou o maço no chão e ficou de pé num piscar de olhos, segurando meu suéter com a mão fechada, tentando inutilmente me trazer para baixo com seu peso.

“Você não se importa com ela!”, disse. “Só se importa com essa maldita fantasia de que vocês dois tinham um caso secreto, de que ela ia largar o Jake para ficar com você e viver feliz para sempre.

Mas ela beijou um monte de caras, Gordo. E, se ainda estivesse viva, nós dois sabemos que ela seria a namorada do Jake e haveria uma enorme tensão entre vocês dois – nada de amor, nada de sexo, só você morrendo de amores por ela, e ela, tipo: ‘Você é fofo, Gordo, mas eu amo o Jake.’ Se ela realmente amava você, por que o deixou naquela noite? E, se você realmente a amava, por que a deixou ir embora? Eu estava bêbado. Mas e você? Qual é a sua desculpa?”

O Coronel soltou meu suéter. Eu me abaixei e catei os cigarros. Sem gritar, sem trincar os dentes e sem veias pulsando na testa, mas calmamente. Calmamente. Olhei para o Coronel e disse: “Vai se foder.”

Os gritos e as veias pulsando vieram mais tarde, depois que eu atravessassei correndo a Rodovia 119, o círculo dos dormitórios e o campo de futebol, desci a estrada de terra até a ponte e cheguei ao Buraco do Fumo. Peguei uma das cadeiras azuis e a joguei contra a parede de cimento. O baque metálico do plástico chocando-se contra o concreto ecoou embaixo da ponte. A cadeira caiu de lado, imóvel. Então me deitei de barriga para cima, as pernas balançando no precipício, e gritei. Gritei porque o Coronel era um babaca, orgulhoso e arrogante. Gritei porque ele estava certo, eu realmente queria acreditar que eu tinha tido um caso secreto com a Alasca. Será que ela me amava? Será que teria largado o Jake para ficar comigo? Ou será que aquilo tinha sido apenas mais um de seus momentos impulsivos? Não era o bastante ser seu último beijo. Eu queria ser seu último amor. Mas sabia que não era. Sabia e a odiava por isso. Eu a odiava por não se importar comigo. Eu a odiava por ter me deixado naquela noite. E odiava a mim mesmo por tê-la deixado ir embora, porque, se eu tivesse sido suficiente, ela não teria querido ir embora. Simplesmente teria se deitado comigo, conversado e chorado. E eu a teria ouvido e teria beijado as lágrimas que caíam dos seus olhos.

Virei a cabeça e vi uma das cadeirinhas de plástico azuis tombada de lado. Indaguei-me se chegaria o dia em que não pensaria em Alasca, se deveria ansiar pelo dia em que ela se

tornaria uma memória distante – recordada apenas nos aniversários de morte, ou semanas mais tarde, lembrada apenas depois de ter sido esquecida.

Eu sabia que outras pessoas iriam morrer. Os corpos iriam se empilhar. Será que cada um deles teria seu espaço em minha memória ou será que eu esqueceria um pouco da Alasca todos os dias pelo resto da minha vida?

Certa vez, no começo daquele ano, nós dois caminhamos até o Buraco do Fumo, e ela entrou na água de chinelo. Atravessou o regato, pulando com cautela sobre as pedras cobertas de musgo, e pegou um graveto molhado no leito do rio. Enquanto eu observava, sentado no concreto, os pés balançando acima da água, ela revirou as pedras com o graveto e me mostrou os lagostins deslizando pelo chão.

“A gente ferve e depois chupa a cabeça”, disse empolgada. “É a melhor parte – a cabeça.”

Ela me ensinou tudo o que eu sabia sobre lagostins, beijos, vinho tinto e poesia. Ela me mudou.

Acendi um cigarro e cuspi no regato. “Você não pode me mudar e depois ir embora”, disse para ela, em voz alta. “Porque eu estava bem, Alasca. Estava bem, só eu, as últimas palavras e os amigos da escola. Você não pode me mudar e depois morrer.” Pois ela tinha personificado o Grande Talvez – tinha me mostrado que valia a pena deixar minha vidinha e sair em busca de talvezes maiores, mas agora ela estava morta, assim como minha esperança no talvez. Eu podia dizer “Tudo bem” para tudo o que o Coronel dizia ou fazia. Podia tentar fingir que não me importava, só que nunca mais seria verdade. Você não pode simplesmente se materializar e depois morrer, Alasca, porque agora eu estou irremediavelmente mudado. Sinto muito por tê-la deixado ir, mas você fez sua escolha. Você me deixou carente de talvezes, preso à porcaria do seu labirinto. E, agora, nem mesmo sei dizer se você escolheu a saída rápida e direta, deixando-me de propósito. Eu nunca a conheci, não é? Não posso me lembrar, pois nunca conheci.

Enquanto me levantava para voltar ao quarto e fazer as pazes com o Coronel, tentei imaginá-la naquela cadeira, mas não consegui me lembrar se ela cruzava as pernas. Ainda podia vê-la sorrindo para mim com seu meio sorriso de *Mona Lisa*, mas não conseguia me lembrar de suas mãos suficientemente bem para vê-la segurando um cigarro. Eu precisava, decidi, conhecê-la de verdade, pois queria ter mais coisas para lembrar. Antes de começar o vergonhoso processo de esquecimento dos “comos” e dos “por quês” envolvendo sua vida e sua morte, eu precisava descobri-los: *Como. Por quê. Quando. Onde. O quê.*

No Quarto 43, depois de um pedido de desculpas rapidamente aceito, o Coronel disse: “Vamos mudar nossa estratégia e desistir temporariamente de telefonar para o Jake. Precisamos procurar outros caminhos antes.”

vinte e um dias depois

NO DIA SEGUINTE, quando o Sr. Hyde entrou na sala de aula arrastando os pés, Takumi se sentou ao meu lado e escreveu uma mensagem na beira de seu caderno. *Almoço no McIncomível.*

Escrevi um rápido *ok* e virei a folha quando o Sr. Hyde começou a falar sobre o sufismo, a seita mística do islã. Eu só tinha passado os olhos pelo texto – àquela altura, estava estudando apenas o necessário para não ser reprovado –, mas, em minha breve leitura, tinha encontrado excelentes últimas palavras. Um sufista pobre e andrajoso entra numa joalheria de um comerciante rico e lhe pergunta: “Sabe como vai morrer?” O comerciante responde: “Não. Ninguém sabe como vai morrer.” E o sufista diz: “Eu sei.”

“Como?”, pergunta o comerciante.

O sufista se deita no chão, cruza os braços e diz: “Assim”, e morre. Então, na mesma hora, o comerciante abre mão da loja e vai viver uma vida de pobreza em busca da riqueza espiritual que o sufista morto possuía.

Mas o Sr. Hyde estava contando uma história diferente, uma das que eu tinha pulado. “Karl Marx disse numa passagem famosa que a religião era o ‘ópio do povo’. O budismo, principalmente em sua manifestação mais popular, promete a evolução através do *karma*. O islamismo e o cristianismo prometem um paraíso eterno para os fiéis. E isso é um ópio poderoso, é claro, a promessa de uma pós-vida melhor. Mas há uma parábola sufista que desmente essa noção de que as pessoas acreditam em Deus apenas porque precisam de seu ópio. Rabe’á al-Adiwiyah, uma mulher santa de grande importância para o sufismo, foi vista correndo pelas ruas de sua cidade natal, Basra, segurando uma tocha numa das mãos e um balde de água na outra. Quando lhe perguntaram o que ela estava fazendo, respondeu: ‘Vou derramar este balde de água sobre as chamas do inferno e depois vou queimar os portões do paraíso com esta tocha para que as pessoas amem Deus não por desejarem o paraíso e por temerem o inferno, mas por ele ser Deus.’”

Uma mulher tão poderosa que é capaz de queimar os portões do paraíso e inundar o inferno. *Alasca teria gostado dessa tal Rabe’á*, escrevi em meu caderno. No entanto, a pós-vida importava para mim. O céu, o inferno, a reencarnação. Por mais que eu quisesse descobrir as circunstâncias da morte da Alasca, o que eu mais queria saber era onde ela estava agora, se estava em algum lugar. Gostava de imaginá-la olhando por nós lá de cima, ainda consciente de nossa existência, mas isso me parecia uma fantasia. E eu nunca tinha *sentido* nada daquilo – como o Coronel dissera no funeral: ela não estava lá, não estava em lugar nenhum. Para ser sincero, eu só conseguia pensar nela morta, o corpo apodrecendo em Vine Station, e o resto um mero fantasma que vivia apenas em nossas lembranças. Como Rabe’á, eu não achava que as pessoas deveriam acreditar em Deus só por causa do céu e do inferno. Mas também não sentia necessidade de sair correndo por aí com uma tocha. Não se pode incendiar um lugar inventado.

Depois da aula, enquanto o Takumi revirava suas batatas fritas no McIncomível, escolhendo apenas as mais crocantes, eu senti todo

o peso de sua perda, ainda abalado com a ideia de ela ter se ausentado não só deste mundo como de todos os outros.

“Como tem passado?”, perguntei.

“Hmm”, ele disse, a boca cheia de batatas fritas, “não muito bem. E você?”

“Não muito bem.” Dei uma mordida no meu *cheeseburger*. Tinha ganhado um carrinho de plástico junto com o McLanche Feliz, e ele ficou ali, capotado sobre a mesa. Girei as rodas.

“Sinto falta dela”, Takumi disse, empurrando a bandeja de lado, dispensando o restante das batatinhas moles e gordurosas.

“É. Eu também. Sinto muito, Takumi”, eu disse, no sentido mais amplo da expressão. Sentia muito por termos terminado daquele jeito, girando rodinhas no McDonald’s. Sentia muito pela morte da garota que nos aproximara. Sentia muito por tê-la deixado morrer. *Sinto muito por não ter falado com você, mas não podia lhe contar a verdade sobre o Coronel e eu. Odiava ficar na sua companhia e ter de fingir que meu sofrimento era algo simples – fingir que ela tinha morrido e que eu sentia sua falta, em vez de me sentir culpado por sua morte.*

“Eu também. Você ainda está namorando a Lara?”

“Acho que não.”

“Certo. Ela queria saber.”

Eu vinha ignorando minha namorada, e, depois de um tempo, ela também passou a me ignorar, então pensei que estivesse acabado, mas talvez não. “Bem”, disse para o Takumi, “não dá para... Não sei, cara. É complicado.”

“Certo. Ela vai entender. Claro. Não se preocupe.”

“Tudo bem.”

“Olha só, Gordo. Eu, bem... Sei lá. É horrível, não é?”

“É, sim.”

vinte e sete dias depois

SEIS DIAS DEPOIS, quatro domingos após o último domingo, o Coronel e eu estávamos atirando um no outro com arminhas de *paintball* enquanto girávamos 900° num *half pipe*. “Precisamos de bebida. Temos de pegar emprestado o bafômetro do Águia.”

“Pegar *emprestado*? E sabe onde ele guarda?”

“Sei. Ele nunca fez você passar pelo teste?”

“Hmm. Não. Ele acha que eu sou um CDF.”

“Você é um CDF, Gordo. Mas não pode deixar que um detalhe desses o impeça de beber.” Para ser sincero, eu não bebia desde aquela noite e também não me sentia lá muito inclinado a tomar outro gole.

Quase dei uma cotovelada no rosto do Coronel, balançando os braços espaçosamente como se o fato de contorcer o corpo da maneira certa importasse tanto quanto apertar os botões certos nos momentos certos – a mesma ilusão que acometia Alasca quando ela jogava *videogame*. Mas o Coronel estava tão centrado no jogo que nem mesmo percebeu. “Já sabe exatamente como vamos fazer para roubar o bafômetro *de dentro da casa do Águia*?”

O Coronel se virou para mim e disse: “Você é uma droga nesse jogo?” Então, sem olhar para a tela, atirou nos testículos do meu *skatista* com uma bolinha de tinta azul. “Mas, antes, precisamos descolar alguma bebida, porque minha ambrosia azedou e minha fornecedora de vodca...”

“PUF. Morreu”, conclui.

Quando abri a porta, Takumi estava sentado em sua escrivaninha, balançando-se ao som da música dos enormes fones de ouvido que lhe cobriam toda a cabeça. Parecia alheio à nossa presença. “Ei!”, eu disse. Nada. “Takumi!” Nada. “TAKUMI!” Ele se virou e tirou os fones de ouvido. Fechei a porta e disse: “Tem bebida?”

“Por quê?”, ele perguntou.

“Hmm... porque queremos beber?”, o Coronel respondeu.

“Ótimo. Também quero.”

“Takumi”, o Coronel disse. “Isso é... Precisamos fazer isso sozinhos.”

“Não. Já cansei dessa palhaçada.” Takumi se levantou, foi até o banheiro e retornou com uma garrafa de Gatorade cheia de um líquido transparente. “Fica no armário de remédios”, Takumi disse. “Porque, de certa forma, é um remédio.” Colocou a garrafa no bolso e saiu do quarto, deixando a porta aberta. Momentos depois, colocou a cabeça para dentro do quarto e fez uma brilhante imitação da voz grave e autoritária do Coronel: “E então? Vocês vêm?”

“Takumi”, o Coronel disse. “Olha só, o que nós vamos fazer é meio perigoso. Não quero que você se envolva. Sério. Mas a partir de amanhã vamos contar tudo para você.”

“Estou cansado de tantos segredos. Ela também era minha amiga.”

“Amanhã. Juro.”

Ele tirou a garrafa do bolso e a jogou para mim. “Amanhã”, disse.

“Não quero que ele saiba”, eu disse enquanto voltávamos para nosso quarto, a garrafa de Gatorade escondida no bolso do meu casaco. “Ele vai nos odiar.”

“Bem, ele vai nos odiar ainda mais se continuarmos fingindo que ele não existe”, o Coronel respondeu.

Quinze minutos depois, lá estava eu batendo à porta do Águia.

Ele me recebeu com uma espátula na mão, sorriu e disse: “Miles! Entre. Estava fazendo um sanduíche de ovo. Quer?”

“Não, obrigado”, eu disse, seguindo o Águia até a cozinha.

Minha função era mantê-lo longe da sala de estar por trinta segundos para que o Coronel pudesse pegar o bafômetro sem ser visto. Tossi bem alto para avisar ao Coronel que o caminho estava livre. O Águia pegou seu sanduíche de ovo e deu uma mordida. “A que devo o prazer desta visita?”, perguntou.

“Só queria avisar que o Coronel, quero dizer, Chip Martin... Bem, ele é meu colega de quarto e está com dificuldades em latim.”

“Bem, pelo que eu soube, ele está faltando às aulas, e isso dificulta bastante o aprendizado do idioma.” Ele veio em minha direção. Tossi novamente e recuei. O Águia e eu estávamos como que dançando tango a caminho da sala de estar.

“Certo, é que ele fica acordado a noite inteira pensando na Alasca”, eu disse, endireitando as costas para ficar mais alto, tentando bloquear a visão do Águia com meus ombros não muito largos. “Eles eram bem chegados, entende?”

“Eu sei...”, ele disse. Então, na sala de estar, o tênis do Coronel guinchou sobre o piso de tábuas corridas. O Águia olhou para mim estupidamente e deu um passo para o lado. Eu disse depressa: “O fogão está aceso?” e apontei para a frigideira.

O Águia deu meia-volta, olhou para a boca do fogão que obviamente não estava acesa e correu até a sala de estar.

Vazia. Virou-se para mim: “Está aprontando alguma coisa, Miles?”

“Não, senhor. Juro. Só queria falar sobre o Chip.”

Ele arqueou as sobrancelhas ceticamente. “Bem, entendo que a morte da Alasca tenha sido uma perda terrível para os amigos mais chegados. É simplesmente horrível. Não há consolo para tamanha dor, não é mesmo?”

“Não, senhor.”

“Compreendo o sofrimento dele. Mas a escola é importante. Estou certo de que Alasca teria querido que Chip continuasse seus estudos.”

Claro, pensei. Agradei ao Águia, e ele me prometeu um sanduíche de ovo um dia desses. Fiquei com medo de que ele quisesse aparecer numa tarde qualquer em nosso quarto com um sanduíche de ovo na mão para nos pegar (a) fumando ilegalmente enquanto o Coronel (b) bebia ilegalmente seu galão de leite com vodca.

A meio caminho do círculo dos dormitórios, o Coronel veio correndo em minha direção. “Essa do ‘fogão está aceso?’ foi ótima. Se você não tivesse dito isso, eu estaria frito. Se bem que, agora, acho que terei de voltar para as aulas de latim. Maldito latim.”

“Conseguiu pegar?”, perguntei.

“Consegui”, ele disse. “Santo Deus! Espero que o Águia não queira usá-lo esta noite. Se bem que ele jamais suspeitaria. Por que alguém *iria roubar o bafômetro?*”

Às duas da manhã, o Coronel tomou sua sexta dose de vodca, fez uma careta, depois gesticulou freneticamente na direção da garrafa de Mountain Dew que eu estava bebendo. Passei-lhe a garrafa e ele tomou um longo gole.

“Acho que não vou conseguir ir para a aula de latim amanhã”, ele disse, embolando um pouco as palavras, como se estivesse com a língua inchada.

“Só mais uma”, pedi.

“Está bem. Mas é a última, certo?” Ele colocou um pouquinho de vodca no copo plástico, engoliu, franziu os lábios e fechou os pequenos punhos. “Credo, muito ruim! Com leite fica melhor. É bom que eu esteja com 0,24%.”

“Temos que esperar quinze minutos depois do último drinque para poder fazer o teste”, eu disse, tendo baixado o manual do bafômetro na internet. “Está se sentindo bêbado?”

“Se com ‘bêbado’ você quer dizer biscoito, estou me sentindo um pacote de Famous Amos.”

Nós rimos. “Chips Ahoy! Teria sido mais engraçado”, eu disse.

“Desculpa. Não estou no meu melhor.”

Eu estava com o bafômetro na mão, um dispositivo eletrônico, prateado e lustroso, mais ou menos do tamanho de um pequeno controle remoto. Embaixo de uma tela de LCD havia um buraquinho. Soprei ali dentro para testar: 0,0 mostrou. Concluí que estava funcionando.

Quinze minutos depois, entreguei o aparelho ao Coronel. “Põe a boca aí e assopra com força por dois segundos pelo menos”, eu disse.

Ele olhou para mim. "Foi isso o que você falou para a Lara na sala de tevê? Porque, sabe, Gordo, só porque o nome é boquete não significa que basta colocar a boca."

"Para de falar e assopra", eu disse.

Com as bochechas infladas, o Coronel soprou dentro do buraquinho com força e por bastante tempo até seu rosto ficar vermelho.

0,16%. "Ai, não", o Coronel disse. "Santo Deus!"

"Já se foram dois terços", eu disse, tentando encorajá-lo.

"Mas estou quase vomitando."

"Bem, está na cara que é possível. *Ela* conseguiu. Vamos lá! Não consegue beber mais do que uma garota?"

"Passa a garrafa de Mountain Dew", ele disse estoicamente.

Então ouvi passos lá fora. Passos. Tínhamos esperado até 1h da manhã para acender as luzes, achando que todo o mundo já estaria dormindo a essa hora – afinal de contas, era dia de aula –, mas passos, droga! Enquanto o Coronel olhava para mim, confuso, peguei o bafômetro de sua mão e o enfiei entre as almofadas de espuma do sofá, depois peguei o copo plástico e a garrafa de Gatorade cheia de vodca e escondi tudo atrás da MESA DE CENTRO, e, num único movimento, peguei um maço de cigarros e acendi um deles, esperando que o cheiro de fumaça encobrisse o cheiro de bebida. Soprei sem tragar, tentando encher o quarto de fumaça. Já estava quase de volta ao sofá, quando ouvi três batidas rápidas na porta. O Coronel se virou para mim, os olhos arregalados, um futuro pouco promissor passando diante de seus olhos, e eu sussurrei: "Chora", quando o Águia girou a maçaneta.

O Coronel se curvou para a frente, a cabeça entre os joelhos, o dorso tremendo, e eu passei o braço sobre seus ombros quando o Águia entrou.

"Desculpa", eu disse antes mesmo que o Águia pudesse abrir a boca. "Ele está tendo uma noite difícil."

"Você está *fumando?*", o Águia perguntou. "*No quarto? Quatro horas depois do toque de apagar as luzes?*"

Larguei o cigarro dentro de uma garrafa meio vazia de Coca-Cola. "Desculpa, senhor. Só estou tentando passar a noite acordado com ele."

O Águia caminhou em nossa direção, e o Coronel ameaçou se levantar, mas eu o segurei pelos ombros com firmeza, pois, se o Águia sentisse seu bafo, certamente seríamos expulsos. "Miles", o Águia disse. "Entendo que não esteja sendo fácil. Mas você precisa respeitar as regras da escola, senão vai ter que se matricular em outro lugar. Nós nos vemos amanhã no Júri. Posso fazer alguma coisa por você, Chip?"

Sem olhar para cima, o Coronel respondeu numa voz trêmula e chorosa: "Não, senhor. Só estou feliz por ter o Miles."

"Certo. Eu também", o Águia disse. "Sugiro que você o convença a seguir nossas regras para que ele não seja expulso da escola."

"Sim, senhor", o Coronel disse.

"Podem deixar as luzes acesas até conseguirem dormir. Nós nos vemos amanhã, Miles."

"Boa noite, senhor", eu disse, imaginando que o Coronel poderia entrar furtivamente na casa do Águia enquanto o Júri me passava um sermão. Quando o Águia bateu a porta, o Coronel se levantou depressa, sorrindo para mim, e, ainda com medo de que o Águia estivesse lá fora, sussurrou: "Isso foi lindo."

"Aprendi com o melhor", eu disse. "Agora beba."

Uma hora depois, tendo praticamente esvaziado a garrafa de Gatorade, o Coronel atingiu a marca dos 0,24%.

"Obrigado, Jesus!", ele exclamou, depois acrescentou: "Isso é horrível. Ficar bêbado assim não é nem um pouco divertido."

Levantei-me e tirei a MESA DE CENTRO do caminho para que o Coronel pudesse andar de um lado para o outro sem tropeçar em nenhum obstáculo, e disse, "Pronto, consegue ficar de pé?"

O Coronel afundou os braços na espuma do sofá e começou a se levantar, mas perdeu o equilíbrio e caiu para trás. "O quarto está girando", ele disse. "Vou vomitar."

“Não. Assim você vai estragar tudo.”

Decidi submetê-lo a um teste de sobriedade, como os policiais costumam fazer. “Certo. Venha até aqui e tente caminhar em linha reta.” Ele se virou para sair do sofá e caiu no chão. Eu o peguei pelo braço e o ajudei a se levantar. Coloquei-o entre duas placas do piso de linóleo. “Siga essa fileira. Postura reta. Primeiro a ponta do pé, depois o calcanhar.” Ele levantou uma das pernas e imediatamente balançou para a esquerda, os braços girando como moinhos de vento. Deu um passo meio desequilibrado, gingando como um pato, pois devia estar com dificuldades para colocar um pé na frente do outro. Recuperou o equilíbrio por alguns segundos, depois deu um passo para trás e desabou no sofá. “Não consigo”, disse, simplesmente.

“Certo. E como está sua percepção de distância?”

“Minha percepção-quê??”

“Olha para mim. Está vendo um Gordo? Dois Gordos? Acha que poderia se chocar acidentalmente comigo se eu fosse um carro de polícia?”

“Estou tonto, mas acho que não. Isso é horrível. Será que ela estava assim?”

“Pelo jeito. Acha que conseguiria dirigir?”

“Santo Deus! Não, não. Ela realmente estava muito bêbada.”

“Estava.”

“Nós fomos muito estúpidos.”

“Fomos.”

“Estou com um pouco de tontura. Mas não. Carro de polícia, não. Eu consigo *enxergar*.”

“Então está aí a sua prova.”

“Ela pode ter cochilado. Estou morrendo de sono.”

“Vamos descobrir”, eu disse, tentando representar o papel que o Coronel sempre representara para mim.

“Hoje não”, ele respondeu. “Hoje, vamos vomitar um pouquinho e depois vamos dormir até a ressaca passar.”

“Não se esqueça da aula de latim.”

“Certo. Maldito latim.”

vinte e oito dias depois

O CORONEL CONSEGUIU ir para a aula de Latim na manhã seguinte – “Estou me sentindo ótimo agora, porque ainda estou bêbado. Mas daqui a algumas horas vai ser um inferno” –, e eu fiz uma prova de Francês para a qual tinha estudado *un petit peu*. Até que me saí bem nas questões de múltipla escolha (do tipo qual-tempo-verbal-se-encaixa-melhor-na-frase), mas a questão discursiva *Em Le Petit Prince, qual o significado da rosa?* me pegou um pouco desprevenido.

Se eu tivesse lido *O Pequeno Príncipe* em francês ou em qualquer outra língua, acho que a pergunta teria sido bastante fácil. Mas, infelizmente, eu tinha passado a noite embebedando o Coronel. Então, respondi, *Elle symbolise l’amour* [Simboliza o amor]. Madame O’Malley tinha nos deixado uma página inteira para responder à questão, mas achei melhor resumir tudo em três palavras.

Eu estava acompanhando as aulas só para tirar um B- e não preocupar meus pais, mas a verdade é que eu não estava lá muito interessado naquilo. *O significado da rosa?* pensei. *Quem se importa? Qual é o significado das tulipas brancas?* Eis uma pergunta que valia a pena responder.

Depois de receber um sermão e dez horas de trabalho forçado no Júri, voltei para o Quarto 43 e o Coronel estava contando tudo para o Takumi – bem, tudo menos a parte do beijo. Caminhei até o Coronel e disse: “Então ajudamos a Alasca a ir embora.”

“Vocês armaram as bombinhas”, ele disse.

“Como sabe sobre as bombinhas?”

“Andei investigando por conta própria”, Takumi respondeu. “Bem, foi uma idiotice. Vocês não deveriam ter feito isso. Mas acho que todos nós a deixamos ir embora”, e eu me indaguei que diabos ele

quisera dizer com aquilo, mas não tive tempo de perguntar, pois logo depois ele disse: "Acham que foi suicídio?"

"Talvez", eu disse. "Não acho que ela teria batido no carro de polícia por acidente, a menos que estivesse dormindo."

"Talvez quisesse visitar o pai", Takumi disse. "Vine Station fica a caminho."

"Talvez", eu disse. "Tudo é um talvez, não é?"

O Coronel tirou um maço de cigarros do bolso. "Bem, então lá vai mais um: *talvez* o Jake tenha uma resposta", ele disse. "Já esgotamos nossas estratégias. Vou ligar para ele amanhã, está bem?"

Àquela altura, eu também queria respostas, mas não para certas perguntas. "Tudo bem", eu disse. "Mas olha só – não me conte nada que não seja relevante. Só estou interessado no que ajudar a descobrir aonde ela estava indo e por quê."

"Eu também", Takumi disse. "Acho que algumas coisas devem continuar em segredo."

O Coronel enfiou uma toalha embaixo da porta, acendeu um cigarro e disse: "Então está bem, rapazes. Vamos focar no que é relevante."

vinte e nove dias depois

NO DIA SEGUINTE, quando as aulas terminaram e eu voltei para o quarto, vi o Coronel sentado num banco junto ao telefone público, tomando notas num caderno que ele equilibrava nos joelhos enquanto prendia o telefone entre a orelha e o ombro.

Corri depressa para o Quarto 43 e dei com o Takumi jogando o jogo de corrida com o som desligado. "Há quanto tempo ele está no telefone?", perguntei.

"Não faço ideia. Ele já estava ali quando eu cheguei faz vinte minutos. Deve ter faltado à aula de Matemática para Meninos

Inteligentes. Por quê? Está com medo que o Jake venha até aqui para lhe dar uma surra por tê-la deixado ir embora?"

"Pode ser", eu disse, pensando: *É exatamente por isso que não deveríamos ter contado para ele.* Fui até o banheiro, liguei o chuveiro e acendi um cigarro. Takumi veio logo depois.

"Que foi?", ele disse.

"Nada. Só quero saber o que aconteceu com ela."

"Você quer saber a verdade mesmo? Ou quer descobrir que ela brigou com o namorado e estava a caminho de romper com ele para depois voltar, cair nos seus braços, fazer sexo apaixonadamente e ter filhinhos gênios que decoram últimas palavras e poesia?"

"Se está zangado comigo, é melhor dizer."

"Não estou zangado porque você a deixou ir embora. Mas estou cansado de vê-lo agir como se fosse o único cara apaixonado por ela. Como se tivesse algum monopólio sobre gostar dela", Takumi respondeu. Fiquei de pé, levantei o assento da privada e dei descarga no cigarro que eu ainda não tinha terminado de fumar.

Encarei-o por um tempo, depois disse: "Eu a beijei naquela noite. Tenho monopólio sobre isso."

"O quê?", ele gaguejou.

"Eu a beijei."

Sua boca se abriu como para falar alguma coisa, mas ele não disse nada. Ficamos nos encarando por um tempo, e eu me senti envergonhado por ter me gabado daquele jeito. Então, por fim, eu lhe disse: "Olha... Você sabe como ela era. Quando queria fazer alguma coisa, ia lá e fazia. Eu provavelmente fui o cara que calhou de estar ali na hora certa."

"Certo. Mas é que eu nunca fui esse cara", ele disse. "Eu... Bem, Gordo, Deus sabe que não posso culpá-lo."

"Não conte para a Lara."

Ele estava balançando a cabeça quando ouvimos as três batidas rápidas que indicavam a presença do Águia. Pensei: *Droga, pego duas vezes na mesma semana.* Takumi apontou para o chuveiro. Entramos no boxe e fechamos a cortina, o chuveiro demasiado baixo

cuspidando água em nossas costelas. Forçados a nos aproximar mais do que parecia estritamente necessário, ficamos ali dentro, em silêncio, a ducha pingando e molhando lentamente nossas camisetas e nossas calças *jeans* por uns longos minutos enquanto esperávamos que o vapor levasse a fumaça para os tubos de ventilação. Mas o Águia não bateu na porta do banheiro, e Takumi acabou desligando a ducha. Espiei pela fresta da porta e vi o Coronel sentado no sofá de espuma, os pés em cima da MESA DE CENTRO, terminando a corrida de NASCAR do Takumi. Abri a porta, e nós dois saímos do banheiro completamente vestidos e ensopados.

“Eis uma coisa que não se vê todo dia”, o Coronel disse, casualmente.

“Que diabos?”, perguntei.

“Bati feito o Águia para assustar vocês.” Ele sorriu. “Mas, droga, da próxima vez que quiserem um pouco de privacidade, deixem um bilhete na porta.”

Nós rimos, e Takumi disse: “Certo. Eu e o Gordo estávamos meio afastados, mas, cara, desde que tomamos banho juntos, eu me sinto bem mais próximo de você.”

“Então, como foi?”, perguntei. Eu me sentei na MESA DE CENTRO, e o Takumi se largou no sofá ao lado do Coronel. Estávamos molhados e com um pouco de frio, porém mais interessados em ouvir sobre a conversa do que em nos secar.

“Bem interessante. Eis o que vocês precisam saber: foi ele que deu as flores para ela, como tínhamos pensado. Eles não brigaram. Ele só ligou porque tinha prometido ligar na hora exata do aniversário de oito meses de namoro, que calhou de ser às três e dois da manhã, o que – convenhamos – é um pouco ridículo. Acho que de alguma forma ela ouviu o telefone tocando. Eles ficaram de conversa-fiada por uns cinco minutos, e, então, do nada, ela ficou histérica.”

“Do nada?”, Takumi perguntou.

“Deixe-me fazer uma consulta.” O Coronel folheou o caderno. “Aqui está. Jake diz: ‘O que achou do nosso aniversário de namoro?’, Alasca diz: ‘Foi esplêndido’”, e pude ouvir em sua leitura a

empolgação da voz dela, o jeito como Alasca parecia saltitar em palavras como *esplêndido*, *fantástico* e *certamente*. “Silêncio. Jake pergunta: ‘Está fazendo o quê?’, Alasca responde: ‘Nada, desenhando’, depois, ‘Meu Deus!’ e ‘Merda! Merda! Merda!’, e começou a chorar. Disse que tinha de sair e que depois falava com ele, mas não disse que ia visitá-lo. O Jake não acha que ela estivesse indo visitá-lo. Ela sempre perguntava se podia ir, mas dessa vez não perguntou, então acho que não estava indo para lá. Calma, deixa eu ver se acho a citação.” E virou a página do caderno. “Pronto, achei: ‘Ela disse que falaria comigo, não disse que se *encontraria* comigo.’”

“Ela diz para mim ‘Continuamos depois’ e diz para o Jake que depois falava com ele”, observei.

“É. Eu percebi. Planos para o futuro. Supostamente não combina com suicídio. Então ela volta para o quarto e começa a gritar, dizendo que tinha esquecido alguma coisa. E a corrida arrojada chega ao fim. Continuamos sem resposta.”

“Bem, sabemos aonde ela *não* estava indo”

“A não ser que ela estivesse se sentindo particularmente impulsiva”, Takumi disse. Olhou para mim. “E, pelo visto, ela estava se sentindo bastante impulsiva naquela noite.”

O Coronel olhou para mim inquisitivamente, e eu meneei a cabeça.

“Pois é”, Takumi disse. “Ele me contou.”

“Certo. E você ficou furioso, depois tomou um banho com o Gordo e agora está tudo bem. Ótimo. Então, naquela noite...”, o Coronel continuou.

Fizemos o possível para ressuscitar a conversa daquela última noite para o Takumi, mas não conseguimos nos lembrar de tudo, em parte porque o Coronel estava bêbado e eu só fui prestar atenção quando ela mencionou Verdade ou Consequência. Além do mais, não sabíamos se aquilo tinha alguma importância. É sempre mais difícil se lembrar das últimas palavras quando você não sabe que a pessoa está para morrer.

“Bem”, disse o Coronel, “acho que eu e ela estávamos conversando sobre o fato de eu gostar dos jogos de *skate* no *videogame*, mas não ser capaz de pisar num *skate* na vida real. Então ela disse: ‘Vamos jogar Verdade ou Consequência’, e eles se comeram.”

“Calma! Vocês *se comeram*? Na frente do Coronel?”, Takumi gritou.

“Eu não comi ninguém.”

“Calma, gente”, o Coronel disse, jogando as mãos para o alto. “Foi só um eufemismo.”

“Eufemismo para o quê?”

“Para beijar.”

“Ótimo eufemismo”, Takumi revirou os olhos. “Por acaso, eu sou o único que acha que isso pode ser relevante?”

“Claro, nunca pensei nisso”, eu disse, impassivo. “Mas, agora, não sei. Ela não contou para o Jake. Não deve ter sido tão importante assim.”

“Talvez ela estivesse se sentindo culpada”, ele disse.

“O Jake falou que ela parecia normal ao telefone antes do ataque de histeria”, o Coronel disse. “Deve ter sido algo nesse telefonema. Alguma coisa aconteceu que não estamos vendo.” O Coronel passou as mãos pelo cabelo grosso, sentindo-se frustrado. “Deus do céu, alguma coisa. Alguma coisa em seu íntimo. Só precisamos descobrir o que era.”

“Só precisamos ler os pensamentos de uma pessoa morta”, Takumi disse. “Parece fácil.”

“Exato. Quer encher a cara?”, o Coronel perguntou.

“Não estou com vontade de beber”, eu disse.

O Coronel vasculhou os recessos do sofá de espuma e puxou a garrafa de Gatorade do Takumi. Ele também não queria beber, então o Coronel abriu um sorriso forçado e disse: “Sobra mais pra mim”, e entornou a garrafa.

trinta e sete dias depois

NA QUARTA-FEIRA SEGUINTE, esbarrei com a Lara depois da aula de Religião – literalmente. Eu já a tinha visto, é claro. Eu a via quase todos os dias – na aula de Inglês ou sentada na biblioteca, cochichando com Katie, sua colega de quarto. Eu a via durante o almoço e durante o jantar no refeitório, e provavelmente a teria visto durante o café da manhã se alguma vez eu tivesse acordado a tempo de comer. E ela também me via, é claro, mas, até aquela manhã, não tínhamos olhado um para o outro ao mesmo tempo.

Àquela altura, pensei que ela já tivesse me esquecido. Afinal, só tínhamos namorado por cerca de um dia, embora tivesse sido um dia cheio de acontecimentos. Mas, quando esbarrei em seu ombro esquerdo, tentando abrir caminho até a sala de Pré-Cálculo, ela deu meia-volta e olhou para mim. Furiosa, mas não por causa do encontrão. “Desculpa”, eu deixei escapar. Ela simplesmente olhou para mim, com os olhos semicerrados, como se estivesse prestes a brigar ou chorar, e desapareceu silenciosamente na sala de aula. A primeira palavra que eu lhe disse em um mês.

Queria ter vontade de falar com ela. Sabia que tinha agido mal – *Imagine*, eu repetia comigo, *se você fosse a Lara, com uma amiga morta e um ex-namorado silencioso* –, mas eu só tinha espaço para uma única vontade verdadeira, e ela estava morta. Eu queria saber o “como” e o “por quê” daquilo. Mas Lara não saberia me dizer, e isso era tudo o que importava.

quarenta e cinco dias depois

POR SEMANAS, o Coronel e eu tivemos de contar com a caridade alheia para sustentar nosso vício tabagista – tínhamos descolado maços gratuitos ou mais baratos com todos, desde Molly Tan até Longwell Chase, cujo cabelo já tinha crescido. Era como se as pessoas quisessem nos ajudar, mas não conseguissem pensar em algo melhor. Mas, por volta do fim de fevereiro, a caridade se

esgotou. Foi até melhor. Não me sentia bem aceitando presentes dos outros, pois eles não sabiam que nós tínhamos carregado a arma que ela tinha nas mãos.

Então, depois da aula, Takumi nos levou de carro até a Coosa “Suprimos Suas Necessidades Espirituais” Liquors. Naquela tarde, Takumi e eu tínhamos recebido o resultado desanimador do nosso primeiro teste importante de Pré-Cálculo do semestre. Perigávamos receber relatórios de progresso em casa, talvez porque Alasca já não estivesse disponível para nos ensinar Pré-Cálculo em torno de uma montanha de batatas fritas no McIncomível ou talvez porque não tivéssemos estudado nada.

“O problema é que eu não acho Pré-Cálculo muito interessante”, Takumi disse sem entusiasmo.

“O diretor de admissões de Harvard pode ter dificuldades em aceitar esse tipo de explicação”, o Coronel replicou.

“Não sei”, eu disse. “Parece bastante convincente para mim.”

Então rimos, mas as risadas se desfizeram num silêncio pesado e difuso, e eu sabia que estávamos todos pensando nela, morta e sem riso, fria, não mais a Alasca. A ideia de que ela pudesse deixar de existir ainda me apavorava toda vez que eu pensava no assunto. *Ela está apodrecendo sob o solo de Vine Station, Alabama*, pensei, mas também não era bem isso. O corpo dela estava lá, mas ela não estava em lugar nenhum, nada, PUF.

As horas mais divertidas, agora, pareciam sempre preceder a tristeza, pois era justo nos momentos em que a vida voltava a ser o que era quando ela estava entre nós que sentíamos todo o impacto de sua ausência.

Comprei os cigarros. Nunca tinha entrado na Coosa Liquors, mas o lugar era tão desolado quanto Alasca nos fizera crer. O piso de madeira empoeirado rangeu quando me encaminhei para o balcão, e vi um grande barril de água salobra que dizia conter ISCAS VIVAS, quando na verdade continha um cardume de peixinhos mortos, boiando. A mulher do outro lado do balcão sorriu para mim com todos os seus quatro dentes quando lhe pedi um pacote de Marlboro Lights.

“Estuda em Culver Creek?”, ela perguntou, e eu fiquei sem saber se lhe dizia a verdade, uma vez que era quase impossível um aluno do Ensino Médio ter dezenove anos, mas ela se abaixou, pegou um pacote de cigarros e o colocou em cima da bancada sem pedir identidade, então eu lhe disse: “Sim, senhora.”

“Como vai a escola?”, ela perguntou.

“Vai bem”, respondi.

“Fiquei sabendo que vocês tiveram uma baixa entre os alunos.”

“Sim, senhora”.

“Sinto muito, de verdade.”

“Obrigado.”

A mulher, cujo nome eu não fiquei sabendo, pois aquele não era o tipo de estabelecimento comercial que gastava dinheiro com crachás, tinha um longo fio de cabelo branco que lhe crescia de uma verruga na bochecha esquerda. Não chegava a ser nojento, mas eu não conseguia parar de olhar para aquilo e depois desviar os olhos.

De volta ao carro, entreguei o pacote de cigarros para o Coronel. Abrimos a janela, embora o frio do inverno estivesse congelando meu rosto e o barulho do vento nos impossibilitasse de conversar. Sentei-me na minha quarta parte do carro e fumei, indagando-me por que a velha da Coosa Liquors não tinha simplesmente arrancado o cabelo da verruga. O vento soprava pela janela do Takumi e batia em meu rosto. Cheguei para o lado, colocando-me no meio do banco traseiro e olhei para o Coronel no assento do carona, sorrindo, o rosto voltado para o vento que soprava pela janela.

quarenta e seis dias depois

EU NÃO QUERIA FALAR COM A LARA, mas, no almoço do dia seguinte, Takumi lançou mão do argumento mais forte para me fazer sentir culpado. “O que a Alasca ia pensar disso?”, ele perguntou, olhando para Lara. Ela estava sentada a três mesas de distância com a colega de quarto, Katie, que estava contando uma história, e sorria

toda vez que Katie ria das próprias piadas. Levou uma garfada de milho enlatado à boca e o pressionou contra o palato, movendo o maxilar para triturá-lo, a cabeça baixa enquanto comia do garfo – era tão discreta.

“Ela poderia reclamar *comigo*”, eu disse para o Takumi.

Takumi balançou a cabeça. E, com a boca aberta, cheia de purê de batata, disse: “Você precisa fazer isso”. Engoliu. “Deixa eu fazer uma pergunta para você, Gordo. Quando você estiver velho e grisalho, com os netinhos sentados no colo, e eles se virarem para você e disserem: ‘Vovozinho, como foi seu primeiro boquete?’, você vai querer dizer que foi uma garota que você ignorou pelo resto do Ensino Médio? Não!” Sorrii. “Você vai querer dizer: ‘Foi com minha querida amiga Lara Buterskaya. Uma garota adorável. Muito mais bonita que a vovó.’” Eu ri. Está bem, eu precisava falar com a Lara.

Depois da aula, fui até o seu quarto e bati na porta. Ela veio atender e ficou me olhando com quem diz: *O que foi? O que foi agora? Você já fez todo o estrago que podia fazer, Gordo*. Eu olhei através dela, para o quarto no qual só entrara uma vez, onde tinha aprendido que, com beijo ou sem beijo, não conseguia me comunicar com ela – e, antes que o silêncio se tornasse desconfortável demais, falei. “Desculpa”, eu disse.

“Desculpa pelo quê?”, ela perguntou, ainda olhando em minha direção, mas não para mim.

“Por ter ignorado você. Por tudo”, eu disse.

“Ninguém disse que você precisava ser meu namorado.” Ela estava tão bonita, os olhos grandes piscando depressa, as faces suaves e roliças. No entanto, toda aquela redondeza só fazia me lembrar do rosto fino e das bochechas salientes da Alasca. Mas eu podia viver com isso – além do mais, era preciso. “Poderíamos ser só amigos”, ela disse.

“Eu sei. Eu estraguei tudo. Sinto muito.”

“Não aceite as desculpas desse babaca!”, Katie gritou de dentro do quarto.

“Eu perdoo você.” Lara sorriu e me abraçou, envolvendo firmemente minha cintura. Passei os braços por cima de seus

ombros e senti o cheiro de violeta em seus cabelos.

"Mas eu não!", Katie disse, aparecendo no vão da porta. E, embora eu e ela não fôssemos muito próximos, ela se sentiu no direito de me dar uma joelhada no saco. Depois sorriu e, enquanto eu me curvava numa mesura forçada, disse: "Agora está perdoado."

Lara e eu saímos para caminhar pelo lago – *sans* Katie – e conversamos. Conversamos – sobre Alasca e sobre o último mês, sobre o fato de ela ter sentido falta tanto da Alasca quanto de mim, enquanto eu só sentira falta da Alasca (e ela estava certa). Conte-lhe toda a verdade que podia, desde as bombinhas até a Delegacia de Polícia de Pelham e as tulipas.

"Eu amava a Alasca", eu disse, e Lara disse que também a amava, então me expliquei, "Eu sei, mas foi esse o motivo. Eu amava a Alasca, e, depois que ela morreu, não consegui pensar em outra coisa. Parecia desonesto, sabe? Como uma traição."

"Não é um bom motivo", ela disse.

"Eu sei."

Ela sorriu suavemente. "Ótimo. Melhor assim. Pelo menos você admite." Eu sabia que não conseguiria apagar seu ressentimento, mas estávamos conversando.

Enquanto a escuridão se derramava pela noite, as rãs coaxavam e uns poucos insetos recém-ressuscitados zumbiam pelo *campus*, nós quatro – Takumi, Lara, o Coronel e eu – caminhamos sob a luz fria e cinzenta da lua cheia até o Buraco do Fumo.

"Coronel, por que vocês chamam esse lugar de Buraco do Fumo?", Lara perguntou. "Parece mais um túnel."

"É como um buraco de pesca", o Coronel disse. "Tipo, se nós pescássemos, pescaríamos aqui. Mas nós fumamos. Sei lá. Acho que foi Alasca que deu esse nome." O Coronel puxou um cigarro do maço e o jogou na água.

"Mas que diabos?", perguntei.

"Para ela", ele disse.

Abri um meio sorriso e repeti o gesto, jogando um dos meus cigarros na água. Dei um para o Takumi e outro para a Lara, e eles fizeram o mesmo. Os cigarros balançaram e dançaram no regato por um momento, depois foram levados pela corrente e sumiram de vista.

Eu não era religioso, mas gostava de rituais. Gostava da ideia de poder ligar uma ação a uma lembrança. Na China, o Velho dissera, havia dias reservados para limpar os túmulos, e as pessoas faziam oferendas para os mortos. Imaginei que Alasca iria querer um cigarro, então me pareceu que o Coronel tinha dado início a um excelente ritual.

Ele cuspiu no regato e quebrou o silêncio. “Engraçado, isso de falar com os fantasmas”, disse. “Não dá para saber se você está inventando as respostas ou se eles estão mesmo falando com você.”

“Acho que devemos fazer uma lista”, Takumi disse, procurando evitar quaisquer conversas mais introspectivas. “Que evidências apontam para o suicídio?” O Coronel puxou o caderno que estava sempre com ele.

“Ela não pisou no freio”, eu disse. O Coronel anotou depressa.

Ela estava bastante chateada com alguma coisa, se bem que ela já estivera chateada outras vezes e nem por isso cometera suicídio. Imaginamos que as flores seriam uma espécie de memorial para ela mesma – como um arranjo fúnebre ou algo assim. Mas isso não nos parecia a Alasca. Ela era enigmática, é verdade, mas quem planeja o suicídio pensando em flores, provavelmente, também planeja o modo como vai morrer, e Alasca não tinha como saber que um carro de polícia estaria na I-65 naquele exato momento.

E as evidências que apontavam para um acidente?

“Ela realmente estava muito bêbada, talvez estivesse pensando que não ia bater na viatura, mas não sei como”, Takumi disse.

“Ela pode ter cochilado”, Lara tentou ajudar.

“É, nós pensamos nessa possibilidade”, eu disse. “Mas acho que, se ela tivesse cochilado, não teria seguido uma linha reta.”

“Não consigo pensar numa solução que não ponha nossas vidas em risco”, o Coronel disse, desanimado. “Mas ela não apresentava

sinais de risco de suicídio. Tipo, ela não falava sobre se matar nem se desfazia de seus pertences e esse tipo de coisa.”

“Com isso, são duas. Bêbada e sem planos para morrer”, Takumi disse. Aquilo não estava nos levando a lugar algum. Apenas uma dança diferente com as mesmas perguntas. Não precisávamos de mais raciocínio. Precisávamos de mais provas.

“Precisamos descobrir aonde ela estava indo”, o Coronel disse.

“As últimas pessoas com quem ela conversou foram eu, você e o Jake”, eu lhe disse. “E nós não sabemos. Então como vamos descobrir?”

Takumi olhou para o Coronel e soltou um suspiro. “Acho que isso não vai nos ajudar em nada, saber para onde ela estava indo. Acho que só tornaria as coisas mais difíceis para todos nós. Tenho um mau pressentimento.”

“Certo, mas eu quero saber”, Lara disse, e foi então que eu compreendi o que Takumi quisera dizer naquele dia em que tomamos banho juntos – eu podia tê-la beijado, mas, de fato, não exercia um monopólio sobre Alasca; o Coronel e eu não éramos os únicos que se importavam com ela, não estávamos sozinhos na busca dos “comos” e dos “por quês” de sua morte.

“Bem, seja como for”, disse o Coronel, “estamos num beco sem saída. Um de vocês terá de pensar numa solução. Porque minhas ferramentas investigativas já se esgotaram.”

Ele bateu a ponta do cigarro em cima da água, levantou-se e foi embora. Nós o seguimos. Mesmo na derrota, ele continuava sendo o Coronel.

cinquenta e um dias depois

TENDO PARADO A INVESTIGAÇÃO, voltei-me novamente para os textos de Religião, o que pareceu deixar o Velho satisfeito, pois fazia bem umas seis semanas que eu fugia sistematicamente de seus testes-surpresa. Naquela quarta-feira fizemos um teste: *Dê um exemplo de*

*um koan budista. O koan é uma espécie de enigma que supostamente ajuda a pessoa a atingir a iluminação no zen-budismo. Em minha resposta, escrevi sobre esse cara, o Banzan. Certo dia, ele estava caminhando pelo mercado quando ouviu alguém pedir ao açougueiro o melhor pedaço de carne. O açougueiro disse, "Tudo aqui é da melhor qualidade. Você não encontrará um pedaço de carne que seja melhor do que o outro." Ouvindo isso, Banzan percebeu que não havia nem melhor nem pior, que esses juízos de valor não faziam sentido porque o que existia era o que existia, e *puf*, atingiu a iluminação. Lendo o texto na noite anterior, eu me indaguei se também seria assim comigo – se, num instante, eu finalmente conseguiria entendê-la, conhecê-la e compreender o papel que desempenhei em sua morte. Mas eu não estava lá muito convencido de que a iluminação chegava assim como um clarão de luz ou um relâmpago.*

Depois que entregamos o teste, o Velho, que estava sentado, pegou a bengala e apontou para a pergunta da Alasca, desbotada na lousa. "Vamos refletir sobre esta frase da página noventa e quatro da divertida introdução ao zen-budismo que eu passei para vocês nesta semana: "Tudo o que é construído termina por desmoronar"', o Velho disse. "Tudo. Esta cadeira. Ela foi construída e, portanto, vai desmoronar. Eu vou desmoronar, provavelmente antes da cadeira. Vocês vão desmoronar. As células, os órgãos e os sistemas que compõem seu corpo – tudo isso foi gerado, foi construído, e, portanto, vai desmoronar. Buda sabia de uma coisa que a ciência só foi capaz de provar milhares de anos depois de sua morte: A entropia cresce, as coisas desmoronam."

Todos nós vamos, pensei, e isso se aplica a tudo, desde as rolas do céu até as rolhas de garrafa, desde a Alasca-garota até o Alasca-lugar, pois nada perdura, nem mesmo a própria terra. Buda diz que o sofrimento é causado pelo desejo e que a suspensão do desejo implica a suspensão do sofrimento. Se pararmos de desejar que as coisas perdurem, não iremos sofrer quando elas desmoronarem.

Um dia, ninguém vai lembrar que ela existiu, escrevi no caderno, e depois, ou que eu existi. Porque as lembranças também

desmoronam. Então não nos resta nada, nem mesmo um fantasma, apenas sua sombra. No começo, ela tinha me assombrado, tinha assombrado meus sonhos, mas, agora, apenas algumas semanas depois, já estava me escapulindo, desmoronando em minha lembrança e na lembrança de todos nós, morrendo novamente.

O Coronel, que tinha conduzido a Investigação desde o princípio, que se mostrara interessado em seu paradeiro, enquanto eu só queria saber se ela me amava ou não, tinha desistido, sem respostas. E eu não gostava das respostas que tinha: nosso beijo fora tão insignificante aos seus olhos que ela nem mesmo contara para o Jake; em vez disso, ficara de conversa-fiada com ele, não lhe dando motivos para desconfiar que, minutos antes, eu tinha provado seu hálito alcoólico. Então algo invisível explodiu em seu íntimo, e aquilo que fora construído começou a desmoronar.

Essa talvez fosse a única resposta que iríamos ter. Ela desmoronou porque é isso o que acontece. O Coronel parecia resignado, mas, se a Investigação fora sua ideia no começo, agora era o que me ajudava a manter o equilíbrio, e eu ainda esperava atingir a iluminação.

sessenta e dois dias depois

NO DOMINGO SEGUINTE, dormi até a luz do final da manhã se fragmentar na persiana e bater em meu rosto. Puxei o edredom sobre a cabeça, mas o ar ficou quente e rançoso, então me levantei para ligar para os meus pais.

“Miles!”, minha mãe disse antes mesmo que eu pudesse lhe dizer um oi. “Compramos um identificador de chamadas.”

“E, por acaso, ele é mágico para adivinhar que sou eu ligando do telefone público?”

Ela riu. “Não, diz apenas ‘telefone público’ e o código da região. Então deduzi. Como você está?”, ela perguntou, um tom caloroso de preocupação em sua voz.

“Mais ou menos. Relaxei em algumas matérias por um tempo, mas já voltei a estudar, então acho que vai ficar tudo bem”, eu disse, e isso em grande parte era verdade.

“Sei que tem sido difícil para você, querido”, ela disse. “Ah! Adivinha quem eu e seu pai encontramos numa festa ontem à noite? A Sra. Forrester. Sua professora de quarto ano! Está lembrado? Ela se lembrou *direitinho* de você, fez muitos elogios. Ficamos conversando” – e, embora eu tivesse ficado feliz em saber que a Sra. Forrester admirava o Miles da quarta série, escutei sem prestar muita atenção enquanto lia os recados rabiscados na parede branca em torno do aparelho, procurando por novos recados para decodificar (*Lacy’s – Sexta, 10* era o onde e o quando de uma festa dos Guerreiros de Dia de Semana, imaginei) – “então fomos jantar com os Johnston ontem à noite. Acho que seu pai bebeu vinho demais. Brincamos de mímica e ele foi simplesmente *horrível!*” Ela riu, e eu me senti cansado, mas alguém tinha empurrado o banco para longe do telefone, então sentei meu traseiro magro na dura superfície de concreto, retesando o fio prateado. E estava me preparando para mais um solilóquio da minha mãe quando reparei que, embaixo de todos os outros recados e rabiscos, havia uma florzinha desenhada. Doze pétalas oblongas em torno de um círculo pintado de preto em contraste com a parede branca como... Margarida. Margaridas brancas. Podia ouvir sua voz: *O que você está vendo, Gordo? Preste atenção*, e eu a vi bêbada, sentada no chão perto do telefone, jogando conversa fora com o Jake: *Está fazendo o quê?*, e ela: *Nada, desenhando, desenhando*. Então, *Meu Deus!*

“Miles?”

“Oi, desculpa, mãe. Desculpa. O Chip está aqui. Vamos estudar. Preciso ir.”

“Liga depois? Estou certa de que seu pai também quer falar com você.”

“Ligo, mãe; ligo, claro. Eu te amo, viu? Certo, preciso ir.”

“Acho que encontrei uma coisa!”, eu gritei para o Coronel, invisível debaixo do cobertor, mas a urgência da minha voz e a

perspectiva de termos encontrado alguma coisa, qualquer coisa, fez o Coronel despertar imediatamente e saltar da cama para o piso de linóleo. Antes mesmo que eu pudesse lhe explicar a situação, ele pegou a calça *jeans* e o moletom do dia anterior, vestiu-se e saiu comigo.

“Olha.” Eu apontei. Ele se agachou ao lado do telefone e disse: “É. Foi ela que fez. Ela gostava de desenhar flores assim.”

“E o ‘Nada, desenhando’, lembra? O Jake perguntou o que ela estava fazendo e ela disse: ‘Nada, desenhando’, depois: ‘Meu Deus!’ e surtou. Deve ter olhado para o desenho e se lembrado de alguma coisa.”

“Boa memória, Gordo”, ele reconheceu, e eu me perguntei por que o Coronel não tinha se empolgado com aquilo.

“Então ela surtou”, eu repeti, “e foi buscar as tulipas enquanto pegávamos as bombinhas. Ela viu o desenho, lembrou-se de alguma coisa e surtou.”

“Pode ser”, ele disse, olhando para as flores, talvez querendo enxergá-las como ela tinha enxergado. Então se levantou e disse, “É uma teoria muito boa, Gordo”, ergueu o braço e deu um tapinha nas minhas costas, como um treinador cumprimentando um jogador. “Mas ainda não sabemos o que ela esqueceu.”

sessenta e nove dias depois

UMA SEMANA DEPOIS da descoberta da flor desenhada, eu já tinha me resignado à sua irrelevância – eu não era Banzan no açougue, afinal –, e, quando os bordos ao redor do *campus* começaram a dar indícios de uma ressurreição e os empregados da escola começaram a aparar a grama do círculo dos dormitórios, tive a impressão de que a perdera para sempre.

O Coronel e eu caminhamos pela floresta perto do lago naquela tarde e fumamos um cigarro no lugar exato onde o Águia tinha nos pegado havia tantos meses. Tínhamos acabado de sair de uma

assembleia, na qual o Águia nos comunicou que a escola ia construir um parquinho perto do lago em memória da Alasca. Ela gostava do balanço, é verdade, mas um parquinho? Lara se levantou na assembleia – certamente um marco para ela – e sugeriu que fizéssemos algo mais divertido, algo que a própria Alasca teria feito.

Então, perto do lago, sentado num tronco coberto de musgo e meio apodrecido, o Coronel me disse: “Lara está certa. Devíamos fazer algo para ela. Um trote. Algo que ela teria adorado.”

“Como um trote-memorial?”

“Isso. O Trote-Memorial Alasca Young. Podemos realizá-lo anualmente. Bem, ano passado ela teve uma ideia. Mas queria guardar para o último ano. Mas é uma ideia muito boa. Muito boa mesmo. Histórica.”

“Vai me contar o que é?”, perguntei, lembrando que ele e a Alasca tinham me excluído do planejamento da Noite do Celeiro.

“Claro”, ele disse. “O trote se chama ‘Subvertendo o Paradigma Patriarcal.’” Então me explicou como seria. Devo dizer que Alasca tinha nos deixado as joias da rainha dos trotes, a *Mona Lisa* das brincadeiras de escola, o ponto máximo de gerações de trotes em Culver Creek. Se o Coronel conseguisse realizá-lo, marcaria para sempre a lembrança de todos na Creek, e era exatamente isso o que Alasca merecia. E, o melhor de tudo, o trote não envolvia, tecnicamente, nenhuma ofensa punível com expulsão.

O Coronel ficou de pé e espanou o pó e o musgo de sua calça. “Acho que devemos isso a ela.”

Eu estava de acordo, mas ainda achava que ela nos devia uma explicação. Quer estivesse lá em cima, lá em baixo, lá fora ou em qualquer outro lugar, talvez ela desse uma risada. E talvez – talvez – nos desse a pista de que tanto precisávamos.

oitenta e três dias depois

DUAS SEMANAS DEPOIS, o Coronel retornou do recesso de primavera com dois cadernos cheios de detalhes minuciosos sobre o trote, desenhos de diferentes lugares e uma lista de quarenta páginas e duas colunas com os problemas que poderiam aparecer e suas respectivas soluções. Ele calculou os horários até os décimos de segundo e as distâncias até os centímetros, depois refez os cálculos, como se não suportasse a ideia de desapontá-la novamente. Naquele domingo, o Coronel acordou tarde e se revirou na cama. Eu estava lendo *O som e a fúria*, que deveria ter sido lido em meados de fevereiro. Olhei para cima quando ouvi o farfalhar dos lençóis, e o Coronel disse: "Vamos juntar a turma novamente." Então me aventurei na noite escura de primavera, acordei a Lara e o Takumi e os trouxe para o Quarto 43. A turma da Noite do Celeiro estava reunida – na medida do possível – para o Trote-Memorial Alasca Young.

Nós três nos sentamos no sofá, e o Coronel ficou de pé à nossa frente, explicando o plano e os papéis de cada um com uma empolgação que eu não via desde Antes. Quando terminou de falar, perguntou: "Alguma dúvida?"

"Sim", Takumi disse. "Acha mesmo que isso vai funcionar?"

"Bem, primeiro temos de encontrar um *stripper*. Depois o Gordo vai ter de convencer o pai dele."

"Está certo", Takumi disse. "Ao trabalho então."

oitenta e quatro dias depois

TODA PRIMAVERA, a escola pegava uma tarde de sexta-feira e chamava os alunos, o corpo docente e os empregados ao ginásio para o Dia do Palestrante. O Dia do Palestrante apresentava dois palestrantes – geralmente celebridades, políticos e acadêmicos de pouca envergadura, o tipo de gente que aceitaria vir até a escola para dar uma palestra pelos míseros trezentos dólares que ela oferecia. Os calouros escolhiam o primeiro palestrante e os

veteranos o segundo, e todos que tinham assistido às palestras sabiam que o evento era dolorosamente chato. Pretendíamos agitar um pouco o Dia do Palestrante.

Só precisaríamos convencer o Águia a permitir que o “Dr. William Morse”, um “amigo do meu pai” e um “proeminente estudioso da sexualidade transgressiva do adolescente”, fosse o palestrante dos calouros.

Então liguei para o trabalho do meu pai. O assistente dele, Paul, perguntou se eu estava bem, e eu me indaguei por que todo o mundo, *todo o mundo*, me perguntava se eu estava bem quando eu ligava em outra hora que não fosse domingo de manhã.

“Estou.”

Meu pai atendeu. “Oi, Miles. Você está bem?”

Eu ri e baixei a voz, pois havia gente por perto. “Estou, pai. Estou bem. Lembra quando você roubou o sino da escola e o enterrou no cemitério?”

“Foi o melhor trote da história de Culver Creek”, ele respondeu, orgulhoso.

“Foi, pai. *Foi*. Escuta, será que você poderia me ajudar com o mais novo melhor trote da história de Culver Creek?”

“Hmm, não sei, Miles. Não quero que se meta em confusão.”

“Não vou me meter em confusão. Toda a turma de calouros está envolvida. E ninguém vai se machucar nem nada disso. Porque, bem, se lembra do Dia do Palestrante?”

“Santo Deus! Era muito chato. Era quase pior do que ter aula.”

“Certo, bem, eu preciso que você finja ser nosso palestrante, o Dr. William Morse, professor de psicologia pela Universidade da Flórida e especialista em sexualidade adolescente.”

Ele ficou em silêncio por um longo tempo. Olhei para baixo, para a última margarida da Alasca, e fiquei esperando que ele me perguntasse qual era o trote. Eu teria contado, mas ele apenas expirou lentamente no telefone e disse: “Não vou nem perguntar, hmm.” Suspirou. “Jura por Deus que não vai contar para sua mãe?”

“Juro.” Fiz uma pausa. Precisei de um segundo para me lembrar do nome verdadeiro do Águia. “O Sr. Starnes vai ligar para você daqui a uns dez minutos.”

“Certo, meu nome é Dr. William Morse, sou professor de psicologia e – sexualidade adolescente?”

“Isso. Você é o máximo, pai.”

“Quero só ver se vocês vão conseguir me superar”, ele disse, rindo.

Embora doesse no Coronel, o trote não funcionaria sem o auxílio dos Guerreiros de Dia de Semana – sobretudo do presidente da turma de calouros, Longwell Chase, que, àquela altura, já tinha deixado crescer sua ridícula cabeleira de surfista. Mas os Guerreiros adoraram a ideia, então me encontrei com Longwell em seu quarto e disse: “Vamos lá.”

Longwell Chase e eu não tínhamos assunto nem queríamos conversar, então caminhamos em silêncio até a casa do Águia. O Águia abriu a porta antes mesmo que pudéssemos bater. Entortou a cabeça ligeiramente quando nos viu, parecendo confuso – de fato éramos uma dupla estranha, com a calça cáqui bem passada e pregueada de Longwell e meu *jeans* azul do tipo um-dia-lavo-essa-roupa.

“O palestrante que escolhemos é amigo do pai do Miles”, Longwell disse. “Dr. William Morse. É professor de psicologia na Flórida, estuda a sexualidade adolescente.”

“Estão querendo polêmica?”

“Não, não”, eu disse. “Conheço o Dr. Morse. Ele é interessante, mas não é polêmico. Estuda, bem, o modo como o entendimento do sexo pelos adolescentes está mudando e crescendo. Quero dizer, ele é contra o sexo antes do casamento.”

“Certo. Qual o número dele?” Entreguei um pedaço de papel para o Águia. Ele caminhou até o telefone na parede e discou. “Oi, poderia falar com o Dr. Morse?... Obrigado... Oi, Dr. Morse. Estou com Miles Halter aqui em casa, e ele está me dizendo que... ótimo, maravilha... Bem, eu estava me perguntando” – o Águia fez uma pausa, enrolando o fio telefônico em volta do dedo – “bem, estava

me perguntando se o senhor não quer, sabe – contanto que entenda que estamos falando de jovens impressionáveis. Não queremos discussões *explícitas*... Excelente. Excelente. Fico feliz que o senhor tenha compreendido... Para o senhor também. Até breve!” O Águia desligou o telefone, sorrindo, e disse: “Ótima escolha! Ele parece ser muito interessante.”

“É sim”, Longwell disse, muito sério. “Acho que ele será extraordinariamente interessante.”

cento e dois dias depois

MEU PAI INTERPRETOU o Dr. William Morse ao telefone, mas o homem que iria interpretá-lo na vida real se chamava Maxx com dois X's, se bem que seu nome verdadeiro era Stan, e, no Dia do Palestrante, seu nome seria Dr. William Morse, é claro. Ele era uma crise de identidade ambulante, um *stripper* com mais apelidos que um agente secreto da CIA.

As quatro primeiras “agências” para as quais o Coronel telefonou recusaram o trabalho. Foi somente quando chegamos ao D da seção de “Entretenimento” das Páginas Amarelas que encontramos a Despedida de Solteiros Para Baixinhos. O dono da empresa gostou bastante da ideia, mas disse: “O Maxx vai amar isso. Porém nada de nudez. Não na frente das crianças.” Concordamos – com certa relutância.

Para garantir que nenhum de nós seria expulso, Takumi e eu coletamos cinco dólares de todos os calouros de Culver Creek para cobrir as despesas do “Dr. William Morse”, pois duvidávamos que o Águia o pagasse depois de testemunhar, bem, a palestra. Paguei a parte do Coronel. “Sinto como se tivesse merecido sua caridade”, ele disse, apontando para os cadernos de espiral cheios de planos.

Durante as aulas daquela manhã, não consegui pensar em outra coisa. Todos os calouros da escola sabiam do trote fazia duas semanas, mas, até então, nenhum boato tinha vazado. Mas a Creek

era um poço de fofoca – principalmente entre os Guerreiros de Dia de Semana, e, se alguém contasse para um amigo que contasse para um amigo que contasse para o Águia, a coisa toda ia desmoronar.

O *éthos* do não-dedure-o-colega passou no teste com louvor, mas, quando Maxx/Stan/Dr. Morse não apareceu às 11h50 daquela manhã, pensei que o Coronel fosse surtar. Ele se sentou no para-choque de um carro no estacionamento dos alunos, baixou a cabeça e correu os dedos pela cabeleira escura e desalinhada como se estivesse tentando encontrar alguma coisa ali dentro. Maxx prometera chegar por volta das 11h40, vinte minutos antes da abertura oficial do Dia do Palestrante, tempo suficiente para aprender suas falas e tudo o mais. Fiquei ao lado do Coronel, preocupado, porém quieto. E esperei. Tínhamos pedido ao Takumi que contatasse a “agência” e descobrisse o paradeiro do “artista”.

“De tudo o que pensei que poderia dar errado, isso não estava no previsto. Não temos solução para esse problema.”

Takumi veio correndo, tomando o cuidado de não dizer nada até estar bem próximo. A garotada fazia fila para entrar no ginásio. Atrasado, atrasado, atrasado, atrasado. Estávamos pedindo tão pouco do nosso artista. Tínhamos escrito seu discurso. Tínhamos planejado tudo para ele. Maxx só tinha de aparecer com a roupa. No entanto...

“A agência”, Takumi disse, “falou que o artista está a caminho.”

“A caminho?”, o Coronel disse, mexendo nos cabelos com renovado vigor. “A caminho? Ele já está *atrasado*.”

“Disseram que ele estava...” então nossos temores se dissiparam quando uma minivan azul dobrou a esquina do estacionamento, guiada por um homem de terno.

“É bom que seja o Maxx”, o Coronel disse enquanto o motorista estacionava o carro. E correu até a porta da frente.

“Eu sou o Maxx”, o cara disse quando abriu a porta.

“Eu sou um representante sem nome e sem rosto da turma de calouros”, o Coronel respondeu, apertando a mão de Maxx. Ele devia

estar na casa dos trinta, tinha a pele bronzeada e os ombros largos, com um maxilar forte e um cavanhaque escuro e bem aparado.

Demos uma cópia do discurso para o Maxx, e ele o leu rapidamente.

“Alguma dúvida?”, perguntei.

“Bem, sim. Dada a natureza do evento, acho que vocês deveriam me pagar adiantado.”

Ele me pareceu bastante articulado, quase como um acadêmico, e eu me senti confiante, como se Alasca tivesse colocado em nosso caminho o melhor *stripper* masculino da região do Alabama.

Takumi abriu o porta-malas de seu utilitário esportivo e pegou um saco de compras de papel com 320 dólares. “Aqui está, Maxx”, ele disse. “Certo, o Gordo aqui vai se sentar lá dentro com você, porque você é amigo do pai dele. Está tudo escrito. Mas, bem, quando isso terminar, se você for interrogado, agradeceríamos se fizesse a gentileza de dizer que foi contratado pela turma dos calouros numa ligação em conferência, porque não queremos que o Gordo aqui se meta em confusão.”

Ele riu. “Claro, claro. Aceitei este trabalho porque sabia que seria hilário. Queria ter pensado nisso quando estava na escola.”

Quando entrei no ginásio – Maxx/Dr. William Morse ao meu lado, Takumi e o Coronel bem atrás –, sabia que a probabilidade de eu ser pego era maior do que a de qualquer um. Mas tinha lido o Regulamento de Culver Creek várias vezes naquelas últimas semanas e me lembrava das duas linhas de defesa para o caso de eu me meter em confusão: (1) Tecnicamente, não existia nenhuma regra que proibisse o aluno de pagar um *stripper* para dançar na frente da escola. (2) Não teriam como provar que eu tinha sido responsável pelo incidente. Só teriam como provar que eu trouxera uma pessoa para o *campus*, presumidamente um especialista em sexualidade transgressiva adolescente, mas que acabou sendo um verdadeiro transgressor sexual.

Sentei-me com o Dr. William Morse no meio da primeira fila da arquibancada. Alguns alunos da nona série estavam sentados atrás

de nós, mas, quando o Coronel apareceu com a Lara, disse-lhes educadamente: "Obrigado por guardarem nossos assentos", e os conduziu para longe. Como fora combinado, Takumi estava no depósito esportivo do segundo andar, conectando seu aparelho de som aos alto-falantes do ginásio. Eu me virei para o Dr. Morse e disse: "Devemos olhar um para o outro afetuosamente e conversar como se você fosse amigo dos meus pais."

Ele sorriu e assentiu com a cabeça. "Seu pai é um grande homem. E sua mãe – tão bonita." Revirei os olhos, um pouco enojado. Mas gostava do nosso amigo *stripper*. O Águia chegou ao meio-dia em ponto, cumprimentou o palestrante dos veteranos – um ex-secretário de Justiça do estado do Alabama –, depois veio falar com o Dr. Morse, que se levantou com aprumo e se inclinou ligeiramente enquanto apertava a mão do Águia – talvez formal demais. O Águia disse: "É um grande prazer ter o senhor aqui", e Maxx respondeu, "Obrigado. Espero não desapontá-lo."

Eu não tinha medo de ser expulso. Também não tinha medo de causar a expulsão do Coronel, embora talvez devesse. Eu tinha medo que o trote não desse certo, por não ter sido planejado pela Alasca. Talvez os trotes dignos dela só funcionassem com ela.

O Águia assomou por trás do atril.

"Hoje é um dia histórico para Culver Creek. Nosso fundador, Philip Garden, quis que vocês, alunos, e nós, professores, tirássemos um dia por ano para nos beneficiarmos da sabedoria de vozes de fora da escola. Por esse motivo, nós nos reunimos aqui todo ano para aprender com eles, para ver o mundo pelos olhos do outro. Hoje, o palestrante da turma dos calouros é o Dr. William Morse, professor de psicologia da Universidade da Flórida e respeitado acadêmico. Está aqui para nos falar sobre a sexualidade adolescente, um assunto que certamente será do interesse de vocês. Então, por favor, uma salva de palmas para o Dr. Morse."

Aplaudimos. Meu coração batia no peito como se também quisesse aplaudir. Quando Maxx se encaminhou para o atril, Lara inclinou-se para mim e sussurrou: "Ele é bonito."

“Obrigado, Sr. Starnes.” Maxx sorriu e meneou a cabeça na direção do Águia, depois endireitou os papéis e os colocou sobre o atril. Eu mesmo quase acreditei que ele era um professor de psicologia. Imaginei se ele seria um ator tentando complementar sua renda.

Maxx leu diretamente da folha, sem olhar para a plateia, mas leu com o tom de voz confiante e casual de um acadêmico ligeiramente arrogante. “Estou aqui para lhes falar sobre o fascinante tema da sexualidade adolescente. Meus estudos limitam-se ao campo da linguística sexual, mais especificamente ao modo como os adolescentes falam sobre sexo e questões afins. Então, por exemplo, estou interessado em saber por que a palavra ‘braço’ não faz vocês rirem, ao passo que a palavra ‘vagina’ faz.” Algumas pessoas riram nervosamente na plateia. “O modo como os jovens se referem aos corpos uns dos outros diz muito sobre nossa sociedade. No mundo de hoje, é muito mais comum que os meninos objetifiquem o corpo das meninas do que o contrário. Eles comentam entre si que determinada menina tem belos peitões, ao passo que elas costumam dizer apenas que este ou aquele menino é fofo, um termo que descreve tanto características físicas quanto emocionais. Com isso, as meninas são transformadas em meros objetos, enquanto os meninos são vistos por elas como pessoas inteiras...”

Então Lara ficou de pé e, com seu sotaque suave e inocente, interrompeu o Dr. Morse. “Você é tão lindo! Por que não cala a boca e tira a roupa?!”

Os alunos riram, mas os professores se viraram e olharam para ela, espantados e emudecidos. Ela se sentou.

“Qual seu nome, filha?”

“Lara”, ela disse.

“Agora, escute aqui, Lara”, Maxx disse, voltando-se para a folha, tentando se lembrar da próxima fala, “o que temos aqui é um estudo de caso muito interessante – uma mulher está objetificando um homem, no caso eu. Isso é tão incomum que só posso supor que seja uma piada.”

Lara se levantou novamente e gritou, “Estou falando sério! Tira a roupa!”

Ele olhou para a folha, nervoso, depois se virou para nós, sorrindo. “Certo, acho que é importante subverter o paradigma patriarcal, e essa é uma maneira de fazer isso. Está bem”, ele disse, dando um passo para a esquerda e se afastando do atril. Depois gritou alto suficiente para Takumi ouvi-lo no andar de cima: “Isso é por Alasca Young!”

Quando o baixo rápido e ritmado de “Get Off” do Prince começou a tocar nos alto-falantes, o Dr. William Morse agarrou a perna da calça com uma das mãos e a lapela do paletó com a outra. O velcro se abriu e rasgou a fantasia de palco, mostrando o Maxx com dois x’s, um homem incrivelmente musculoso com o abdome definido e fortes músculos peitorais. Ele ficou ali na nossa frente, sorrindo, apenas de sunga, uma sunga de couro preto, quase uma cueca. Eca!

Com os pés bem posicionados, Maxx começou a gingar os braços no ritmo da música, e a plateia explodiu em gargalhadas, aplaudindo contínua e estrepitosamente – de longe a maior ovação da história do Dia do Palestrante. O Águia se levantou num piscar de olhos, e Maxx parou de dançar, simplesmente contraindo os músculos peitorais para que sacolejassem com a música. Então o Águia, sem rir, mas mordendo os lábios como quem se esforça para não abrir um sorriso, indicou com o polegar que estava na hora de Maxx ir embora, e ele obedeceu.

Meus olhos seguiram Maxx enquanto ele saía do ginásio e deram com o Takumi no vão da porta, os punhos erguidos em triunfo, antes de ele correr para o andar de cima para desligar o som. Fiquei feliz por ele ter podido ver pelo menos um pouco do espetáculo.

Takumi teve bastante tempo para desmontar o equipamento, pois as risadas e o murmurinho se estenderam por vários minutos enquanto o Águia repetia: “Tudo bem. Tudo bem. Vamos nos acalmar. Gente, vamos nos acalmar.”

O palestrante dos veteranos fez seu discurso. Depois foi embora. Enquanto saíamos do ginásio, os alunos não calouros se

amontoaram em torno de nós, perguntando: "Foram vocês?", e eu simplesmente sorria e dizia que não, pois não tinha sido nem eu, nem o Coronel, nem o Takumi, nem a Lara, nem Longwell Chase, nem ninguém ali presente. Fora Alasca o tempo todo. A pior parte de um trote, Alasca me dissera certa vez, era não poder assumir a culpa. Mas eu podia assumir a culpa no lugar dela. E, enquanto saíamos lentamente do ginásio, eu dizia para todos os que quisessem ouvir: "Não. Não fomos nós. Foi Alasca."

Nós quatro retornamos para o Quarto 43, exultantes com o sucesso da empreitada, convencidos de que a Creek jamais testemunharia um trote parecido, e eu não achei que pudesse estar encrocado até o Águia abrir a porta do nosso quarto e olhar para nós, balançando a cabeça com desdém.

"Sei que foram vocês", disse o Águia.

Olhamos para ele, sem falar nada. Ele costumava blefar. Talvez fosse um blefe.

"Nunca mais façam uma coisa dessas", ele disse. "Mas, Deus, 'subverter o paradigma patriarcal'... Parece até que ela escreveu o discurso." Sorriu e fechou a porta.

cento e catorze dias depois

UMA SEMANA E MEIA DEPOIS, voltei para o quarto depois da aula, o sol fustigando minha pele num constante lembrete de que a primavera no Alabama tinha durado questão de horas, e, agora, no princípio de maio, o verão tinha retornado para uma estada de seis meses. Senti o suor escorrer por minhas costas e ansiei pelos ventos gelados de janeiro. Quando entrei no quarto, encontrei Takumi sentado no sofá, lendo minha biografia de Tolstói.

"Hmm, oi", eu disse.

Ele fechou o livro, colocou-o ao seu lado e disse: "Dez de janeiro."

"Como?", perguntei.

“Dez de janeiro. Não sabe o que aconteceu nesse dia?”

“Bem, sim, foi o dia em que a Alasca morreu.” Tecnicamente, ela tinha morrido às três da manhã do dia 11 de janeiro, mas para nós, pelo menos, ainda era noite de segunda-feira, 10 de janeiro.

“Não, outra coisa, Gordo. Nove de janeiro. A mãe da Alasca a levou para o zoológico.”

“Espera. Não. Como sabe disso?”

“Ela nos contou na Noite do Celeiro. Lembra?”

É claro que eu não lembrava. Se conseguisse me lembrar dos números, não estaria sofrendo para conseguir um C+ em Pré-Cálculo.

“Putaquepariu!”, eu disse quando o Coronel entrou.

“O que foi?” o Coronel perguntou.

“Nove de janeiro de 1997”, eu lhe disse. “Alasca gostou dos ursos, a mãe dela gostou dos macacos.” O Coronel olhou para mim sem entender, depois tirou a mochila e a jogou para o outro lado do quarto num único movimento.

“Putaquepariu!”, ele disse. “COMO NÃO PENSEI NISSO!”

Um minuto depois, o Coronel bolou a melhor solução que iríamos ter. “Certo. Ela está dormindo. O Jake liga. Ela está conversando com ele, está desenhando. Olha para a flor branca, pensa: ‘Meu Deus! Minha mãe gostava de flores brancas e as colocava em meu cabelo quando eu era pequena’, e surta. Volta para o quarto e grita conosco dizendo que se esqueceu – que se esqueceu da mãe, é claro. Pega as flores e vai de carro para – para onde?” E olhou para mim. “Para onde? Para o túmulo da mãe?”

Eu disse: “É, acho que sim. Ela entra no carro, querendo visitar o túmulo da mãe, mas depara com um caminhão e o carro da polícia. Está bêbada, irritada e com pressa, acha que pode passar entre os dois, não está pensando direito, só quer visitar o túmulo da mãe, tenta dar um jeito de passar por entre eles e PUF.”

Takumi cabeceou lentamente, pensativo, e disse: “Ou então ela entra no carro com as flores. Mas já perdeu o aniversário de morte. Provavelmente está achando que desapontou a mãe de novo – primeiro, não liga para a emergência, depois nem mesmo se lembra

da porcaria do aniversário. Ela está furiosa, ela se odeia, diz: 'Chega, vou fazer isso', vê o carro da polícia – eis sua chance –, e bate."

O Coronel tirou um maço de cigarros do bolso e o virou de ponta-cabeça, batendo com ele de leve na MESA DE CENTRO. "Bem", disse, "isso explica tudo."

cento e dezoito dias depois

ENTÃO DESISTIMOS. Finalmente me cansei de perseguir um fantasma que não queria ser descoberto. Talvez tivéssemos falhado, mas alguns mistérios jamais serão desvendados. Eu ainda não a conhecia como desejava e acho que jamais a conheceria. Ela tinha tornado isso impossível para mim. E o suicidente, o acídido, seria eternamente isso. Só me restava perguntar: *Será que contribuí para um destino que você não queria, Alasca, ou simplesmente ajudei você a se autodestruir?* Porque são crimes diferentes, e eu não sabia se ficava com raiva dela por ter me tornado cúmplice de um suicídio ou se ficava com raiva de mim mesmo por tê-la deixado ir embora.

Mas nós sabíamos o que podia ser descoberto, e, no processo de descoberta, ela nos aproximou – o Coronel, Takumi e eu, pelo menos. E foi só. Ela não me deixou o suficiente para descobri-la, mas me deixou o suficiente para redescobrir o Grande Talvez.

"Tem mais uma coisa que podemos fazer", o Coronel disse enquanto jogávamos *videogame* com o som desligado – só nós dois, como nos primeiros dias da Investigação.

"Não podemos fazer mais nada."

"Quero passar de carro pelo local", ele disse. "Como ela fez."

Não podíamos arriscar sair do *campus* no meio da madrugada como ela tinha feito, por isso saímos cerca de doze horas mais cedo, às 3h da tarde, com o Coronel dirigindo o utilitário esportivo do Takumi. Tínhamos convidado a Lara e o Takumi, mas eles estavam

cansados de perseguir fantasmas, e, além do mais, as provas finais estavam chegando.

A tarde estava radiante. O sol fustigava o asfalto fazendo com que as faixas da estrada tremessem com o calor. Seguimos a Rodovia 119 por cerca de um quilômetro e meio, depois pegamos a I-65 no sentido norte, a caminho da cena do acidente e de Vine Station.

O Coronel dirigia em grande velocidade, e nós ficamos em silêncio, fitando a estrada. Tentei imaginar o que ela estaria pensando, novamente tentando enxergar através do tempo e do espaço para entrar em sua cabeça por um único momento. Uma ambulância com as luzes e a sirene acesas passou depressa por nós, no sentido contrário, na direção da escola, e, por um instante, fiquei apreensivo e pensei: *Pode ser alguém que eu conheça*. Quase desejei que fosse alguém conhecido para dar nova forma e profundidade à tristeza que eu ainda sentia.

O silêncio foi rompido. "Tinha vezes que eu gostava", eu disse. "Gostava do fato de ela estar morta."

"Como assim? A sensação era boa?"

"Não. Sei lá. A sensação era... pura."

"É", ele disse, abrindo mão de sua costumeira eloquência. "É. Eu também. Acho que é normal, deve ser normal."

Sempre me causava espanto perceber que eu não era a única pessoa no mundo que pensava e sentia essas coisas estranhas e horrorosas.

Oito quilômetros ao norte da escola, o Coronel passou para a pista da esquerda da interestadual e começou a acelerar. Cerrei os dentes, e, então, à nossa frente, os caquinhos de vidro brilharam à luz do sol como se a estrada estivesse incrustada de joias. Era ali. Ele ainda estava acelerando.

Pensei: *Não seria um jeito ruim de morrer.*

Pensei: *Rápida e diretamente. Talvez ela tivesse decidido no último segundo.*

E, *PUF*, atravessamos o momento de sua morte. Estamos passando por onde ela não passou, pelo asfalto que ela nunca viu, e não estamos mortos. Não estamos mortos! Estamos respirando, chorando e, agora, diminuindo a velocidade e voltando para a pista da direita.

Pegamos o retorno seguinte, sem dizer nada. Quando fomos trocar de motorista, passamos pela frente do carro e nos encontramos. Eu o abracei, meus punhos cerrados em suas costas. Ele me envolveu com seus braços curtos e me apertou com força, e eu senti seu peito arfar enquanto percebíamos repetidas vezes que estávamos vivos. A compreensão chegava em ondas. Nós nos abraçamos e choramos, e eu pensei: *Meu Deus, que cena estamos fazendo*, mas isso não importava para quem tinha acabado de perceber, depois de tanto tempo, que ainda estava vivo.

cento e dezenove dias depois

O CORONEL E EU PASSAMOS a nos dedicar integralmente às aulas depois de termos desistido, sabendo que precisaríamos tirar notas excelentes para atingir nossas metas (eu queria média 9,0 e o Coronel não se contentaria com menos de 9,8). Nosso quarto tornou-se uma espécie de Quartel-General dos Estudos, pois o Takumi e a Lara ficavam até tarde da noite falando sobre *O som e a fúria*, meiose e a Batalha de Bastogne. O Coronel tentou nos ensinar toda a matéria de Pré-Cálculo do semestre, mas ele era bom demais para ser bom professor – “Claro que faz sentido. Pode confiar. Santo Deus, nem é tão difícil” –, e eu senti falta da Alasca.

Quando não conseguíamos acompanhar, trapaceávamos. Takumi e eu lemos apenas os resumos de *Things Fall Apart* e *Adeus às armas* (“Esses livros são grandes demais!”, ele exclamou a certa altura).

Não conversávamos muito. Também não precisávamos.

cento e vinte e dois dias depois

UMA BRISA FRESCA tinha repellido o forte calor, e, na manhã em que receberíamos nosso trabalho final, o Velho sugeriu que tivéssemos aula lá fora. Eu me indaguei por que haveríamos de ter *uma aula inteira* lá fora quando eu fora expulso da sala no último semestre apenas por *olhar* para fora, mas era isso o que o Velho queria, então fizemos sua vontade. Ele se sentou numa cadeira trazida por Kevin Richman. Nós nos sentamos sobre a relva, meu caderno, a princípio, empoleirado canhestramente em meu colo e depois colocado em cima das espessas folhas de grama. O chão encarado não se prestava para a escrita, e os mosquitos zumbiam entre nós. Estávamos perto demais do lago para termos algum conforto, mas o Velho parecia feliz.

“Tenho aqui o trabalho final de vocês. No último semestre, dei-lhes quase dois meses para concluir o trabalho. Desta vez, terão apenas duas semanas.” Ele fez uma pausa. “Acho que não podemos fazer nada quanto a isso.” E riu. “Para ser sincero, só consegui me decidir por este tema na noite passada. Isso vai contra a minha natureza. Que seja. Passem as folhas.” Quando a pilha chegou às minhas mãos, li a pergunta:

O que você – você especificamente – vai fazer para sair deste labirinto de sofrimento? Agora que já conhece três importantes tradições religiosas, use seu intelecto recém-iluminado para responder à pergunta da Alasca.

Depois que todos receberam a folha, o Velho disse: “Vocês não precisam discutir as perspectivas das diferentes religiões em seus trabalhos, então não será necessário fazer pesquisa. Seu conhecimento, ou falta de conhecimento, já foi avaliado nos testes deste semestre. Só quero saber como vocês vão enquadrar em sua visão de mundo a presença incontestável do sofrimento e como esperam navegar pela vida apesar disso.”

“Ano que vem, supondo que meus pulmões resistam, vamos estudar o taoísmo, o hinduísmo e o judaísmo ao mesmo tempo...” O

Velho tossiu e começou a rir, o que lhe provocou mais tosse. “Santo Deus, acho que *não vou* aguentar. Mas, quanto às três religiões que estudamos este ano, gostaria de falar mais uma coisa. O islamismo, o cristianismo e o budismo, cada qual tem seu fundador – Maomé, Jesus e Buda, respectivamente. E, pensando nesses fundadores, acho que podemos concluir que cada um deles nos trouxe uma mensagem radical de esperança. Para a Arábia do século VII, Maomé trouxe a promessa de que todos poderiam encontrar felicidade e vida eterna no único Deus verdadeiro. Buda nos trouxe a esperança de sermos capazes de transpor o sofrimento. Jesus nos disse que os últimos serão os primeiros e que até os coletores de imposto e os leprosos – os renegados – têm razão para ter esperança. Assim, a pergunta que eu lhes faço neste trabalho é a seguinte: O que lhes dá esperança?”

Quando voltamos para o Quarto 43, o Coronel começou a fumar. Embora eu tivesse de lavar louça no refeitório por mais uma noite para curar meu vício, não estávamos lá com muito medo do Águia. Restavam apenas quinze dias e, se fôssemos pegos, simplesmente teríamos de começar o último ano com algumas horas de trabalho forçado. “Como vamos sair deste labirinto, Coronel?”, perguntei.

“Se eu soubesse...”, ele disse.

“Acho que assim você não vai conseguir um ‘A’.”

“Nem vou conseguir aquietar minha alma.”

“Ou a dela”, eu disse.

“Certo. Tinha me esquecido dela.” Ele balançou a cabeça. “Isso fica acontecendo.”

“Bem, você precisa escrever *alguma coisa*”, argumentei.

“Depois de todo esse tempo, acho que ‘rápida e diretamente’ é o único jeito de sair – mas prefiro o labirinto. O labirinto é uma droga, mas eu o escolho.”

cento e trinta e seis dias depois

DUAS SEMANAS DEPOIS, eu ainda não tinha terminado o trabalho final do Velho, e faltavam apenas 24 horas para o fim do semestre. Eu estava voltando de uma prova, uma aguerrida, porém (eu esperava) bem-sucedida batalha com o Pré-Cálculo que me daria o B- que eu tanto desejava. Lá fora o tempo estava bastante quente, como ela. Eu me sentia bem. No dia seguinte, meus pais viriam buscar minhas coisas, assistiríamos à cerimônia de formatura, depois voltaríamos para a Flórida. O Coronel voltaria para a casa da mãe para ver a soja crescer, mas eu podia fazer interurbanos, então nos falaríamos bastante. Takumi passaria as férias no Japão, e Lara voltaria para casa novamente numa limusine verde. Eu estava pensando que não era tão ruim não saber onde Alasca estava ou para onde estaria indo naquela noite, quando abri a porta do quarto e vi uma folha de papel dobrada no piso de linóleo. Era um papel de carta verde-limão. Em cima, lia-se em caligrafia:

Da Mesa de... Takumi Hikohito

Gordo / Coronel,

Peço desculpas por não lhes ter contado antes. Não vou ficar para a formatura. Viajo para o Japão amanhã de manhã. Por muito tempo, fiquei furioso com vocês. Fiquei magoado por me deixarem de fora de todas as coisas, então guardei para mim o que eu sabia. No entanto, mesmo quando já não estava furioso, não lhes disse nada, nem sei por quê. O Gordo tinha aquele beijo, eu acho. Eu tinha esse segredo.

Vocês já devem ter deduzido, mas a verdade é que eu a vi naquela noite. Tinha ficado acordado até tarde com a Lara e mais algumas pessoas, e estava quase caindo no sono quando ouvi seu choro pela janela dos fundos do meu quarto. Devia ser umas 3h15 da madrugada. Fui lá fora, e ela estava correndo pelo campo de futebol. Tentei conversar, mas ela estava com pressa. Fazia oito anos que sua mãe tinha morrido. Ela costumava levar flores ao túmulo nos aniversários de morte, mas, naquele ano, tinha esquecido.

Estava procurando por flores, mas era cedo demais – estava frio demais. Foi assim que eu descobri sobre o dia 10 de janeiro. Mas continuo sem saber se foi suicídio.

Ela estava tão triste. Eu não sabia o que dizer, não sabia o que fazer. Acho que ela contava comigo para ser a pessoa que sempre diria e faria a coisa certa para ajudá-la, mas não consegui. Pensei que ela estivesse procurando flores. Não sabia que ela pretendia sair. Ela estava bêbada, bêbada de cair no chão. Não pensei que fosse dirigir ou algo assim. Pensei que fosse chorar até dormir e que fosse visitar o túmulo da mãe no dia seguinte ou algo assim. Ela saiu caminhando, então ouvi o motor do carro. Não sei no que eu estava pensando.

Então acho que eu também a deixei ir. Sinto muito. Sei que vocês a amavam. Era difícil não amá-la.

Takumi

Saí correndo do quarto, como se nunca tivesse fumado um cigarro, como na Noite do Celeiro com o Takumi. Atravessei o círculo dos dormitórios, mas ele tinha ido embora. A cama era puro vinil; a escrivaninha estava vazia; uma moldura de poeira onde o estéreo costumava ficar. Ele tinha ido embora, e eu não pude lhe dizer o que acabara de descobrir: que eu o perdoava, que ela nos perdoava, que tínhamos de perdoar para sobreviver no labirinto. Tantos de nós teríamos de conviver com coisas feitas e deixadas por fazer naquele dia. Coisas que terminaram mal, coisas que pareceram normais na hora, porque não tínhamos como prever o futuro. Se ao menos conseguíssemos enxergar a infinita cadeia de consequências que resulta das nossas pequenas decisões. Mas só percebemos tarde demais, quando perceber é inútil.

A caminho do quarto para mostrar o bilhete para o Coronel, percebi que jamais saberia. Jamais a conheceria suficientemente bem para saber o que se passara em sua cabeça naqueles últimos instantes, jamais saberia se ela tinha nos deixado de propósito. Mas o fato de não saber não me impediria de me importar. Eu sempre

amaria Alasca Young, minha vizinha pervertida, com todo o meu pervertido coração.

Entrei no Quarto 43, mas o Coronel não estava lá, então deixei o bilhete no beliche de cima, sentei-me ao computador e escrevi minha saída do labirinto.

Antes de vir para cá, pensei por um bom tempo que para sair do labirinto fosse necessário fingir que ele não existia, construir um mundo pequeno, porém autossuficiente num rincão longínquo desse infinito labirinto e fingir que eu não estava perdido, mas em casa. Só que isso tinha me conduzido a uma vida solitária, tendo por companhia unicamente as últimas palavras dos já-mortos. Então vim para cá em busca de um Grande Talvez, de amigos verdadeiros e de uma vida maior do que a minha vidinha. Mas estraguei tudo, o Coronel estragou tudo, Takumi estragou tudo, e ela escorreu por entre nossos dedos. E não adianta embelezar a verdade: Ela merecia amigos melhores.

Depois que estragou tudo, tantos anos atrás, apenas uma garotinha imobilizada pelo terror, Alasca desmoronou em seu próprio enigma. Eu poderia ter tomado o mesmo rumo, mas sabia onde aquilo ia dar. Então continuo acreditando num Grande Talvez e sou capaz de acreditar nele apesar de tê-la perdido.

Pois, sim, vou esquecê-la. Aquilo que é construído desmorona imperceptivelmente devagar. Vou esquecê-la, mas ela perdoará meu esquecimento, assim como eu a perdoo por ter se esquecido de mim, do Coronel e de todo o mundo, lembrando-se apenas de si mesma e de sua mãe naqueles últimos minutos que passou como pessoa. Hoje sei que ela me perdoa por ter sido burro e medroso, por ter tomado uma atitude burra e medrosa. Sei que ela me perdoa, assim como sua mãe também a perdoa. Eis por que sei disso:

Pensei, no começo, que ela fosse apenas um cadáver. Apenas escuridão. Apenas um corpo a ser comido pelos vermes. Pensei

muito nela assim, como a refeição de algum bicho. O que ela fora – olhos verdes, um meio sorriso, as curvas suaves da perna – em breve seria um nada, apenas ossos que eu não tinha visto. Pensei no lento processo de tornar-se esqueleto, depois fóssil, depois carvão, e, dali a milhares de anos, ser extraído pelas pessoas do futuro, que aqueceriam suas casas com ela e a transformariam em fumaça, ondulando numa chaminé, cobrindo a atmosfera. Às vezes, ainda acho que a “outra vida” é algo que inventamos para apaziguar a dor da perda, para tornar nosso tempo no labirinto suportável. Talvez ela fosse apenas matéria, e a matéria se recicla.

Mas, para ser sincero, não acredito que ela fosse só matéria. O resto dela também precisa ser reciclado. Hoje, acredito que somos mais do que a soma das nossas partes. Se pegássemos seu código genético, suas experiências de vida, seus relacionamentos com outras pessoas e os enxertássemos num corpo do mesmo tamanho e com as mesmas proporções, ainda assim não teríamos outra Alasca. Existe algo mais. Uma parte que é maior do que a soma das suas partes cognoscíveis. E essa parte tem de ir para algum lugar, pois não pode ser destruída.

Embora ninguém possa me acusar de ser um grande estudioso das ciências exatas, se tem uma coisa que aprendi nas aulas de Física é que a energia não se cria nem se destrói. E, se Alasca realmente tirou sua própria vida, esse é o tipo de esperança que eu gostaria de lhe ter dado. Esquecer e abandonar a mãe, os amigos, as próprias expectativas – eram coisas horríveis, mas ela não precisava ter se metido em si mesma e se autodestruído. Somos capazes de sobreviver a essas coisas horríveis, pois *somos* tão indestrutíveis quanto pensamos ser. Quando os adultos dizem: “Os adolescentes se acham invencíveis”, com aquele sorriso malicioso e idiota estampado na cara, eles não sabem quanto estão certos. Não devemos perder a esperança, pois jamais seremos irremediavelmente feridos. Pensamos que somos invencíveis porque realmente *somos*. Não nascemos, nem morremos. Como toda energia, nós

simplesmente mudamos de forma, de tamanho e de manifestação. Os adultos se esquecem disso quando envelhecem. Ficam com medo de perder e de fracassar. Mas essa parte que é maior do que a soma das partes não tem começo e não tem fim, e, portanto, não pode falhar.

Eu sei que ela me perdoa, assim como eu a perdo. As últimas palavras de Thomas Edison foram: "O outro lado é muito bonito." Eu não sei onde fica o outro lado, mas acredito que seja em algum lugar e espero que seja bonito.

últimas palavras sobre últimas palavras

COMO MILES "GORDO" HALTER, sou fascinado por últimas palavras. No meu caso, tudo começou quando eu tinha doze anos. Estava lendo um livro didático de História, quando encontrei as últimas palavras do presidente John Adams: "Thomas Jefferson continua vivo." (Não era verdade. Jefferson tinha morrido horas antes naquele mesmo 4 de julho de 1826; as últimas palavras de Jefferson foram: "Hoje é dia 4?")

Não sei dizer ao certo por que continuei interessado em últimas palavras ou por que jamais deixei de procurar por elas. Eu realmente amei as últimas palavras de John Adams quando tinha doze anos. Mas também amei uma garota chamada Whitney. A maioria dos amores não dura tanto tempo. (O de Whitney certamente não durou. Nem mesmo me lembro de seu sobrenome.) Mas alguns duram.

Outra coisa que também não sei dizer ao certo é se todas as últimas palavras citadas neste livro são definitivas. Quase por definição, elas são difíceis de verificar. As testemunhas se entregam à emoção; o tempo se confunde; quem falou já não está mais aqui para esclarecer eventuais equívocos. Procurei ser preciso, mas não é de espantar que haja controvérsia quanto às duas citações mais importantes de *Quem é você, Alasca?*

SIMÓN BOLÍVAR

"Como sairei deste labirinto?"

Na verdade, é muito provável que as últimas palavras de Simón Bolívar não tenham sido "Como sairei deste labirinto?" (embora ele

tenha dito isso historicamente). As últimas palavras dele podem ter sido "José! Traga as malas. Não nos querem por aqui." Minha fonte para "Como sairei deste labirinto?" é a mesma da Alasca, ou seja, *O general no seu labirinto*, de Gabriel García Márquez.

FRANÇOIS RABELAIS

"Saio em busca de um Grande Talvez."

Creditam-se a François Rabelais quatro "últimas palavras" alternativas. *The Oxford Book of Death* diz que suas últimas palavras foram: (a) "Saio em busca de um Grande Talvez"; (b) (após ter recebido a extrema-unção) "Estou engraxando minhas botas para uma última viagem"; (c) "Fechem as cortinas; a farsa chegou ao fim"; (d) (cobrindo-se com seu *domino*, ou manto com capuz) "*Beati qui in Domino moriantur.*" Essa última, por acaso, é um trocadilho¹, mas, como está em latim, não é muito citada. De todo modo, repudio a alternativa (d) porque acho difícil de imaginar que François Rabelais, morrendo, tivesse energia para fazer um trocadilho tão desgastante fisicamente, *em latim*. A citação mais comum é a (c), porque é engraçada, e todo o mundo gosta de últimas palavras engraçadas.

Ainda digo que as últimas palavras de Rabelais foram: "Saio em busca de um Grande Talvez", em parte porque o livro quase definitivo de Lara Ward, *Famous Last Words*, concorda comigo e em parte porque acredito nelas. Nasci no labirinto de Bolívar, então devo acreditar na esperança de Rabelais por um Grande Talvez.

Para mais informações sobre as demais referências e citações deste livro, por favor, visite meu *site*: www.sparksflyup.com.

1. Significa tanto "Abençoados os que morrem com o Senhor" e "Abençoados os que morrem com um manto."

*Esta obra foi publicada originalmente em inglês com o título
LOOKING FOR ALASKA
por Dutton Children's Books, N. York
Copyright © 2005 by John Green
Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em
parte, armazenado
em sistemas eletrônicos recuperáveis nem transmitido por nenhuma forma ou
meio eletrônico,
mecânico ou outros, sem a prévia autorização por escrito do Editor.
Esta edição é publicada por acordo com Dutton Children's Books, uma divisão da
Penguin Young Readers Group, membro do Penguin Group (USA) Inc.
Copyright © 2010, Editora WMF Martins Fontes Ltda.,
São Paulo, para a presente edição.*

1.^a edição 2010
Edição digital junho 2013

Tradução
RODRIGO NEVES

Acompanhamento editorial

Márcia Leme

Revisões gráficas

Sandra Regina de Souza

Luzia Aparecida dos Santos

Thelma Batistão

Edição de arte

Adriana Maria Porto Translatti

Projeto gráfico da capa

© HarperCollinsPublishers Ltd 2006.

Produção do arquivo ePub

Simplíssimo Livros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Green, John

Quem é você, Alasca? [livro eletrônico] / um romance de
John Green ; tradução Rodrigo Neves. -- 1. ed. -- São Paulo :
Editora WMF Martins Fontes, 2013.

408 Kb ; e-PUB

Título original: Looking for Alaska.

ISBN 978-85-7827-719-2

1. Ficção – Literatura juvenil I. Título.

13-07070

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora WMF Martins Fontes Ltda.

Rua Professor Laerte Ramos de Carvalho, 133 01325-030 São Paulo - SP Brasil

Tel. (11) 3293.8150 Fax (11) 3101.1042

e-mail: info@wmfmartinsfontes.com.br <http://www.wmfmartinsfontes.com.br>